

ALLAN KARDEC

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

CONTENDO

A EXPLICAÇÃO DAS MÁXIMAS
MORAIS DO CRISTO

SUA CONCORDÂNCIA COM O ESPIRITISMO E SUA
APLICAÇÃO ÀS DIVERSAS CIRCUNSTÂNCIAS DA VIDA

Il n'y a de foi inébranlable que
celle qui peut regarder la raison face à
face, à tous les âges de l'humanité.

(Só é inabalável a fé que consegue defrontar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade.)

TRADUÇÃO DE

WLADIMIR OLIVIER

PREFÁCIO

Os Espíritos do Senhor, que constituem as virtudes dos céus, como um imenso exército que se mobiliza quando recebe sua ordem, marcham por toda a superfície terrestre; tais como as estrelas que caem do céu, eles vêm iluminar o caminho e abrir os olhos aos cegos.

Eu lhes digo, em verdade: chegaram os tempos quando todas as coisas têm que ser restabelecidas no sentido de sua verdade, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.

As fortes vozes do céu repercutem como o som da trombeta e os coros angélicos se reúnem. Homens, nós os convidamos ao divino concerto: que suas mãos tanjam a lira; que suas vozes se unam, e que, em um hino sagrado, se alteiem e vibrem de um extremo ao outro do universo.

Homens, irmãos a quem amamos, nós estamos juntos; amem-se uns aos outros e digam do fundo de seu coração, para cumprir os desígnios do Pai que está no céu: “Senhor! Senhor!”, e poderão entrar no reino dos céus.

O Espírito de Verdade.

Nota. — A mensagem acima, transmitida por via mediúnica, resume de uma só vez o verdadeiro caráter do Espiritismo e o escopo desta obra; eis porque ocupa aqui o lugar do prefácio.

INTRODUÇÃO

I. OBJETIVO DESTA OBRA.

É possível dividir as matérias contidas nos Evangelhos em cinco partes: *os atos normais da vida do Cristo, os milagres, as predições, as expressões que serviram para o estabelecimento dos dogmas da Igreja e o ensino moral*. Se as quatro primeiras têm causado controvérsias, a última permaneceu inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se inclina; é o terreno em que todos os cultos conseguem encontrar-se, a bandeira sob a qual todos são capazes de se abrigar, sejam quais forem suas crenças; pois jamais se constituiu em motivo de disputas religiosas, sempre e em todo lugar suscitadas pelas questões dogmáticas; ao discuti-las, aliás, as seitas teriam encontrado aí sua própria condenação, pois elas, em sua maioria, mais se prendem ao aspecto místico que ao moral, aspecto este que exige de cada um uma reforma de si mesmo. Para os homens, especificamente, é uma regra de conduta que abrange todas as circunstâncias da vida privada ou pública, o princípio de todas as relações sociais edificadas sobre a mais rigorosa justiça; é, enfim, e acima de tudo, a rota infalível da felicidade vindoura, uma ponta do véu levantada da vida futura. É essa parte que forma o tema exclusivo desta obra.

Todos admiram a moral evangélica; cada um lhe proclama a sublimidade e a necessidade, mas muitos o fazem por confiar naquilo que ouviram dizer, ou dando fé a algumas máximas proverbiais; mas poucos a conhecem a fundo, menos ainda a compreendem e sabem deduzir-lhe as conseqüências. O motivo disso se acha, grandemente, na dificuldade que apresenta a leitura do Evangelho, ininteligível para a maioria das pessoas. A forma alegórica e o misticismo intencional da linguagem fazem que muitos o leiam por desengano de consciência e por dever, como leem as preces sem compreendê-las, quer dizer, sem fruto. Os preceitos de moral, disseminados aqui e ali, confundidos no meio dos outros textos, passam despercebidos; impossível se torna, então, destacá-los do conjunto e torná-los o tema de uma leitura e de u'a meditação isoladas.

Escreveram-se, é verdade, tratados de moral evangélica, mas a transposição para o estilo literário moderno retira a simplicidade primitiva que lhe confere, a um só tempo, charme e autenticidade. É o mesmo que se dá com as máximas destacadas, reduzidas à sua mais simples expressão proverbial; tornam-se, então, não mais que aforismos, os quais perdem um tanto de seu valor e de seu interesse, em virtude da ausência dos pormenores e das circunstâncias nas quais foram concebidas.

Para prevenir tais inconvenientes, nós reunimos aqui os tópicos que são capazes de constituir, propriamente, um código de moral universal, sem distinção de culto; nas citações, nós conservamos tudo o que fosse útil ao desenvolvimento do raciocínio, só desbastando as coisas estranhas ao tema. Nós respeitamos, por outro lado, escrupulosamente, a tradução original de Sacy, assim como a divisão por versículos. Mas, em lugar de nos cingirmos a uma ordem cronológica impossível e sem real vantagem para nosso objetivo, as máximas foram agrupadas e classificadas metodicamente conforme sua natureza, de modo que se fossem deduzindo, tanto quanto possível, umas das outras. A chamada dos números de ordem dos capítulos e dos versículos permite recorrer à classificação normal, no caso de se julgar conveniente.

Não era esse mais que um trabalho material, que, de per si, não teria senão uma utilidade secundária; o essencial era colocá-lo ao alcance de todos, através da explicação das passagens obscuras e do desenvolvimento de todas as suas inferências, objetivando sua aplicação às diferentes circunstâncias da vida. Eis o que nos propusemos a realizar, com a ajuda dos bons Espíritos que nos dão assistência.

Muitos pontos do Evangelho, da Bíblia e dos autores sacros em geral não são inteligíveis e muitos mesmo parecem irracionais, pois falta uma chave para compreendê-los o verdadeiro sentido; tal chave está por inteiro no Espiritismo, conforme disso já se convenceram os que o estudaram seriamente e conforme se reconhecerá melhor ainda mais tarde. O Espiritismo se acha por toda a parte na antiguidade e em todas as eras da humanidade; por toda a parte se acham vestígios seus nos escritos, nas crenças e nos monumentos; eis porque, se ele está abrindo horizontes novos para o amanhã, está projetando também uma luz não menos viva nos mistérios do passado.

Como complemento de cada preceito, nós juntamos algumas mensagens selecionadas entre as que foram ditadas pelos Espíritos em diversos países, mediante diferentes médiuns. Se tais mensagens tivessem saído de uma única fonte, poderiam ter recebido uma influência da pessoa ou do ambiente, ao passo que a diversidade de origens comprova que os Espíritos oferecem seus ensinamentos em todo lugar e que não existe ninguém com privilégios nesse campo.¹

Esta obra é de uso de todo o mundo; cada um é capaz de colher aqui os meios de moldar sua conduta à moral do Cristo. Os espíritas acharão, além disso, as aplicações que lhes dizem respeito mais especificamente. Graças às comunicações estabelecidas, doravante de forma permanente, entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, ensinada a todas as nações pelos espíritos mesmos, não será mais letra morta, porque cada um a compreenderá, e será sempre solicitado a colocá-la em prática através dos conselhos de seus guias espirituais. As mensagens dos Espíritos são verdadeiramente *as vozes do céu* que vêm iluminar os homens e convidá-los à *prática do Evangelho*.

¹ Nós teríamos, sem dúvida, como propiciar, sobre cada tema, um número bem maior de comunicações obtidas em uma infinidade de cidades e de centros espíritas além dos que citamos; mas nós tínhamos, antes de mais nada, de evitar a monotonia das repetições inúteis e de limitar nossa escolha às que, pelo fundo e pela forma, condissessem mais especificamente com o quadro desta obra, reservando para publicações posteriores aquelas que não tivessem lugar aqui.

Quanto aos médiuns, nós nos abstermos de assinalar-lhes os nomes; o mais das vezes por solicitação deles para não serem designados e, por causa disso, por não ser conveniente abrir exceções. Os nomes dos médiuns não teriam, de resto, acrescentado nenhum mérito à obra dos Espíritos; não passaria de uma satisfação de seu amor-próprio, à qual os médiuns realmente sérios não se prendem de forma nenhuma; eles compreendem que, sendo seu papel puramente passivo, o valor das comunicações em nada lhes realça seu mérito pessoal e que seria infantil envaidecer-se por um trabalho intelectual a que se presta tão só um favor mecânico.

II. AUTORIDADE DA DOCTRINA ESPÍRITA.

Controle universal do ensinamento dos Espíritos.

Se a doutrina espírita fosse uma concepção puramente humana, ela apenas teria por caução as luzes de quem a houvesse concebido; ora, ninguém no mundo poderia ter a pretensão assentada de possuir, só ele, a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelaram se tivessem manifestado a um único homem, nada lhe garantiria a origem, pois seria preciso acreditar em confiança em quem dissesse ter recebido deles o ensinamento. Ao se admitir de sua parte absoluta sinceridade, no máximo ele conseguiria convencer as pessoas de seu círculo; ele seria capaz de possuir sectários, mas não chegaria jamais a reunir todo o mundo.

Quis Deus que a nova revelação viesse aos homens através de uma via mais rápida e mais autêntica; eis porque ele encarregou os Espíritos de irem de um polo ao outro levando-a, manifestando-se em todo lugar, sem oferecer a ninguém o privilégio exclusivo de ouvir sua palavra. Um homem pode ser enganado e pode enganar-se a si mesmo; mas isso não poderia ocorrer quando milhões veem e ouvem a mesma coisa: eis uma garantia para cada um e para todos. De resto, é possível fazer desaparecer um homem; não se faz que desapareçam as multidões; é possível queimar uns livros; não se consegue, porém, queimar os Espíritos; ora, mesmo que se queimem todos os livros, nem por isso a fonte da doutrina será menos inesgotável, justamente porque ela não se encontra na Terra, porque surge por toda a parte e porque cada um é capaz de colhê-la. Na falta de homens para expandi-la, sempre existirão os Espíritos, que têm todo o mundo a seu alcance e que ninguém é capaz de alcançar.

Na realidade, portanto, são os Espíritos mesmos que procedem à propaganda, com o auxílio de inúmeros médiuns que eles suscitam por todo canto. Se existisse um único intérprete, por mais aquinhoado que fosse, mal o Espiritismo seria conhecido; esse intérprete mesmo, qualquer que fosse a categoria a que pertencesse, teria sido motivo de prevenções de muita gente; nem todas as nações o teriam aceitado, ao passo que os Espíritos, comunicando-se por toda a parte, a todos os povos, a todas as seitas e a todos os partidos, são aceitos por todos; o Espiritismo não tem nacionalidade; ele está desembaraçado de todos os cultos particulares; ele não é imposto por nenhuma classe da sociedade, já que cada um consegue receber mensagens de seus parentes e de seus amigos de além-túmulo. Precisava que fosse assim, para que fosse capaz de chamar todos os homens à fraternidade; se ele não se dispusesse em um terreno neutro, teria mantido as discussões, ao invés de apaziguá-las.

Esta universalidade no ensino dos Espíritos dá a força do Espiritismo; nela também está a causa de sua propagação tão rápida; enquanto a voz de um só homem, mesmo com o apoio da imprensa, precisaria de alguns séculos antes de chegar ao ouvido de todos, eis

que milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente, em todos os cantos da Terra, para proclamar os mesmos princípios e transmiti-los aos mais ignorantes como aos mais sábios, a fim de ninguém ficar deserdado. É uma primazia de que não gozou nenhuma doutrina até hoje. Logo, se o Espiritismo é uma verdade, ele não teme nem a má vontade dos homens, nem as revoluções morais, nem as transformações físicas do globo, porque nenhuma dessas coisas é capaz de afetar os Espíritos.

Mas não é tão só esta primazia que resulta dessa situação excepcional; o Espiritismo encontra aí uma garantia poderosíssima contra os cismas que poderiam suscitar ou a ambição de alguns ou as contradições de certos Espíritos. Tais contradições são certamente um obstáculo, mas trazem consigo o remédio a par do mal.

Sabemos que os Espíritos, por causa da diferença existente entre suas habilidades, estão longe de estar de posse individualmente de toda a verdade; que não é concedido a todos conhecer certos mistérios; que seu saber é proporcional à sua purificação; que os Espíritos comuns não sabem mais do que os homens e sabem até menos que certos homens; que existem entre aqueles, como entre estes, presunçosos e pseudo-sábios, que creem saber o que não sabem; sistemáticos, que tomam as próprias ideias pela verdade; enfim, que os Espíritos da ordem mais elevada, os que se acham completamente desmaterializados, são os únicos despojados das ideias e dos preconceitos terrenos; mas sabemos também que os Espíritos impostores não têm escrúpulos para se ocultar atrás de nomes de empréstimo, para promoverem suas utopias. O resultado disso é que, para tudo quanto esteja fora do ensinamento exclusivamente moral, as revelações que cada um consegue obter apresentam um caráter individual inautêntico; que têm que ser consideradas como opiniões pessoais de tal ou qual Espírito, e que haveria imprudência em aceitá-las e em propagá-las levianamente como verdades absolutas.

O primeiro controle, sem controvérsia, é o da razão, ao qual é preciso submeter, sem exceção, tudo o que vem dos Espíritos; toda teoria em contradição manifesta com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados reais que se possuam, ainda que assinada pelo nome mais respeitável, tem que ser rejeitada. Mas tal controle é incompleto em muitos casos, pela insuficiência das luzes de certas pessoas e da tendência de muitos de considerar seu próprio julgamento como o único arbítrio da verdade. Em tal caso, que fazem os homens que não têm em si mesmos uma confiança absoluta? Eles ouvem os conselhos do maior número possível, e a opinião da maior parte se constitui em seu guia. Assim tem que ser quanto ao ensinamento dos Espíritos, para o que nos fornecem eles mesmos os elementos.

A concordância no ensinamento dos Espíritos é, assim, o melhor controle; mas é preciso ainda que ela se dê sob certas condições. A menos segura de todas é quando um médium interroga por si mesmo vários Espíritos a respeito de um ponto de dúvida; é evidente que, se ele estiver sob o domínio de uma obsessão ou se mantiver contato com um Espírito impostor, tal Espírito tem como dizer-lhe a mesma coisa com diferentes nomes. Não existe suficiente garantia, do mesmo modo, na uniformidade que se consiga através dos médiuns de um único centro, porquanto eles podem sofrer a mesma influência.

A única segurança rigorosa do ensino dos Espíritos consiste na concordância que possa existir entre as revelações espontâneas, através da mediação de um grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em diversas regiões.

Entenda-se que, em absoluto, não tratamos aqui das comunicações relativas a interesses secundários, mas do que concerne aos princípios mesmos da doutrina. A experiência comprova que, quando um novo princípio deve obter uma solução, é ele ensinado *espontaneamente*, em diferentes locais, de uma só vez e de um modo idêntico, se não quanto à forma, ao menos quanto ao fundo. Logo, se aprouver a um Espírito formular um sistema excêntrico, baseado unicamente em suas ideias e fora da verdade, podemos ter a certeza de que tal sistema ficará *circunscrito*, e cairá perante a unanimidade das mensagens oferecidas em todos os outros lugares, como já temos disso muitos exemplos. É essa unanimidade que vem derrubando todos os sistemas incompletos eclodidos quando da origem do Espiritismo, época em que cada um explicava os fenômenos à sua maneira, e antes que conhecêssemos as leis que regem os contatos entre o mundo visível e o mundo invisível.

Tal é a base sobre a qual nos apoiamos, quando formulamos um princípio da doutrina; não é porque está conforme às nossas ideias que o oferecemos como verdadeiro; nós não nos constituímos jamais em árbitro supremo da verdade, nem dizemos a ninguém: “Creiam em tal coisa, porque nós é que estamos dizendo.” Nossa opinião mais não é aos nossos próprios olhos que uma opinião pessoal, que pode ser certa ou errada, porque nós não somos mais infalíveis que ninguém. E não é só porque um princípio nos foi ensinado que é verdadeiro em nossa opinião, mas porque recebeu a sanção da concordância.

Em nossa posição, recebendo as comunicações de quase mil centros espíritas sérios, disseminados pelos quatro cantos do globo, nós estamos em condições de ver os princípios sobre os quais a concordância se estabelece; é essa observação que nos vem guiando até agora, e é igualmente ela que nos há de guiar pelos novos campos que o Espiritismo está sendo chamado a explorar. Eis como, ao estudar com atenção as comunicações provenientes de todo lado, tanto da França quanto do estrangeiro, nós reconhecemos, à vista da natureza especialíssima das revelações, se existe uma tendência de se entrar em uma nova senda, e se é chegado o momento de dar um passo adiante. As revelações, às vezes formuladas através de linguagem cifrada, muitas vezes passaram despercebidas de muitos dentre os que as obtiveram; muitos outros acreditaram ter sido os únicos a recebê-las. Separadas das demais, não teriam valor algum para nós; só a coincidência lhes proporciona importância; depois, quando vem o momento de dá-las à luz da publicidade, cada um, então, se lembra de ter recebido mensagens de mesmo teor. Eis o movimento geral que nós observamos, que nós estudamos, com a assistência dos nossos guias espirituais, movimento que nos ajuda a julgar da oportunidade de realizarmos ou de nos abstermos de algo.

Esse controle universal é uma garantia para a unidade futura do Espiritismo, e aniquilará todas as teorias contraditórias. É nele que, no futuro, se buscará o critério da verdade. O que promoveu o sucesso da doutrina formulada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns* foi o fato de que, por todo lado, cada um é capaz de receber diretamente dos Espíritos a confirmação do que eles consignam. Se, de todas as partes, os Espíritos tivessem vindo para contradizê-los, esses livros teriam, após tanto tempo, alcançado a mesma sorte de todas as concepções fantásticas. Nem mesmo o apoio da imprensa os teria salvado do naufrágio, ao passo que, privados dele, não deixaram de cumprir seu caminho com rapidez, porque tiveram o apoio dos Espíritos, cuja boa vontade

mais do que compensou a má vontade dos homens. Assim se dará com todas as ideias emanadas dos Espíritos ou dos homens que conseguirem arrostar a provação desse controle, cuja força ninguém tem como contestar.

Imaginemos, pois, que seja de agrado de alguns Espíritos ditar, sob um título qualquer, um livro de sentido contrário; imaginemos ainda mais que, com intenção hostil e tendo em vista desacreditar a doutrina, a maleficência suscitasse comunicações apócrifas; que influência poderiam exercer esses escritos, se fossem desmentidos de todos os lados pelos Espíritos? É da adesão desses últimos que precisamos assegurar-nos, antes de lançar um sistema em seu nome. Do sistema de um só àquele de todos, existe a distância da unidade ao infinito. Que podem até mesmo todos os argumentos dos detratores perante a opinião das massas, quando milhões de vozes amigas, procedentes do espaço, vêm de todos os cantos do universo, e no seio de cada família os destroem de alto a baixo? A experiência, no que tange a isso, não confirmou já a teoria? Em que se transformaram todas aquelas publicações que deviam, como elas mesmas proclamavam, aniquilar o Espiritismo? Qual é a que ao menos lhe atrasou a marcha? Até agora não se tinha encarado a questão sob esse ponto de vista, um dos mais importantes, sem controvérsia: se cada um contou consigo mesmo, deixou, porém, de contar com os Espíritos.

O princípio da concordância é também uma garantia contra as adulterações que seriam capazes de provocar no Espiritismo as seitas que desejassem apoderar-se dele para seu proveito e acomodá-lo à sua vontade. Qualquer um que tentasse fazer que se afastasse de seu objetivo providencial malograria, pela razão simplicíssima de que os Espíritos, através da universalidade de seu ensinamento, farão cair qualquer modificação que se distanciar da verdade.

Sobressai disso tudo uma verdade capital, a de que qualquer um que quisesse colocar-se em oposição ao curso das ideias estabelecido e sancionado seria bem capaz de causar uma pequena perturbação local e momentânea, mas jamais alcançaria dominar o conjunto, nem mesmo no presente, e ainda menos no futuro.

Sobressai, além disso, que as mensagens oferecidas pelos Espíritos a respeito dos pontos da doutrina ainda não elucidados não poderão constituir-se em lei, enquanto permanecerem isoladas; elas têm de ser aceitas, conseqüentemente, com todas as reservas e a título de informação.

Daqui a necessidade de submeter-lhes a publicação ao critério da maior prudência; e, no caso de se considerar que podem publicar-se, é importante que sejam apresentadas apenas na condição de opiniões individuais, mais ou menos fidedignas, mas precisando, em todos os casos, de confirmação. É tal confirmação que se tem que aguardar antes de se propor um princípio como verdade absoluta, caso não se queira ser acusado de leviandade ou de credulidade irrefletida.

Os Espíritos superiores procedem em suas revelações com uma extrema prudência; eles não tratam das grandes questões da doutrina senão gradualmente, à medida que a inteligência se vai adaptando para compreender as verdades de uma categoria mais elevada, e que as circunstâncias se vão tornando propícias para a emissão de uma ideia nova. Eis porque, desde o começo, não disseram tudo, nem no disseram ainda hoje em dia, não cedendo jamais à impaciência das pessoas muito apressadas que desejam colher os frutos antes que amadureçam. Logo, seria em vão desejar anteceder o tempo assinalado

para cada coisa pela Providência, porque, então, os Espíritos verdadeiramente sérios com certeza vão negar-se a colaborar; mas os Espíritos levianos, incomodando-se bem pouco com a verdade, vão responder a tudo; eis a razão por que, a respeito de todas as questões tratadas prematuramente, existem sempre respostas contraditórias.

Os princípios acima não redundam em absoluto de uma teoria pessoal, mas constituem a consequência obrigatória das condições nas quais os Espíritos se manifestam. Fica bem evidente que, se um Espírito diz uma coisa de um lado, enquanto milhões de Espíritos dizem o contrário alhures, a presunção de verdade não deve estar com quem se vê sozinho, nem deve estar próxima de sua opinião; ora, pretender um único ter razão contra todos seria tão ilógico da parte de um Espírito quanto da parte dos homens. Os Espíritos verdadeiramente prudentes, caso não se sintam assaz esclarecidos a respeito de uma questão, não a decidem *já* de forma absoluta; declaram que a estão tratando apenas de seu ponto de vista, e eles mesmos aconselham que se aguarde a confirmação de sua resposta.

Por maior, mais bela e mais justa venha a ser uma ideia, é impossível que congregue, desde o início, todas as opiniões. Os conflitos resultantes são a consequência inevitável da mobilização que se dá; são eles até necessários para que a verdade sobressaia melhor; e é útil que ocorram no começo, para que as ideias enganosas sejam mais prontamente eliminadas. Os espíritas que mantenham alguns temores quanto a isso, portanto, podem ficar perfeitamente tranquilos. Todas as pretensões individuais cairão, por força mesmo da realidade, perante o forte e poderoso critério do controle universal.

Não é em torno da opinião de um homem que a gente se há de reunir, mas em torno da voz unânime dos Espíritos; não é um homem, *muito menos nós que um outro*, que há de fundar a ortodoxia espírita; não é, menos ainda, um Espírito que venha impor-se a quem quer que seja: é a universalidade dos Espíritos que se comunicam por toda a terra, a mando de Deus; aqui está o caráter essencial da doutrina espírita; aqui está sua força, aqui está sua autoridade. Deus desejou que sua lei ficasse assentada em uma base inabalável; eis porque não a depositou na frágil cabeça de um só.

É perante essa poderosa assembleia, que não conhece nem as panelinhas, nem as rivalidades ciumentas, nem as seitas, nem as nações, que virão dissipar-se todas as oposições, todas as ambições, todas as pretensões à supremacia individual; *que nos dissiparíamos nós mesmos, se desejássemos substituir por nossas próprias ideias esses decretos supremos*; somente tal assembleia decidirá todas as questões litigiosas, calará as dissidências e negará ou dará razão a quem de direito. Perante esse magnífico concerto de todas as vozes do céu, de que é capaz a opinião de um homem ou de um Espírito? Menos que a gota d'água que se perde no oceano, menos que a voz da criança abafada pela tempestade.

A opinião universal, eis o juiz supremo, o que se pronuncia em última instância; ela se forma de todas as opiniões individuais; se uma delas é verdadeira, não possui senão seu peso relativo na balança; se é falsa, não consegue prevalecer sobre todas as outras. Nessa imensa cooperação, as individualidades se apagam, e aí encontra uma nova derrota o orgulho humano.

Esse conjunto harmonioso se desenha já; contudo, este século não passará sem que ele resplenda com todo o seu fulgor, de maneira a prescrever todas as incertezas; pois até

lá algumas vozes pujantes terão recebido por missão fazer-se ouvir para congregar os homens sob a mesma bandeira, porquanto o campo estará proficientemente trabalhado. Entrementes, quem flutuar entre dois sistemas opostos será capaz de observar para que sentido tende a opinião geral: é a indicação segura do sentido em que se pronuncia a maioria dos Espíritos quanto aos diversos pontos sobre que se comunicam; é um sinal não menos seguro de qual dos dois sistemas prevalecerá.

III. NOTÍCIAS HISTÓRICAS.

Para bem compreendermos certas passagens dos Evangelhos, precisamos conhecer o valor de muitas palavras que são empregadas com frequência, e que caracterizam o estágio dos costumes e da sociedade judaica daquela época. Não tendo tais vocábulos para nós o mesmo sentido, foram geralmente mal interpretados, causando, por isso mesmo, algumas inseguranças. O entendimento de sua significação esclarece, além disso, o sentido verdadeiro de certas máximas que parecem estranhas à primeira vista.

SAMARITANOS. Após o cisma das dez tribos, Samaria se tornou a capital do reino dissidente de Israel. Destruída e reconstruída repetidas vezes, ela foi, sob os romanos, a sede administrativa da Samaria, uma das quatro divisões da Palestina. Herodes, dito *o Grande*, a embelezou com monumentos suntuosos e, para envaidecer Augusto, lhe deu o nome de *Augusta*; em grego, *Sebasté* [Sebasth,].

Os samaritanos estiveram quase sempre em guerra com os reis de Judá; uma aversão profunda datada da separação se perpetuou ininterrupta entre os dois povos, que se furtavam a quaisquer relações recíprocas. Os samaritanos, para tornar a cisão mais profunda e não precisar jamais comparecer a Jerusalém para a celebração das festas religiosas, construíram para si um templo particular e adotaram certas reformas; eles só admitiam o Pentateuco, que contém a lei de Moisés, e rejeitavam todos os livros que lhe foram anexados depois. Seus livros sagrados eram escritos em caracteres hebreus da mais alta antiguidade. Aos olhos dos judeus ortodoxos, eles eram heréticos e, por isso mesmo, menosprezados, anatematizados e perseguidos. O antagonismo das duas nações, portanto, tinha como único princípio a divergência quanto às opiniões religiosas, conquanto suas crenças tivessem a mesma origem; eram os *protestantes* daquele tempo.

Encontram-se ainda hoje em dia samaritanos em algumas regiões do levante, particularmente em Naplusa e Jafa. Eles observam a lei de Moisés com mais rigor que os outros judeus, e estabelecem aliança apenas entre si.

NAZARENOS. Nome dado, na lei antiga, aos judeus que faziam voto, seja por toda a vida, seja por algum tempo, de conservar uma pureza perfeita; eles se obrigavam à castidade, à abstinência das bebidas alcoólicas e à preservação de sua cabeleira. Sansão, Samuel e João Batista eram nazarenos.

Mais tarde, os judeus atribuíram esse nome aos primeiros cristãos, por alusão a Jesus de Nazaré.

Esse foi também o nome de uma seita herética dos primeiros séculos da era cristã, que, tal como os ebionitas, de quem adotava certos princípios, mesclava práticas do mosaísmo aos dogmas cristãos. Desapareceu no quarto século.

PUBLICANOS. Chamavam-se assim, na Roma antiga, os cavaleiros arrendatários das taxas públicas, encarregados da cobrança dos impostos e das rendas de qualquer natureza, quer em Roma mesmo, quer nas demais partes do império. Correspondiam aos arrendatários gerais e aos contratantes do antigo regime na França, e aos que continuam existindo em alguns países. Os riscos que corriam cerravam as vistas para as riquezas que conquistavam com frequência, e que, para muitos, eram o produto das ações de cobrança e de benefícios escandalosos. O nome de publicano se estendeu mais tarde a todos os que manuseavam os recursos públicos e aos seus subalternos. Hoje em dia, a palavra é tomada no mau sentido, para designar os financistas e agentes de negócios pouco escrupulosos; dizemos, às vezes: “Ávido como um publicano; rico como um publicano”, em relação a uma fortuna sem merecimento.

Durante a dominação romana, foi o imposto o que os judeus aceitaram com maior dificuldade e o que causou entre eles as maiores irritações; ele desencadeou muitas revoltas e se transformou em questão religiosa, porque era visto como contrário à lei. Formou-se mesmo um partido poderoso, à testa do qual estava um certo Judá, dito *o Gaulonita*, que tinha por princípio a rejeição do imposto. Os judeus sentiam, assim, horror ao imposto, e, por via de consequência, a todos os que estavam encarregados de recebê-lo; daqui sua aversão aos publicanos de todos os tipos, entre os quais se podiam achar pessoas muito estimáveis, mas que, em razão de suas funções, eram menosprezadas, juntamente com quem as frequentasse, e que se confundiam na mesma reprovação. Os judeus mais distintos acreditavam comprometer-se, ao manterem com eles algum contato.

OS PORTAGEIROS eram os cobradores de baixo escalão, encarregados principalmente do recebimento dos direitos de ingresso nas cidades. Suas funções correspondiam mais ou menos às dos alfandegários e dos fiscais de barreiras; eles partilhavam a reprovação aos publicanos em geral. É por tal motivo que, no Evangelho, encontramos muitas vezes o nome de *publicano* relacionado ao de *pessoas de má vida*; esta qualificação não implicava em absoluto a de debochados e a de pessoas sem eira nem beira; era um termo de menosprezo, sinônimo de *pessoas de má estirpe*, indignas de frequentar *as pessoas de bem*.

FARISEUS (do hebreu *parasch*: divisão, separação). A tradição formava uma parte importante da teologia judaica; ela consistia na reunião das interpretações sucessivas dadas ao sentido das Escrituras, as quais se tornavam pontos dogmáticos. Esse fato, entre os doutores, gerava intermináveis discussões, o mais das vezes sobre simples questões de palavras ou de formas, tais como as disputas teológicas e as sutilezas da escolástica da Idade Média; dali nasceram diferentes seitas que pretendiam possuir, cada qual, o

monopólio da verdade e que, como sucede quase sempre, se detestavam cordialmente umas às outras.

Entre essas seitas, a mais influente era a dos *fariseus*, que tinha por chefe *Hillel*, doutor judeu nascido na Babilônia, fundador de uma escola célebre, onde se ensinava que a fé era exclusiva das Escrituras. Sua origem remonta aos anos 180 ou 200 a. C. Os fariseus foram perseguidos em diversas épocas, notadamente sob Hircano I, sumo pontífice e rei dos judeus, e sob o domínio de Aristóbulo e de Alexandre II, rei da Síria; no entanto, havendo este último devolvido a eles as honras e os bens, eles recuperaram seu poder, que conservaram até a *ruína de Jerusalém*, no ano 70 d. C., época em que seu nome desapareceu com a dispersão dos judeus.

Os fariseus tomaram parte ativa nas controvérsias religiosas. Servis observadores das práticas externas do culto e das cerimônias, cheios de um zelo ardente de proselitismo, inimigos dos inovadores, eles afetavam grande severidade de princípios; mas, sob as aparências de meticulosa devoção, escondiam alguns costumes dissolutos, muito orgulho e, acima de tudo, um ardor excessivo de dominação. A religião era para eles antes um meio de preponderar que objeto de fé sincera. Eles não mais possuíam que as exterioridades e a ostentação da virtude, mas, através disso, exerciam grande influência sobre o povo, aos olhos do qual passavam por santas criaturas; eis porque eles eram muito poderosos em Jerusalém.

Eles acreditavam, ou pelo menos professavam acreditar na Providência, na imortalidade da alma, na eternidade das penas e na ressurreição dos mortos. (Cap. IV, n.º 4.) Jesus, que prezava antes de tudo a simplicidade e as qualidades de coração, que preferia ver na lei *o espírito que vivifica à letra que mata*, se entregou, durante toda sua missão, a desmascarar sua hipocrisia, fazendo deles, por conseguinte, inimigos encarniçados; eis porque se uniram aos príncipes dos sacerdotes para amotinar o povo contra ele e matá-lo.

ESCRIBAS. Nome dado, de início, aos secretários dos reis de Judá e a certos intendentes dos exércitos judeus; mais tarde, tal designação foi aplicada especificamente aos doutores que ensinavam a lei de Moisés e a interpretavam para o povo. Pertenciam à causa comum dos fariseus, com quem partilhavam os princípios e a antipatia contra os inovadores; eis porque Jesus os funde na mesma condenação.

SINAGOGA (do grego *synagoguê* [sunagwgh,]: assembleia, congregação). Não existia na Judeia mais que um templo: o de Salomão, em Jerusalém, onde se celebravam as grandes cerimônias do culto. Os judeus se dirigiam para lá, todos os anos, em peregrinação, para as principais festas, como a de Páscoa, da Consagração do Templo e dos Tabernáculos. Nessas ocasiões é que Jesus fez muitas viagens. As demais cidades não possuíam nenhum templo mas algumas sinagogas, edifícios onde os judeus se reuniam aos sábados para suas preces públicas, sob a direção dos anciãos, escribas ou doutores da lei; faziam-se ali também leituras extraídas dos livros sagrados, que se explicavam e comentavam; todos podiam participar; eis porque Jesus, sem ser sacerdote, ensinava nas sinagogas aos sábados.

Depois da ruína de Jerusalém e da dispersão dos judeus, as sinagogas, nas cidades em que moram, servem a eles de templos para a celebração do culto.

SADUCEUS. Seita judia que se formou em torno do ano 248 a. C., cujo nome se originou de *Sadoc*, seu fundador. Os saduceus não acreditavam nem na imortalidade da alma, nem na ressurreição, ou nos bons e maus anjos. No entanto, acreditavam em Deus, e, não esperando nada para após a morte, eles só o serviam tendo em vista as recompensas temporais, a que, segundo eles, se limitava sua providência; por isso, a satisfação dos sentidos era, a seus olhos, o objetivo essencial da vida. Quanto às Escrituras, eles se prendiam ao texto da lei antiga, não admitindo nem a tradição, nem nenhuma interpretação; punham as obras beneméritas e a execução pura e simples da lei acima das práticas exteriores do culto. Eram, como vemos, os materialistas, os deístas e os sensualistas da época. Esta seita era pouco numerosa, mas contava com figuras importantes e se tornou um partido político em constante oposição aos fariseus.

ESSÊNIOS. Seita judia fundada em torno do ano 150 a. C., no tempo dos Macabeus, cujos membros residiam em construções do tipo dos mosteiros, e formavam entre si uma espécie de associação moral e religiosa. Eles se distinguiam por alguns costumes morigerados e virtudes austeras, ensinando o amor de Deus e do próximo e a imortalidade da alma, acreditando na ressurreição. Eles viviam no celibato, condenavam a escravidão e a guerra, punham seus bens para uso comum e se dedicavam à agricultura. Opostos aos saduceus sensuais, que negavam a imortalidade, e aos fariseus, rígidos quanto às práticas exteriores e para quem a virtude era só aparência, não tomavam nenhum partido nas querelas que separavam essas duas seitas. Seu tipo de vida se aproximava daquele dos primeiros cristãos, e os princípios de moral que eles professavam fizeram algumas pessoas pensar que Jesus pertencera a essa seita antes do começo de sua missão pública. O que é certo, é que ele tinha que conhecê-la, mas nada comprova que tivesse sido filiado a ela, e tudo quanto se vem escrevendo sobre isso é hipotético².

TERAPEUTAS (do grego: *therapeutai* [qerapeutai,], derivado do verbo *therapeueín* [qerapeuei,n]: servir, curar; quer dizer: servidores de Deus ou curandeiros). Sectários judeus, contemporâneos do Cristo, estabelecidos principalmente em Alexandria, no Egito. Mantinham forte contato com os essênios, cujos princípios professavam; como estes, davam-se à prática de todas as virtudes. Seus alimentos eram de extrema frugalidade; votados ao celibato, à contemplação e à vida solitária, formavam uma verdadeira ordem religiosa. Fílon de Alexandria, filósofo judeu, seguidor de Platão, foi o primeiro que mencionou os terapeutas; ele os define como uma seita do judaísmo. Eusébio, São Jerônimo e outros Pais da Igreja consideram-nos cristãos. Que fossem judeus ou cristãos, é evidente que, assim como os essênios, formam o traço de união entre o judaísmo e o cristianismo.

² *A Morte de Jesus*, que se diz escrita por um irmão essênio, é um livro completamente apócrifo, escrito a serviço de uma opinião e que encerra em si mesmo a comprovação de sua origem moderna.

IV. SÓCRATES E PLATÃO, PRECURSORES DO IDEAL CRISTÃO E DO ESPIRITISMO.

Do fato de que Jesus tinha que conhecer a seita dos essênios, seria equivocado concluir que ele tenha colhido ali sua doutrina, e que, se tivesse vivido em outro ambiente, haveria professado outros princípios. Os grandes ideais não desabrocham jamais subitamente; os que possuem como base a verdade apresentam sempre precursores que lhes preparam parcialmente os caminhos; depois, quando é chegado o tempo, Deus envia um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, e de formar com eles uma doutrina; desse jeito, não surtindo bruscamente, o ideal encontra, quando de seu aparecimento, espíritos totalmente predispostos a aceitá-lo. Assim sucedeu com o ideal cristão, que foi pressentido vários séculos antes de Jesus e dos essênios, e do qual Sócrates e Platão foram os principais precursores.

Sócrates, como o Cristo, não escreveu nada ou, pelo menos, não deixou nada escrito; como ele, sua morte foi a morte dos criminosos, vítima do fanatismo, por ter atacado as crenças vigentes e posto a virtude verdadeira acima da hipocrisia e do simulacro do formalismo, em suma, por ter combatido os preconceitos religiosos. Como Jesus, que foi acusado pelos fariseus de corromper o povo através de seus ensinamentos, ele também foi acusado pelos fariseus de seu tempo, pois eles têm existido em todas as épocas, de corromper a juventude, ao proclamar o dogma da unicidade de Deus, da imortalidade da alma e da vida futura. Da mesma forma que conhecemos a doutrina de Jesus apenas através dos escritos de seus discípulos, nós só conhecemos a de Sócrates através dos escritos de seu discípulo Platão. Nós acreditamos útil resumir agora os pontos mais relevantes, para demonstrar sua concordância com os princípios do cristianismo.

Aos que encararem este paralelo como uma profanação e pretenderem que não é possível haver confronto entre a doutrina de um pagão e a do Cristo, nós responderemos que a doutrina de Sócrates não era pagã, porquanto tinha por objetivo combater o paganismo; que a doutrina de Jesus, mais completa e mais pura que a de Sócrates, não tem nada a perder com a comparação; que a grandeza da divina missão do Cristo não teria como ser reduzida; que, de resto, pertence à história, que não pode ser sufocada. O homem chegou a um ponto em que a luz surte por si mesma de sob o alqueire; ele está maduro para encará-la; tanto pior para quem não ousa abrir os olhos. É chegado o tempo de arrostar as coisas em toda a sua extensão e profundidade, e não mais do ponto de vista mesquinho e restrito dos interesses de seitas e de castas.

As citações comprovarão, além do mais, que, se Sócrates e Platão pressentiram o ideal cristão, encontramos igualmente em sua doutrina os princípios fundamentais do Espiritismo.

Resumo da doutrina de Sócrates e de Platão.

I. O homem é *uma alma encarnada*. Antes de sua encarnação, ela existia unida às formas primordiais, aos ideais da verdade, do bem e do belo; ela se separou deles ao encarnar-se e, *recordando seu passado*, se sente mais ou menos atormentada pelo desejo de retornar a eles.

Não se pode enunciar mais claramente a diferença e a independência do princípio inteligente e do princípio material; configura-se aí, além disso, a doutrina da preexistência da alma; da vaga intuição que ela conserva de um outro mundo, ao qual aspira, de sua sobrevivência ao corpo, de sua saída do mundo espiritual para se encarnar e de sua reentrada nesse mundo após a morte; eis aí, enfim, o germe da doutrina dos anjos decaídos.

II. A alma se atrapalha e se perturba quando se serve do corpo para examinar algum objeto; ela sofre vertigens como se estivesse embriagada, porque se prende a coisas que estão, por sua natureza, sujeitas a transformações; ao invés disso, quando contempla sua própria essência, ela se dedica ao que é puro, eterno, imortal, e, sendo da mesma natureza, assim permanece tanto tempo quanto possa; então lhe cessam as perturbações, pois está vinculada ao que é imutável. A esse estado da alma chamamos de *sabedoria*.

Assim, o homem que examina as coisas de baixo, terra a terra, do ponto de vista material, está iludindo-se; para avaliá-las com correção, é preciso observá-las do alto, quer dizer, do ponto de vista espiritual. O verdadeiro sábio, pois, tem que de algum jeito isolar a alma do corpo, para ver com os olhos do Espírito. Eis o que ensina o Espiritismo. (Cap. II, n.º 5.)

III. Enquanto tivermos nosso corpo e a alma se achar mergulhada em tal corrupção, jamais possuiremos o objeto de nossos desejos: a verdade. Com efeito, o corpo nos suscita mil obstáculos pela necessidade que temos de mantê-lo cuidado; mais ainda, ele nos enche de desejos, de apetites, de temores, de mil quimeras e de mil bobagens, de maneira que, com ele, é impossível ser sábio um só instante. Mas, se a gente não é capaz de conhecer nada puro, por estar a alma unida ao corpo, uma de duas: ou a alma jamais irá conhecer a verdade, ou irá conhecê-la após a morte. Livres da loucura do corpo, conversaremos então — é lógico esperar por isso — com homens igualmente livres, e conheceremos, por nós mesmos, a essência das coisas. Eis porque os verdadeiros filósofos se preparam para morrer, e a morte não lhes parece absolutamente temível. (*O Céu e o Inferno*, 1.ª parte, cap. II; 2.ª parte, cap. I.)

Eis aí o princípio das faculdades da alma obscurecidas pela intermediação dos órgãos corpóreos, e o da expansão dessas faculdades após a morte. Mas se trata aqui apenas das almas de eleição, já purificadas; não sucede o mesmo com as almas impuras.

IV. A alma impura, nesse estado, é sopesada e compelida de novo para o mundo visível, por causa do horror pelo que é invisível e imaterial; ela erra então, dizem, em torno dos monumentos e dos túmulos, perto dos quais se viram, às vezes, fantasmas tenebrosos, como têm que ser as imagens das almas que abandonaram o corpo sem serem inteiramente puras e que retêm algo da forma material, o que dá à vista o poder de percebê-las. Essas não são as almas dos bons, mas dos maus, que são obrigadas a errar por esses lugares, para onde levam o sofrimento de sua vida anterior, e por onde continuam a vagar até que os apetites inerentes à forma material que se proporcionaram as encaminhem para um corpo; assim elas retomam, sem dúvida, os mesmos costumes que, durante a vida passada, eram o objeto de suas predileções.

Não somente o princípio da reencarnação está aqui claramente expresso, como também o estado das almas que estão ainda sob o império da matéria se encontra descrito tal como o Espiritismo o comprova através das evocações. Existe mais ainda no fato de se afirmar que a reencarnação em um corpo material é uma consequência da impureza da

alma, ao passo que as almas purificadas estão livres disso. O Espiritismo não afirma outra coisa; tão somente acrescenta que a alma que tomou boas resoluções na erraticidade e que tem conhecimentos assimilados, traz, ao renascer, menos defeitos, mais virtudes e mais ideias intuitivas do que possuía em sua existência precedente; e que cada existência, assim, assinala para ela um progresso intelectual e moral. (*O Céu e o Inferno*, 2.^a parte: *Exemplos*.)

V. Após nossa morte, o gênio (*daímon* [daí,mwn], demônio) que nos havia sido designado durante a vida nos conduz a um lugar onde se reúnem todos os que têm que ser levados para o *Hades*, para aí serem julgados. As almas, após demorarem no Hades o tempo necessário, são devolvidas a esta vida, *por numerosos e longos períodos*.

Eis a doutrina dos anjos guardiães ou Espíritos protetores e das reencarnações sucessivas, após intervalos mais ou menos longos de erraticidade.

VI. Os demônios ocupam o espaço que separa o céu da terra; eles constituem o liame que une o Grande Todo consigo mesmo. Não entrando a divindade jamais em comunicação direta com o homem, é por intermédio dos demônios que os deuses travam relações e se entretêm com eles, seja durante a vigília, seja durante o sono.

O vocábulo *daímon*, do qual se originou *demônio*, não era tomado no mau sentido na antiguidade como se dá com os modernos; ele não se referia nunca exclusivamente aos seres maléficos, mas a todos os Espíritos, entre os quais se distinguiam os Espíritos superiores, denominados *deuses*, e os Espíritos menos elevados, ou demônios propriamente ditos, que se comunicavam diretamente com os homens. O Espiritismo afirma também que os Espíritos povoam o espaço; que Deus só se comunica com os homens por intermédio dos puros Espíritos encarregados de nos transmitir seus desígnios; que os Espíritos se comunicam conosco durante a vigília e durante o sono. Substituíam o vocábulo *demônio* pelo vocábulo *Espírito*, e terão a doutrina espírita; troquem pelo vocábulo *anjo*, e terão a doutrina cristã.

VII. A preocupação constante do filósofo (tal como o compreendiam Sócrates e Platão) consiste em tomar o maior cuidado com a alma, menos de olho nesta vida, que não passa de um instante, do que na eternidade. Se a alma é imortal, não é prudente viver voltado para a eternidade?

O Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa.

VIII. Se a alma é imaterial, ela tem de adentrar, após esta vida, em um mundo igualmente invisível e imaterial, do mesmo jeito que o corpo, em se decompondo, retorna para a matéria. Somente importa distinguir corretamente a alma pura, realmente imaterial, que se alimenta, como Deus, de conhecimento e de pensamentos, da alma *mais ou menos* maculada por impurezas materiais que a impedem de se elevar na direção do que é divino e que a retêm nos lugares de sua morada terrena.

Sócrates e Platão, como vemos, compreendiam perfeitamente os diferentes níveis de desmaterialização da alma; eles insistem na diferença de condição que resulta para elas do fato de sua *maior ou menor* pureza. O que eles afirmavam por intuição, o Espiritismo o

comprova através dos numerosos exemplos que nos põe debaixo dos olhos. (*O Céu e o Inferno*, 2.^a parte.)

IX. Se a morte se constituísse na dissolução do homem por inteiro, tal fato seria de imenso lucro para os maus, após a morte, por ficarem libertos, a um só tempo, de seu corpo, de sua alma e de seus vícios. Quem ornamentou sua alma, não com um adorno estranho, mas com o que lhe é adequado, somente ele poderá esperar tranquilamente a hora de sua partida para o outro mundo.

Em outras palavras, quer dizer que o materialismo, que proclama o nada após a morte, consistiria na anulação de toda a responsabilidade moral ulterior e, por consequência, um incitamento para o mal; que o mau tem tudo a ganhar com o nada; que o homem que se despojou de seus vícios e se enriqueceu de virtudes é o único que pode esperar tranquilamente o despertar na outra vida. O Espiritismo nos comprova, através dos exemplos que nos põe todo dia debaixo dos olhos, quanto é penosa para o mau a passagem de uma vida à outra, e a entrada na vida futura (*O Céu e o Inferno*, 2.^a parte, cap. I.)

X. O corpo conserva vestígios bem evidentes dos cuidados que se tomaram com ele ou dos acidentes que sofreu; sucede o mesmo com a alma; quando se desvencilha do corpo, ela mantém os traços claros de seu caráter, de seus afetos e as impressões que cada um dos atos de sua vida lhe deixou. Assim, a maior infelicidade que pode atingir um homem é a de ir para o outro mundo com uma alma carregada de crimes. Você vê, Cálicles, que nem você, nem Pólux, nem Górgias, poderiam comprovar que se deve seguir outra vida que nos seja mais útil, quando estivermos lá. De tantas opiniões diversas, a única que continua inabalável é a de que *é preferível sofrer a cometer uma injustiça*, e a de que, antes de tudo, temos de aplicar-nos, não a parecer um homem de bem, mas a sê-lo. (Práticas de Sócrates com seus discípulos na prisão.)

Aqui encontramos outro ponto capital, confirmado hoje em dia pela experiência: o de que a alma não depurada conserva as ideias, as tendências, o caráter e as paixões que possuía no mundo. A máxima: *é preferível sofrer a cometer uma injustiça*, não é totalmente cristã? É o mesmo pensamento que Jesus exprime através desta figura: “Se alguém lhe bater numa face, mostre-lhe a outra.” (Cap. XII, n.^{os} 7 e 8.)

XI. Uma, de duas: ou a morte é uma destruição absoluta, ou é a ida de uma alma para um outro lugar. Se tudo deve acabar, a morte será como uma dessas raras noites que nós passamos sem sonho e sem nenhuma consciência de nós mesmos. Mas, se a morte for uma mudança de habitação, a ida para um lugar onde os mortos têm que se reunir, quanta felicidade em ali reencontrar os que conhecemos! Examinar de perto os habitantes dessa vivenda seria meu maior prazer, e diferenciar, como aqui, os que são sábios dos que acreditam que são, mas não são. É chegada, porém, a hora de nos separarmos, eu para morrer, vocês para viver. (Sócrates a seus juízes.)

De acordo com Sócrates, os homens que viveram na terra se encontram após a morte, e se reconhecem. O Espiritismo nos mostra que eles preservam as relações que mantinham, de forma que a morte não constitui nem uma interrupção, nem uma cessação da vida, mas uma transformação, sem solução de continuidade.

Tivessem Sócrates e Platão conhecido os ensinamentos que o Cristo ministrará quinhentos anos mais tarde, e os que oferecem hoje em dia os Espíritos, não teriam dito outra coisa. Nisso não existe nada com que tenhamos de nos surpreender, caso

consideremos que as grandes verdades são eternas e que os Espíritos adiantados forçosamente as conheceram antes de vir ao mundo, carregando-as consigo; que Sócrates, Platão e os grandes filósofos de seu tempo deviam pertencer, mais tarde, ao número dos que auxiliaram o Cristo em sua divina missão, e que foram escolhidos precisamente porque estavam, mais que os outros, preparados para compreender seus sublimes ensinamentos; que eles, enfim, podem hoje estar tomando parte da plêiade de Espíritos encarregados de vir ensinar aos homens as mesmas verdades.

XII. *Não se deve jamais pagar injustiça com injustiça, nem praticar o mal contra ninguém, qualquer tenha sido o mal que nos fizeram.* Pouca gente, no entanto, admitirá esse princípio, e as pessoas que não concordam com ele apenas alcançam menosprezar-se umas às outras.

Não está aí o princípio da caridade, que nos ensina a nunca pagar o mal com o mal, e a sempre perdoar a nossos inimigos?

XIII. *É pelos frutos que se reconhece a árvore.* É preciso qualificar cada ação de acordo com o que produz: denominá-la de má, quando causa o mal; e de boa, quando faz nascer o bem.

A máxima: “É pelos frutos que se reconhece a árvore”, se encontra textualmente repetida várias vezes no Evangelho.

XIV. A riqueza é um grande perigo. Todo homem que ama a riqueza, não ama nem a si nem ao que está em si, mas a uma coisa que lhe é ainda mais estranha do que o que está em si. (Cap. xvi.)

XV. As mais lindas preces e os mais belos sacrifícios agradam menos à divindade que uma alma virtuosa que se esforça por parecer-se com ela. Seria um fato grave se os deuses se importassem mais com nossas oferendas do que com nossas almas; desse jeito, os mais culpados conseguiriam torná-los propícios. Mas não, pois são realmente justos e sábios apenas os que, através de suas palavras e de seus atos, quitam seus débitos para com os deuses e os homens. (Cap. x, n.ºs 7 e 8.)

XVI. Eu chamo de vicioso o homem comum, aquele que ama o corpo de preferência à alma. O amor está por toda a parte na natureza, a qual nos convida ao exercício de nossa inteligência; ele se encontra até no movimento dos astros. É o amor que ornamenta a natureza com suas ricas alcatifas; ele se adorna e estabelece sua morada lá onde acha flores e perfumes. É ainda o amor que oferece a paz aos homens, a calma ao mar, o silêncio aos ventos e o sono à dor.

O amor, que pode unir os homens através de um liame fraterno, é uma consequência dessa teoria de Platão sobre o amor universal como lei da natureza. Havendo afirmado Sócrates que “o amor não é nem deus nem mortal, mas um grande demônio”, quer dizer, um grande Espírito a presidir ao amor universal, tal assertiva lhe foi, mais que as outras, imputada como crime.

XVII. Não é possível ensinar a virtude; ela advém através de um dom de Deus aos que a possuem.

Isso está bem perto da doutrina cristã sobre a graça; mas, se a virtude é um dom de Deus, é um favor, e podemos perguntar por que ela não tem sido concedida a todo o mundo; por outro lado, se é um dom, ela não confere mérito a quem a possui. O Espiritismo é mais explícito; ele afirma que quem possui a virtude a adquiriu através de

seus esforços em suas existências sucessivas, ao desvencilhar-se a pouco e pouco de suas imperfeições. A graça é a força com que Deus dota todo homem de boa vontade para se despojar do mal e para praticar o bem.

XVIII. Existe uma disposição natural em cada um de nós; é a de nos apercebermos muito menos de nossos defeitos que dos alheios.

O Evangelho afirma: “Você enxerga a palha no olho de seu vizinho, e não enxerga a trave no seu.” (Cap. x, n.ºs 9 e 10.)

XIX. Se os médicos malogram na maior parte das moléstias, *é porque tratam do corpo sem a alma*, e porque, não se achando o todo em bom estado, é impossível que a parte se comporte bem.

O Espiritismo proporciona a chave dos contatos existentes entre a alma e o corpo, e comprova que existe uma interação constante entre eles. Ele abre, assim, uma nova senda para a ciência; ao lhe demonstrar a causa real de certas afecções, ele lhe oferece os meios de combatê-las. Quando a ciência compreender a ação do elemento espiritual para a harmonia do todo, malogrará menos.

XX. Todos os homens, a começar depois da infância, praticam muito mais o mal que o bem.

Esta assertiva de Sócrates toca a grave questão da predominância do mal sobre a terra, questão insolúvel sem o conhecimento da pluralidade dos mundos e da destinação da Terra, onde só habita pequeníssima fração da humanidade. Somente o Espiritismo lhe fornece a solução, que será desenvolvida dentro em pouco, nos capítulos II, III e V.

XXI. Há sabedoria em não acreditar saber o que você não sabe.

Isto está dirigido às pessoas que criticam o que, o mais das vezes, desconhecem por inteiro. Platão completa este pensamento de Sócrates, ao afirmar: “Primeiro, vamos tentar torná-los, se for possível, mais honestos no que dizem; se não der certo, *não nos preocupemos com eles*, e só vamos procurar a verdade. Trabalhem por nossa instrução, mas *não nos ultrajemos*.” Eis como têm que agir os espíritas em relação a seus contraditores de boa ou de má-fé. Vivesse Platão hoje em dia, acharia as coisas quase como no seu tempo, e poderia usar a mesma linguagem; Sócrates também acharia pessoas para debocharem de sua crença nos Espíritos e para o tratarem como louco, e também a seu discípulo Platão.

Foi por haver professado tais princípios que Sócrates, de início, foi posto em ridículo e, depois, acusado de impiedade e condenado a beber cicuta; com certeza, as novas e importantes verdades, sublevando contra si os interesses e os preconceitos que elas contrariam, não têm como se estabelecer sem luta e sem produzir mártires.

O EVANGELHO

SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO I

EU NÃO VIM DESTRUIR A LEI.

As três revelações: Moisés; Cristo; o Espiritismo. — Aliança da ciência e da religião. —
Mensagens dos Espíritos: A nova era.

1. Não pensem que eu vim destruir a lei ou os profetas; eu não vim em absoluto para destruí-los, mas para cumpri-los; — pois eu lhes afirmo em verdade que o céu e a terra não passarão jamais, enquanto tudo o que se acha na lei não estiver cumprido integralmente, até mesmo um só jota e um só ponto. (São Mateus, V: 17 e 18.)

Moisés.

2. Existem duas partes distintas na lei mosaica: a lei de Deus promulgada no Monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, estabelecida por Moisés; uma é invariável; a outra, adequada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo.

A lei de Deus está formulada nos dez mandamentos seguintes:

I. Eu sou o Senhor seu Deus, que os tirei da terra do Egito, da casa da servidão. — Vocês nunca terão outros deuses estrangeiros diante de mim. — Vocês nunca farão imagem esculpida, nem nenhuma figura de tudo o que existe no alto, no céu, e embaixo, na terra, nem de tudo o que existe nas águas, sob a terra. Vocês nunca os adorarão, e vocês nunca lhes prestarão o supremo culto.

II. Vocês nunca tomarão em vão o nome do Senhor seu Deus.

III. Lembrem-se de santificar o sábado.

IV. Honrem seu pai e sua mãe, a fim de que vocês vivam muito tempo na terra que o Senhor seu Deus lhes fornecerá.

V. Vocês nunca matarão.

VI. Vocês nunca cometerão adultério.

VII. Vocês nunca roubarão.

VIII. Vocês nunca pronunciarão falso testemunho contra seu próximo.

IX. Vocês nunca desejarão a mulher de seu próximo.

X. Vocês nunca desejarão a casa de seu próximo, nem seu servo, nem sua serva, nem seu boi, nem seu asno, nem outra coisa qualquer que lhe pertença.

Esta lei é de todos os tempos e de todos os países, e possui, por isso mesmo, um caráter divino. Todas as outras são leis estabelecidas por Moisés, obrigado a manter através do medo um povo naturalmente turbulento e indisciplinado, entre o qual precisava combater abusos enraizados e preconceitos colhidos durante a servidão ao Egito. Para fornecer autoridade às suas leis, ele teve que lhes atribuir uma origem divina, como fizeram todos os legisladores dos povos primitivos; a autoridade do homem tinha que se apoiar na autoridade de Deus; mas a ideia de um deus terrível era capaz de só impressionar uns homens ignorantes, em que o senso moral e o sentimento de uma primorosa justiça estavam ainda pouco desenvolvidos. É evidente que quem tinha posto em seus mandamentos: “Você nunca matará; você nunca prejudicará seu próximo”, não podia contradizer-se, fazendo uma obrigação do extermínio. As leis mosaicas, propriamente ditas, apresentavam, pois, um caráter essencialmente transitório.

Cristo.

3. Jesus não veio, de fato, destruir a lei, quer dizer, a lei de Deus; ele veio cumpri-la, isto é, desenvolvê-la, conferir-lhe seu verdadeiro sentido e adequá-la ao nível de adiantamento dos homens; eis porque se acha nessa lei o princípio das obrigações para com Deus e para com o próximo, que é a base de sua doutrina. Quanto às leis de Moisés propriamente ditas, Jesus modificou-as profundamente, seja quanto ao fundo, seja quanto à forma; ele constantemente combateu o abuso das práticas exteriores e as interpretações errôneas, e não alcançaria fazê-las sofrer uma reforma mais radical do que reduzindo-as a

estas palavras: “Amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”, e afirmando: *eis aí toda a lei e os profetas*.

Por estas palavras: “O céu e a terra não passarão jamais, enquanto tudo não estiver cumprido integralmente, até mesmo um só jota”, Jesus quis afirmar que precisava que a lei de Deus recebesse seu acabamento, quer dizer, que fosse praticada por toda a terra, em toda a sua pureza, com todos os seus desenvolvimentos e todas as suas conseqüências; pois, de que serviria haver estabelecido essa lei, se tivesse que permanecer como privilégio de alguns homens ou mesmo de um só povo? Sendo todos os homens filhos de Deus, são, sem distinção, o objeto da mesma solicitude.

4. O papel de Jesus, porém, não foi simplesmente o de um legislador moralista, sem outra autoridade que sua palavra; ele veio cumprir as profecias que haviam anunciado sua vinda; ele extraía sua autoridade da natureza excepcional de seu Espírito e de sua missão divina; ele veio anunciar aos homens que a verdadeira vida não está na terra, mas no reino dos céus; ensinar-lhes a via que para ali conduz, os meios de se reconciliar com Deus, e avisá-los a respeito do andamento das coisas que virão para o cumprimento dos destinos humanos. No entanto, ele não disse tudo, e sobre muitos pontos se limitou a plantar a semente de verdade, pontos que ele mesmo declara que não teriam como ser ainda compreendidos; falou de tudo, mas em termos mais ou menos explícitos; para apreender o sentido oculto de certas expressões, precisava que novas ideias e novos conhecimentos viessem fornecer-lhes a chave e tais ideias não podiam vir antes de um certo nível de maturidade do espírito humano. A ciência tinha que significativamente contribuir para a eclosão e para o desenvolvimento dessas ideias; precisava, portanto, conceder à ciência o tempo justo de progredir.

O Espiritismo.

5. O *espiritismo* é a nova ciência que vem revelar aos homens, através de comprovações irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e seus contatos com o mundo corpóreo; ele no-lo mostra, não mais como algo sobrenatural, mas, ao contrário, como uma das forças vivas e incessantemente atuantes da natureza, como a fonte de uma grande quantidade de fenômenos incompreendidos até aquela hora e repelidos, por essa razão, para o domínio do fantástico e do maravilhoso. É a esses contatos que o Cristo alude em muitas circunstâncias, é por isso que muitas coisas que ele afirmou permaneceram ininteligíveis ou foram erroneamente interpretadas. O espiritismo é a chave com a ajuda da qual tudo se explica com facilidade.

6. A lei do Velho Testamento está personificada em Moisés; a do Novo Testamento, no Cristo; o Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, porém, não está personificado em nenhum indivíduo, porque ele é o produto do ensino ministrado, não por um homem, mas pelos Espíritos, que são *as vozes do céu*, em todos os pontos do mundo, e por multidão inumerável de intermediários; constitui, de qualquer modo, um ser coletivo que

compreende o conjunto dos seres do mundo espiritual, vindo cada um trazer aos homens o tributo de suas luzes, para fazê-los conhecer aquele mundo e o destino que espera por eles ali.

7. Da mesma forma que afirmou o Cristo: “Eu não venho em absoluto destruir a lei, mas cumpri-la”; afirma igualmente o espiritismo: “Eu não venho em absoluto destruir a lei cristã, mas cumpri-la.” Ele não ensina nada contrário ao que ensina o Cristo, mas desenvolve, completa e explica, em termos claros para todo o mundo, o que só foi exposto sob forma alegórica; ele vem cumprir, nos tempos previstos, o que o Cristo anunciou, e preparar o cumprimento das coisas futuras. Logo, o espiritismo é obra do Cristo, o qual preside, como foi igualmente anunciado, a regeneração que se realiza e prepara o reino de Deus na Terra.

Aliança da ciência e da religião.

8. A ciência e a religião são as duas alavancas da inteligência humana; uma revela as leis do mundo material, e a outra, as leis do mundo moral; mas, *tendo umas e outras o mesmo princípio, que é Deus*, não têm como contradizer-se; se forem elas a negação uma da outra, uma possui necessariamente o erro e a outra, a razão, pois Deus não tem como desejar destruir sua própria obra. A incompatibilidade que se acreditou ver entre essas duas ordens de ideias advém de um defeito de observação, e do cúmulo de exclusivismo de uma parte e da outra; daqui um conflito do qual nasceram a incredulidade e a intolerância.

São chegados os tempos quando os ensinamentos do Cristo têm que receber seu complemento; quando o véu lançado de propósito sobre algumas partes desse ensinamento tem que se erguer; quando a ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem que considerar o elemento espiritual; e quando, deixando a religião de ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, essas duas forças, apoiando-se uma na outra e avançando em harmonia, se propiciarão um apoio mútuo. Assim, a religião, não sendo mais desmentida pela ciência, adquirirá uma pujança inabalável, porque concordará com a razão e porque ninguém lhe poderá opor a irresistível lógica dos fatos.

A ciência e a religião não conseguiram entender-se até hoje, porque, encarando cada uma as coisas de seu exclusivo ponto de vista, se rechaçavam mutuamente. Era preciso algo para preencher o vácuo que as separava, um traço de união que as aproximasse; tal traço de união se acha no conhecimento das leis que regem o mundo espiritual e seus contatos com o mundo corpóreo, leis tão imutáveis quanto as que regulam o movimento dos astros e a existência dos seres. Uma vez comprovados esses contatos pela experiência, uma nova luz se fez: a fé se dirigiu à razão, a razão não achou nada de ilógico na fé, e o materialismo foi vencido. Mas nisto, como em todas as coisas, existem pessoas que permanecem atrás, até que venham a ser tragadas pelo movimento geral, que as esmaga, quando preferem resistir a se integrar. É toda uma revolução moral que se dá neste momento e que atua sobre os espíritos; após ter sido elaborada por mais

de dezoito séculos, chega o momento de seu cumprimento, o que irá demarcar uma nova era para a humanidade. As consequências dessa revolução são fáceis de prever; ela deve trazer para as relações sociais inevitáveis modificações, às quais não está no poder de ninguém opor-se, porque elas estão nos desígnios de Deus e porque promanam da lei do progresso, que é uma lei de Deus.

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

A nova era.

9. Deus é único, e Moisés é o Espírito que Deus enviou com a missão de dá-lo a conhecer, não somente aos hebreus, mas ainda aos povos pagãos. O povo hebreu foi o instrumento de que Deus se serviu para realizar sua revelação através de Moisés e dos profetas, e as vicissitudes desse povo eram consignadas para ferir a vista e jogar ao chão o véu que escondia dos homens a divindade.

Os mandamentos de Deus fornecidos através de Moisés trazem a semente de moral cristã a mais profunda; os comentários da Bíblia lhe amesquinhavam o sentido, porque, posta em prática em toda a sua pureza, aquela moral não teria sido compreendida então; mas os dez mandamentos de Deus não deixaram por isso de ser como o frontispício brilhante, como o farol que tinha de iluminar a humanidade através do caminho que ela havia de percorrer.

A moral ensinada por Moisés estava adequada ao estado de adiantamento em que se encontravam os povos que lhe cabia regenerar, e esses povos, semi-selvagens quanto à depuração de sua alma, não teriam compreendido que era possível adorar Deus de outro modo que não através dos holocaustos, e que era preciso perdoar ao inimigo. Sua inteligência, notável quanto às questões da matéria e mesmo quanto às artes e às ciências, estava muito atrasada em moralidade, e eles não se teriam convertido sob a autoridade de uma religião inteiramente espiritual; eles precisavam de uma representação semimaterial, tal qual lhes proporcionava então a religião hebraica. Eis como os holocaustos lhes falavam aos sentidos, ao passo que a ideia de Deus lhes falava ao espírito.

O Cristo foi o iniciador da moral mais pura, mais sublime; da moral evangélica cristã, a quem cabe renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos; a quem cabe fazer jorrar de todos os corações humanos a caridade e o amor do próximo, e criar entre todos os homens uma solidariedade integral; da moral, enfim, a quem cabe transformar o mundo e torná-lo uma residência para Espíritos superiores àqueles que o habitam hoje em dia. É a lei do progresso, à qual a natureza se submete, que se cumpre, e o *espiritismo* é a alavanca de que se serve Deus para melhorar a humanidade.

São chegados os tempos quando as ideias morais têm que se desenvolver, para que se cumpram os progressos que se acham nos desígnios de Deus; elas têm que seguir o mesmo caminho percorrido pelas ideias de liberdade, suas precursoras. Mas não se pode

esperar que esse desenvolvimento se dê sem lutas; não, essas ideias precisam, para chegarem à maturidade, de conflitos e de discussões, a fim de atrair a atenção das massas; uma vez alcançada a atenção, a beleza e a pureza da moral sensibilizarão os espíritos, e eles se consagrarão a uma ciência que lhes fornece a chave da vida futura e lhes abre as portas da felicidade eterna. Foi Moisés quem abriu o caminho; Jesus prosseguiu a obra; o espiritismo a terminará. (UM ESPÍRITO ISRAELITA. Mulhouse, 1861.)

10. Um dia, Deus, em sua caridade inesgotável, permitiu que o homem visse a verdade fender as trevas; esse foi o dia do advento do Cristo. Após a viva luminosidade, sobrevieram as trevas; o mundo, após alternativas de verdade e de obscuridade, se perdia de novo. Então, tais como os profetas do Velho Testamento, os Espíritos se põem a falar e advertir os homens; o mundo se acha abalado em suas bases; o trovão estrondará; sejam firmes!

O espiritismo é de ordem divina, porquanto repousa sobre as leis mesmas da natureza, e acreditem vocês firmemente em que tudo o que é de ordem divina possui um fim importante e útil. Seu mundo se perdia, a ciência, desenvolvida às expensas do que constitui a ordem moral, encaminhando-os totalmente para o bem-estar material, modificava-se em proveito do espírito das trevas. Cristãos, vocês sabem que o coração e o amor têm que avançar unidos ao conhecimento. O reino do Cristo, que pena, após dezoito séculos e malgrado o sangue de tantos mártires, ainda não chegou! Cristãos, regressem ao mestre que os deseja salvar. Tudo é fácil para quem crê e quem ama; o amor o enche com uma alegria inefável. Sim, meus filhos, o mundo está abalado; os bons Espíritos lhes têm tantas vezes afirmado isso; curvem-se ao sopro pressagiador da tempestade, a fim de não serem abatidos; quer dizer, preparem-se e não se pareçam com as virgens loucas que foram pegas desprevenidas à chegada do esposo.

A revolução que se apronta é mais moral que material, os Espíritos superiores, mensageiros divinos, insuflam a fé, para que todos vocês, trabalhadores esclarecidos e ardorosos, façam ouvir sua humilde voz; pois vocês são o grão de areia, mas sem grãos de areia não existiriam montanhas. Assim, pois, que esta proposição: “Nós somos pequenos”, não tenha sentido para vocês. A cada um sua missão, a cada um seu trabalho. A formiga, não constrói ela o edifício de sua república, e animálculos imperceptíveis, não erguem eles continentes? A nova cruzada começou; apóstolos da paz universal e não da guerra, São Bernardos modernos, olhem e avancem para a frente: a lei dos mundos é a lei do progresso. (FÉNELON. Poitiers, 1861.)

11. Santo Agostinho é um dos maiores divulgadores do espiritismo; ele se manifesta por quase toda a parte, e nós achamos a razão disso na vida desse grande filósofo cristão. Ele pertence a essa vigorosa falange dos Pais da Igreja, aos quais a cristandade deve suas mais sólidas bases. Como muitos, ele foi arrebatado do paganismo, digamos melhor, da impiedade mais profunda, pelo brilho da verdade. Quando, no meio de seus desregramentos, sentiu em sua alma aquela estranha vibração que o chamou a si mesmo e lhe fez compreender que a felicidade estava noutro lugar que não nos prazeres enervantes e fugidios; quando, enfim, no seu caminho de Damasco, ele ouviu também a voz santa clamar por ele: Saulo, Saulo, por que você me persegue?, ele bradou: Meu Deus! Meu Deus! Perdoe-me, eu creio, eu sou cristão! E daí por diante ele se tornou um dos mais

firmes sustentáculos do Evangelho. Podem-se ler, nas confissões notáveis que nos legou esse eminente Espírito, as palavras características e proféticas, ao mesmo tempo, que pronunciou ao perder Santa Mônica: *“Estou convicto de que minha mãe virá visitar-me e oferecer-me conselhos, ao me revelar o que espera por nós na vida futura.”* Que ensinamento nessas palavras, e que previsão brilhante da futura doutrina! Eis porque hoje em dia, vendo que está chegando a hora para a divulgação da verdade que havia pressentido outrora, ele se constitui em seu ardoroso propagador, e se multiplica, por assim dizer, para atender a todos os que o chamam. (ERASTO, discípulo de São Paulo. Paris, 1863.)

Observação. — Santo Agostinho vem, assim, reverter o que ensinou? Não, certamente; mas, como tantos outros, ele enxerga com os olhos do espírito o que não enxergava como homem; sua alma, desprendida, vislumbra novas claridades; ele compreende o que não compreendia anteriormente; novas ideias lhe revelaram o verdadeiro sentido de certas expressões; no mundo, ele julgava as coisas de acordo com os conhecimentos que possuía, mas, assim que uma nova luz se fez para ele, foi capaz de julgar com maior pureza; eis como pôde volver sobre sua crença concernente aos Espíritos íncubos e súcubos, e sobre o anátema que havia lançado contra a teoria dos antípodas. Agora que o cristianismo lhe aparece em toda a sua pureza, ele tem como, a respeito de certos pontos, pensar diferentemente do que em vida, sem deixar de ser um apóstolo cristão; ele consegue, sem negar sua fé, tornar-se o propagador do espiritismo, porque observa o cumprimento das coisas preditas. Ao proclamá-lo hoje em dia, nada mais faz do que nos remeter a uma interpretação mais correta e mais lógica dos textos. Isto vale também para outros Espíritos que se acham numa situação semelhante.

CAPÍTULO II

MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO.

A vida futura. — A realeza de Jesus. — O ponto de vista. — *Mensagens dos Espíritos*: Uma realeza terrena.

1. Pilatos, tornando a entrar no palácio e tendo feito vir Jesus, lhe perguntou: Você é o rei dos judeus? — Jesus lhe respondeu: *Meu reino não é deste mundo*. Se meu reino fosse deste mundo, minha gente teria combatido para impedir que eu caísse nas mãos dos judeus; mas meu reino não é em absoluto daqui.

Perguntou-lhe Pilatos: Logo, você é rei? — Jesus lhe retorquiu: Você o diz; eu sou rei; eu nasci e vim a este mundo apenas para dar testemunho da verdade; quem tem parte na verdade escuta minha voz. (São João, xviii: 33, 36 e 37.)

A vida futura.

2. Através dessas palavras, Jesus designa claramente *a vida futura*, que ele apresenta, em todas as circunstâncias, como o destino onde finda a humanidade e como tendo de ser o objeto das principais preocupações do homem no mundo; todas as suas máximas se relacionam a esse importante princípio. Sem a vida futura, com efeito, seus preceitos de moral, em sua maior parte, não teriam qualquer razão de ser; eis porque os que não acreditam na vida futura, imaginando que ele só fala na vida presente, não os compreendem ou os acham infantis.

Esse dogma deve, pois, ser considerado, como o centro do ensino do Cristo; eis porque o situamos entre os primeiros, no pórtico desta obra, porque tem que ser o ponto

de mira de todos os homens; só ele é capaz de justificar as anormalidades da vida terrena e se conciliar com a justiça de Deus.

3. Os judeus tinham somente ideias muito vagas no que toca à vida futura; eles acreditavam nos anjos, que viam como os seres privilegiados da criação, mas não sabiam que os homens fossem capazes de se tornar anjos, um dia, e partilhar da felicidade deles. Segundo os judeus, a observação das leis de Deus era recompensada através dos bens do mundo, da supremacia de sua nação, das vitórias sobre seus inimigos; as calamidades públicas e as derrotas eram os castigos de sua desobediência. Moisés não tinha como acrescentar mais nada para um povo pastor ignorante, que precisava ser impressionado, antes de tudo, por meio das coisas deste mundo. Mais tarde, Jesus veio revelar-lhes que existe um outro mundo, onde a justiça de Deus tem prosseguimento; é esse o mundo que ele promete aos que observam os mandamentos de Deus, e onde os bons encontrarão sua recompensa; esse mundo é seu reino; é lá que ele existe em toda a sua glória, e para onde irá regressar ao largar a Terra.

No entanto, moldando Jesus seu ensino pelo estágio dos homens de sua época, não julgou necessário fornecer-lhes uma luz integral, que os ofuscaria sem iluminá-los, porque não o haveriam de compreender; ele se limitou a estabelecer, de certa forma, a vida futura como princípio, como uma lei da natureza a que ninguém consegue escapar. Logo, todo cristão acredita obrigatoriamente na vida futura; mas a ideia que muitos concebem a respeito é vaga, incompleta e, por isso mesmo, errônea em muitos pontos; para um grande número, é tão só uma crença sem convicção absoluta; daí as dúvidas e mesmo a incredulidade.

O espiritismo veio completar, nesse ponto, como em muitos outros, o ensino do Cristo, porquanto os homens amadureceram para compreender a verdade. Com o espiritismo, a vida futura não é mais um simples artigo de fé, uma hipótese; é uma realidade material demonstrada através dos fatos, pois são testemunhas oculares que vêm descrevê-la em todas as suas fases e em todas as suas peripécias; desta maneira, não somente a dúvida não é mais possível, mas também a inteligência mais comum é capaz de representá-la conforme seu verdadeiro aspecto, como representamos um país de que lemos uma descrição detalhada; ora, tal descrição da vida futura é tão circunstanciada, as condições de existência feliz ou infeliz dos que aí se acham são tão racionais, que concordamos, às vezes contrariados, que não tem como ser de outro modo, e que consiste exatamente nisso a verdadeira justiça de Deus.

A realeza de Jesus.

4. O reino de Jesus não é deste mundo; é o que cada qual compreende; mas, na Terra, não possui ele também uma realeza? O título de rei nem sempre implica o exercício do poder temporal; ele é atribuído por consenso unânime a quem cujo gênio o situe na primeira linha em uma categoria qualquer, a quem domine seu século e influa sobre o

progresso da humanidade. É nesse sentido que dizemos: O rei ou o príncipe dos filósofos, dos artistas, dos poetas, dos escritores etc. Tal realeza, nascida do mérito pessoal, consagrada pela posteridade, não apresenta, com frequência, uma preponderância muitíssimo maior que a de quem ostenta a coroa? Ela é imperecível, ao passo que a outra é joguete das vicissitudes; ela é sempre bendita pelas gerações futuras, ao passo que a outra, às vezes, é amaldiçoada. A realeza terrena finda com a vida; a realeza moral governa ainda e sobretudo após a morte. A justo título, Jesus não é um rei mais poderoso do que muitos potentados? Logo, teve razão quando afirmou a Pilatos: Eu sou rei, mas meu reino não é deste mundo.

O ponto de vista.

5. A ideia nítida e precisa que se tem da vida futura proporciona uma fé inabalável no amanhã, e essa fé apresenta consequências imensas para a moralização dos homens, pelo fato de que ela muda completamente *o ponto de vista pelo qual eles encaram a vida terrena*. Para quem se coloca, através do pensamento, na vida espiritual, que é indeterminada, a vida corpórea não é mais do que uma passagem, uma curta estação num país ingrato. As vicissitudes e as tribulações da vida são incidentes tão só que ele aceita com paciência, porque sabe que são de curta duração e têm que ser seguidos de um estágio mais feliz; a morte não tem nada de assustador; não é mais a porta do nada, mas a da libertação, que abre para o exilado a entrada de uma estadia de felicidade e de paz. Sabendo que se acha num lugar temporário e não definitivo, ele aceita as dificuldades da vida com menos preocupação, resultando disso para ele uma calma de espírito que lhe suaviza a amargura.

Por causa de uma simples dúvida a respeito da vida futura, o homem dedica todos os seus pensamentos à vida terrena; inseguro quanto ao amanhã, ele oferece tudo ao presente; não entendo bens mais preciosos que os do mundo, age como a criança que não vê nada além de seus brinquedos; para consegui-los, não existe nada que não faça; a perda do menor de seus bens é um sofrimento doloroso; uma desilusão, uma esperança frustrada, uma ambição insatisfeita, uma injustiça de que seja vítima, o orgulho ou a vaidade feridas são outros tantos tormentos que transformam sua vida em uma angústia perpétua, *proporcionando-se assim voluntariamente uma verdadeira tortura de todos os instantes*. Tomando seu ponto de vista da vida terrena, em cujo centro se encontra, tudo assume ao redor de si vastas proporções; o mal que o atinge, como o bem que pertence aos outros, tudo adquire a seus olhos uma grande importância. É o que sucede a quem, no interior de uma cidade, tudo parece grande em seu redor: os cidadãos que se situam no alto da escala social, bem como os monumentos; caso, porém, se transporte ao pico de uma montanha, homens e coisas irão parecer-lhe bem pequenos.

Assim sucede a quem defronta a vida terrena do ponto de vista da vida futura: a humanidade, como as estrelas do firmamento, se perde na imensidade; ele se apercebe, então, de que grandes e pequenos se confundem como as formigas em um torrão de terra;

que proletários e potentados têm a mesma estatura, e ele lastima esses efêmeros, que criam tantas preocupações para conquistar ali um lugar que os eleva tão pouco e que eles mantêm por tão pouco tempo. Eis como a importância atribuída aos bens terrenos está sempre na proporção inversa da fé na vida futura.

6. Se todo o mundo pensasse assim, vão dizer, não se ocupando ninguém mais das coisas do mundo, tudo correrá perigo. Não; o homem busca instintivamente seu bem-estar e, mesmo com a certeza de estar por pouco tempo em um lugar, ainda desejará ficar o melhor ou o menos mal possível; não existe ninguém que, achando um espinho sob a mão, não a afaste para não se picar. Ora, a busca do bem-estar obriga o homem a melhorar todas as coisas, pois é impelido pelo instinto do progresso e da conservação, o que está nas leis da natureza. Logo, ele trabalha por precisão, por gosto e por dever, e assim cumpre os desígnios da Providência, que o pôs no mundo com tal finalidade. Somente quem leva em consideração o amanhã atribui ao presente uma importância relativa, e se consola facilmente de seus reveses, ao pensar no destino que espera por ele.

Deus não condena, pois, em absoluto, os gozos terrenos, mas o abuso desses gozos em prejuízo das coisas da alma; é contra esse abuso que se premunem os que agem segundo esta proposição de Jesus: *Meu reino não é deste mundo*.

Quem se identifica com a vida futura é semelhante a um homem rico que perde uma pequena soma sem se emocionar; quem concentra seus pensamentos na vida terrena é como um homem pobre que perde tudo o que possui e se desespera.

7. O espiritismo alarga o pensamento e lhe abre novos horizontes; em lugar dessa visão estreita e mesquinha que o concentra na vida presente, que torna o instante que se passa na terra a única e frágil base do futuro eterno, ele demonstra que esta vida mais não é do que um elo no conjunto harmonioso e grandioso da obra do Criador; ele demonstra a solidariedade que une todas as existências de um mesmo ser, todos os seres de um mesmo mundo e os seres de todos os mundos; ele propicia, assim, uma base e uma razão de ser para a fraternidade universal, ao passo que a doutrina da criação da alma, no instante do nascimento de cada corpo, torna todos os seres estranhos uns aos outros. Essa solidariedade das partes de um mesmo todo explica o que é inexplicável, caso se considere tão somente um aspecto. É esse conjunto que, no tempo do Cristo, os homens não eram capazes de compreender; eis porque se deixou o conhecimento disso para outros tempos.

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

Uma realidade terrena.

8. Quem melhor do que eu é capaz de compreender a verdade desta proposição de Nosso Senhor: *Meu reino não é deste mundo?* O orgulho me perdeu na Terra; quem, portanto, compreenderia o nada dos reinos deste mundo, se eu não o compreendesse? O

que eu trouxe comigo de minha realeza terrena? Nada, absolutamente nada; e como para tornar a lição mais terrível, ela não me seguiu até o sepulcro! Rainha eu era entre os homens, rainha eu julguei entrar no reino dos céus. Que decepção! Que humilhação, quando, em lugar de ser ali recebida como soberana, eu vi, acima de mim, mas muito acima, homens que eu julgava bem pequenos e a quem eu menosprezava, porque não eram de sangue azul! Oh! Então eu compreendi a inutilidade das honras e das grandezas que se procuram com tanta avidez na terra!

Para se preparar um lugar nesse reino, precisa-se de abnegação, de humildade, de caridade em toda a extensão de sua prática celestial, de benevolência para com todos; não se pergunta quem foram vocês, quais posições ocuparam, mas o bem que fizeram, as lágrimas que enxugaram.

Oh! Jesus, você o afirmou, seu reino não é deste mundo, pois é preciso sofrer para atingir o céu, e os degraus do trono não nos aproximam de lá; são os atalhos mais ásperos da vida que levam até ele; portanto, escolham a senda através das urzes e espinheiros e não por entre as flores.

Os homens correm atrás dos bens terrenos como se devessem guardá-los sempre; aqui, porém, mais ilusão; eles percebem cedo que conquistaram uma sombra somente e que negligenciaram os únicos bens seguros e duradouros, os únicos que lhes valem na celeste morada, os únicos que são capazes de lhes dar acesso a ela.

Tenham piedade daqueles que não ganharam o reino dos céus; ajudem-nos com suas preces, pois a prece aproxima o homem do Altíssimo; é o traço de união entre o céu e a terra: não se esqueçam disso. (UMA RAINHA DA FRANÇA. Havre, 1863.)

CAPÍTULO III

EXISTEM MUITAS MORADAS NA CASA DE MEU PAI.

Diferentes estados da alma na erraticidade. — Diferentes categorias de mundos habitados. — Destinação da Terra. Causa das misérias humanas. *Mensagens dos Espíritos*: Mundos inferiores e mundos superiores. — Mundos de expiações e de provações. — Mundos regeneradores. — Progressão dos mundos.

1. Que seu coração não se inquiete jamais. — Vocês creem em Deus; creiam também em mim. — *Existem muitas moradas na casa de meu Pai*; se isso não ocorresse, eu já lhes teria dito, pois eu vou para preparar o lugar; — e, depois que eu tiver ido e lhes tiver preparado o lugar, *eu voltarei* e os levarei comigo, a fim de que lá onde eu estiver, vocês estejam também. (São João, XIV: 1 a 3.)

Diferentes estados da alma na erraticidade.

2. A casa do Pai é o universo; as diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem aos Espíritos aí encarnados paragens adequadas a seu adiantamento.

Independentemente da diversidade dos mundos, essas palavras podem também entender-se relativamente ao estado feliz ou infeliz do Espírito na erraticidade. Considerando que esteja ele mais ou menos depurado e desprendido dos liames materiais, o meio em que se encontra, o aspecto das coisas, as sensações que experimenta, as percepções que possui variam ao infinito; enquanto uns não conseguem afastar-se da esfera onde viveram, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos; enquanto certos Espíritos culpados erram nas trevas, os felizes usufruem de uma claridade resplandecente e do sublime espetáculo do infinito; enquanto, enfim, o mau, ralado de remorsos e de aflições, quase sempre sozinho, sem consolo, separado dos seres de sua

afeição, geme sob a angústia dos sofrimentos morais, o justo, reunido aos que ama, desfruta as doçuras de uma indizível felicidade. Aí também existem, pois, muitas moradas, conquanto não estejam circunscritas nem localizadas.

Diversas categorias de mundos habitados.

3. Do ensino fornecido pelos Espíritos, resulta que os diversos mundos apresentam condições muito diferentes uns dos outros, quanto ao nível de adiantamento ou de inferioridade de seus habitantes. Nesse número, existem, dentre os últimos, os que são ainda inferiores aos da Terra, fisicamente e moralmente; outros estão no mesmo nível e outros lhe são mais ou menos superiores em todos os aspectos. Nos mundos inferiores, a existência é toda material; as paixões reinam aí soberanas, a vida moral é quase nula. À proporção que esta se vai desenvolvendo, a influência da matéria vai diminuindo, de sorte que, nos mundos mais adiantados, a vida é, por assim dizer, toda espiritual.

4. Nos mundos intermediários, existe a mistura do bem e do mal, predominando um ou outro, conforme o nível de adiantamento. Conquanto não se tenha como classificar os diversos mundos de um modo absoluto, pelo menos, é possível, tendo em vista seu estado e sua destinação, e baseando-se em seus matizes mais definidos, dividi-los a grosso modo, a saber: os mundos primitivos, afetos às primeiras encarnações da alma humana; os mundos de expiações e de provações, onde o mal predomina; os mundos regeneradores, onde as almas que têm ainda o que expiar absorvem novas forças, repousando totalmente das fadigas da luta; os mundos felizes, onde o bem prepondera sobre o mal; os mundos celestiais ou divinos, morada dos Espíritos purificados, onde o bem reina sozinho. A Terra pertence à categoria dos mundos de expiações e de provações; eis porque o homem aqui está sujeito a tantas misérias.

5. Os Espíritos encarnados em um mundo não estão em absoluto presos a ele definitivamente, nem cumprem aí todas as fases progressivas que têm que percorrer para chegar à perfeição. Quando alcançam, em um mundo, o nível de adiantamento que este comporta, passam para um outro mais adiantado, e assim por diante até que cheguem ao estado de puros Espíritos. Os mundos são tantas paragens, em cada uma das quais eles encontram os elementos de progresso adequados a seu adiantamento. Para eles, é uma recompensa passarem para um mundo de categoria mais elevada, como é um castigo que se prolongue sua estadia em um mundo infeliz, ou que sejam relegados a um mundo mais infeliz ainda, quando se obstinaram no mal.

Destinação da Terra. Causas das misérias humanas.

6. A gente se espanta de encontrar na Terra tanta maldade e paixões ruins, tantas misérias e doenças de todos os tipos, e disso conclui que a espécie humana é uma triste realidade. Tal julgamento provém de um ponto de vista limitado ao lugar em que se está, e que oferece uma ideia errônea do conjunto. É preciso considerar que, na Terra, a gente não vê toda a humanidade, mas uma pequeníssima fração da humanidade. Com efeito, a espécie humana compreende todos os seres dotados de razão que povoam os inumeráveis mundos do universo; ora, o que é a população da Terra perto da população total desses mundos? Bem menos que a de um vilarejo em comparação com a de um grande império. A situação material e moral da humanidade terrestre não tem nada mais que espantar caso se tenha em conta a destinação da Terra e a natureza dos que a habitam.

7. A gente faria dos habitantes de uma grande cidade uma ideia muito errônea, se os julgasse pela população dos bairros ínfimos e sórdidos. Em um hospital, só se veem doentes e estropiados; em uma cadeia, se veem todas as torpezas, todos os vícios reunidos; nas regiões insalubres, os habitantes, em sua maioria, são pálidos, debilitados e doentios. Muito bem, que se configure a Terra como sendo um subúrbio, um hospital, uma penitenciária, um país malsã, pois ela é de uma vez tudo isso, e se compreenderá por que as aflições se sobrepõem às alegrias, porquanto não se enviam ao hospital as pessoas com saúde, nem às casas de correção os que não fizeram mal algum; porque nem os hospitais, nem as casas de correção são lugares de prazeres.

Ora, do mesmo modo que, em uma cidade, nem toda a população se acha nos hospitais ou nas prisões, toda a humanidade não está na Terra; como se deixa o hospital quando se está curado, e a prisão, quando se perfez seu tempo, o homem troca a Terra por mundos mais felizes, quando está curado de suas moléstias morais.

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

Mundos inferiores e mundos superiores.

8. A classificação de mundos inferiores e de mundos superiores é antes relativa que absoluta; tal mundo é inferior ou superior em relação aos que estão acima ou abaixo dele na escala progressiva.

Se tomarmos a Terra como ponto de comparação, somos capazes de fazer uma ideia do estado de um mundo inferior, ao supormos ali o homem no nível das raças selvagens ou das nações bárbaras que encontramos ainda em nossa crosta, e que são os remanescentes de seu estado primitivo. Nos mais atrasados, os seres que os habitam são de algum modo rudimentares; eles têm a forma humana, mas sem nenhuma beleza; os instintos aí não são contrabalançados por nenhum sentimento de delicadeza ou de benevolência, nem pelas noções do justo e do injusto; só a força bruta impõe sua lei. Sem indústrias, sem invenções, os habitantes consagram sua vida à conquista de seu alimento.

No entanto, Deus não abandona nenhuma de suas criaturas; no fundo das trevas da inteligência, jaz, latente, a vaga intuição de um Ser Supremo, mais ou menos desenvolvida. Tal instinto basta para torná-los superiores uns aos outros, e preparar sua eclosão para uma vida mais completa; pois não são em absoluto seres degradados, mas crianças em idade de crescimento.

Entre esses níveis inferiores e os mais elevados, existem inumeráveis graus, e nos Espíritos puros, desmaterializados e resplandecentes de glória, é difícil de reconhecer os que animaram os seres primitivos, da mesma forma que no homem adulto é difícil de reconhecer o embrião.

9. Nos mundos que alcançaram um nível superior de evolução, as condições da vida moral e material são totalmente outras que as da Terra. A forma do corpo é sempre, e por toda a parte, a forma humana, mas embelezada, aperfeiçoada e, sobretudo, purificada. O corpo não tem nada da materialidade terrestre e não está, conseqüentemente, sujeito nem às necessidades, nem às doenças, nem às deteriorações que o predomínio da matéria produz; os sentidos, mais prazenteiros, possuem percepções que, neste mundo, a densidade dos órgãos abafa; a leveza específica dos corpos torna a locomoção rápida e fácil; em lugar de se arrastar penosamente sobre o solo, ele desliza, por assim dizer, pela superfície, ou plana na atmosfera, sem outro esforço que o da vontade, à maneira como a gente representa os anjos ou como os antigos imaginavam as almas nos Campos Elísios. Os homens conservam à vontade as feições de suas migrações passadas e aparecem a seus amigos como eles os conheceram, mas iluminados por uma luz divina, transfigurados pelas sensações interiores, que são sempre elevadas. Em lugar de rostos pálidos, assolados pelos sofrimentos e pelas paixões, a inteligência e a vida irradiam com aquele brilho que os pintores traduziram através da auréola dos santos.

A pouca resistência que opõe a matéria aos Espíritos já muito adiantados torna o desenvolvimento dos corpos rápido e a infância, curta ou quase nula; a vida, isenta de preocupações e de angústias, é, proporcionalmente, muito mais longa que na Terra. Em princípio, a longevidade é proporcional ao nível de adiantamento dos mundos. A morte aí não detém nenhum dos horrores da decomposição; longe de ser causa de pavor, ela é considerada como uma transformação feliz, porque ali a dúvida do amanhã não existe. Durante a vida, não estando a alma em absoluto encerrada em u'a matéria compacta, irradia e usufrui uma lucidez que a põe em um estado quase permanente de emancipação, e permite livre transmissão do pensamento.

10. Nesses mundos felizes, as relações de povo a povo, sempre amistosas, não são jamais perturbadas nem pela ambição de subjugar seu vizinho, nem pela guerra dela conseqüente. Não existem nem senhores nem escravos, nem privilegiados de nascimento; apenas a superioridade moral e intelectual estabelece a diferença de condições e faculta a supremacia. A autoridade é sempre respeitada, porque não se concede senão ao mérito e se exerce sempre com justiça. *O homem não procura jamais elevar-se acima do homem, mas acima de si mesmo, ao se aperfeiçoar.* Sua meta é pertencer à categoria dos puros Espíritos, e esse desejo incessante não representa absolutamente um tormento, mas uma nobre ambição que o leva a estudar com ardor para conseguir igualá-los. Todos os sentimentos ternos e elevados da natureza humana ali se acham engrandecidos e

purificados; os ódios, os ciúmes mesquinhos, as cobiças ignóbeis da inveja ali são desconhecidos; um liame de amor e de fraternidade une a todos os homens; os mais fortes auxiliam os mais fracos. Eles têm mais ou menos posses, conforme o que tenham, mais ou menos, amealhado por meio de sua inteligência, mas ninguém sofre por faltar o necessário, porque ninguém está em expiação; em suma, ali o mal não existe.

11. No seu mundo, vocês necessitam do mal para sentirem o bem, da noite para admirarem a luz, da doença para apreciarem a saúde; ali, tais contrastes não são jamais necessários; a eterna luz, a eterna beleza, a eterna paz da alma propiciam uma eterna alegria, que não é perturbada nem pelas angústias da vida material, nem pelo contato dos maus, que ali não têm acesso. Eis aí o que o Espírito humano tem muita dificuldade de compreender; ele foi engenhoso para pintar os tormentos do inferno, ele jamais foi capaz de imaginar as alegrias do céu; e por que isso? Porque, sendo inferior, ele sentiu tão só sofrimentos e misérias e nunca vislumbrou os celestes fulgores; ele não tem como falar daquilo que não conhece; mas, à medida que se vai elevando e se vai purificando, o horizonte se vai iluminando e ele vai compreendendo o bem que está diante de si, como compreendeu o mal que ficou atrás de si.

12. Não obstante, esses mundos ditosos não são absolutamente mundos privilegiados, pois Deus não é parcial em relação a nenhum de seus filhos; ele faculta a todos os mesmos direitos e as mesmas facilidades para lá chegarem; ele fez que todos partissem do mesmo ponto, sem dotar nenhum mais que os outros; as primeiras categorias são acessíveis a todos: a eles compete conquistá-las através do trabalho; a eles compete alcançá-las o mais cedo possível, ou irão definhando durante séculos e mais séculos no submundo da humanidade. (*Resumo do ensino de todos os Espíritos superiores.*)

Mundos de expiações e de provações.

13. Que lhes direi a respeito dos mundos de expiações que ainda não saibam, já que é suficiente examinar este em que habitam? A superioridade da inteligência de um grande número de seus habitantes indica que a Terra não é um mundo primitivo, destinado à encarnação de Espíritos mal-e-mal saídos das mãos do Criador. As qualidades inatas que trazem consigo constituem a comprovação de que eles já viveram e de que efetivaram um certo progresso; mas, igualmente, os vícios numerosos aos quais se inclinam são o indício de uma forte imperfeição moral; eis porque Deus os colocou num mundo perverso, para aí expiarem suas faltas por meio de um trabalho penoso e das misérias da vida, até que hajam merecido ir para um mundo mais feliz.

14. No entanto, nem todos os Espíritos encarnados na Terra para cá foram enviados em expiação. As raças que vocês chamam de selvagens são Espíritos mal-e-mal saídos da infância, e que estão, por assim dizer, em processo de educação e de desenvolvimento ao contato de Espíritos mais adiantados. Em seguida, vêm as raças semicivilizadas, formadas

por esses mesmos Espíritos em fase de progresso. São, de certo modo, as raças indígenas da Terra, que se desenvolveram a pouco e pouco, durante longos períodos seculares, algumas das quais foram capazes de alcançar o aperfeiçoamento intelectual dos povos mais esclarecidos.

Os Espíritos em processo de expiação, se assim se pode dizer, são aí exóticos; eles já viveram em outros mundos, dos quais foram expulsos tendo em vista sua obstinação no mal e porque se constituíam em causa de perturbação para os bons; foram desterrados, por algum tempo, entre os Espíritos mais atrasados, com a missão de fazê-los progredir, pois trouxeram consigo sua inteligência desenvolvida e a semente dos conhecimentos assimilados; eis porque os Espíritos punidos se acham entre as raças mais inteligentes; são estas também para as quais as misérias da vida apresentam as maiores amarguras, porque nelas é maior a sensibilidade e porque padecem mais com as agressões do que as raças primitivas, cujo senso moral é mais obtuso.

15. A Terra nos fornece, portanto, um dos tipos de mundos expiatórios, cujas variedades são infinitas mas que têm por característica comum servir de lugar de exílio para os Espíritos rebeldes à lei de Deus. Aí, esses Espíritos têm de lutar, de uma só vez, contra a perversidade dos homens e contra a inclemência da natureza, trabalho duas vezes penoso, que desenvolve, ao mesmo tempo, as qualidades do coração e as da inteligência. Eis como Deus, em sua bondade, converte o castigo mesmo para proveito do progresso do Espírito. (SANTO AGOSTINHO. Paris, 1862.)

Mundos regeneradores.

16. Entre as estrelas que cintilam na abóbada azul, quantos mundos existem, como o seu, designados pelo Senhor para a expiação e para a provação! Mas existem também mais miseráveis e melhores, como existem os transitórios, que podemos chamar de regeneradores. Cada turbilhão planetário, circulando no espaço em torno de um centro comum, arrasta consigo seus mundos primitivos, de exílio, de provação, de regeneração e de felicidade. Já lhes falaram desses mundos em que a alma que nasce é colocada, quando, ignorante ainda do bem e do mal, ela é capaz de avançar para Deus, dona de si mesma, de posse de seu livre-arbítrio; já lhes falaram das sobejas faculdades com que a alma foi dotada para praticar o bem; mas, coitadas, existem as que sucumbem, e Deus, não desejando aniquilá-las, lhes permite ir àqueles mundos onde, de encarnações em encarnações, elas se depuram, se regeneram e se tornam dignas da glória que lhes foi destinada.

17. Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes; a alma que se arrepende aí encontra a paz e o repouso, no término de sua purificação. Sem dúvida, nesses mundos, o homem está ainda sujeito às leis que regem a matéria; a humanidade experimenta as mesmas sensações e desejos que vocês, mas está desembaraçada das paixões desordenadas de que vocês são escravos; ali não há o orgulho

que faz calar o coração, nem a inveja que o tortura, nem o ódio que o sufoca; a palavra amor está escrita em todas as frentes; uma perfeita equidade regula as relações sociais; todos se mostram firmes em Deus e tentam ir até ele, cumprindo suas leis.

Ali, porém, não existe absolutamente ainda a perfeita felicidade, mas existe a aurora da felicidade. O homem é ainda carne e, por isso mesmo, está sujeito às vicissitudes de que estão isentos apenas os seres completamente desmaterializados; existem ainda provações que sofrer, elas, contudo, não possuem em absoluto as dolorosas angústias da expiação. Comparados à Terra, tais mundos são mais felizes e muitos de vocês ficariam satisfeitos em viver ali, pois é como a calma após a tempestade, a convalescença após uma cruel moléstia; mas o homem, menos absorvido pelas coisas materiais, vislumbra melhor o futuro do que são vocês capazes de fazê-lo; ele compreende que existem outras alegrias que o Senhor promete aos que se tornam dignos delas, para quando a morte houver de novo ceifado seus corpos, concedendo-lhes a verdadeira vida. É então que a alma liberta irá pairar acima de todos os horizontes; não existem mais os sentidos materiais e grosseiros, mas os sentidos de um perispírito puro e celestial, aspirando as emanções de Deus mesmo, nos perfumes do amor e da caridade que se expandem de seu seio.

18. Mas, coitado, o homem, nesses mundos, ainda é falível, e o espírito do mal ainda não perdeu completamente seu poder. Não avançar é recuar e, se ele não estiver firme na via do bem, pode de novo cair nos mundos de expiação, onde esperam por ele novas e mais terríveis provações.

Contemplem, portanto, esta abóbada azul, à noite, na hora do repouso e da prece, e, dentre as esferas inumeráveis que brilham sobre suas cabeças, perguntem quais conduzem a Deus e roguem a ele que um mundo regenerador lhes abra seu seio, após a expiação da Terra. (SANTO AGOSTINHO. Paris, 1862.)

Progressão dos mundos.

19. O progresso é uma das leis da natureza; todos os seres da criação, animados e inanimados, a ele se submetem, pela bondade de Deus, que deseja que tudo engrandeça e prospere. A destruição mesma, que aos homens parece o término das coisas, é só um meio de chegar, através da transformação, a um estado mais perfeito, pois tudo morre para renascer, e nada se transforma em não ser.

Ao mesmo tempo em que os seres vivos progridem moralmente, os mundos em que habitam progridem materialmente. Quem fosse capaz de acompanhar um mundo em suas diversas fases, desde o instante quando se aglomeraram os primeiros átomos que serviram à sua constituição, veria que ele percorre uma escala incessantemente progressiva, mas através de gradações imperceptíveis para cada geração, e que oferece aos seus habitantes uma permanência cada vez mais agradável, à medida que eles mesmos vão avançando na estrada do progresso. Assim seguem, concomitantes, o progresso do homem, o dos animais, seus coadjuvantes, dos vegetais e da moradia, porque nada na

natureza estaciona. Quanto esta ideia é grandiosa e digna da majestade do Criador! E quanto, ao contrário, é pequena e indigna de seu poder a que concentra sua solicitude e sua providência no imperceptível grão de areia da Terra, e restringe a humanidade a algumas criaturas que o habitam!

A Terra, de acordo com essa lei, esteve materialmente e moralmente em um estado inferior ao de hoje em dia, e alcançará, sob esses dois aspectos, um nível mais adiantado. Ela está em um de seus períodos de transformação, quando, de mundo de expiação, irá transformar-se em mundo de regeneração; então os homens ali serão felizes, porque ali reinará a lei de Deus. (SANTO AGOSTINHO. Paris, 1862.)

CAPÍTULO IV

NINGUÉM TEM COMO VER O REINO DE DEUS, SE NÃO NASCER DE NOVO.

Ressurreição e reencarnação. — Os laços de família fortalecidos por meio da reencarnação e rompidos por meio da unidade de existência. — *Mensagens dos Espíritos*: Limites da encarnação. — Necessidade da encarnação.

1. Tendo vindo Jesus aos arredores da Cesareia de Filipe, interrogou seus discípulos e lhes perguntou: Que dizem os homens no que toca ao Filho do Homem? Quem dizem eles que eu sou? — Eles lhe responderam: Uns dizem que o senhor é João Batista, outros, Elias, os outros, Jeremias ou algum dos profetas. — Perguntou-lhes Jesus: E vocês, o que dizem que eu sou? Simão Pedro, tomando a palavra, lhe respondeu: O senhor é o Cristo, o filho de Deus vivo. — Jesus lhe respondeu: Você é bem-aventurado, Simão, filho de João, porque não foi em absoluto a carne nem o sangue que lhe revelaram isso, mas meu Pai, que está nos céus. (São Mateus, xvi: 13 a 17; São Marcos, viii: 27 a 29.)

2. Enquanto isso, o tetrarca Herodes ouviu falar de tudo quanto fazia Jesus, e seu espírito ficou apreensivo, — porque uns diziam que João havia ressurgido dentre os mortos; outros que Elias havia aparecido, e outros que um dos antigos profetas tinha ressuscitado. — Então Herodes disse: Eu fiz que cortassem a cabeça a João; mas quem é esse de quem eu ouço dizer tão grandes coisas? E ele tinha o desejo de vê-lo. (São Lucas, ix: 7 a 9; São Marcos, vi: 14 a 16.)

3. (Após a transfiguração.) Seus discípulos o interrogaram então e lhe perguntaram: Por que os escribas dizem que é preciso que Elias venha antes? — Mas Jesus lhes respondeu: É verdade que Elias tenha que voltar e restabelecer todas as coisas; — mas eu lhes declaro que Elias já veio, e eles não o conheceram absolutamente, mas eles o trataram como lhes aprouve. Eis como eles farão padecer o Filho do Homem. — Então seus discípulos entenderam que era de João Batista que ele lhes havia falado. (São Mateus, xvii: 10 a 13; São Marcos, ix: 10 a 13.)

Ressurreição e reencarnação.

4. A reencarnação estava entre os dogmas judeus, com o nome de *ressurreição*; só os saduceus, que pensavam que tudo finda com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre tal ponto, como sobre muitos outros, não estavam claramente definidas, porque eles tinham apenas noções vagas e incompletas a respeito da alma e de sua ligação com o corpo. Eles acreditavam que um homem que viveu era capaz de reviver, sem compreenderem precisamente o modo pelo qual o fato podia ocorrer; eles designavam pela palavra *ressurreição* o que o espiritismo chama, mais corretamente, de *reencarnação*. Com efeito, a *ressurreição* pressupõe o retorno à vida do corpo que morreu, o que a ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo estão há muito tempo dispersos e absorvidos na natureza. A *reencarnação* é o retorno da alma ou Espírito à vida corpórea, mas num outro corpo recentemente formado para ele, sem nada em comum com o antigo. A palavra *ressurreição* podia, assim, aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Logo, se, conforme acreditavam, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, porque tinham visto João quando criança e porque conheciam seu pai e sua mãe. João podia, portanto, ser Elias *reencarnado*, mas não *ressuscitado*.

5. Ora, havia um homem entre os fariseus, chamado Nicodemos, senador dos judeus, — que veio, à noite, encontrar Jesus e lhe disse: Mestre, nós sabemos que o senhor veio da parte de Deus para nos ensinar como um doutor; pois ninguém seria capaz de realizar os milagres que o senhor realiza, se Deus não estivesse com ele.

Jesus lhe respondeu: Em verdade, em verdade, eu lhe digo: *Ninguém tem como ver o reino de Deus, se não nascer de novo.*

Nicodemos lhe perguntou: Como pode nascer um homem que já é velho? Tem ele como reentrar no seio de sua mãe, para nascer uma segunda vez?

Jesus lhe respondeu: Em verdade, em verdade, eu lhe digo: Se um homem não renasce da água e do Espírito, ele não tem como entrar no reino de Deus. — O que nasceu da carne é carne e o que nasceu do Espírito é Espírito. — Não se espante do que eu lhe disse, que é preciso que você nasça de novo. — O Espírito sopra onde ele quer e você ouve sua voz, mas você não sabe donde ele vem, nem aonde ele vai; acontece o mesmo com todo homem que nasceu do Espírito.

Nicodemos lhe perguntou: Como é que isso pode dar-se? — Jesus lhe disse: Quê! Você é mestre em Israel e ignora tais coisas? — Em verdade, em verdade, eu lhe digo que nós só dizemos o que sabemos, e que nós lhe prestamos testemunho do que nós vimos; entretanto, você não aceita nosso testemunho. — Mas, se você não crê em mim quando eu lhe falo das coisas da terra, como irá crer quando eu lhe falar das coisas do céu? (São João, III: 1 a 12.)

6. O pensamento de que João Batista era Elias e de que os profetas eram capazes de reviver na terra se encontra em muitas passagens dos Evangelhos, notadamente nos relatos acima (n.ºs 1 a 3). Se tal crença estivesse errada, Jesus não teria deixado de combatê-la, como combateu tantas outras; longe disso, ele a sanciona com toda a sua autoridade, e a estabelece como princípio e como condição necessária, quando diz: *Ninguém tem como ver o reino dos céus, se não nascer de novo.* E insiste ao acrescentar: *Não se espante do que eu lhe disse, que é PRECISO que você nasça de novo.*

7. Estas palavras: “*Se um homem não renasce da água e do Espírito*”, foram interpretadas no sentido da regeneração pela água do batismo; mas o texto primitivo trazia simplesmente: *Não renasce da água e do Espírito*, ao passo que, em algumas traduções, *do Espírito* foi substituído por *do Santo Espírito*, o que não condiz com o mesmo pensamento. Esse ponto capital sobressai dos primeiros comentários sobre o Evangelho, como será um dia demonstrado sem equívoco possível³.

8. Para compreender o verdadeiro sentido desse trecho, é preciso também reportar-se à significação da palavra *água*, que não se empregou absolutamente em sua acepção própria.

Os conhecimentos dos antigos sobre as ciências físicas eram imperfeitíssimos; eles acreditavam que a terra saíra das águas; eis porque consideravam a *água* como o elemento gerador absoluto; por isso é que no *Gênesis* está escrito: “O Espírito de Deus era levado sobre as águas; flutuava na superfície das águas; — que o firmamento seja criado no meio das águas; — que as águas que estão debaixo do céu se juntem em um só lugar e que o elemento árido apareça; — que as águas *produzam* animais vivos que nadem na água, e pássaros que voem sobre a terra e debaixo do firmamento.”

Por causa dessa crença, a água se transformou no símbolo da natureza material, como o Espírito era o da natureza inteligente. O trecho: “Se o homem não renasce da água e do Espírito, ou em água e em Espírito”, significa, portanto: “Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma”. Neste sentido é que foi compreendido no princípio. Esta interpretação, de resto, se justifica por este outro trecho: *O que nasceu da carne é carne, e o que nasceu do Espírito é Espírito*. Jesus estabelece aqui uma distinção positiva entre o Espírito e o corpo. *O que nasceu da carne é carne* indica claramente que o corpo *somente* procede do corpo, e que o Espírito é independente do corpo.

9. *O Espírito sopra onde ele quer e você ouve sua voz, mas você não sabe donde ele vem, nem aonde ele vai* pode referir-se ao *Espírito de Deus*, que concede a vida a quem ele deseja, ou à *alma do homem*; nesta última acepção, “você não sabe donde ele vem, nem aonde ele vai” significa que não se sabe nem o que foi nem o que será o Espírito. Se o Espírito, ou alma, fosse criado ao mesmo tempo que o corpo, se saberia donde vem, porquanto se conheceria seu início. Qualquer que seja o caso, esta passagem é consequência do princípio da preexistência da alma e, por conseguinte, da pluralidade das existências.

10. Ora, desde o tempo de João Batista até hoje, o reino dos céus se tem tomado através de violência, e são os violentos que o arrebatam; — pois, até João, todos os profetas, tanto quanto a lei, profetizaram; — e se vocês desejarem compreender o que eu lhes digo, *é aquele mesmo Elias quem tem de vir*. — Que ouça quem tem ouvidos para ouvir. (São Mateus, xi: 12 a 15.)

11. Se o princípio da reencarnação enunciado em São João tinha, a rigor, como ser interpretado em um sentido puramente místico, o mesmo não poderia ocorrer nesta passagem de São Mateus, que se dá sem equívoco possível: *é AQUELE MESMO Elias quem tem de vir*; não existe aí nem figura, nem alegoria: é uma afirmação positiva. — “Desde o tempo

³ A tradução de Osterwald está de acordo com o texto primitivo; ela consigna: *não renasce da água e do Espírito*; a de Sacy traz: *do Santo Espírito*; a de Lamennais: *o Espírito Santo*.

de João Batista até hoje, o reino dos céus se tem tomado através de violência.” Que significam tais palavras, uma vez que João Batista vivia ainda naquele momento? Jesus as explica, ao dizer: “Se vocês desejarem compreender o que eu lhes digo, é aquele mesmo Elias quem tem de vir.” Ora, não sendo João outro que não Elias, Jesus faz alusão ao tempo em que João vivia com o nome de Elias. “Até hoje, o reino dos céus se tem tomado através de violência” é uma outra alusão à violência da lei mosaica, que determinava a exterminação dos infiéis para se apoderarem da Terra Prometida, paraíso dos hebreus, ao passo que, segundo a nova lei, o céu se conquista através da caridade e da mansidão.

Depois ele acrescenta: *Que ouça quem tem ouvidos para ouvir*. Tais palavras, tão frequentemente repetidas por Jesus, expressam claramente que nem todo o mundo estava apto a compreender certas verdades.

12. Os de seu povo que foram mortos *viverão de novo*; os que foram assassinados em minha presença ressuscitarão. Despertem de seu sono e cantem os louvores de Deus, vocês que habitam no pó; porque o orvalho que cai sobre vocês é um orvalho de luz, e porque vocês arrasarão a terra e o reino dos gigantes. (Isaías, xxvi: 19.)

13. Esta passagem de Isaías é também totalmente explícita: “Os de seu povo que foram mortos *viverão de novo*”. Se o profeta houvesse pretendido falar da vida espiritual, se houvesse desejado dizer que os que foram mortos não estavam mortos em Espírito, teria dito: *vivem ainda*, e não *viverão de novo*. No sentido espiritual, essas palavras seriam um contrassenso, pois implicariam uma interrupção na vida da alma. No sentido de *regeneração moral*, elas seriam a negação das penas eternas, porquanto estabelecem como princípio que *todos os que estão mortos reviverão*.

14. Mas quando o homem morreu *uma vez*, quando seu corpo, separado do espírito, se consumiu, em que se transforma? — Estando morto o homem *uma vez*, seria bem capaz de *reviver de novo*? Nesta guerra em que me acho todos os dias de minha vida, eu fico aguardando que minha transformação se dê. (Jó, xiv: 10 e 14. Tradução de Lemaistre de Sacy.)

Quando o homem morre, ele perde toda a sua força, ele expira; depois, onde está ele? — Se o homem morre, *reviverá*? Ficarei aguardando todos os dias de meu combate, até que se dê qualquer transformação? (*Idem*. Tradução protestante de Osterwald.)

Quando o homem morre, ele vive sempre; ao se findarem os dias da *minha existência terrestre*, eu ficarei aguardando, pois *eu voltarei de novo para cá*. (*Idem*. Versão da Igreja grega.)

15. O princípio da pluralidade das existências está claramente enunciado nessas três versões. Não se pode supor que Jó quisesse falar da regeneração através da água do batismo, que ele com certeza não conhecia. “Estando morto o homem *uma vez*, seria bem capaz de *reviver de novo*?” A ideia de morrer uma vez e de reviver implica a de morrer e reviver muitas vezes. A versão da Igreja grega é ainda mais explícita, se isso é possível: “Ao se findarem os dias da *minha existência terrestre*, eu ficarei aguardando, pois *eu voltarei de novo para cá*”; quer dizer, eu voltarei à existência terrestre. Isto está tão claro quanto se alguém dissesse: “Eu estou saindo de casa, mas voltarei para lá.”

“Nesta guerra em que me acho todos os dias de minha vida, *eu fico aguardando* que minha transformação se dê.” Jó deseja evidentemente falar da luta que sustenta contra as misérias da vida; ele fica aguardando sua transformação, quer dizer que se resigna. Na versão grega, *eu ficarei aguardando* parece antes aplicar-se à nova existência: “Ao se

findarem os dias da minha existência terrestre, *eu ficarei aguardando, pois eu voltarei de novo para cá*"; Jó parece colocar-se, após sua morte, em um intervalo que separa uma existência da outra, e parece dizer que lá ele aguardará seu retorno.

16. Não se tem dúvida de que, sob o nome de *ressurreição*, o princípio da reencarnação era uma das crenças fundamentais dos judeus; e de que ela foi confirmada por Jesus e pelos profetas de maneira formal; donde se segue que negar a reencarnação é renegar as palavras do Cristo. Suas palavras prevalecerão, um dia, quanto a esse ponto, como quanto a muitos outros, quando sobre elas se meditar sem proselitismo.

17. Mas a essa autoridade, que provém da ótica religiosa, vem juntar-se, segundo uma perspectiva filosófica, a das provas que resultam da observação dos fatos; quando dos efeitos se deseja remontar às causas, a reencarnação aparece como uma necessidade absoluta, como uma condição inerente à humanidade, em suma, como uma lei da natureza; ela se revela através de seus resultados, de forma, por assim dizer, material, como o motor escondido se revela através do movimento; ela só é capaz de afirmar ao homem *donde ele vem, para onde vai, por que se acha na Terra*, e justificar todas as anormalidades e todas as injustiças aparentes da vida⁴.

Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, as máximas do Evangelho, em sua maioria, são ininteligíveis; eis porque têm causado interpretações tão contraditórias; esse princípio é a chave que tem de restituir a elas seu verdadeiro sentido.

Os laços de família fortalecidos por meio da reencarnação e rompidos por meio da unidade de existência.

18. Os laços de família não são nunca destruídos pela reencarnação, como pensam certas pessoas; ao contrário, eles são fortalecidos e revigorados; é o princípio oposto que os destrói.

Os Espíritos formam, no espaço, grupos ou famílias, unidos pela afeição, a simpatia e a similitude das inclinações. Esses Espíritos, felizes por estarem juntos, se procuram; a encarnação separa-os só momentaneamente, pois, após seu regresso à erraticidade, eles se reencontram, como os amigos ao retorno de uma viagem. Frequentemente mesmo, eles se associam na encarnação, quando se reúnem na mesma família ou no mesmo círculo, trabalhando juntos para seu mútuo adiantamento. Caso uns estejam encarnados e outros não estejam, não deixarão de estar unidos através do pensamento; os que estão livres velam pelos que estão em cativeiro; os mais adiantados buscam fazer que progridam os retardatários. Após cada existência, terão dado um passo na estrada da perfeição; cada vez menos presos à matéria, sua afeição é mais viva, justamente porque eles estão mais depurados e porque ela não é perturbada pelo egoísmo nem pelas nuvens das paixões. Eles

⁴ Ver, quanto aos desenvolvimentos do dogma da reencarnação, *O Livro dos Espíritos*, cap.^s IV e V; *Que é o Espiritismo?*, cap. II, por Allan Kardec.

são capazes, assim, de percorrer um número ilimitado de existências corpóreas, sem que nenhuma ameaça estrague sua mútua afeição.

Fique bem claro que se trata aqui da afeição verdadeira de alma para alma, a única que sobrevive à destruição do corpo, pois os seres que se unem neste mundo só através dos sentidos não têm motivo algum de se procurarem no mundo dos Espíritos. Somente são duráveis as afeições espirituais; as afeições carnis se extinguem com a causa que as originou; ora, essa causa não existe mais no mundo dos Espíritos, ao passo que a alma existe sempre. Quanto às pessoas unidas tão só por algum fator de interesse, não são verdadeiramente nada uma para a outra: a morte as separa na terra e no céu.

19. A união e a afeição que existem entre parentes são o indício da simpatia anterior que os aproximou; por isso, ao se falar de uma pessoa cujo caráter, gostos e inclinações não conservam nenhuma similitude com os dos seus próximos, se diz que ela não é da família. Ao se dizer isso, enuncia-se uma verdade maior do que se pensa. Deus permite, nas famílias, tais encarnações de Espíritos antipáticos ou estranhos, com o duplo objetivo de servirem de provação para uns e de meio de adiantamento para outros. Em seguida, os maus vão melhorando a pouco e pouco ao contato dos bons e pelos cuidados que recebem deles; seu caráter se acalma, seus costumes se purificam, as antipatias se desfazem; eis como se estabelece a fusão entre as diferentes categorias de Espíritos, como se estabelece no mundo entre as raças e os povos.

20. O temor pelo aumento infinito da parentela, resultante da reencarnação, é um temor egoísta, que comprova que não se sente um amor assaz amplo para se estender a um grande número de pessoas. Só porque um pai possui muitos filhos, ama-os menos do que se tivesse apenas um? Mas sosseguem os egoístas: esse temor não tem fundamento. Do fato de um homem haver tido dez encarnações, não se conclui que encontrará, no mundo dos Espíritos, dez pais, dez mães, dez esposas e um número proporcional de filhos e de novos parentes; ele reencontrará sempre os mesmos seres de sua afeição, que estiveram ligados a ele no mundo, em situações diferentes, e talvez na mesma situação.

21. Vejamos agora as consequências da doutrina contrária à reencarnação. Essa doutrina anula necessariamente o conceito da preexistência da alma; sendo as almas criadas ao mesmo tempo que o corpo, não existe entre elas nenhum vínculo anterior; elas são completamente estranhas umas às outras; o pai é estranho em relação ao filho; a filiação nas famílias se acha, assim, reduzida apenas à filiação corpórea, sem nenhum laço espiritual. Não existe, pois, nenhum motivo de alguém se ufanar por contar entre os ancestrais tais ou quais personagens ilustres. Com a reencarnação, ancestrais e descendentes podem ter-se conhecido, ter vivido juntos, ter-se amado e encontrar-se reunidos mais tarde para cerrarem ainda mais seus laços de amizade.

22. Isso quanto ao passado. Quanto ao futuro, segundo os dogmas fundamentais que decorrem do conceito contrário à reencarnação, o destino das almas fica irrevogavelmente fixado após uma só existência; a fixação definitiva do destino implica a cessação total do progresso, pois, caso haja um progresso qualquer, não existe mais nenhum destino definitivo; conforme tenham as almas bem ou mal vivido, vão imediatamente para a morada dos bem-aventurados ou para o inferno eterno; *elas são*

assim imediatamente separadas para sempre, e sem esperança de se aproximarem jamais, de sorte que pais, mães e filhos, maridos e esposas, irmãos, irmãs, amigos, não estão nunca certos de se reverem: é a ruptura mais absoluta dos laços de família.

Com a reencarnação e o progresso dela conseqüente, todos os que se amaram se encontram na terra e no espaço, e gravitam juntos para irem a Deus. Se existem os que fracassam na caminhada, retardam seu adiantamento e sua felicidade; mas a esperança não se perdeu de vez; ajudados, encorajados e amparados pelos que os amam, sairão um dia do lodaçal em que se espojaram. Com a reencarnação, enfim, existe solidariedade perpétua entre os encarnados e os desencarnados; daqui o estreitamento dos laços de afeição.

23. Em resumo, quatro possibilidades se apresentam ao homem, para seu futuro de além-túmulo: 1.^a) o nada, segundo a doutrina materialista; 2.^a) a absorção no todo universal, conforme a doutrina panteísta; 3.^a) a individualidade, com fixação definitiva do destino, consoante a doutrina da Igreja; 4.^a) a individualidade, com progressão infinita, de acordo com a doutrina espírita. Segundo as duas primeiras, os laços de família se rompem após a morte, e não existe nenhuma esperança de os seres se reencontrarem; com a terceira, existe ocasião favorável para que se revejam, desde que estejam no mesmo ambiente, ambiente que pode ser o inferno ou o paraíso; com a pluralidade das existências, que é inseparável da progressão gradual, existe a certeza da continuidade das relações entre os que se amam; eis o que constitui a verdadeira família.

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

Limites da encarnação.

24. Quais são os limites da encarnação?

A encarnação não tem de fato, propriamente dito, limites claramente traçados, caso se entenda aí o invólucro que constitui o corpo do Espírito, já que a materialidade desse invólucro vai diminuindo à medida que o Espírito se vai purificando. Em certos mundos mais avançados que a Terra, a encarnação já se acha menos compacta, menos pesada e menos grosseira, e, por conseguinte, sujeita a menores vicissitudes; em um nível mais elevado, ela é diáfana e quase fluida; de grau em grau, ela se desmaterializa e chega a se confundir com o perispírito. Conforme o mundo ao qual o Espírito é chamado a viver, este toma o invólucro adequado à natureza desse mundo.

Mesmo o perispírito sofre transformações sucessivas; ele se eteriza mais e mais, até a purificação completa, que constitui os puros Espíritos. Se alguns mundos especiais são dedicados, como paragens, aos Espíritos mais adiantados, estes não ficam em absoluto circunscritos a eles, como nos mundos inferiores; o estado de desprendimento em que se

encontram lhes permite transportarem-se a todo lugar para onde os chamam as missões que lhes são confiadas.

Caso se considere a encarnação do ponto de vista material, tal como a vemos na Terra, pode-se dizer que fica limitada aos mundos inferiores; depende do Espírito, por conseguinte, livrar-se deste mundo mais ou menos prontamente, em trabalhando por sua purificação.

Deve-se considerar também que, estando na erraticidade, ou seja, no intervalo das existências corpóreas, a situação do Espírito permanece relacionando-se com a natureza do mundo ao qual o liga seu nível de adiantamento; assim, na erraticidade, ele é mais ou menos feliz, livre e esclarecido, conforme seja mais ou menos desmaterializado. (SÃO LUÍS. Paris, 1859.)

Necessidade da encarnação.

25. *A encarnação é uma punição, e só Espíritos culpados ficam submetidos a ela?*

A passagem dos Espíritos através da vida corporal é necessária para que sejam capazes de realizar, com o auxílio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia; ela é necessária para eles mesmos, porque a atividade que são obrigados a executar ajuda no desenvolvimento da inteligência. Sendo Deus soberanamente justo, tem de repartir tudo por igual por todos os seus filhos; eis porque ele oferece a todos um mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, *as mesmas obrigações para cumprir e a mesma liberdade de agir*; qualquer privilégio seria uma preferência e qualquer preferência uma injustiça. Mas a encarnação não passa para todos os Espíritos de um estado transitório; é um encargo que Deus lhes impõe, ao início da vida, como primeira prova do uso que darão a seu livre-arbítrio. Os que cumprem esse encargo com zelo franqueiam rapidamente e menos penosamente os primeiros degraus da iniciação, e desfrutam mais cedo o fruto de seus trabalhos. Aqueles, ao contrário, que fazem um mau uso da liberdade que Deus lhes concede atrasam seu adiantamento; eis porque, dada sua obstinação, eles são capazes de adiar indefinidamente a necessidade de se reencarnarem; é então que a encarnação se transforma em castigo. (SÃO LUÍS. Paris, 1859.)

26. *Observação.* Uma comparação trivial fará melhor compreender essa diferença. O estudante só alcança graduar-se no conhecimento, após haver percorrido as séries de estudos que o conduzem para lá. Esses estudos, qualquer que seja o trabalho que exijam, são o meio de chegar ao objetivo, e não uma punição. O estudante laborioso encurta o caminho, e aí encontra menos espinhos; sucede diferentemente com aquele cuja negligência e cuja preguiça obrigam a repetir certas séries. Não é o trabalho da série que é uma punição, mas a obrigação de recomeçar o mesmo trabalho.

Assim sucede ao homem na Terra. Para o Espírito do selvagem que está quase no início da vida espiritual, a encarnação é um meio de desenvolver sua inteligência, mas, para o homem esclarecido em quem o senso moral está amplamente desenvolvido, e que está

obrigado a redobrar as etapas de uma vida corpórea plena de angústia, embora pudesse já haver chegado ao fim, é um castigo, pela necessidade em que se encontra de aumentar sua estada nos mundos inferiores e infelizes. Quem, ao contrário, trabalha ativamente para seu progresso moral é capaz de não só encurtar a duração da encarnação material, mas também franquear de uma só vez os degraus intermediários que o separam dos mundos superiores.

Não teriam os Espíritos como encarnar-se uma só vez em um mesmo globo, e cumprir suas diferentes existências em esferas diferentes? Este conceito só seria admissível, se os homens estivessem na Terra exatamente no mesmo nível intelectual e moral. As diferenças que existem entre eles, desde o selvagem até o homem civilizado, mostram os degraus que são chamados a subir. A encarnação, de resto, tem de apresentar um fim útil; ora, qual seria aquele das encarnações efêmeras, das crianças que morrem em tenra idade? Elas teriam sofrido sem proveito para si e para outrem; Deus, cujas leis são absolutamente sábias, não faz nada de inútil. Através da reencarnação no mesmo globo, quis ele que, achando-se de novo os mesmos Espíritos em contato, tivessem ocasião de reparar seus recíprocos malefícios; por causa de suas relações anteriores, quis ele, além disso, firmar os laços de família em uma base espiritual, e assentar sobre uma lei natural os princípios de solidariedade, de fraternidade e de igualdade.

CAPÍTULO V

BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS.

Justiça das aflições. — Causas atuais das aflições. — Causas anteriores das aflições. — Esquecimento do passado. — Motivos de resignação. — O suicídio e a loucura. — *Mensagens dos Espíritos*: Bem e mal sofrer. — O mal e o remédio. — A felicidade não é deste mundo. — Perdas de pessoas amadas. Mortes prematuras. — Se fosse um homem de bem, teria morrido. — Os tormentos voluntários. — A infelicidade verdadeira. — A melancolia. — Provações voluntárias. O verdadeiro cilício. — Pode-se pôr cobro às provações do próximo? — É permitido abreviar a vida de um doente que sofre sem esperança de cura? — Sacrifício da própria vida. — Proveito dos sofrimentos para outrem.

1. Bem-aventurados os que estão chorando, porque serão consolados. — Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. — Bem-aventurados os que estão sofrendo perseguição pela justiça, porque o reino dos céus é para eles. (São Mateus, v: 4, 6 e 10.)

2. Vocês são bem-aventurados, vocês que são pobres, porque o reino dos céus é para vocês. — Vocês são bem-aventurados, vocês que estão tendo fome agora, porque serão saciados. — Vocês são felizes, vocês que estão chorando agora, porque irão sorrir. (São Lucas, vi: 20 e 21.)

Mas infelizes de vocês, ricos, porque estão tendo sua consolação no mundo. — Infelizes de vocês que estão saciados, porque terão fome. — Infelizes de vocês que estão rindo agora, porque serão condenados aos prantos e às lágrimas. (São Lucas, vi: 24 e 25.)

Justiça das aflições.

3. As compensações que Jesus promete aos aflitos da Terra não têm como acontecer senão na vida futura; sem a certeza do amanhã, essas máximas seriam um contrassenso, mais ainda, seriam um logro. Até com essa certeza se compreende com dificuldade que seja útil o sofrimento para se ser feliz. É para haver, dizem, mais mérito; mas, então, a gente se pergunta por que uns sofrem mais que os outros; por que uns nascem na miséria e outros, na opulência, sem que nada tenham feito para justificar essa situação; por que uns não conseguem nenhum sucesso, ao passo que, para outros, tudo parece sorrir. Mas o que se compreende ainda menos é ver os bens e os males com tanta disparidade repartidos entre o vício e a virtude; ver os homens virtuosos sofrerem ao lado dos maus que prosperam. A fé no futuro é capaz de consolar e de dar paciência, mas não explica tais anomalias, que parecem desmentir a justiça de Deus.

Não obstante, desde que se admita Deus, não se tem como concebê-lo sem o infinito das perfeições; ele tem que ser todo poder, todo justiça, todo bondade, sem o que não seria Deus. Se Deus é soberanamente bom e justo, não tem como agir por capricho nem com parcialidade. *Logo, as vicissitudes da vida têm uma causa e, como Deus é justo, essa causa tem que ser justa.* Eis aí do que todos têm que se compenetrar bem. Deus pôs os homens no caminho dessa causa através dos ensinamentos de Jesus, e agora, julgando-os assaz maduros para compreendê-la, ele a revela totalmente por meio do *espiritismo*, ou seja, da *voz dos Espíritos*.

Causas atuais das aflições.

4. As vicissitudes da vida são de dois tipos, ou melhor, têm duas procedências bem diferentes, o que é importante distinguir: umas têm sua causa na vida presente; outras, fora desta vida.

Ao remontar à procedência dos males terrenos, a gente reconhecerá que muitos são a consequência natural do caráter e da conduta dos que os sofrem.

Quantos homens tombam por sua própria culpa! Quantos são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição!

Quantas pessoas arruinadas por falta de disciplina, de perseverança, por mau procedimento ou por não terem sabido limitar seus desejos!

Quantas uniões infelizes, porque mais não foram que um cálculo de interesse ou de vaidade, e porque o coração não serviu para nada!

Que de dissensões, de querelas funestas poderiam ter sido evitadas com mais moderação e menos suscetibilidade!

Quantas moléstias e indisposições resultam da intemperança e dos excessos de todo tipo!

Quantos pais são infelizes com seus filhos, porque não combateram suas más tendências em seu início. Por fraqueza ou indiferença, deixaram que se desenvolvessem neles as sementes do orgulho, do egoísmo e da tola vaidade, que ressecam o coração; no

entanto, colhendo mais tarde o que semearam, eles se espantam e se afligem com sua falta de consideração e sua ingratidão.

Que todos os que são tocados no coração pelas vicissitudes e pelas decepções da vida interroguem friamente sua consciência; que remontem a pouco e pouco à origem dos males que os afligem, e eles verão se, como ocorre quase sempre, não lhes cabe dizer: “*Se eu houvesse feito ou não houvesse feito tal coisa, eu não estaria nesta situação.*”

Logo, a quem atribuir todas essas aflições, se não for a si mesmo? O homem se constitui, assim, em um grande número de casos, no artífice de seus próprios infortúnios; mas, em lugar de reconhecê-lo, ele acha mais simples, menos humilhante para sua vaidade, acusar o destino, a Providência, a oportunidade ruim, sua má estrela, entretanto sua má estrela se acha em sua incúria.

Os males dessa natureza formam, seguramente, um contingente bastante considerável dentre as vicissitudes da vida; o homem os evitará, quando trabalhar para sua melhoria moral tanto quanto para sua melhoria intelectual.

5. A lei humana abrange certas faltas e as pune; o condenado pode, pois, dizer que sofreu a consequência do que fez; mas a lei não abrange nem tem como abranger todas as faltas; ela pune mais especialmente os que prejudicam a sociedade, e não as faltas que são nocivas só para os que as cometem. Mas Deus deseja o progresso de todas as suas criaturas; eis porque ele não deixa impune nenhum desvio do reto caminhar; não existe uma só falta, por mais leve que seja, uma só infração à sua lei que não tenha consequências obrigatórias e inevitáveis, mais ou menos detestáveis; donde se segue que, nas pequenas coisas como nas grandes, o homem é sempre punido naquilo em que pecou. Os sofrimentos resultantes são uma advertência de que ele procedeu mal; eles lhe proporcionam a experiência, fazem-no sentir a diferença do bem e do mal e a necessidade de se melhorar, para evitar, no futuro, o que foi para ele uma fonte de pesares, sem o que ele não teria nenhum motivo para se emendar; confiante na impunidade, ele retardaria seu adiantamento e, por conseguinte, sua felicidade futura.

Mas a experiência chega, às vezes, um pouco tarde, quando a vida foi estragada e atrapalhada, quando as forças se gastaram e quando o mal não tem remédio; então o homem começa a dizer: Se no início da vida, eu soubesse o que sei agora, quantas erros eu teria evitado! *Se pudesse recomeçar*, eu procederia bem diferentemente; mas não existe mais tempo para isso! Como o trabalhador preguiçoso diz: *eu perdi meu dia*, ele também diz: *eu perdi minha vida*; mas, do mesmo jeito que, para o trabalhador, o sol se levanta de manhã e um novo dia começa que lhe permite reparar o tempo perdido, para ele também, após a noite do sepulcro, luzirá o sol de uma nova vida, na qual terá como pôr em prática a experiência do passado e suas boas resoluções para o futuro.

Causas anteriores das aflições.

6. Mas, se existem males cuja primeira causa nesta vida é o homem, existem outros em relação aos quais, aparentemente pelo menos, ele é estranho, e que parecem atingi-lo por fatalidade. Assim é, por exemplo, com a perda de seres queridos e dos pais de família; assim são também os acidentes que nenhuma previsão tinha como impedir; os reveses da fortuna, que inutilizam todas as medidas de prudência; os flagelos naturais; depois as moléstias de nascença, sobretudo as que tiram dos infelizes os meios de ganharem sua vida pelo trabalho: as deformidades, a idiotia, o cretinismo etc.

Os que nascem em tais condições, seguramente, não fizeram nada nesta vida para merecer um destino tão triste, sem reparação, que eles não tinham como evitar, que eles são incapazes de mudar por si mesmos e que os põe à mercê da comiseração pública. Por que existem seres tão desgraçados, ao passo que, a seu lado, debaixo do mesmo teto, na mesma família, outros são melhor aquinhoados em todos os aspectos?

Que dizer, enfim, das crianças que morrem em tenra idade e não conheceram da vida senão os sofrimentos? Problemas que nenhuma filosofia conseguiu ainda resolver, anomalias que nenhuma religião conseguiu justificar, e que seriam a negação da bondade, da justiça e da providência de Deus, na hipótese de que a alma se criou junto com o corpo e de que seu destino está irrevogavelmente fixado após uma estadia de alguns instantes no mundo. Que fizeram elas, essas almas que acabam de sair da mãos do Criador, para suportar tantas misérias neste mundo e para merecer, no futuro, uma recompensa ou uma punição qualquer, desde que não tiveram como praticar nem o bem nem o mal?

Não obstante, em virtude do axioma de que *todo efeito tem uma causa*, essas misérias são efeitos que hão de ter uma causa; e, desde que se admita um Deus justo, essa causa tem que ser justa. Ora, precedendo sempre a causa ao efeito, como não se situa na vida atual, ela tem que ser anterior a esta vida, quer dizer, pertencer a uma existência precedente. Por outro lado, não tendo Deus como punir pelo bem que se praticou, nem pelo mal que não se praticou, se nós somos punidos, é que praticamos o mal; se não praticamos o mal nesta vida, nós praticamos em uma outra. Eis uma alternativa à qual é impossível escapar, e na qual a lógica afirma de que lado está a justiça de Deus.

Logo, nem sempre o homem é punido ou completamente punido, em sua existência atual, mas ele não escapa jamais às consequências de suas faltas. A prosperidade do mau não é mais que momentânea e, se ele não expia hoje, expiará amanhã, enquanto quem sofre é para expiar seu passado. A infelicidade que, de início, parece imerecida, tem, assim, sua razão de ser, e quem sofre pode sempre dizer: “Perdoe-me, Senhor, porque eu pequei.”

7. Os sofrimentos por causas anteriores são, o mais das vezes, como os das faltas atuais, a consequência natural da falta cometida; quer dizer que, dada uma justiça distributiva rigorosa, o homem sofre o que fez sofrer aos outros; se foi duro e desumano, poderá ser, a seu turno, tratado duramente e com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em uma situação humilhante; se foi avaro, egoísta, ou se fez mau uso de sua fortuna, poderá ser privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer com seus filhos etc.

Assim se explicam, através da pluralidade das existências e da destinação da Terra como mundo expiatório, as anomalias que apresenta a distribuição da felicidade e da

infelicidade entre os bons e os maus. Tal anomalia existe em aparência só porque se toma como ponto de vista apenas a vida presente; mas, se a gente se eleva, pelo pensamento, de maneira a abarcar uma série de existências, se verá que se dá a cada um a parte que merece, sem prejuízo do que lhe é dado no mundo dos Espíritos, e se verá que a justiça de Deus não deixa de cumprir-se jamais.

O homem não pode jamais perder de vista que está em um mundo inferior, onde se mantém apenas por causa de suas imperfeições. A cada vicissitude, tem de dizer a si mesmo que, se pertencesse a um mundo mais adiantado, isso não lhe ocorreria, e que só depende dele não mais voltar para cá, em trabalhando por sua melhoria.

8. As tribulações da vida têm como ser impostas aos Espíritos insensíveis, ou muito ignorantes para uma escolha com conhecimento de causa, mas são elas livremente escolhidas e aceitas pelos Espíritos *arrepentidos* que querem reparar o mal que praticaram e tentar agir melhor. Assim sucede com quem, tendo feito mal sua tarefa, pede para recomeçá-la, para não perder o benefício de seu trabalho. Essas tribulações são, pois, de uma só vez, as expiações pelo passado que castigam, e as provações pelo futuro que preparam. Rendamos graças a Deus que, em sua bondade, proporciona ao homem a faculdade da reparação, e não o condena irrevogavelmente na primeira falta.

9. Não se deve julgar, contudo, que todo sofrimento suportado neste mundo seja necessariamente o indício de uma falta determinada; são geralmente simples provações escolhidas pelo Espírito para encerrar sua purificação e apressar seu adiantamento. Assim, a expiação serve sempre como provação, mas a provação nem sempre é uma expiação; mas provações e expiações são sempre os sinais de uma inferioridade relativa, pois quem é perfeito não tem necessidade de ser experimentado. Logo, um Espírito pode ter adquirido um certo nível de elevação, mas, desejando progredir mais, solicita uma missão, uma tarefa para cumprir, pela qual será tanto mais recompensado, se dela sair vitorioso, quanto a luta tiver sido mais penosa. São essas, mais especificamente, as pessoas de instintos naturalmente bons, de alma elevada, de nobres sentimentos inatos, que parecem não haver trazido nada de mau de sua existência precedente, e que sofrem com uma resignação toda cristã as maiores dores, rogando a Deus para suportá-las sem queixa. A gente pode, ao contrário, considerar como expiações as aflições que excitam as queixas e incitam o homem à revolta contra Deus.

O sofrimento que não excita queixas pode, sem dúvida, constituir uma expiação, mas é o indício de que foi escolhido antes voluntariamente que imposto; e a prova de uma resolução forte, o que é um sinal de progresso.

10. Os Espíritos não têm como aspirar à felicidade perfeita senão quando forem puros: qualquer nódoa lhes interdita a entrada dos mundos felizes. Sucede a eles como com os passageiros de um navio atingido pela peste, aos quais a entrada de uma cidade fica interdita até que estejam purificados. É em suas diversas existências corpóreas que os Espíritos se despojam, a pouco e pouco, de suas imperfeições. As provações da vida promovem adiantamento, quando são bem suportadas; na qualidade de expiações, eliminam as faltas e purificam: esse é o remédio que limpa a ferida e cura o doente; quanto mais o mal seja grave, tanto mais o remédio tem que ser enérgico. Logo, quem muito sofre

precisa dizer a si mesmo que tinha muito o que expiar e alegrar-se de ter sido curado tão cedo; depende dele mesmo, através de sua resignação, tornar esse sofrimento proveitoso e não lhe perder os frutos através de suas queixas, sem o que lhe caberia recomeçar.

Esquecimento do passado.

11. É inócuo pretextar que o esquecimento é um obstáculo ao que se pudesse aproveitar da experiência das existências anteriores. Se Deus julgou conveniente jogar um véu sobre o passado, é que isso pode ser útil. Com efeito, essa lembrança teria inconvenientes muito graves; ela alcançaria, em certos casos, humilhar-nos particularmente, ou ainda exaltar nosso orgulho e, por tal meio, entravar nosso livre-arbítrio; em todo caso, teria causado uma perturbação inevitável para as relações sociais.

O Espírito renasce geralmente no mesmo ambiente onde já viveu, e se acha em relação com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes haja feito. Se reconhecesse nelas as que ele tinha odiado, seu ódio talvez recrudescesse; em todo caso, acabaria humilhando-se diante das pessoas que houvesse ofendido.

Deus nos propiciou, para nos melhorarmos, justamente o que nos é necessário e nos pode ser suficiente: a voz da consciência e nossas tendências instintivas; ele nos toma o que nos poderia ser nocivo.

O homem traz, ao nascer, o que assimilou; ele nasce o que fez de si; cada existência é para ele um novo ponto de partida; pouco lhe importa saber o que foi: está sendo punido; é que praticou o mal; suas más tendências atuais constituem o indício do que lhe falta corrigir, e é nisso que tem de concentrar toda a sua atenção, pois não resta mais sinal do que foi completamente corrigido. As boas resoluções que tomou constituem a voz da consciência, que o adverte do que está bem ou mal e lhe dá a força para resistir às más tentações.

De resto, esse esquecimento só acontece durante a vida corpórea. Voltando à vida espiritual, o Espírito reencontra a recordação do passado; logo, não passa de uma interrupção momentânea, como a que ocorre na vida terrena durante o sono, que não impede de se lembrar no dia seguinte do que se fez na véspera e nos dias precedentes.

Realmente, não é apenas após a morte que o Espírito recobra a recordação de seu passado; pode-se dizer que ele não a perde jamais, pois a experiência comprova que, estando encarnado, durante o sono do corpo, quando goza de uma certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; ele sabe por que sofre e que sofre justamente; a recordação se desvanece apenas durante os relacionamentos da vida exterior. Mas, à falta de uma lembrança exata que lhe poderia ser penosa e prejudicar seus relacionamentos sociais, ele sorve novas forças nesses instantes de emancipação da alma, se souber tirar proveito deles.

Motivos de resignação.

12. Por estas palavras: *Bem-aventurados os aflitos, pois eles serão consolados*, Jesus indica, de uma vez, a reparação que aguarda pelos que sofrem e a resignação que faz bendizer o sofrimento como o prelúdio da cura.

Tais palavras podem ainda ser traduzidas assim: Vocês têm que se julgar felizes por sofrer, porque suas dores neste mundo representam a dívida de suas faltas passadas, e essas dores, se suportadas pacientemente na Terra, lhes poupam séculos de sofrimento na vida futura. Logo, vocês têm que ficar felizes pelo fato de Deus reduzir sua dívida, permitindo-lhes quitá-la presentemente, o que lhes assegura a tranquilidade para o futuro.

O homem que sofre é como um devedor que deve uma grossa soma, a quem o credor diz: “Se você me pagar hoje mesmo a centésima parte, eu considerarei quitado todo o resto e você ficará livre; se você não fizer isso, eu irei persegui-lo até que tenha pago o último tostão.” Não ficaria feliz o devedor de suportar todo tipo de privação para se livrar, pagando somente um centésimo do que deve? Ao invés de se queixar de seu credor, não lhe dirá *obrigado*?

Tal é o sentido das palavras: “Bem-aventurados os aflitos, pois eles serão consolados”; eles são felizes porque estão pagando e porque, após pagarem, ficarão livres. Mas, se, apesar de pagar de um lado, a gente se endivida de outro, não se chegará jamais a ser livre. Ora, cada nova falta aumenta a dívida, porque não há uma só falta, qualquer que seja, que não arraste consigo sua punição forçosa, inevitável; se não for hoje, será amanhã; se não for nesta vida, será na outra. Entre tais faltas, é preciso que se coloque em destaque a falta de submissão à vontade de Deus; portanto, se, nas aflições, a gente se queixa, se a gente não as aceita com resignação, como algo que se fez por merecer, se a gente acusa a Deus de injustiça, contrai-se uma nova dívida, que faz que se perca o benefício que se tinha como granjear do sofrimento; eis porque será preciso recomeçar exatamente como se, a um credor que atormenta, a gente paga uma prestação, e, ao mesmo tempo, pede um novo empréstimo.

À sua entrada no mundo dos Espíritos, o homem se acha ainda como o trabalhador que se apresenta no dia do pagamento. A uns, o patrão dirá: “Eis aqui a quantia correspondente aos seus dias de trabalho”; a outros, aos felizes da vida, aos que passaram o tempo na ociosidade, aos que puseram sua felicidade na satisfação do amor-próprio e dos prazeres mundanos, ele dirá: “A vocês não se deve nada, pois vocês receberam seu salário no mundo. Vão e recomecem sua tarefa.”

13. O homem é capaz de suavizar ou de fazer crescer a amargura de suas provações, pelo modo como encara a vida terrena. Ele sofre tanto mais quanto mais longa lhe parece a duração de seu sofrimento; ora, quem se coloca segundo a perspectiva da vida espiritual abarca com um golpe de vista a vida corpórea; ele a vê como um ponto no infinito, ao compreender sua brevidade, e diz para si mesmo que esse momento penoso bem depressa passará; a certeza de um futuro próximo mais feliz o ampara e o encoraja, e, ao invés de se lastimar, ele agradece ao céu as dores que o fazem progredir. Para quem, ao contrário, vê apenas a vida corpórea, esta parece interminável, e a dor lhe pesa com todo o

seu peso. O resultado da perspectiva espiritual de encarar a vida é o de diminuir a importância das coisas deste mundo, de levar o homem a moderar seus desejos e a contentar-se com sua situação, sem invejar a dos outros, de atenuar a comoção moral dos reveses e das decepções que experimenta; ele haure aí uma calma e uma resignação tão úteis à saúde do corpo como à da alma, ao passo que, através da inveja, do ciúme e da ambição, ele se rende voluntariamente ao tormento, e o acrescenta às misérias e às angústias de sua curta existência.

O suicídio e a loucura.

14. A calma e a resignação hauridas na maneira de encarar a vida terrena e na fé no futuro propiciam ao Espírito uma serenidade que é o melhor resguardo contra a *loucura e o suicídio*. Com efeito, é certo que os casos de loucura, em sua maioria, são devidos à comoção produzida pelas vicissitudes que o homem não consegue suportar; portanto, se, pelo modo através do qual o espiritismo o faz enfrentar as coisas deste mundo, ele aceita com indiferença, com alegria mesmo, os reveses e as decepções que o teriam desesperado em outras circunstâncias, é evidente que essa força, que o situa acima dos eventos, preserva sua razão dos distúrbios que, sem isso, o teriam abalado.

15. Sucede o mesmo com o suicídio; se a gente excetuar os que se dão em situação de embriaguez e de loucura, e que se podem chamar de inconscientes, é certo que, quaisquer que sejam os motivos específicos, se tem sempre como causa um descontentamento. Ora, quem está convicto de estar infeliz só por um dia e de ficar melhor pelos dias vindouros, consegue facilmente ser paciente; ele não se desespera senão quando não percebe que seus sofrimentos têm fim. O que é a vida humana em comparação com a eternidade senão bem menos que um dia? Mas, quem não acredita na eternidade, quem acredita em que nele tudo termina com a vida, caso fique prostrado pelo desgosto e pelo infortúnio, não vê fim senão na morte; não esperando nada, acha bem natural, bastante lógico mesmo, eliminar suas misérias através do suicídio.

16. A incredulidade, a simples dúvida quanto ao futuro, as ideias materialistas, em suma, são os maiores excitantes ao suicídio: elas causam a *frouxidão moral*. E quando se veem os homens de ciência apoiarem-se na autoridade de seu saber, esforçando-se para comprovarem a seus ouvintes ou a seus leitores que não têm nada que esperar para após a morte, não é o mesmo que levá-los à consequência de que, se forem infelizes, eles não têm nada melhor a fazer do que se matar? Que poderiam dizer para demovê-los disso? Que compensação lhes podem oferecer? Que esperança lhes podem propiciar? Nenhuma outra coisa senão o nada. Donde é preciso concluir que, se o nada é o único remédio heroico, a única perspectiva, é preferível entregar-se a ele logo a postergá-lo, e sofrer, assim, menos tempo.

A propagação das ideias materialistas é, pois, o veneno que inacula em muita gente a ideia do suicídio, e os que se constituem em seus apóstolos assumem terrível

responsabilidade. Com o espiritismo, não sendo mais tolerada a dúvida, o aspecto da vida muda; o crente sabe que a vida se prolonga indefinidamente além-túmulo, mas sob condições bem diferentes; daqui a paciência e a resignação que demovem, de forma totalmente natural, do pensamento do suicídio; daqui, em suma, a *coragem moral*.

17. O espiritismo apresenta ainda, sob esse aspecto, um outro resultado da mesma forma positivo, e quiçá mais categórico. Ele nos mostra os próprios suicidas vindo prestar conta de sua posição infeliz e provar que ninguém viola impunemente a lei de Deus, que proíbe o homem de abreviar sua vida. Entre os suicidas, existe um sofrimento que, nem por ser temporário em vez de eterno, é menos terrível, e de natureza a dar a refletir a qualquer um que venha a ser tentado a daqui partir antes da ordem de Deus. Logo, o espírita tem, como contrapeso ao pensamento do suicídio, muitos motivos: a *certeza* de uma vida futura, na qual ele *sabe* que será tanto mais feliz quanto tiver sido mais infeliz e mais resignado no mundo; a *certeza* de que, abreviando sua vida, ele chega justamente a um resultado bem diferente do que esperava; que se livra de um mal para obter um pior, mais longo e mais terrível; que se engana se julgar que, ao se matar, irá mais depressa para o céu; que o suicídio é um obstáculo ao fato de se reunir, no outro mundo, aos objetos de sua afeição, que esperava lá reencontrar; daqui a consequência de que o suicídio, não lhe proporcionando senão decepções, é contrário a seus próprios interesses. Por isso, o número de suicídios obstados pelo espiritismo é considerável e é possível concluir que, quando todo o mundo for espírita, não existirão mais suicídios conscientes. Comparando-se, portanto, os resultados das doutrinas materialista e espírita apenas sob o ponto de vista do suicídio, percebe-se que a lógica de uma conduz a ele, ao passo que a lógica da outra o impede, o que é confirmado pela experiência.

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

Bem sofrer e mal sofrer.

18. Quando o Cristo disse: “Bem-aventurados os aflitos: o reino dos céus é deles”, não compreendia os que sofrem em geral, pois todos os que estão neste mundo sofrem, estejam sobre o trono ou sobre a palha; mas, coitados, poucos sofrem bem; poucos entendem que são as provações bem suportadas as únicas capazes de conduzir ao reino de Deus. O desencorajamento é uma falta; Deus lhes recusa as consolações, porque vocês não têm coragem. A prece é um amparo para a alma, mas não basta: é preciso que seja amparada em uma fé viva na bondade de Deus. Disseram-lhes muitas vezes que ele não coloca um fardo pesado sobre ombros frágeis; mas o fardo é proporcional às forças, como a recompensa será proporcional à resignação e à coragem; a recompensa será mais magnífica, mais a aflição seja penosa; mas essa recompensa é preciso merecê-la, e é por isso que a vida é plena de tribulações.

O militar que não é enviado para diante do fogo não fica contente, porque o repouso do acampamento não lhe possibilita nenhuma promoção; sejam, portanto, como o militar e não desejem um repouso no qual se debilitaria seu corpo e se entorpeceria sua alma. Fiquem satisfeitos, quando Deus lhes envia a luta. Essa luta não é o fogo da batalha, mas as amarguras da vida, onde é preciso, às vezes, mais coragem do que em um combate sangrento, pois quem permanecer firme perante o inimigo será bem capaz de ceder sob a pressão de uma pena moral. O homem não recebe qualquer recompensa por esse tipo de coragem, mas Deus lhe reserva seus louros e um lugar glorioso. Quando lhes ocorrer algo que lhes cause sofrimento ou contrariedade, cuidem de ficar por cima, e quando conseguirem subjugar os impulsos da impaciência, da cólera ou do desespero, digam com justa satisfação: “Eu fui o mais forte.”

Bem-aventurados os aflitos pode, pois, traduzir-se assim: Bem-aventurados os que têm a oportunidade de comprovar sua fé, sua firmeza, sua perseverança e sua submissão à vontade de Deus, porque eles terão o cêntuplo da alegria que lhes falta no mundo, e porque, após a fadiga, virá o repouso. (LACORDAIRE. Havre, 1863.)

O mal e o remédio.

19. Sua terra é um lugar de alegria, um paraíso de delícias? A voz do profeta não ressoa mais em seus ouvidos? Não bradou ela que haveria choro e ranger de dentes para os que nascessem neste vale de dores? Vocês que vieram aqui viver esperem, pois, pelas lágrimas cáusticas e pelas penas amargas, e quanto mais as dores lhes forem agudas e profundas, olhem para o céu e bendigam o Senhor, por haver desejado pô-los à prova!... Ó homens! Vocês só reconhecerão o poder de seu Senhor, quando ele tiver curado as chagas de seu corpo e coroado seus dias de beatitude e de alegria?! Vocês só reconhecerão seu amor, quando ele tiver enfeitado o corpo de vocês com todas as glórias, e lhe tiver concedido seu brilho e sua alvura?! Imitem quem lhes foi dado como exemplo; tendo chegado ao último nível da abjeção e da miséria, ele se estendeu sobre uma estrumeira e disse a Deus: “Senhor! Eu conheci todas as alegrias da opulência, e o senhor me reduziu à miséria mais profunda! Obrigado, obrigado, meu Deus, por desejar experimentar seu servidor!” Até quando seus olhares cessarão nos horizontes demarcados pela morte? Quando sua alma desejará, enfim, projetar-se para além dos limites do sepulcro? Mas devessem vocês chorar e sofrer toda uma vida, que seria isso ao lado da eternidade de glória reservada a quem tiver suportado a provação com fé, amor e resignação? Busquem, pois, as consolações para seus males no futuro que Deus lhes prepara, e a causa de seus males no passado; e os que de vocês mais sofrem se julgarão os bem-aventurados do mundo.

No estado de desencarnados, quando vocês erravam pelo espaço, escolheram sua provação, porque se consideravam assaz fortes para suportá-la; por que se lastimam nesta hora? Vocês que pediram a fortuna e a glória, era para sustentar a luta contra a tentação e vencê-la. Vocês que pediram para lutar de mente e de corpo contra o mal moral e físico,

era porque sabiam que, mais a provação fosse rude, mais a vitória seria gloriosa, e que, se saíssem triunfantes, apesar de sua carne ser jogada numa estrumeira, por ocasião de sua morte ela deixaria escapar uma alma resplandecente de alvura e tornada pura pelo batismo da expiação e do sofrimento.

Portanto, qual remédio prescrever aos que foram vitimados por obsessões cruéis e males causticantes? O único infalível é a fé, é o olhar para o céu. Se, no acesso de seus mais cruéis sofrimentos, sua voz homenagear o Senhor, o anjo, à sua cabeceira, com sua mão lhes mostrará o sinal da salvação e o lugar que deverão ocupar um dia... A fé é o remédio certo para o sofrimento; ela mostra sempre os horizontes do infinito, diante dos quais desaparecem os poucos dias sombrios do presente. Então, não nos perguntem mais qual remédio é preciso empregar para curar tal úlcera ou tal ferida, tal tentação ou tal provação; lembrem-se de que quem acredita fica forte com o remédio da fé, e quem duvida um segundo de sua eficácia é punido na hora, porque sente no mesmo instante as pungentes angústias da aflição.

O Senhor marcou com seu sinete todos os que acreditam nele. O Cristo disse que a fé transporta as montanhas e eu lhes digo que quem sofre e estiver amparado pela fé será colocado sob sua égide e não sofrerá mais; os momentos das mais fortes dores serão suas primeiras notas de alegria da eternidade. Sua alma se destacará de tal forma de seu corpo que, enquanto este estiver torcendo-se em convulsões, ela volitará nas celestes regiões, cantando com os anjos os hinos de reconhecimento e de glória ao Senhor.

Felizes os que sofrem e os que choram! Que suas almas estejam em júbilo, pois serão agraciadas por Deus. (SANTO AGOSTINHO. Paris, 1863.)

A felicidade não é deste mundo.

20. Eu não sou feliz! A felicidade não foi feita para mim! — clama geralmente o homem em todas as situações sociais. Isto, meus caros filhos, comprova melhor que todos os raciocínios possíveis a verdade desta máxima do Eclesiastes: “A felicidade não é deste mundo.” Com efeito, nem a fortuna, nem o poder, nem mesmo a juventude florescente constituem as condições essenciais da felicidade; eu digo mais: nem mesmo a reunião dessas três condições tão desejadas, porquanto se ouvem sem cessar, entre as classes mais privilegiadas, pessoas de todas as idades a se lastimarem amarguradamente de sua condição de ser.

Diante de tal resultado, é inconcebível que as classes laboriosas e militantes desejem com tanta inveja a posição desses que a fortuna parece haver favorecido. Neste mundo, o que quer que se faça, cada qual tem sua parcela de trabalho e de miséria, sua quota de sofrimentos e de decepções. Donde é fácil de se chegar à conclusão de que a Terra é um lugar de provações e de expiações.

Logo, os que pregam que a Terra é a única morada do homem, e que só aqui, e em uma só existência, lhe é permitido atingir o mais alto nível das venturas que sua natureza comporta, se iludem e enganam os que os escutam, considerando que está demonstrado,

através de uma experiência arquissecular, que este globo reúne apenas excepcionalmente as condições necessárias à felicidade completa do indivíduo.

Em tese geral, tem-se como afirmar que a felicidade é uma utopia, em cuja perseguição as gerações se arremessam, sucessivamente, sem conseguir jamais alcançá-la; pois, se o homem sábio é uma raridade neste mundo, o homem totalmente feliz também não se encontra aqui.

O que constitui a felicidade na Terra é algo tão efêmero para quem a sabedoria não ampara, que, por um ano, um mês, uma semana de completa satisfação, todo o mais sucede em uma sequência de amarguras e de decepções; e notem, meus caros filhos, que eu estou falando aqui dos felizes do mundo, dos que são invejados pelas massas.

Consequentemente, se a moradia terrestre se reserva às provações e à expiação, é preciso admitir que existem, em outros lugares, moradias mais favoráveis, onde o Espírito do homem, ainda aprisionado em uma carne material, possui em plenitude as alegrias próprias da vida humana. Eis porque Deus semeou, no turbilhão da Terra, esses belos planetas superiores, para os quais seus esforços e suas tendências farão que vocês um dia gravitem, quando estiverem suficientemente purificados e aperfeiçoados.

Entretanto, não deduzam de minhas palavras que a Terra esteja para sempre votada a uma destinação penitencial; não, com certeza, pois, dos progressos cumpridos, vocês têm como deduzir facilmente os progressos futuros e, das melhorias sociais conquistadas, as novas e mais fecundas melhorias. Tal é a tarefa imensa que tem que cumprir a nova doutrina que os Espíritos lhes revelaram.

Portanto, meus caros filhos, que uma santa emulação os anime, e que cada um de vocês se desvencilhe energeticamente do velho homem. Vocês todos têm a obrigação de divulgarem esse espiritismo que já principiou sua própria regeneração. É um dever fazer partilharem seus irmãos dos raios da luz sagrada. À obra, pois, meus caríssimos filhos! Que nesta reunião solene todos os seus corações aspirem a esse objetivo grandioso de preparar para as futuras gerações um mundo onde a felicidade não seja mais uma palavra vazia. (FRANCISCO NICOLAU MADELEINE, Cardeal MORLOT. Paris, 1863.)

Perdas de pessoas amadas. Mortes prematuras.

21. Quando a morte vem ceifar em suas famílias, levando sem respeito os jovens antes dos velhos, vocês dizem geralmente: Deus não é justo, porque ele sacrifica quem é forte e cheio de futuro, para conservar os que viveram por longos anos, cheios de decepções; porque ele leva os que são úteis e deixa os que não servem mais para nada; porque ele despedaça o coração de u'a mãe, ao privá-la da inocente criatura que dava toda a sua alegria.

Humanos, é aí que vocês precisam elevar-se acima do terra-a-terra da vida, para compreenderem que o bem se acha com frequência lá onde vocês julgam ver o mal, a sábia prudência, lá onde vocês julgam ver a cega fatalidade do destino. Por que medir a justiça divina pela escala da sua? Podem vocês pensar que o senhor dos mundos deseje, por um

simples capricho, infligir-lhes penas cruéis? Nada se dá sem um objetivo inteligente e, o que quer que suceda, cada coisa tem sua razão de ser. Caso analisassem melhor todas as dores que os atingem, vocês achariam sempre a razão divina, a razão regeneradora, e seus miseráveis interesses mereceriam uma consideração secundária, que vocês remeteriam ao último lugar.

Creiam-me: a morte é preferível para uma encarnação de vinte anos a esses desregramentos vergonhosos que desolam as famílias honoráveis, que despedaçam o coração de u'a mãe e branqueiam antes do tempo os cabelos dos pais. A morte prematura é geralmente um grande benefício que Deus concede a quem se vai e se acha assim preservado das misérias da vida, ou das seduções que seriam capazes de arrastá-lo à perdição. Quem morre na flor da idade não é de fato vítima da fatalidade, porém, Deus considera que não lhe é útil continuar por mais tempo no mundo.

É uma tremenda infelicidade, dizem vocês, que uma vida tão cheia de esperanças seja tão cedo esfacelada! De que esperanças desejam vocês falar? Das do mundo, onde quem parte seria capaz de brilhar, de estabelecer seu caminho e sua fortuna? Sempre essa visão estreita que não consegue elevar-se acima da matéria! Sabem qual teria sido o destino dessa vida tão plena de esperanças, segundo vocês? Quem lhes diz que ela não estaria impregnada de amarguras? Então, não contam vocês para nada as esperanças da vida futura, já que preferem as da vida efêmera que vocês arrastam no mundo? Então, pensam vocês que mais vale possuir um lugar entre os homens que entre os Espíritos bem-aventurados?

Congratulem-se em lugar de prantear, quando aprover a Deus retirar um de seus filhos deste vale de misérias. Não é egoísmo aspirar a que ele fique, para sofrer com vocês? Ah! Essa dor se concebe em quem não tem fé e que vê na morte uma separação eterna; mas vocês, espíritas, vocês sabem que a alma vive melhor desembaraçada de seu invólucro corpóreo; mães, vocês sabem que seus filhos bem-amados estão perto de vocês: sim, eles estão pertíssimo; seus corpos fluidos os envolvem, seus pensamentos os protegem, sua lembrança os enleva de alegria; mas também seus sofrimentos desarrazoados os afligem, porque denotam uma falta de fé e porque são uma revolta contra a vontade de Deus.

Vocês que compreendem a vida espiritual, ouçam as pulsações de seu coração, ao chamar esses seres bem-amados, e, se rogem a Deus para os abençoar, vocês sentirão em si essas consolações poderosas que estancam as lágrimas e essas aspirações encantadoras que lhes mostram o futuro prometido pelo supremo Mestre. (SANSÃO, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, 1863.)

Se fosse um homem de bem, teria morrido.

22. Vocês afirmam constantemente, ao falar de um mau homem que escapa a um perigo: *Se fosse um homem de bem, teria morrido*. Muito bem, ao dizerem isso, vocês dizem a verdade, pois, efetivamente, sucede com muita frequência que Deus propicia a um Espírito, jovem ainda nas vias do progresso, uma provação mais longa que a um bom, que

receberá, em recompensa de seu mérito, o favor de uma provação o mais curta possível. Logo, quando vocês se servirem desse axioma, não suspeitem de que estejam cometendo uma blasfêmia.

Se morre um homem de bem ao lado de cuja casa esteja a de um malvado, vocês se apressam a dizer: *Seria preferível que fosse aquele outro*. Eis que vocês incidem em um erro enorme, pois quem parte findou sua tarefa, e quem fica pode ser que nem tenha começado. Por que desejariam vocês, então, que o mau não tivesse tempo de terminá-la, e que o outro continuasse atado à gleba terrestre? Que diriam de um prisioneiro que tivesse cumprido seu tempo e que se retivesse na prisão, ao passo que se oferecesse a liberdade a quem não tivesse direito? Então, fiquem sabendo que a verdadeira liberdade se acha na libertação dos liames do corpo, e que, enquanto vocês estiverem no mundo, estarão em cativo.

Acostumem-se a não criticar o que vocês não têm como compreender, e creiam que Deus é justo em todas as coisas, pois, muitas vezes, o que lhes parece um mal é um bem; mas suas faculdades são tão limitadas, que o grande todo, em seu conjunto, escapa a seus sentidos obtusos. Esforcem-se para sair, através do pensamento, de sua estreita esfera e, à medida que se forem elevando, a importância da vida terrena irá diminuindo a seus olhos, pois ela lhes aparecerá como um incidente, dentro da duração infinita de sua existência espiritual, a única existência verdadeira. (FÉNELON. Sens, 1861.)

Os tormentos voluntários.

23. O homem está incessantemente atrás da felicidade, a qual lhe escapa sempre, porque felicidade perfeita não existe no mundo. No entanto, apesar das vicissitudes que constituem o cortejo fatal desta vida, ele conseguiria, ao menos, fruir de uma felicidade relativa, porém, ele a busca nas coisas perecíveis e sujeitas às mesmas vicissitudes, quer dizer, nos prazeres materiais, em lugar de buscá-la nos prazeres da alma, que são um antegozo dos prazeres celestes imperecíveis; em lugar de procurar a *paz do coração*, única felicidade verdadeira neste mundo, ele está ávido de tudo o que pode agitá-lo e perturbá-lo; e, coisa singular, parece criar para si, de propósito, os tormentos que não competia senão a ele evitar.

Existem tormentos maiores do que os que a inveja e o ciúme causam? Para os invejosos e os ciumentosos de fato não existe repouso: eles estão perpetuamente febris; o que eles não têm e o que os outros possuem lhes causam insônias; os sucessos de seus rivais lhes dão vertigem; seu estímulo só desperta para eclipsar seus vizinhos; toda a sua alegria está em excitar, nos insensatos como eles, a raiva do ciúme de que são possuidores. Pobres insensatos, com efeito, que não pensam que amanhã talvez será preciso abandonar todas essas ninharias cuja cobiça envenena sua vida! Não é a eles que se aplica esta expressão: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”, pois suas inquietações não estão entre as que alcançam sua compensação no céu.

De quantos tormentos, ao contrário, se esquivava quem consegue satisfazer-se com o que tem, que vê sem inveja o que não tem, que não busca parecer mais do que é. Ele se acha rico para sempre, pois, se olhar para baixo de si em lugar de olhar para cima, verá sempre pessoas que têm menos ainda; ele permanece calmo, porque não cria necessidades quiméricas, e a calma, no meio das tempestades da vida, não é uma felicidade? (FÉNELON. Lião, 1860.)

A infelicidade verdadeira.

24. Todo o mundo fala da infelicidade, todo o mundo a sentiu e acredita conhecer seu caráter múltiplo. Quanto a mim, eu venho dizer-lhes que quase todo o mundo se engana, pois a infelicidade verdadeira não é absolutamente o que os homens, quer dizer, os infelizes supõem. Eles a veem na miséria, na lareira sem fogo, no credor intransigente, no berço vazio do anjo que sorria, nas lágrimas, no esquife que se segue com a cabeça descoberta e o coração partido, na angústia da traição, no desnudamento do orgulho que desejava adornar-se de púrpura e que mal esconde sua nudez nos andrajos da vaidade; tudo isso, e muitas outras coisas ainda, chamam de infelicidade na linguagem humana. Sim, essa é a infelicidade para os que não veem senão o presente; mas a verdadeira infelicidade se acha nas consequências de uma coisa mais que na coisa em si mesma. Digam-me se o evento mais feliz neste momento, mas que traz resultados funestos, não é, na realidade, mais infeliz do que o que causa, de início, viva contrariedade, mas termina por produzir o bem. Digam-me se a tormenta que destrói suas árvores, mas saneia o ar, dissipando os miasmas insalubres que teriam causado a morte, não é antes uma felicidade que uma infelicidade.

Para julgar uma coisa, é preciso, pois, perceber-lhe a continuidade; é assim que, para avaliar o que é verdadeiramente feliz ou infeliz para o homem, é preciso transportar-se para além desta vida, porque é lá que as consequências se fazem sentir; ora, tudo o que ele chama de infelicidade, segundo sua curta visão, cessa com a vida e encontra sua reparação na vida futura.

Eu vou revelar-lhes a infelicidade sob uma nova forma, sob a forma bela e florida que vocês acolhem e desejam com todas as forças de suas almas enganadas. A infelicidade é a alegria, é o prazer, é a fama, é a fútil agitação, é a louca satisfação da vaidade, é tudo o que faz calar a consciência, que reprime a ação do pensamento, que aturde o homem quanto a seu futuro; a infelicidade é o ópio do esquecimento, que vocês evocam com todas as suas juras.

Confie, vocês que choram! Tremam, vocês que riem, porque seu corpo se acha satisfeito! Não se engana a Deus; não se afasta o destino; e as provações, credoras mais impiedosas que a malta solta pela miséria, espreitam seu repouso enganoso, para afundá-los de repente na agonia da verdadeira infelicidade, da que surpreende a alma debilitada pela indiferença e pelo egoísmo.

Que o espiritismo os ilumine, então, e coloque sob sua verdadeira luz a verdade e o erro, tão singularmente desfigurados por sua cegueira! Então, vocês agirão como bravos soldados que, longe de fugir ao perigo, preferem as refregas dos combates perigosos à paz que não tem como lhes oferecer nem glória nem promoção. Que importa ao soldado perder na peleja suas armas, suas bagagens e suas roupas, desde que saia vencedor e com glória?! Que importa para quem tem fé no futuro abandonar no campo de batalha da vida, sua fortuna e sua roupa de carne, desde que sua alma entre, radiosa, no reino celestial?! (DELPHINE DE GIRARDIN. Paris, 1861.)

A melancolia.

25. Sabem vocês por que uma vaga tristeza se apodera às vezes de seus corações e faz que achem a vida tão amarga? É seu Espírito que aspira à felicidade e à liberdade, e que, atarraxado ao corpo que lhe serve de prisão, se exaure em vãos esforços para sair dele. Mas, ao ver que é tudo inútil, precipita-se no desânimo e, sofrendo o corpo sua influência, a languidez, o abatimento e um tipo de apatia se apoderam de vocês e vocês se sentem infelizes.

Creiam em mim; resistam com energia a essas sensações que lhes enfraquecem a vontade. Essas aspirações de uma vida melhor são inatas na alma de todos os homens, mas não a procurem neste mundo; e agora, quando Deus lhes está enviando seus Espíritos para os instruir quanto à felicidade que ele lhes reserva, aguardem com paciência o anjo da libertação, que deve ajudá-los a quebrar os liames que mantêm cativo seu Espírito. Pensem que vocês têm para cumprir, durante sua provação no mundo, u'a missão de que não suspeitam, seja ao devotarem-se à sua família, seja ao cumprirem os diversos deveres que Deus lhes confiou. E se, no curso dessa provação e ao desempenharem sua tarefa, vocês virem as preocupações, as inquietudes e os desgostos caírem sobre vocês, sejam fortes e corajosos para suportá-los. Desafiem-nos bravamente; eles são breves e têm que conduzi-los para perto dos amigos por quem vocês choram e que se rejubilarão com sua chegada entre eles e lhes estenderão os braços, para conduzi-los a um lugar onde não têm nunca acesso os desgostos do mundo. (FRANCISCO DE GENEBRA. Bordéus.)

Provações voluntárias. O verdadeiro cilício.

26. Vocês perguntam se lhes é permitido suavizar suas provações; tal questão remete a outra: É permitido a quem se afoga buscar salvar-se, a quem espetou um espinho retirá-lo, a quem está doente chamar um médico? As provações têm por alvo exercitar a inteligência, como também a paciência e a resignação; um homem pode nascer em uma situação penosa e complicada, especialmente para ser obrigado a buscar os meios de

vencer as dificuldades. O mérito consiste em suportar sem queixa as consequências dos males que não se tem como evitar, em perseverar na luta, em nunca se desesperar quando não se tem êxito, mas não em agir com indiferença, o que seria mais preguiça do que virtude.

Essa questão nos traz naturalmente uma outra. Desde que Jesus asseverou: “Bem-aventurados os aflitos”, existe algum mérito em buscar as aflições, em agravando suas provações através dos sofrimentos voluntários? A isso eu responderei com toda a nitidez: Sim, existe um grande mérito quando os sofrimentos e as privações têm por alvo o bem do próximo, pois se cuida da caridade através do sacrifício; não, quando têm por alvo apenas a si mesmo, porque se cuida do egoísmo através do fanatismo.

Existe aqui uma grande distinção a ser feita; quanto a vocês, pessoalmente, satisfaçam-se com as provações que Deus lhes manda e não aumentem a carga já tão pesada às vezes; aceitem-nas sem queixa e com fé; é tudo o que ele lhes pede. Não debilitem nunca seu corpo através de privações inúteis e mortificações sem objetivo, pois vocês necessitam de todas as suas forças, para cumprir sua missão de trabalho no mundo. Torturar voluntariamente e martirizar seu corpo é uma contravenção da lei de Deus, que lhes fornece o meio de sustentá-lo e de fortalecê-lo; enfraquecê-lo sem necessidade é um verdadeiro suicídio. Usem, mas não abusem: tal é a lei; o abuso das melhores coisas carrega consigo sua punição, através de suas consequências inevitáveis.

Sucedem diferentemente com os sofrimentos que a gente se impõe para aliviar o próximo. Se vocês suportarem o frio e a fome para aquecer e alimentar quem precisa e se seu corpo padecer, eis aí o sacrifício que é abençoado por Deus. Vocês que deixam seus dormitórios perfumados para ir à mansarda infecta levar a consolação; vocês que sujaram suas mãos delicadas lavando as feridas; vocês que se privam do sono para velar à cabeceira de um doente que é apenas seu irmão em Deus; vocês, enfim, que arriscam sua saúde na prática das boas obras, eis aí seu cilício, verdadeiro cilício de bênçãos, pois as alegrias do mundo não ressecaram em absoluto seu coração; vocês de fato não ficaram dormindo no seio das volúpias debilitantes da fortuna, mas se transformaram nos anjos consoladores dos pobres deserdados.

Mas vocês que se retiram do mundo para safar-se de suas seduções e viver no isolamento, qual é sua utilidade aí? Onde está sua coragem nas provações, uma vez que fogem da luta e desertam do combate? Se desejarem um cilício, apliquem-no em sua alma e não em seu corpo; mortifiquem seu Espírito e não sua carne; fustiguem seu orgulho; recebam as humilhações sem se lastimarem; firam seu amor-próprio; resistam à dor da injúria e da calúnia, mais pungente que a dor corpórea. Eis aí o verdadeiro cilício cujas feridas serão contadas a seu favor, porque atestarão sua coragem e sua submissão à vontade de Deus. (UM ANJO DA GUARDA. Paris, 1863.)

27. Deve-se pôr um fim às provações do próximo, quando se tem como, ou é preciso, em respeito aos desígnios de Deus, deixá-las seguir seu curso?

Nós lhes dissemos e repetimos constantemente que vocês se acham neste mundo de expiação para terminar suas provações e que tudo o que lhes acontece é uma consequência de suas existências anteriores, no interesse da dívida que têm para pagar.

Mas tal pensamento provoca em certas pessoas reflexões que é preciso repudiar, pois poderiam ter funestas consequências.

Há quem pense que, desde que se está no mundo para expiar, é preciso que as provações tenham continuidade. Há outros mesmo que chegam a crer que não somente seja preciso nada fazer para atenuá-las, como também seja preciso, ao contrário, contribuir para torná-las mais proveitosas, tornando-as mais intensas. Eis um grande erro. Sim, suas provações têm que seguir o curso que Deus lhes traçou, mas conhecem vocês esse curso? Sabem vocês até que ponto elas devem ir e se seu Pai misericordioso não determinou ao sofrimento de tal ou qual de seus irmãos: “Você não passará daqui”? Sabem vocês se sua providência não os escolheu, não como um instrumento de suplício para agravar os sofrimentos do culpado, mas como bálsamo de consolação que tem que cicatrizar as feridas que sua justiça havia aberto? Não digam, pois, quando virem um de seus irmãos ferido: é a justiça de Deus; é preciso que tenha seu curso; mas digam, ao contrário: vejamos quais meios nosso Pai misericordioso pôs ao meu alcance para suavizar o sofrimento de meu irmão. Vejamos se minhas consolações morais, meu apoio material, meus conselhos serão capazes de ajudá-lo a vencer esta provação com mais força, paciência e resignação. Vejamos mesmo se Deus não pôs em minhas mãos o meio de fazer cessar este sofrimento; se não me facultou, a mim também como provação, como expiação talvez, eliminar o mal e substituí-lo pela paz.

Logo, ajudem-se sempre em suas provações respectivas, e não se vejam jamais como instrumentos de tortura; tal pensamento tem de revoltar todo homem de sentimento, todo espírita, sobretudo; pois o espírita, melhor que ninguém, é capaz de compreender a extensão infinita da bondade de Deus. O espírita é capaz de pensar que sua vida inteira tem que ser um ato de amor e de abnegação; que, por mais que se faça para contestar as decisões do Senhor, sua justiça manterá seu curso. Ele deve, portanto, sem medo, realizar todos os esforços para suavizar o amargo da expiação, porquanto cabe só a Deus suspendê-la ou prolongá-la, segundo o que julgar oportuno.

Não existiria um orgulho enorme, da parte do homem, em crer possuir o direito de revirar, por assim dizer, a faca na ferida; de aumentar a dose de veneno no peito de quem sofre, sob o pretexto de ser essa sua expiação? Oh! Vejam-se sempre como o instrumento escolhido para fazê-la cessar. Resumamos agora: vocês todos se acham no mundo para expiar; mas todos, sem exceção, devem realizar todos os esforços para suavizar a expiação de seus irmãos, conforme a lei de amor e de caridade. (BERNARDIN, Espírito protetor. Bordéus, 1863.)

28. Um homem se acha em agonia, presa de cruéis sofrimentos; a gente sabe que seu estado não tem esperança; é justo que se poupem a ele alguns instantes de agonia, apressando seu fim?

Quem lhes daria o direito de prejulgar os desígnios de Deus? Não pode ele conduzir um homem à borda da cova, para dali retirá-lo, a fim de provocar-lhe uma reviravolta em si mesmo e de levá-lo a outros pensamentos? Esteja nos extremos um moribundo, ninguém tem como dizer com certeza que sua derradeira hora tenha chegado. A ciência jamais se enganou em suas previsões?

Eu sei muito bem que existem casos que devem ser vistos, com razão, como desesperados; mas, se não existe nenhuma esperança fundada de uma volta definitiva à vida e à saúde, não existem inúmeros exemplos de que, no momento de dar o último suspiro, o doente se reanima e recobra suas faculdades por alguns instantes?! Muito bem! Essa hora de graça que lhe é concedida pode ser para ele da maior importância; pois vocês ignoram as reflexões que seu Espírito foi capaz de fazer nas convulsões da agonia, e quais tormentos foi capaz de poupar-lhe uma fagulha de arrependimento.

O materialista, que não vê senão o corpo e não tem em nenhuma conta a alma, não pode compreender tais coisas; mas o espírita, que sabe o que se passa do lado de lá do túmulo, conhece a importância do derradeiro pensamento. Suavizem os últimos sofrimentos quanto lhes seja possível; mas resguardem-se de abreviar a vida ainda que de um minuto, pois esse minuto pode poupar muitas lágrimas no futuro. (SÃO LUÍS. Paris, 1860.)

29. *Quem está desgostoso da vida, mas não deseja apressá-la, é culpado por procurar a morte em um campo de batalha, com o pensamento de tornar sua morte útil?*

Que o homem se dê a morte ou faça que lhe deem, a meta é sempre a de encurtar sua vida e, por consequência, existe um suicídio de intenção, quando não de fato. O pensamento de que sua morte servirá para algo é ilusório; não passa de um pretexto para colorir sua ação e escusá-lo a seus próprios olhos; se tivesse o desejo sério de servir a seu país, ele procuraria viver, defendendo-o com denodo, e não morrer, pois, uma vez morto, ele não serve para mais nada. O verdadeiro devotamento consiste em não ter medo da morte quando se trata de ser útil, em desafiar o perigo, em antecipar, sem se consternar, o sacrifício de sua vida, se isso for necessário; mas *a intenção premeditada* de buscar a morte, expondo-se a um perigo, mesmo para prestar um serviço, anula o mérito da ação. (SÃO LUÍS. Paris, 1860.)

30. *Um homem se expõe a um perigo iminente para salvar a vida a um semelhante, sabendo de antemão que ele mesmo sucumbirá; isso pode ser visto como um suicídio?*

Desde que a intenção de buscar a morte não exista, não existe suicídio, mas devotamento e abnegação, ainda que se tenha a certeza de perecer. Mas quem pode ter tal certeza? Quem diz que a Providência não reserva um meio inesperado de salvação, no momento mais crítico? Não é ela capaz de salvar aquele mesmo que estivesse na boca de um canhão? Muitas vezes, ela pode desejar manter a provação da resignação até seu derradeiro limite; então uma circunstância imprevista desvia o golpe fatal. (*Id.*)

31. *Os que aceitam seus sofrimentos com resignação, por submissão à vontade de Deus e tendo em vista sua felicidade futura, estão trabalhando só para si mesmos? Têm eles como tornar seus sofrimentos proveitosos para os outros?*

Tais sofrimentos têm como ser de proveito para os outros, materialmente e moralmente. Materialmente, se, através do trabalho, as privações e os sacrifícios que as pessoas se impõem contribuem para o bem-estar material de seus semelhantes; moralmente, através do exemplo que oferecem de sua submissão à vontade de Deus. Esse exemplo do poderio da fé espírita é capaz de excitar os infelizes à resignação e salvá-los do desespero e de suas funestas consequências para o futuro. (SÃO LUÍS. Paris, 1860.)

CAPÍTULO VI

O CRISTO CONSOLADOR.

O jugo leve. — Consolador prometido. — *Mensagens dos Espíritos*: Advento do Espírito de Verdade.

O jugo leve.

1. Venham a mim, vocês todos que estão aflitos e oprimidos, e eu os aliviarei. — Tomem meu jugo sobre vocês e aprendam comigo, porque eu sou pacífico e humilde de coração, e vocês acharão repouso para suas almas; — pois meu jugo é suave e meu fardo é leve. (São Mateus, XI: 28 a 30.)

2. Todos os sofrimentos: misérias, decepções, dores físicas, perdas de entes queridos, encontram sua consolação na fé no futuro, na confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Sobre quem, ao contrário, não espera nada após esta vida ou que duvida simplesmente, as aflições pesam com todo o seu peso e nenhuma esperança vem suavizar a amargura sua. Eis aí o que fez Jesus dizer: Venham a mim, vocês todos que estão fatigados, e eu os aliviarei.

No entanto, Jesus coloca uma condição para sua assistência e para a felicidade que ele promete aos aflitos; essa condição se acha na lei que ele ensina: seu jugo é a observância dessa lei; mas esse jugo é leve e essa lei é suave, porquanto impõe como dever o amor e a caridade.

Consolador prometido.

3. Se vocês me amam, guardem meus mandamentos; — e eu rogarei a meu Pai, e ele lhes enviará um outro consolador, a fim de que permaneça eternamente consigo: — o *Espírito de Verdade*, que o mundo não é capaz de receber, porque não o vê e porque não o conhece em absoluto. Mas vocês o conhecerão, porque ele permanecerá consigo e porque ele estará em vocês. — Mas o consolador, que é o Santo Espírito, que o Pai enviará em meu nome, lhes ensinará todas as coisas e os fará lembrar de tudo o que lhes tenho dito. (São João, xiv: 15 a 17 e 26.)

4. Jesus promete um outro consolador: é o *Espírito de Verdade*, que o mundo não conhece ainda, pois que não está maduro para compreendê-lo, que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para fazer lembrar o que o Cristo disse. Se, pois, o Espírito de Verdade deve vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não disse tudo; se ele vem dar a lembrar o que o Cristo disse, é que seu ensino se terá esquecido ou mal compreendido.

O espiritismo vem, no tempo marcado, cumprir a promessa do Cristo: o Espírito de Verdade preside à sua constituição; ele convoca os homens para a observância da lei; ele ensina todas as coisas ao dar a compreender o que o Cristo disse apenas em parábolas. O Cristo disse: “Que ouçam os que têm ouvidos para ouvir”; o espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, pois fala sem figuras e sem alegorias; ele ergue o véu deixado de propósito sobre certos mistérios; ele vem, por fim, trazer uma suprema consolação aos deserdados da terra e a todos os que sofrem, ao atribuir uma causa justa e uma finalidade útil a todas as dores.

O Cristo disse: “Bem-aventurados os aflitos, porque eles serão consolados”; mas como se sentir feliz por sofrer, se não se sabe por que se sofre? O espiritismo demonstra que a causa dos sofrimentos se acha nas existências anteriores e na destinação do planeta, onde o homem expia seu passado; ele demonstra sua finalidade pelo fato de que os sofrimentos são como crises salutares que trazem a cura, crises que constituem a purificação que assegura a felicidade nas existências futuras. O homem compreende que mereceu sofrer e acha o sofrimento justo; ele sabe que esse sofrimento ajuda em seu adiantamento e o aceita sem queixa, como o operário aceita o trabalho que deve garantir seu salário. O espiritismo lhe fornece uma fé inabalável no futuro, e a dúvida pungente não tem mais como assomar em sua alma; ao fazê-lo ver as coisas do alto, a importância das vicissitudes terrenas se perde no vasto e esplêndido horizonte que ele abrange, e a perspectiva da felicidade que espera por ele fornece-lhe a paciência, a resignação e a coragem para ir até o fim do caminho.

Assim o espiritismo realiza o que Jesus disse em relação ao consolador prometido: conhecimento das coisas, o que faz que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está no mundo; convocação aos verdadeiros princípios da lei de Deus e consolação através da fé e da esperança.

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

Advento do Espírito de Verdade.

5. Eu venho, como outrora entre os filhos extraviados de Israel, trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutem-me. O espiritismo, como outrora minha palavra, tem de recordar aos incrédulos que acima deles reina a verdade imutável: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinar a planta e que levanta as ondas. Eu revelei a doutrina divina; como um segador, preendi em feixes o bem esparso na humanidade e disse: Venham a mim, vocês todos que sofrem!

Mas os homens ingratos se afastaram da via direita e larga que conduz ao reino de meu Pai, e eles se perderam nos ásperos atalhos da impiedade. Meu Pai não deseja aniquilar a raça humana; ele deseja que, ajudando-se uns aos outros, mortos e vivos, quer dizer, mortos segundo a carne, pois a morte não existe, vocês se socorram, e que não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a voz dos que não mais estão aí se faça ouvir para lhes clamar: Rezem e creiam; pois a morte é a ressurreição e a vida é a provação escolhida, durante a qual suas virtudes, sendo cultivadas, têm que crescer e desenvolver-se como o cedro!

Homens frágeis, que compreendem as trevas de sua inteligência, não afastem o archote que a clemência divina coloca entre suas mãos, para iluminar sua rota e os devolver, filhos perdidos, ao regaço de seu Pai.

Eu estou por demais movido de compaixão por causa de suas misérias, de sua imensa fragilidade, para não estender u'a mão de socorrista aos infelizes extraviados que, vendo o céu, tombam nos abismos do erro. Creiam, amem, meditem sobre todas as coisas que lhes estão sendo reveladas; não misturem o joio com o trigo, as utopias com as verdades.

Espíritas: amem-se; eis o primeiro ensinamento; instruem-se; eis o segundo. Todas as verdades se encontram no cristianismo; os erros que aí criaram raiz são de origem humana; e eis que, do outro lado do túmulo, que vocês acreditavam o nada, vozes lhes clamam: Irmãos, nada perece! Jesus Cristo é o vencedor do mal; sejam os vencedores da impiedade. (O ESPÍRITO DE VERDADE. Paris, 1860.)

6. Eu venho ensinar e consolar os pobres deserdados; eu venho dizer-lhes que elevem sua resignação ao nível de suas provações; que eles chorem, pois a dor foi consagrada no Jardim das Oliveiras; mas que tenham esperança, pois os anjos consoladores virão também enxugar suas lágrimas.

Trabalhadores, risquem seu sulco; recomecem no dia seguinte a rude jornada da véspera; o labor de suas mãos fornece o pão terrestre a seus corpos, mas suas almas não ficam esquecidas: e, quanto a mim, o divino jardineiro, eu as cultivo no silêncio de seus pensamentos; assim que a hora do repouso houver soado, assim que a trama escapar de suas mãos e seus olhos se fecharem para a luz, sentirão surgir e germinar em vocês minha preciosa semente. Nada se perde no reino de nosso Pai, e seus suores e suas misérias constituem o tesouro que pode torná-los ricos nas esferas superiores, onde a luz substitui

as trevas, e onde o mais despojado de todos vocês talvez venha a ser o mais resplandecente.

Eu lhes digo em verdade: os que carregam seu fardos e assistem a seus irmãos são meus bem-amados; instruam-se na preciosa doutrina que dissipa o erro das revoltas e que lhes ensina a meta sublime da provação humana. Como o vento varre o pó, que o sopro dos Espíritos dissipe seus ciúmes dos ricos do mundo, que são constantemente miserabilíssimos, pois as provações deles são mais perigosas que as suas. Eu estou consigo e meu apóstolo lhes ensina. Bebam na fonte viva do amor e preparem-se, enquanto cativos da vida, para se lançarem, um dia, livres e alegres, no seio de quem os criou fracos para torná-los perfectíveis, e que deseja que trabalhem vocês mesmos sua delicada argila, a fim de se constituírem os artífices de sua imortalidade. (O ESPÍRITO DE VERDADE. Paris, 1861.)

7. Eu sou o grande médico das almas, e venho trazer-lhes o remédio que pode curá-las; os fracos, os sofredores e os enfermos são meus filhos de predileção, e eu venho salvá-los. Portanto, venham a mim, vocês todos que sofrem e que se acham sobrecarregados, e serão aliviados e consolados; não procurem noutro lugar a força e a consolação, pois o mundo é incapaz de fornecê-las. Deus lança a seus corações um apelo supremo através do espiritismo; escutem-no. Que a impiedade, a mentira, o erro, a incredulidade sejam extirpados de suas almas doloridas; são esses os monstros que se saciam em seu sangue mais puro e que lhes causam feridas quase sempre mortais. Que no futuro, humildes e submissos ao Criador, vocês pratiquem sua lei divina. Amem e orem; sejam dóceis aos Espíritos do Senhor; invoquem-no do fundo do coração; então, ele lhes enviará seu Filho bem-amado, para os instruir e lhes dizer estas boas palavras: Eis-me aqui; eu venho até vocês, porque vocês me chamaram. (O ESPÍRITO DE VERDADE. Bordéus, 1861.)

8. Deus consola os humildes e proporciona força aos aflitos que lhe rogam por ela. Seu poder cobre a terra e, em toda parte, junto a cada lágrima, ele colocou um bálsamo que consola. O devotamento e a abnegação são uma prece contínua e encerram um ensinamento profundo: a sabedoria humana reside nessas duas palavras. Possam todos os Espíritos sofredores compreender essa verdade, em lugar de clamar contra as dores, os sofrimentos morais, que constituem no mundo sua quota. Portanto, tomem por divisa estas duas palavras: *devotamento* e *abnegação*, e vocês serão fortes, porque elas resumem todos os deveres que lhes impõem a caridade e a humildade. O sentimento do dever cumprido lhes propiciará o descanso da mente e a resignação. O coração bate melhor, a alma se tranquiliza e o corpo não apresenta mais desfalecimento, pois o corpo sofre tanto mais quanto mais profundamente atacada esteja a mente. (O ESPÍRITO DE VERDADE. Havre, 1863.)

CAPÍTULO VII

BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO.

O que se deve entender por pobres de espírito. — Qualquer que se eleve será rebaixado. — Mistérios ocultos aos sábios e aos prudentes. — *Mensagens dos Espíritos*: Orgulho e humildade. — Missão do homem inteligente no mundo.

O que se deve entender por pobres de espírito.

1. Bem-aventurados os pobres de espírito, porque o reino dos céus lhes pertence. (São Mateus, v: 3.)

2. A incredulidade vem divertindo-se com esta máxima: *Bem-aventurados os pobres de espírito*, como com muitas outras coisas, sem compreendê-la. Por pobres de espírito, Jesus não entende os homens desprovidos de inteligência, mas os humildes: ele diz que o reino dos céus lhes pertence e não aos orgulhosos.

Os homens de ciência e de espírito, segundo o mundo, têm geralmente uma tão alta opinião de si mesmos e de sua superioridade, que olham para as coisas divinas como indignas de sua atenção; seus olhares concentrados em sua pessoa não conseguem elevar-se até Deus. Essa tendência a se julgarem acima de tudo leva-os, muitíssimas vezes, a negarem o que, estando acima deles, fosse capaz de rebaixá-los, a negarem mesmo a Divindade; ou, se acedem em admiti-la, eles lhe contestam um de seus mais belos atributos: sua ação providencial sobre as coisas deste mundo, persuadidos de que eles sozinhos sejam suficientes para bem governá-lo. Tomando sua inteligência para a medida da inteligência universal, e julgando-se aptos a tudo compreender, eles não têm como

acreditar na possibilidade do que não compreendem; uma vez que se pronunciaram, sua sentença é, para eles, inapelável.

Se eles se recusam a admitir o mundo invisível e um poder extra-humano, não é, porém, porque isso esteja acima de sua capacidade, mas é porque seu orgulho se revolta à ideia de alguma coisa acima de que não consigam colocar-se, e que os faria descer de seu pedestal. Eis porque eles não têm senão sorrisos de desdém por tudo o que não pertença ao mundo visível e tangível; eles atribuem a si mesmos desmesurado espírito e ciência para crer nas coisas boas, segundo eles, para as pessoas *simples*, considerando as que as tomam a sério como *pobres de espírito*.

Não obstante, o que quer que digam, eles precisarão entrar, como os outros, nesse mundo invisível que transformam em zombaria; será ali que seus olhos se abrirão e que eles reconhecerão seu erro. Mas Deus, que é justo, não tem como receber com as mesmas honras quem ignorou seu poder e quem se submeteu humildemente às suas leis, nem lhes propiciar uma divisão equitativa.

Ao dizer que o reino dos céus pertence aos simples, Jesus entende que ninguém se admite aí sem *a simplicidade do coração e a humildade do espírito*; que o ignorante que possui tais qualidades será preferido ao sábio que acredita mais em si que em Deus. Em todas as circunstâncias, ele coloca a humildade na linha das virtudes que aproximam de Deus, e o orgulho entre os vícios que dele distanciam; e isso por uma razão naturalíssima: é que a humildade é um ato de submissão a Deus, ao passo que o orgulho é uma revolta contra ele. Logo, mais vale, para a felicidade futura do homem, ser *pobre de espírito*, no sentido do mundo, e rico de qualidade morais.

Quem quer que se eleve será rebaixado.

3. Naquela mesma hora, os discípulos se aproximaram de Jesus e lhe perguntaram: Quem é o maior no reino dos céus? — Jesus, tendo chamado uma criancinha, a colocou no meio deles e lhes afirmou: Eu lhes digo em verdade que, se vocês não se modificarem e se não se tornarem criancinhas, não entrarão nunca no reino dos céus. — *Portanto, qualquer um que se humilhar e se tornar pequeno como esta criança, esse será o maior no reino dos céus*, — e qualquer um que receber em meu nome uma criança como esta, é a mim mesmo que recebe. (São Mateus, XVIII: 1 a 5.)

4. Então a mãe dos filhos de Zebedeu se aproximou dele com seus filhos, reverenciou-o demonstrando-lhe que desejava pedir-lhe alguma coisa. — Ele lhe perguntou: Que deseja você? Ordene, disse-lhe ela, que estes meus dois filhos tenham assento em seu reino, um à sua direita e outro à sua esquerda. — Mas Jesus lhe respondeu: Você não sabe o que está pedindo; podem vocês beber o cálice que eu vou beber? Eles lhe responderam: Nós o podemos. — Ele lhes respondeu: É verdade que vocês irão beber o cálice que eu beberei; mas, quanto ao fato de terem assento à minha direita ou à minha esquerda, não cabe a mim propiciar-lhes, mas isso será para aqueles a quem meu Pai o preparou. — Tendo os dez outros apóstolos ouvido isso, encheram-se de indignação contra os dois irmãos. — E, tendo-os Jesus chamado a si, disse-lhes: Vocês sabem que os príncipes das nações as dominam e que os grandes as tratam com autoridade. — Não pode

acontecer o mesmo entre vocês; mas *quem desejar tornar-se o maior seja seu serviçal*; — e *quem desejar ser o primeiro entre vocês seja seu escravo*; — assim como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e para oferecer sua vida para a redenção de muitos. (São Mateus, xx: 20 a 28.)

5. Jesus entrou em um sábado na casa de um dos principais fariseus, para aí tomar sua refeição, e os que estavam lá o observavam. — Então, atentando como os convidados escolhiam os primeiros lugares à mesa, ele lhes propôs esta parábola, e lhes disse: — Quando vocês forem convidados às núpcias, não assumam jamais o primeiro lugar, com o receio de que se encontre entre os convidados uma pessoa de maior consideração que vocês, — e quem os tiver convidado venha dizer-lhes: Ceda seu lugar a este aqui; e que vocês sejam obrigados a se aterem envergonhados ao último lugar. — Mas, quando tiverem sido convidados, vão colocar-se no último lugar, a fim de que, quando quem os convidou chegar, lhes diga: Meu amigo, vá mais para o alto. E então isto será motivo de glória, perante os que estiverem à mesa com vocês, — *pois quem quer que se eleve será rebaixado; e quem quer que se rebaixe será elevado*. (São Lucas, xiv: 1 e 7 a 11.)

6. Estas máximas são consequentes do princípio de humildade, que Jesus não cessa de colocar como condição essencial da felicidade prometida aos eleitos do Senhor, e que ele formulou através das palavras: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque o reino dos céus lhes pertence.” Ele toma uma criança como tipo da simplicidade de coração e afirma: Será o maior no reino dos céus quem se humilhar e *se tornar pequeno como uma criança*; quer dizer, quem não tiver nenhuma pretensão à superioridade ou à infalibilidade.

O mesmo pensamento fundamental se encontra nesta outra máxima: “Quem desejar tornar-se o maior seja seu serviçal”, e nesta aqui: “Pois quem quer que se eleve será rebaixado; e quem quer que se rebaixe será elevado.”

O espiritismo vem sancionar a teoria através do exemplo, ao nos mostrar grandes no mundo dos Espíritos os que eram pequenos na Terra, e muitas vezes bem pequenos os que eram os maiores e mais poderosos. É que os primeiros levaram ao morrer somente o que firma a verdadeira grandeza no céu e que não se perde: as virtudes; ao passo que os outros tiveram que deixar o que fazia sua grandeza no mundo e que não se leva: a fortuna, os títulos, a glória, a ascendência; não possuindo nada além disso, eles chegam ao outro mundo desprovidos de tudo, como os naufragos que tudo perderam, até suas roupas; eles só mantêm o orgulho, o que torna sua nova posição mais humilhante, pois veem acima deles, e resplandecentes de glória, os que calcaram com os pés no mundo.

O espiritismo nos mostra uma outra aplicação desse princípio nas encarnações sucessivas, onde os que mais se elevaram em uma existência, são rebaixados à derradeira classe em uma existência seguinte, caso tenham sido dominados pelo orgulho e pela ambição. Portanto, não busquem o primeiro lugar na terra, nem colocar-se acima dos outros, se não quiserem ser obrigados a descer; busquem, ao contrário, o lugar mais humilde e o mais modesto, pois Deus bem saberá propiciar-lhes um mais elevado no céu, se o merecerem.

Mistérios ocultos aos sábios e aos prudentes.

7. Então Jesus disse estas palavras: Eu lhe rendo graças, meu Pai, Senhor do céu e da terra, pelo fato de haver ocultado essas coisas aos sábios e aos prudentes, e de tê-las revelado aos simples e pequenos. (São Mateus, xi: 25.)

8. Pode parecer esquisito que Jesus renda graças a Deus por haver revelado aquelas coisas *aos simples e aos pequenos*, que são os pobres de espírito, e por havê-las ocultado *aos sábios e aos prudentes*, mais aptos, aparentemente, a compreendê-las. É que é preciso entender que os primeiros são *os humildes*, os que se humilham diante de Deus e não se creem superiores a todo o mundo; e os segundos, *os orgulhosos*, vaidosos com seu conhecimento mundano, que se creem prudentes, porque eles contestam aquelas coisas, tratando Deus de igual para igual, quando não o condenam; pois, na antiguidade, *sábio* era sinônimo de *erudito*; eis porque Deus lhes destina a procura dos segredos do mundo, e revela os do céu aos simples e aos humildes, que se inclinam diante dele.

9. É o que acontece hoje em dia com as grandes verdades reveladas pelo espiritismo. Certos incrédulos se espantam de que os Espíritos se empenhem tão pouco para convertê-los; é que os Espíritos se ocupam dos que buscam a luz de boa-fé e com humildade, de preferência aos que creem possuir toda a luz e que parecem pensar que Deus teria que ficar muitíssimo feliz de guiá-los até ele, para comprovar-lhes que existe.

O poder de Deus transparece nas pequenas coisas tanto quanto nas maiores; ele não põe a luz sob o alqueire, porquanto a espalha por toda a parte; cegos, pois, os que não a veem. *Deus não deseja abrir-lhes os olhos à força, porque lhes agrada mantê-los fechados*. Há de chegar sua hora, mas é preciso antes que sintam as angústias das trevas e *reconheçam Deus, e não o acaso, na mão que fere seu orgulho*. Ele utiliza, para vencer a incredulidade, os meios que lhe convêm, conforme os indivíduos; não cabe ao incrédulo prescrever-lhe o que tem que fazer ou dizer-lhe: Se o Senhor deseja converter-me, é preciso que aja de tal ou qual modo, neste ou naquele momento, porque é esse o momento de minha conveniência.

Que os incrédulos não se espantem, portanto, se Deus e os Espíritos, que são os mensageiros de seus desígnios, não se submetam às suas exigências. Que eles se interroguem sobre o que diriam se o último de seus serviçais desejasse impor-se a eles. Deus impõe suas condições, e não se sujeita a nada. Ele escuta com bondade os que se endereçam a ele com humildade, e não os que se creem maiores que ele.

10. Deus, perguntarão, não poderia chocá-los pessoalmente através de sinais evidentes diante dos quais o incrédulo mais insensível teria que se inclinar? Sem dúvida ele poderia, mas, então, onde estaria o mérito deles; e, de resto, para que serviria isso? A gente não está vendo todo dia que eles se furtam à evidência e ainda dizem: Mesmo que eu visse, não acreditaria, pois eu *sei* que é impossível? Se eles se recusam a reconhecer a verdade, é que sua mente não está ainda madura para compreendê-la, nem seu coração para senti-la. *O orgulho é a membrana que obscurece sua vista*; de que serve apresentar a luz a um cego? Portanto, é preciso primeiro curar a causa do mal; eis porque, como um médico habilidoso, castiga primeiramente o orgulho. Logo, ele não abandona seus filhos perdidos; ele sabe que, cedo ou tarde, seus olhos se abrirão, mas deseja que isso ocorra

pela própria vontade deles, e então, vencidos pelos tormentos da incredulidade, se jogarão por si mesmos em seus braços, e, como o filho pródigo, lhe pedirão perdão!

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

O orgulho e a humildade.

11. Que a paz do Senhor esteja consigo, meus queridos amigos! Eu venho até vocês para encorajá-los a seguir o bom caminho.

Aos pobres Espíritos que outrora habitavam a Terra, Deus oferece a missão de vir esclarecê-los. Bendito seja ele pela graça que nos concede de poder ajudar em sua melhoria. Que o Espírito Santo me ilumine e me ajude a tornar minha palavra compreensível e que ele me faculte a graça de colocá-la à altura de todos! Todos vocês, encarnados, que estão em apuros e procuram a luz, que a vontade de Deus venha em minha ajuda para fazê-la brilhar a seus olhos!

A humildade é uma virtude bem esquecida, entre vocês; os grandes exemplos que lhes foram propiciados são bem pouco seguidos, entretanto, sem humildade, podem vocês ser caridosos para com seu próximo? Oh! Não, pois esse sentimento nivela os homens; diz-lhes que são irmãos, que têm que se ajudar entre si e os conduz ao bem. Sem a humildade, vocês se adornam com virtudes que não possuem, como se trajassem uma roupa para esconder as deformidades de seu corpo. Lembrem-se de quem nos salvou; lembrem-se de sua humildade, que o fez tão grande e o colocou acima de todos os profetas.

O orgulho é o terrível adversário da humildade. Se o Cristo prometeu o reino dos céus aos mais pobres, é que os grandes do mundo supõem que os títulos e as riquezas são as recompensas devidas a seus méritos, e que sua essência é mais pura que a do pobre; eles creem que isso lhes seja devido; eis porque, quando Deus lhes retira, eles o acusam de injustiça. Oh! Irrisão e cegueira! Deus faz alguma distinção entre vocês através do corpo? O invólucro do pobre não é o mesmo que o do rico? O Criador fez duas espécies de homens? Tudo o que Deus faz é grande e sábio; não lhe atribuam jamais as ideias que engendram seus cérebros orgulhosos.

Ó rico! Enquanto você dorme em suas suntuosas vivendas, ao abrigo do frio, sabe dizer quantos milhares de seus irmãos, tão valiosos quanto você, estão deitados sobre a palha? O infeliz que sofre de fome não é um seu igual? A esta observação, seu orgulho se revolta, eu bem sei; você concordará em lhe dar esmola, mas em lhe apertar fraternalmente a mão, jamais! “Quê! — diz você —; eu, saído de um sangue nobre, grande do mundo, serei igual a esse miserável em farrapos? Vã utopia de pretensos filósofos! Se nós fôssemos iguais, por que Deus o teria situado tão baixo e a mim tão alto?” É verdade que suas roupas não se parecem nem um pouco; mas, desde que se tenham despojado delas os dois, que diferença existe entre vocês? A nobreza do sangue, dirá você; mas a química não encontrou nenhuma diferença entre o sangue do grande senhor e o do

plebeu, entre o do dono e o do escravo. Quem lhe diz que você mesmo não foi miserável e infeliz como ele, que não pediu esmola, que não pedirá um dia a esse mesmo que você despreza hoje? As riquezas são eternas? Não findam elas com o corpo, invólucro perecível de seu Espírito? Oh! Um lampejo de humildade sobre si mesmo! Lance, enfim, os olhos sobre a realidade das coisas desse mundo, sobre o que dá a grandeza e a pequenez no outro; pense em que a morte não o poupará mais que a qualquer um; em que seus títulos não o protegerão dela; em que ela é capaz de feri-lo amanhã, hoje, em uma hora; e, se ainda você se amortalha em seu orgulho, oh!, então eu vou lamentá-lo, pois você será digno de piedade!

Orgulhosos! Que eram vocês antes de serem nobres e poderosos? Talvez fossem inferiores ao último de seus empregados. Então, curvem suas cabeças altivas, as quais Deus pode abater no momento em que vocês as estejam elevando ao ponto mais alto. Todos os homens são iguais na balança divina; só as virtudes os distinguem aos olhos de Deus. Todos os Espíritos são de u'a mesma essência, e todos os corpos se sovaram na mesma pasta; seus títulos e seus nomes não lhes mudam nada; eles ficam na cova; e não são os corpos que proporcionam a felicidade prometida aos eleitos; a caridade e a humildade são seus títulos de nobreza.

Pobre criatura! Você é mãe, e seus filhos sofrem; eles sentem frio; eles sentem fome; você vai, curvada sob o peso de sua cruz, humilhar-se para deles obter um pedaço de pão. Oh! Eu me inclino diante de si; quão sublimemente você é santa e grande a meus olhos! Aguarde e ore; a felicidade não é ainda deste mundo. Aos pobres oprimidos e confiantes, Deus oferece o reino dos céus.

E você, mocinha, pobre criança votada ao trabalho, às privações, por que esses tristes pensamentos? Por que chorar? Que seu olhar se eleve, piedoso e sereno, para Deus: aos passarinhos ele dá a pastagem; tenha confiança nele, e ele não a abandonará. A alegria das festas, dos prazeres do mundo, faz bater seu coração; você gostaria também de ornar a cabeça de flores e de se misturar aos felizes da Terra; você diz a si mesma que seria capaz, como as mulheres que vê passar, estabanadas e sorridentes, de ser rica também. Oh! Cale-se, criança! Se soubesse quantas lágrimas e sofrimentos sem nome se escondem sob essas roupas enfeitadas, quantos soluços se abafam sob o ruído dessa orquestra alegre, você preferiria seu humilde refúgio e sua pobreza. Permaneça pura aos olhos de Deus, se não quiser que seu anjo guardião regresse para ele, com o rosto escondido sob as asas brancas, e a deixe com seus remorsos, sem guia, sem proteção, neste mundo em que ficaria perdida, na expectativa de ser castigada no outro.

E todos vocês que sofrem as injustiças dos homens, sejam indulgentes para com as faltas de seus irmãos, lembrando-se de que nem mesmo vocês estão sem culpas: eis a caridade, mas eis também a humildade. Se vocês estão sofrendo com as calúnias, curvem a cabeça sob essa provação. Que lhes importam as calúnias do mundo? Se sua conduta é pura, não tem Deus como compensá-las? Suportar com coragem as humilhações dos homens é ser humilde e reconhecer que apenas Deus é grande e poderoso.

Oh! Meu Deus, será preciso que o Cristo venha uma segunda vez ao mundo, para ensinar aos homens as leis divinas, que eles esquecem? Terá ele ainda que expulsar os vendilhões do templo, que conspurcam sua casa, que não é senão um lugar de oração? E, quem sabe, ó homens, se Deus lhes concedesse essa graça, talvez não o renegassem, como

outrora; não o chamassem de blasfemador, porque abateria o orgulho dos fariseus modernos; talvez, mesmo, não o fizessem recomeçar o caminho do Gólgota?!

Quando Moisés foi ao Monte Sinai receber os mandamentos de Deus, o povo de Israel, entregue a si mesmo, largou o verdadeiro Deus; homens civilizados doaram seu ouro e suas joias, para que se fizesse um ídolo que eles passaram a adorar. Homens civilizados, vocês procedem como eles; o Cristo lhes deixou sua doutrina; ele lhes deu o exemplo de todas as virtudes mas vocês desleixaram exemplo e preceitos; contribuindo cada um com suas paixões, vocês construíram um deus de acordo com seu agrado: segundo alguns, terrível e sanguinário; segundo outros, insensível aos interesses do mundo; o deus que vocês conceberam continua sendo o bezerro de ouro, que cada um adapta a seus gostos e às suas ideias.

Acordem, meus irmãos, meus amigos! Que a voz dos Espíritos toque seu coração; sejam generosos e caridosos sem ostentação; quer dizer, pratiquem o bem com humildade; que cada um destrua pouco a pouco os altares que vocês ergueram ao orgulho; em suma, sejam verdadeiros cristãos, e terão o reino da verdade. Não duvidem mais da bondade de Deus, agora que ele lhes proporciona tantas comprovações. Nós estamos vindo preparar as vias para o cumprimento das profecias. Quando o Senhor lhes fornecer uma demonstração mais esplêndida de sua clemência, quando o enviado celeste os encontrar em uma grande família; quando seus corações, ternos e humildes, forem dignos de ouvir a palavra divina que ele virá trazer-lhes; quando o eleito só encontrar em seu caminho as palmas estendidas por seu retorno ao bem, à caridade, à fraternidade; então seu mundo se transformará em um paraíso terrestre. Mas se vocês continuarem insensíveis à voz dos Espíritos, enviados para purificar, para renovar sua sociedade civilizada, rica em conhecimentos, contudo, tão pobre de bons sentimentos, ai de nós, só nos restará prantear e lastimar seu destino. Mas, não, não será assim; voltem para Deus, seu pai, e então nós todos, que estamos servindo ao cumprimento de sua vontade, entoaremos o cântico de ação de graças para agradecer ao Senhor sua inesgotável bondade, e para glorificá-lo por todos os séculos dos séculos. Assim seja. (LACORDAIRE. Constantina, 1863.)

12. Homens, por que lastimam vocês as calamidades que vocês mesmos depositaram sobre sua cabeça? Vocês ignoraram a santa e divina moral do Cristo; não se espantem, pois, de que a taça da iniquidade haja transbordado por toda a parte.

O incômodo se torna geral; a quem responsabilizar senão a vocês mesmos, que sem cessar buscam esmagar uns aos outros? Vocês não são capazes de ser felizes sem uma benevolência recíproca; e como consegue a benevolência coexistir com o orgulho? O orgulho, eis aqui a fonte de todos os seus males; apliquem-se, então, a destruí-lo, se não quiserem perpetuar para vocês suas funestas consequências. Só um meio se lhes oferece para isso, mas tal meio é infalível, é o de tomar como regra invariável de sua conduta a lei do Cristo, lei que vocês têm ou desdenhado ou adulterado em sua interpretação.

Por que têm vocês em tão grande estima o que brilha e encanta seus olhos, até mais do que aquilo que lhes toca o coração? Por que o vício na opulência é o objeto de seus afagos, ao passo que vocês têm apenas um olhar desdenhoso para o verdadeiro valor na obscuridade? Que um rico debochado, perdido de corpo e alma, se apresente em qualquer parte, todas as portas lhe são abertas, todas as atenções são para ele, ao passo

que a gente mal se digna acenar ao homem de bem que vive de seu trabalho. Quando a consideração que se presta às pessoas se mede pelo peso do ouro que possuem ou pelo nome que trazem, que interesse podem ter em se corrigirem de seus defeitos?

Seria bem diferente se o vício dourado fosse punido pela opinião, como é o vício em farrapos; mas o orgulho é indulgente para com tudo quanto o adula. Século de cupidez e de dinheiro, dizem vocês. Sem dúvida, mas por que deixaram as necessidades materiais predominarem sobre o bom senso e a razão? Por que cada um deseja sobrepor-se a seu irmão? Hoje em dia, a sociedade sofre as consequências disso.

Não se esqueçam de que um tal estado de coisas é sempre sintoma de decadência moral. Quando o orgulho alcança seus limites extremos, é indício de uma próxima derrocada, pois Deus fere sempre os soberbos. Se ele os deixa, às vezes, subir, é para lhes dar oportunidade de refletir e de se emendar, sob os abalos que, de tempos em tempos, promove contra seu orgulho, para adverti-los; mas, em lugar de se prostrarem, eles se revoltam; então, quando a medida está cheia, ele a despeja de repente, e sua derrocada é tanto mais terrível quanto mais alto tenham subido.

Pobre raça humana, cujo egoísmo destruiu todos os caminhos, encha-se de novo de coragem, apesar de tudo; em sua misericórdia infinita, Deus lhe envia um poderoso remédio para seus males, um socorro inesperado em seu desespero. Abra os olhos para a luz: eis as almas dos que já não vivem que vêm convocá-la a seus verdadeiros deveres; elas lhe dirão, com a autoridade da experiência, quanto as vaidades e as grandezas de sua passageira existência são pequenas diante da eternidade; elas lhe dirão que aquele que é o maior foi o mais humilde entre os pequenos deste mundo; que aquele que mais amou seus irmãos é também o que será mais amado no céu; que os poderosos da Terra, se abusaram de sua autoridade, serão constrangidos a obedecer a seus serviçais; que a caridade e a humildade, enfim, essas duas irmãs que se dão as mãos, são os títulos mais eficazes para se obter graça diante do Eterno. (ADOLFO, Bispo de Argel. Marmande, 1862.)

Missão do homem inteligente na terra.

13. Não fique orgulhoso do que você conhece, pois esse conhecimento tem fronteiras bem limitadas no mundo em que habita. Mesmo que eu suponha que você seja uma das sumidades inteligentes desse globo, você não tem nenhum direito de se envaidecer. Se Deus, em seus desígnios, o fez nascer em um ambiente onde foi capaz de desenvolver sua inteligência, é que ele deseja que a use em benefício de todos; pois é uma missão que ele lhe oferece, pondo em suas mãos o instrumento com a ajuda do qual você tem como desenvolver, ao seu redor, as inteligências atrasadas e conduzi-las a Deus. A natureza do instrumento não indica a utilização que se pode fazer dele? A enxada que o jardineiro põe nas mãos de seu servente não lhe mostra que deve cavar? E o que diria você se o servente, em lugar de trabalhar, levantasse a enxada para atingir seu senhor? Você diria que isso é horrível e que ele merece ser mandado embora. Muito bem, não ocorre o mesmo com quem se serve de sua inteligência para destruir a ideia de Deus e da

Providência entre seus irmãos? Não levanta ele contra seu senhor a enxada que lhe foi fornecida para capinar o terreno? Tem ele direito ao salário prometido ou merece, ao contrário, ser mandado embora do jardim? Ele vai ser, não duvide, e arrastará existências miseráveis e cheias de humilhação, até que se curve perante aquele a quem deve tudo.

A inteligência é rica em méritos para o futuro, mas com a condição de se lhe dar um bom emprego; se todos os homens que são bem dotados dela se servissem segundo as perspectivas de Deus, a tarefa dos Espíritos seria mais fácil, no sentido de fazer avançar a humanidade; infelizmente, muitos fazem dela um instrumento de orgulho e de perdição para si mesmos. O homem abusa de sua inteligência, como de todas as suas outras faculdades, todavia não lhe faltam lições para adverti-lo de que u'a mão poderosa tem como retirar-lhe o que ela mesma lhe deu. (FERDINANDO, Espírito protetor. Bordéus, 1862.)

CAPÍTULO VIII

BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM O CORAÇÃO PURO.

Deixem vir a mim as criancinhas. — Pecado por pensamentos. Adultério. — Verdadeira pureza. Mãos não lavadas. — Escândalos: se sua mão for motivo de escândalo, corte-a. — *Mensagens dos Espíritos*: Deixem vir a mim as criancinhas. — Bem-aventurados os que têm os olhos fechados.

Deixem vir a mim as criancinhas.

1. Bem-aventurados os que têm o coração puro, porque eles verão a Deus. (São Mateus, v: 8.)

2. Então lhe apresentaram uns pequeninos, a fim de que os tocasse; e como seus discípulos expulsavam com palavras rudes os que lhes apresentavam, — Jesus, vendo isso, se aborreceu e lhes disse: *Deixem vir a mim as criancinhas*, e não as impeçam de modo algum; pois o reino dos céus é para os que se parecem com elas. — Eu lhes digo em verdade: qualquer um que não receber o reino de Deus como uma criança, não entrará lá nunca. — E, havendo-os abraçado, ele os abençoou, impondo-lhes as mãos. (São Marcos, x: 13 a 16.)

3. A pureza do coração é inseparável da simplicidade e da humildade; ela exclui todo pensamento de egoísmo e de orgulho; eis porque Jesus toma a infância como símbolo dessa pureza, como a tomou por aquele da humildade.

Esta comparação poderia não parecer justa, caso se considere que o Espírito da criança pode ser muito antigo e que traz, em renascendo na vida corpórea, as imperfeições de que não se despojou em suas existências precedentes; só um Espírito perfeito seria capaz de nos oferecer o exemplo da verdadeira pureza. Contudo, a comparação é própria do ponto de vista da vida presente; pois o pequenino, não tendo alcançado ainda manifestar nenhuma tendência perversa, nos oferece a imagem da inocência e da candura;

por isso Jesus não diz nunca, de maneira absoluta, que o reino de Deus é *para eles*, mas *para os que se parecem com eles*.

4. Tendo em vista que o Espírito da criança já viveu, por que não se apresenta, desde o nascimento, tal qual é? Tudo é sábio nas obras de Deus. A criança precisa de cuidados delicados que apenas a ternura maternal é capaz de lhe prestar; e essa ternura aumenta com a fragilidade e a ingenuidade da criança. Para u'a mãe, seu filho é sempre um anjo, e precisava que fosse assim para cativar sua solicitude; ela não conseguiria ter para com ele a mesma renúncia, se, em lugar da graça espontânea, encontrasse nele, sob as feições infantis, um caráter viril e as ideias de um adulto, e ainda menos se tivesse conhecido seu passado.

Precisava, de resto, que a atividade do princípio inteligente fosse proporcional à fragilidade do corpo, que não conseguiria resistir a uma atividade demasiado forte do Espírito, assim como observamos nas criaturas muito precoces. Eis porque, nas proximidades da encarnação, o Espírito, começando a se perturbar, perde, a pouco e pouco, a consciência de si mesmo; ele fica, durante certo período, em uma espécie de sono, durante o qual todas as suas faculdades permanecem em estado latente. Esse estado transitório é necessário, para oferecer ao Espírito um novo ponto de partida e para fazê-lo esquecer, em sua nova existência terrestre, as coisas que teriam conseguido entravá-lo. Seu passado, contudo, reage sobre ele; ele renasce maior para a vida, mais forte moralmente e intelectualmente, amparado e fortalecido através da intuição que conserva da experiência adquirida.

A partir do nascimento, suas ideias recuperam gradualmente sua marcha, à proporção que se vão desenvolvendo os órgãos; donde se pode dizer que, durante os primeiros anos, o Espírito é verdadeiramente criança, porque as ideias que formam o fundo de seu caráter estão ainda adormecidas. Durante o tempo em que seus instintos entorpecem, ele é mais flexível e, por isso mesmo, mais acessível às impressões capazes de modificar sua natureza e de fazê-la progredir, o que torna mais fácil a tarefa imposta aos pais.

O Espírito traja, assim, por um tempo, as vestes da inocência, e Jesus está com a verdade, quando, malgrado a anterioridade da alma, toma a criança como símbolo da pureza e da simplicidade.

Pecado por pensamentos. Adultério.

5. Vocês aprenderam o que se disse aos antigos: Vocês nunca cometerão adultério. — Mas, quanto a mim, eu lhes digo que qualquer um que tiver olhado para uma mulher, com um mau desejo por ela, já cometeu adultério com ela em seu coração. (São Mateus, v: 27 e 28.)

6. A palavra *adultério* não pode ser entendida aqui no sentido exclusivo de sua acepção própria, mas em um sentido mais geral; Jesus constantemente a empregou, por extensão, para designar o mal, o pecado, todo e qualquer mau pensamento, como, por

exemplo, nesta passagem: “Pois, se um qualquer se envergonhar de mim e de minhas palavras, entre esta raça *adúltera e pecadora*, o Filho do homem se envergonhará também dele, quando vier acompanhado dos santos anjos, na glória de seu Pai.” (São Marcos, VIII: 38.)

A verdadeira pureza não está apenas nos atos; está também no pensamento, pois quem possui o coração puro nem sequer pensa no mal; foi o que desejou dizer Jesus: ele condena o pecado, mesmo em pensamento, porque é um sinal de impureza.

7. Tal princípio provoca naturalmente esta questão: *Sofrem-se as conseqüências de um mau pensamento que não produziu efeito?*

Existe aqui uma importante distinção a fazer. À medida que a alma engajada no mau caminho vai avançando na vida espiritual, ela vai esclarecendo-se e despojando-se, a pouco e pouco, de suas imperfeições, de acordo com a maior ou menor boa vontade que aplica nisso, em virtude de seu livre-arbítrio. Todo mau pensamento é, pois, o resultado da imperfeição da alma; mas, conforme o desejo que empregou em se purificar, mesmo esse mau pensamento se transforma para ela em uma ocasião de adiantamento, porque o expulsa com energia; é o vestígio de uma nódoa que se esforça por limpar; ela não cederá se se apresentar uma ocasião de satisfazer um mau desejo; e, depois que houver resistido, se sentirá mais forte e alegre com sua vitória.

Quem, ao contrário, não tiver tomado boas resoluções, procura uma ocasião e, se não praticar a má ação, não é por causa de sua vontade, mas porque lhe faltou tal ocasião; é, assim, tão culpada quanto se o tivesse praticado.

Em suma, para a pessoa que não concebe nem mesmo o pensamento do mal, o progresso se cumpriu; para quem venha tal pensamento e o expulsa, o progresso está a pique de cumprir-se; para quem, enfim, tenha esse pensamento e nele se compraz, o mal está ainda com toda sua força; para uma, o trabalho está feito; para outra, está por fazer-se. Deus, que é justo, tem em conta todas essas nuances quanto à responsabilidade dos atos e dos pensamentos humanos.

Verdadeira pureza. Mãos não lavadas.

8. Então os escribas e os fariseus que vieram de Jerusalém se aproximaram de Jesus e lhe perguntaram: — Por que seus discípulos violam a tradição dos antigos, pois não lavam nunca as mãos quando tomam suas refeições?

Mas Jesus lhes respondeu: Por que vocês mesmos violam o mandamento de Deus, para seguirem sua tradição, pois Deus fez este mandamento: — Honrem seu pai e sua mãe; e este outro: Quem disser palavras ultrajantes a seu pai ou a sua mãe será punido com a morte? — Mas vocês dizem entre si: Qualquer um que houver dito a seu pai ou a sua mãe: Toda oferenda que eu faço a Deus lhes será útil, satisfaz a lei, — ainda que, depois disso, ele não honre nem assista jamais seu pai ou sua mãe; — e assim vocês tornaram inútil o mandamento de Deus, através de sua tradição.

Hipócritas, Isaías vaticinou corretamente a seu respeito, quando disse: — Este povo honra-me com os lábios, mas seu coração está longe de mim; — e é em vão que me honram, ao ensinar as máximas e os mandamentos humanos.

Tendo depois chamado o povo, ele lhe disse: Ouçam e compreendam bem isto aqui. — Não é o que entra pela boca o que emporcalha o homem; mas é o que sai da boca do homem que o emporcalha. — O que sai da boca provém do coração e é isso que torna o homem impuro; — pois é do coração que provêm os maus pensamentos, os assassinios, os adultérios, as fornicções, os latrocínios, os falsos testemunhos, as blasfêmias e as maledicências; — são essas as coisas que tornam o homem impuro; mas comer sem haver lavado as mãos, não é isso que torna um homem impuro.

Então, aproximando-se seus discípulos dele, lhe perguntaram: Sabe você que os fariseus, tendo ouvido o que você acaba de falar, se escandalizaram? — Mas ele respondeu: Toda planta que meu Pai celeste nunca plantou será arrancada. — Deixem-nos; são cegos que conduzem cegos; se um cego conduz um outro, eles caem ambos no abismo. (São Mateus, xv: 1 a 20.)

9. Enquanto ele falava, um fariseu lhe pediu para que fosse jantar em sua casa; e tendo Jesus ido lá, se pôs à mesa. — E o fariseu começou, então, a dizer consigo mesmo: Por que não lavou ele as mãos antes de jantar? — Mas o Senhor lhe disse: Vocês, fariseus, têm grande cuidado em limpar por fora o copo e o prato; mas o interior de seus corações está cheio de rapinas e de iniquidades. Insensatos é o que são! Quem fez o que está fora não fez também o de dentro? (São Lucas, XI: 37 a 40.)

10. Os judeus tinham negligenciado os verdadeiros mandamentos de Deus, para se apegarem à prática dos regulamentos estabelecidos pelos homens, a partir do que os rígidos observadores constituíam casos de consciência; o fundo, muito simples, acabou por desaparecer sob a complicação da forma. Como era mais fácil observar os atos exteriores que se reformar moralmente, *de se lavarem as mãos que limpar seu corpo*, os homens se enganaram a si mesmos e se julgaram quites com Deus, porque se dedicavam a essas práticas, permanecendo o que eram; pois lhes ensinavam que Deus não pedia nada mais. Eis porque o profeta diz: “É em vão que este povo me honra com os lábios, ao ensinar as máximas e o mandamentos humanos.”

Assim sucedeu com a doutrina moral do Cristo, que acabou sendo posta em segundo plano, o que faz que muitos cristãos, a exemplo dos antigos judeus, acreditem sua salvação mais segura através das práticas exteriores que através das práticas da moral. É a essas adições feitas pelos homens à lei de Deus que Jesus alude, quando diz: “Toda planta que meu Pai celeste nunca plantou será arrancada.”

O alvo da religião é conduzir o homem a Deus; ora, o homem só chega a Deus quando é perfeito; logo, toda religião que não torna o homem melhor não atinge o alvo; aquela em que a gente crê ser capaz de se apoiar para praticar o mal é ou falsa ou falsificada em seu princípio. Tal é o resultado de todas as em que a forma se impõe ao fundo. A crença na eficácia dos símbolos exteriores é nula, se não impedir de se cometerem os assassinios, os adultérios, as espoliações, de se dizerem as calúnias e de se fazer o mal ao próximo, qualquer que seja. Ela cria supersticiosos, hipócritas e fanáticos, mas não cria homens de bem.

Logo, não é suficiente ter as aparências da pureza; precisa, antes de tudo, ter aquela do coração.

Escândalos: se sua mão for motivo de escândalo, corte-a.

11. Ai do mundo, por causa dos escândalos; pois é necessário que ocorram escândalos; mas ai do homem por quem o escândalo ocorra.

Se alguém escandalizar um destes pequenos que creem em mim, preferível seria para ele que lhe pendurassem ao pescoço uma dessas mós que o asno fica rodando, e que o jogassem ao fundo do mar.

Resguardem-se de menosprezar algum destes pequenos; eu lhes declaro que no céu seus anjos veem sem cessar a face de meu Pai, que está nos céus; pois o Filho do homem veio salvar o que se perdia.

Se sua mão ou seu pé tornam vocês objeto de escândalo, cortem-nos e joguem para longe; é preferível para vocês entrarem na vida com um só pé ou uma só mão que terem os dois e serem jogados ao fogo eterno. — E se seu olho lhes é objeto de escândalo, arranquem-no e joguem para longe; é preferível para vocês entrarem na vida com um só olho que terem os dois e serem precipitados no fogo do inferno. (São Mateus, XVIII: 6 a 11; e, também, São Mateus, v: 29 e 30.)

12. No sentido comum, *escândalo* se diz de toda ação que choca a moral ou as conveniências, de um modo ostensivo. O escândalo não está na ação em si, mas na repercussão que pode ter. A palavra escândalo implica sempre a ideia de um certo alvoroço. Muitas pessoas se contentam em evitar o *escândalo*, porque seu orgulho sofreria e seu respeito decairia entre os homens; desde que suas torpezas fiquem desconhecidas, isso lhes é suficiente e sua consciência se mantém descansada. São esses, segundo as palavras de Jesus: “os sepulcros caiados no exterior, mas cheios de podridão no interior; os vasos limpos por fora e imundos por dentro”.

No sentido evangélico, a acepção da palavra escândalo, tão frequentemente empregada, é muito mais geral; eis porque não se compreende sua acepção em certos casos. Não se trata somente do que choca a consciência de outrem, mas de todo resultado dos vícios e das imperfeições dos homens, de toda reação malévolada de indivíduo para indivíduo, com ou sem repercussão. O escândalo, nesse caso, *é o resultado efetivo do mal moral*.

13. *É preciso que exista o escândalo no mundo*, disse Jesus, porque, sendo os homens imperfeitos na Terra, estão inclinados a praticar o mal, e porque as más árvores dão maus frutos. Então, é preciso entender, por essas palavras, que o mal é uma consequência da imperfeição dos homens, e não que exista para eles a obrigação de praticá-lo.

14. *É necessário que o escândalo venha*, porque, estando em expiação no mundo, os homens se punem a si mesmos através do contato de seus vícios, cujas primeiras vítimas são eles mesmos e cujos inconvenientes terminam compreendendo. Quando estiverem cansados de sofrer com o mal, procurarão o remédio no bem. A reação desses vícios serve, pois, de uma só vez, de castigo para uns e de prova para outros; eis como Deus faz surgir o bem do mal, e como os próprios homens utilizam as coisas más ou o refugio.

15. Se for assim, dirão, o mal é necessário e durará para sempre; pois, se vier a desaparecer, Deus se acharia privado de um poderoso meio de castigar os culpados; logo é inútil procurar melhorar os homens. Mas, se não existissem culpados, não haveria necessidade de castigos. Suponhamos a humanidade transformada em homens de bem, nenhum procurará praticar o mal a seu próximo e todos serão felizes porque serão bons. Tal é o estágio dos mundos adiantados donde o mal se excluiu; tal será o da Terra, quando tiver progredido o bastante. Mas, ao passo que certos mundos vão adiantando-se, outros vão formando-se, povoados por Espíritos primitivos, mundos que servem, além disso, de moradia, de exílio e de lugar expiatório para os Espíritos imperfeitos, rebeldes, obstinados no mal, e que são apartados dos mundos que vão tornando-se felizes.

16. *Mas ai daquele por quem o escândalo ocorra*; quer dizer que, sendo o mal sempre o mal, quem serviu, sem consciência disso, de instrumento para a justiça divina, tendo os maus instintos utilizados, nem por isso deixou de praticar o mal e tem que ser punido. Eis como, por exemplo, um filho ingrato é uma punição ou uma provação para o pai que sofre com ele, porque esse pai talvez haja sido, ele mesmo, um mau filho, que fez sofrer a seu pai e que recebeu a pena de talião; mas nem por isso o filho será escusável, mas terá que ser castigado a seu turno, em seus próprios filhos ou de uma outra maneira.

17. *Se sua mão lhes é causa de escândalo, cortem-na*: figura enérgica, que seria absurdo levar à letra e que significa, simplesmente, que é preciso destruir toda causa de escândalo, quer dizer, de mal das pessoas; arrancar do coração todo sentimento impuro e toda vocação viciosa; quer dizer ainda que mais vale ter a mão cortada, que ter a mão como instrumento de uma ação ruim; ser privado da vista, que ter os olhos como origem de maus pensamentos. Jesus não disse nada de absurdo, para quem apreendeu o sentido alegórico e profundo de suas palavras; mas muitas coisas não podem ser compreendidas sem a chave que lhes proporciona o espiritismo.

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

Deixem vir a mim as criancinhas.

18. O Cristo disse: “Deixem vir a mim as criancinhas.” Essas palavras, profundas em sua simplicidade, não carregam consigo o singelo chamamento às crianças, mas às almas que gravitam nos círculos inferiores, onde a infelicidade ignora a esperança. Jesus clamava para si a infância intelectual da criatura formada: os fracos, os escravos, os viciados; ele não tinha como ensinar nada à infância física, engajada à matéria, submetida ao jugo do instinto, e ainda não pertencente à categoria superior da razão e da vontade, que se exercem em torno dela e para ela.

Jesus desejava que os homens viessem até ele com a confiança desses pequenos seres de passos vacilantes, cujo chamamento lhe conquistava o coração das mulheres, que

são todas mães; ele submetia, assim, as almas à sua terna e misteriosa autoridade. Ele foi a chama que ilumina as trevas, o clarim matinal que toca a alvorada; ele foi o iniciador do espiritismo, que tem, por seu turno, que chamar para si, não as criancinhas, mas os homens de boa vontade. A ação viril está engrenada; não se trata mais de crer instintivamente e de obedecer maquinalmente, precisa que o homem siga a lei inteligente que lhe revela sua universalidade.

Meus bem-amados, eis aqui o tempo em que os erros explicados se fazem verdades; nós lhes ensinaremos o sentido exato das parábolas, e nós lhes mostraremos a correlação pujante que une o que foi ao que é. Eu lhes digo, em verdade: a manifestação espírita se ergue no horizonte; e eis aqui seu mensageiro, que vai resplender como o sol sobre o cimo das montanhas. (JOÃO, o Evangelista. Paris, 1863.)

19. Deixem vir a mim as criancinhas, pois eu possuo o leite que fortalece os fracos. Deixem vir a mim os que, tímidos e débeis, precisam de amparo e consolação. Deixem vir a mim os ignorantes, para que eu os esclareça; deixem vir a mim todos os que sofrem, a multidão dos aflitos e dos infelizes; eu lhes ensinarei o grande remédio para suavizar os males da vida, eu lhes fornecerei o segredo de curar suas feridas! Qual é, meus amigos, esse bálsamo supremo que possui a virtude por excelência, esse bálsamo que se aplica sobre todas as chagas do coração e as fecha? É o amor, é a caridade! Se vocês têm esse fogo divino, de que têm medo? Vocês dirão, em todos os instantes de sua vida: Meu pai, que sua vontade seja feita e não a minha; se lhe agrada testar-me através da dor e das tribulações, seja bendito, pois é para meu bem, eu sei disso, que sua mão pesa sobre mim. Se lhe convém, Senhor, ter piedade de sua frágil criatura, se oferece a seu coração as justas alegrias, seja ainda bendito; mas faça que o amor divino não adormeça em sua alma e que sem cessar ela eleve a seus pés a voz de seu reconhecimento!...

Se vocês possuem o amor, vocês possuirão tudo o que existe para se desejar no seu mundo, pois possuirão a pérola por excelência, que nem as contingências, nem os malefícios dos que os odeiam e os perseguem conseguirão usurpar-lhes. Se vocês possuem o amor, vocês terão colocado seus tesouros lá onde nem a traça nem a ferrugem têm como alcançá-los e vocês verão sumir imperceptivelmente de sua alma tudo o que seja capaz de macular-lhe a pureza; vocês sentirão o peso da matéria diminuir dia a dia; e, como um pássaro que paira nos ares e não se recorda mais da terra, vocês subirão sem cessar, vocês subirão sempre, até que sua alma, inebriada, consiga fartar-se de seu elemento de vida, no seio do Senhor. (UM ESPÍRITO PROTETOR. Bordéus, 1861.)

Bem-aventurados os que têm os olhos fechados⁵.

20. Meus bons amigos, vocês me chamaram por quê? É para me fazer impor as mãos sobre esta pobre sofredora que está aqui e que a cure? Eh! Que sofrimento, bom

⁵ Esta comunicação foi oferecida com a intenção de atender a uma pessoa cega para quem se evocou o Espírito de J. B. VIANNEY, cura d'Ars.

Deus! Ela perdeu a visão e as trevas se fazem para ela. Pobre criança, que rogue e que espere; eu não sei fazer milagres, eu, sem o desígnio do bom Deus. Todas as curas que consegui obter, e que lhes foram informadas, só as atribuem àquele que é Pai de todos nós. Em suas aflições, olhem sempre para o céu, e digam, do fundo de seu coração: “Meu Pai, livre-me da doença, mas faça que minha alma enferma seja curada antes das moléstias de meu corpo; que minha carne seja castigada, se preciso, para que minha alma se eleve para o Senhor com a brancura que possuía quando o Senhor a criou.” Após essa prece, meus bons amigos, que o bom Deus ouvirá sempre, a força e a coragem lhes serão fornecidas, e talvez também essa cura que vocês me pediram tão timidamente, em recompensa de sua abnegação.

Mas, já que aqui estou, em uma assembleia onde se trata, antes de mais nada, de estudos, eu lhes direi que os que estão privados da vista tinham que se considerar como os bem-aventurados da expiação. Lembrem-se de que o Cristo disse que era preciso arrancar seu olho, se ele fosse mau, e que era preferível que fosse jogado ao fogo, a ser a causa de sua perdição. Ai, quantos existem em seu mundo que maldirão um dia, nas trevas, por terem visto a luz! Oh! Sim, como são felizes os que, na expiação, se puniram através da vista! Seu olho não será nunca objeto de escândalo e de queda; eles são capazes de viver por inteiro a vida das almas, de ver mais que vocês que veem claro... Quando Deus me permite ir abrir a pálpebra a algum desses pobres sofredores e lhe fornecer a luz, eu digo a mim: Cara alma, por que não conhece você verdadeiramente todas as delícias do Espírito que vive de contemplação e de amor? Você não pediria para ver imagens menos puras e menos suaves que as que é capaz de entrever em sua cegueira.

Oh! Sim, bem-aventurado o cego que deseja viver com Deus; mais feliz do que vocês que estão aqui, ele sente a felicidade, ele a toca, ele vê as almas e consegue lançar-se com elas às esferas espíritas que os predestinados de seu mundo, nem mesmo eles, jamais veem. O olho aberto está sempre prestes a fazer a alma fracassar; o olho fechado, ao contrário, está sempre prestes a fazê-la subir a Deus. Acreditem em mim, meus bons e queridos amigos, a cegueira dos olhos é geralmente a verdadeira luz do coração, ao passo que a vista é geralmente o anjo tenebroso que conduz à morte.

E agora algumas palavras para você, minha pobre sofredora: espere e tenha coragem! Se eu lhe dissesse: Minha filha, seus olhos vão abrir-se, como você ficaria contente! E quem sabe se essa alegria não iria perdê-la? Tenha confiança no bom Deus, que criou a felicidade e permite a tristeza! Eu farei tudo o que estiver ao meu alcance por você; mas, por seu turno, rogue e, sobretudo, pense em tudo o que acabo de lhe dizer.

Antes que me afaste, vós todos que aqui estão, recebam minha bênção. (VIANNEY, *Cura d’Ars*. Paris, 1863.)

21. *Observação*. — Quando uma aflição não é o resultado dos atos da vida presente, é preciso buscar sua causa em uma vida anterior. O que a gente chama de caprichos da sorte outra coisa mais não é que os efeitos da justiça de Deus. Deus não inflige nunca punições arbitrárias; ele deseja que entre a falta e a pena exista sempre correlação. Se, em sua bondade, lançou um véu sobre nossos atos passados, ele nos põe, contudo, no justo caminho, ao dizer: “Quem matou pela espada, morrerá pela espada”; palavras que se devem traduzir assim: “A gente é sempre punida através daquilo em que pecou.” Portanto,

se alguém é afligido pela perda da vista, é que a vista representou para ele uma causa de queda. Pode ser também que ele tenha sido causa da perda da vista para outrem; pode ser que alguém tenha ficado cego pelo excesso de trabalho que ele lhe impôs, ou como resultado de maus tratos, de falta de cuidados etc., e então ele está sofrendo a pena de talião. Ele mesmo, no seu arrependimento, teve como escolher tal expiação, aplicando a si mesmo esta expressão de Jesus: “Se seu olho se constitui em objeto de escândalo, arranque-o.”

CAPÍTULO IX

BEM-AVENTURADOS OS QUE SÃO MANSOS E PACÍFICOS.

Injúrias e violências. — *Mensagens dos Espíritos*: A afabilidade e a mansidão. — A paciência. — Obediência e resignação. — A cólera.

Injúrias e violências.

1. Bem-aventurados os que são mansos, porque eles possuirão a terra. (São Mateus, v: 5.)

2. Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus. (*Idem*, 9.)

3. Vocês aprenderam que se disse aos antigos: Vocês nunca matarão, e quem matar merecerá ser condenado pelo tribunal. — Mas, quanto a mim, eu lhes digo que qualquer um que se encolerizar contra seu irmão merecerá ser condenado pelo tribunal; e o que disser a seu irmão: *Raca*, merecerá ser condenado pelo conselho; e o que lhe disser: *Você é louco*, merecerá ser condenado ao fogo do inferno. (*Idem*, 21 e 22.)

4. Por essas máximas, Jesus transforma em lei a doçura, a moderação, a mansuetude, a afabilidade e a paciência; ele condena, por conseguinte, a violência, a cólera e mesmo qualquer expressão ferina em relação aos semelhantes. *Raca* era, entre os hebreus, uma expressão de menosprezo, que significava *homem vil*, e que se pronunciava cuspidando e virando a cabeça. Ele vai mesmo mais longe pois ameaça com o fogo do inferno a quem disser a seu irmão: *Você é louco*.

É evidente que aqui, como em toda circunstância, a intenção agrava ou atenua a falta; mas em que ponto uma simples palavra consegue ser tão grave, para merecer uma reprovação tão severa? É que toda palavra ofensiva é a expressão de um sentimento contrário à lei de amor e de caridade, que tem que reger as relações entre os homens e manter entre eles a concórdia e a união; é um atentado contra a benevolência recíproca e

a fraternidade; porque alimenta o ódio e a animosidade; enfim, porque, após a humildade ante Deus, a caridade ante o próximo é a primeira lei de todo cristão.

5. Mas o que entende Jesus por estas palavras: “Bem-aventurados os que são mansos, porque eles possuirão a terra”, ele que diz para se renunciar aos bens deste mundo e que promete os do céu?

Enquanto espera pelos bens do céu, o homem precisa dos da terra para viver; somente ele lhe recomenda de nunca atribuir a estes últimos mais importância que aos primeiros.

Por tais palavras, ele deseja dizer que, até agora, os bens terrenos se açambarcaram pelos violentos, em prejuízo dos que são mansos e pacíficos; que estes se privam muitas vezes do necessário, enquanto os outros possuem o supérfluo; ele promete que lhes será feita justiça *na terra como no céu*, porque eles serão chamados os filhos de Deus. Quando a lei de amor e de caridade for a lei da humanidade, não existirá mais egoísmo; o fraco e o pacífico não serão mais explorados nem esmagados pelo forte e pelo violento. Tal será o estágio da Terra, quando, de acordo com a lei do progresso e a promessa de Jesus, ela se tornar um mundo feliz, através da expulsão dos maus.

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

A afabilidade e a mansidão.

6. A benevolência para com os semelhantes, fruto do amor do próximo, produz a afabilidade e a mansidão, que lhe são a manifestação. Não obstante, nem sempre se pode fiar nas aparências; a educação e a experiência mundana conseguem proporcionar o verniz dessas qualidades. Quantos existem cuja fingida bonomia não passa de u’á máscara para o exterior, uma veste cujo corte preciso dissimula as deformidades escondidas! O mundo está cheio dessas pessoas que têm o sorriso nos lábios e o veneno no coração; *que são mansas, desde que nada as afronte, mas que mordem à menor contrariedade*; cuja língua dourada, quando falam de frente, se torna em dardo envenenado, quando estão por trás.

A essa categoria pertencem ainda aqueles homens fora do lar uns santos, que, em casa, tiranos domésticos, fazem sua família e seus empregados aguentar o peso de seu orgulho e de seu despotismo; parece que eles desejam compensar o constrangimento que lhes é imposto em outros locais; não ousando impor autoridade aos estranhos, que os remeteriam a seu lugar, desejam, ao menos, fazer-se temer dos que não têm como oferecer-lhes resistência; sua vaidade alegra-se de poder dizer: “Aqui eu mando e sou obedecido”; sem pensar que poderiam ajuntar, com mais razão: “E sou detestado.”

Não é suficiente que dos lábios escorram leite e mel; se o coração não tem parte nisso, é simples hipocrisia. Aquele cuja afabilidade e cuja mansidão não são fingidas, não se desmente jamais; ele é o mesmo diante do mundo e na intimidade; ele sabe, de resto, que,

se a gente engana os homens através das aparências, não engana a Deus. (LÁZARO. Paris, 1861.)

A paciência.

7. A dor é uma bênção que Deus envia a seus eleitos; não se aflijam, pois, quando sofrerem, mas bendigam, ao contrário, a Deus todo-poderoso, que os marcou através da dor no mundo, para a glória no céu.

Sejam pacientes; é uma caridade também a paciência, e vocês têm que praticar a lei de caridade ensinada pelo Cristo, enviado de Deus. A caridade que consiste na esmola dada aos pobres é a mais fácil das caridades; mas existe uma bem mais penosa e, conseqüentemente, bem mais meritória: *é a de perdoar os que Deus situou em nosso caminho, para serem os instrumentos de nossos sofrimentos e porem nossa paciência sob provação.*

A vida é difícil, eu o sei; ela se compõe de mil ninharias que são simples picadas de alfinetes e findam por machucar; mas é preciso olhar para os deveres que nos são impostos, para as consolações e para as compensações que alcançamos por outro lado, e então nós saberemos que as bênçãos são mais numerosas que as dores. O fardo parece menos pesado quando é visto do alto que quando se curva a cabeça para o chão.

Coragem, amigos, o Cristo é seu modelo; ele sofreu mais que qualquer um de vocês e ele nada tinha de que se acusar, ao passo que vocês têm para expiar seu passado e têm de se fortificar para o futuro. Portanto, sejam pacientes, sejam cristãos; esta palavra engloba tudo. (UM ESPÍRITO AMIGO. Havre, 1862.)

Obediência e resignação.

8. A doutrina de Jesus sempre ensina a obediência e a resignação, duas virtudes companheiras da mansidão, muito ativas, conquanto os homens, por engano, as confundam com a negação do sentimento e da vontade. *A obediência é o consentimento da razão; a resignação é o consentimento do coração;* as duas são forças ativas, pois carregam o fardo das provações que a revolta insensata deixa tombar. O covarde não tem como ser resignado, não mais que o orgulhoso e o egoísta não têm como ser obedientes. Jesus foi a encarnação dessas virtudes menosprezadas pelo materialismo da antiguidade. Ele veio no momento em que a sociedade romana perecia nos abatimentos da corrupção, e veio para fazer luzir, no seio da humanidade debilitada, os triunfos do sacrifício e da renúncia carnal.

Cada época é, assim, assinalada com a marca da virtude ou do vício, que pode salvá-la ou perdê-la. A virtude de sua geração é a atividade intelectual; seu vício é a indiferença moral. Eu digo somente atividade, pois o gênio se eleva de repente e descobre para um só

os horizontes que a multidão apenas verá após ele; ao passo que a atividade é a reunião dos esforços de todos, para alcançar um alvo menos esplêndido, mas que comprova a elevação intelectual de uma época. Submetam-se vocês à impulsão que nós acabamos de propiciar a suas mentes; obedçam à grande lei de progresso, que é o vocábulo de sua geração. Infeliz da mente preguiçosa, de quem obstrui seu entendimento! Infeliz, pois nós, que somos os guias da humanidade em marcha, nós o fustigaremos com o chicote e forçaremos sua vontade rebelde, com o duplo recurso do travão e da espora; toda resistência orgulhosa terá que ceder, cedo ou tarde; mas bem-aventurados os que são mansos, porque prestarão uma dócil atenção aos ensinamentos. (LÁZARO. Paris, 1863.)

A cólera.

9. O orgulho os leva a se acreditarem mais do que são; a não serem capazes de sofrer uma comparação que possa rebaixá-los; a se terem, ao contrário, de tal modo acima de seus irmãos, seja quanto ao espírito, seja quanto à posição social, seja mesmo quanto aos atributos pessoais, que o menor paralelo os irrita e os ofende; e o que sucede, então? Eis que vocês se entregam à cólera.

Busquem a origem desses acessos de demência passageira, que os fazem parecidos aos animais selvagens, levando-os a perder o sangue-frio e a razão; busquem e encontrarão quase sempre por base o orgulho ferido. Não é o orgulho ferido por uma controvérsia que os faz rejeitar as observações corretas e repelir, em cólera, os mais prudentes conselhos? As impaciências mesmo, que provocam contrariedades quase sempre pueris, se atêm à importância que se atribui à própria personalidade, ante a qual a gente acredita que todos têm que se ajoelhar.

Em seu frenesi, o homem colérico se revolta contra tudo, contra a natureza bruta, contra os objetos inanimados, que ele arreventa porque eles não lhe obedecem. Ah! Se nesses momentos ele alcançasse ver-se com sangue-frio, teria medo de si mesmo ou se acharia bem ridículo! Que ele julgue por aí a sensação que pode produzir nos outros. Quando mais não fosse por respeito a si mesmo, ele poderia esforçar-se para vencer um pendor que faz dele um objeto de piedade.

Se pensasse que a cólera não endireita nada, que altera sua saúde, que compromete mesmo sua vida, veria que é ele sua primeira vítima; mas uma outra consideração teria sobretudo que detê-lo: é o pensamento de que ele torna infelizes todos os que o cercam; se possui sentimento, não lhe advirá um remorso por fazer sofrer os seres que mais ama? E que desgosto mortal, se, em um acesso de arrebatamento, cometesse um ato de que devesse acusar-se por toda a vida!

Em suma, a cólera não exclui certas qualidades do coração, mas impede de praticar muito bem e consegue levar a praticar muito mal; isto tem que ser o bastante para excitar a realização de uns esforços para dominá-la. O espírito é requisitado, além disso, por outro motivo; o de que a cólera é contrária à caridade e à humildade cristã. (UM ESPÍRITO PROTETOR. Bordéus, 1863.)

10. De acordo com a ideia muito errada de que não consegue reformar sua própria natureza, o homem se acredita dispensado de realizar uns esforços para se corrigir dos defeitos em que se compraz de livre vontade ou que exigiriam excessos de perseverança; eis como, por exemplo, o homem inclinado à cólera se justifica quase sempre de seu temperamento; ao invés de se julgar culpado, ele remete a culpa a seu organismo, acusando, assim, a Deus de seus próprios malfeitos. Essa é ainda uma consequência do orgulho que se acha entremeado com todas as suas imperfeições.

Sem controvérsia, existem temperamentos que se prestam mais que os outros aos atos violentos, como existem músculos mais flexíveis que se prestam melhor para as competições; mas não creiam que ali esteja a causa primária da cólera, e se persuadam de que um Espírito pacífico, ainda que em um corpo bilioso, será sempre pacífico; e que um Espírito violento, em um corpo linfático, não seria mais manso; tão somente, a violência assumirá um outro caráter; não tendo um organismo adequado para corresponder à sua violência, a cólera ficará concentrada, e, no outro caso, será expansiva.

O corpo não favorece a cólera a quem não a possui, como não favorece os outros vícios; todas as virtudes e todos os vícios são inerentes ao Espírito; se não fosse assim, onde ficariam o mérito e a responsabilidade? O homem que é deformado não tem como se tornar direito, porque o Espírito não contribui para isso, mas ele é capaz de modificar o que se refere ao Espírito, quando possui uma firme vontade. A experiência não lhes comprova, espíritas, até onde consegue ir o poder da vontade, através das transformações verdadeiramente milagrosas que vocês veem realizarem-se? Portanto, digam que *o homem permanece vicioso apenas porque ele deseja permanecer vicioso*; mas quem deseja corrigir-se sempre é capaz de fazê-lo; caso contrário, não existiria a lei do progresso para o homem. (HAHNEMANN. Paris, 1863.)

CAPÍTULO X

BEM-AVENTURADOS OS QUE SÃO MISERICORDIOSOS.

Perdoem para que Deus os perdoe. — Reconciliar-se com seus adversários. — O sacrifício mais agradável a Deus. — A palha e a trave no olho. — Não julguem a fim de não serem julgados. Quem estiver sem pecado que lhe atire a primeira pedra. — *Mensagens dos Espíritos*: Perdão das ofensas. — A indulgência. — É permitido repreender os outros; observar as imperfeições alheias; divulgar o mal de outrem?

Perdoem para que Deus os perdoe.

1. Bem-aventurados os que são misericordiosos, porque eles mesmos obterão misericórdia. (São Mateus, v: 7.)

2. Se vocês perdoarem aos homens as faltas que eles praticam contra vocês, seu Pai celeste lhes perdoará também seus pecados, — mas, se não perdoarem nunca aos homens quando eles os ofenderem, seu Pai não lhes perdoará nunca igualmente seus pecados. (*Idem*, vi: 14 e 15.)

3. Se seu irmão pecou contra vocês, vão reclamar a ele de sua culpa em particular; se ele lhes ouve, vocês terão ganho a seu irmão. — Então, aproximando-se Pedro dele, perguntou-lhe: Senhor, quantas vezes perdoarei eu a meu irmão quando ele tiver pecado contra mim? Será até sete vezes? — Jesus respondeu-lhe: Eu não lhe digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes. (*Idem*, xviii: 15, 21 e 22.)

4. A misericórdia é o complemento da mansidão; pois quem não é misericordioso não poderia ser manso e pacífico; ela consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. O ódio e o rancor denotam uma alma sem elevação e sem grandeza; o esquecimento das ofensas é inerente à alma elevada, que está acima dos danos que lhe sejam capazes de intentar; uma está sempre ansiosa, com uma sensibilidade sombria e cheia de fel; a outra é calma, cheia de mansidão e de caridade.

Infeliz de quem proclama: Eu não perdoarei jamais; pois, se ele não for condenado pelos homens, será certamente por Deus; com que direito reclamará o perdão de suas próprias faltas, se ele mesmo não perdoa as dos outros? Jesus nos ensina que a misericórdia não deve ter limites, quando ele fala de perdoar a seu irmão, não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes.

Mas existem duas maneiras bem diferentes de perdoar: uma é grande, nobre, verdadeiramente generosa, sem segunda intenção, respeitando com delicadeza o amor-próprio e a suscetibilidade do adversário, ainda que deste último sejam todas as culpas; a segunda é aquela em que o ofendido, ou quem acredita sê-lo, impõe ao outro condições humilhantes e faz que sintam o peso de um perdão que irrita em lugar de acalmar; se ele dá a mão, não é com benevolência, mas com ostentação, a fim de poder dizer a todo o mundo: Vejam quanto sou generoso! Em tais circunstâncias, é impossível que a reconciliação seja sincera, de parte a parte. Não, não está aí a generosidade, mas esse é um modo de satisfazer o orgulho. Em toda disputa, quem se mostra mais conciliador, quem comprova maior desinteresse, caridade e verdadeira grandeza de alma, atrairá sempre a simpatia das pessoas imparciais.

Reconciliar-se com os adversários.

5. Reconcilie-se o quanto antes com seu adversário, enquanto estão caminhando juntos, no temor de que seu adversário o entregue ao juiz, e que o juiz o entregue ao ministro da justiça, e você seja posto na prisão. — Eu lhe digo, em verdade, que você não sairá dali, sem que haja pago até o último centavo. (São Mateus, v: 25 e 26.)

6. Existe, na prática do perdão e naquela do bem em geral, mais que um efeito moral; existe também um efeito material. A morte, como se sabe, não nos livra de nossos inimigos; os Espíritos vingativos perseguem, amiúde com seu ódio, além-túmulo, aqueles contra os quais conservaram rancor; eis porque o provérbio: “morto o bicho, morto o veneno”, é falso quando se aplica ao homem. O Espírito mau aguarda que aquele a quem ele deseja o mal esteja encerrado em seu corpo e menos livre, para atormentá-lo mais facilmente e atingi-lo em seus interesses ou em suas afeições mais caras. É preciso perceber nesse fato a origem da maioria dos casos de obsessão, daqueles, sobretudo, que apresentam certa gravidade, como a subjugação e a possessão. O obsedado e o possesso são, assim, quase sempre, vítimas de uma vingança anterior, à qual eles provavelmente deram causa através de sua conduta. Deus o permite para puni-los do mal que eles mesmos praticaram, ou, se não praticaram, por terem faltado com a indulgência e a caridade ao não perdoarem. Logo, importa, do ponto de vista da tranquilidade futura, reparar desde cedo os males praticados a seu próximo e perdoar a seus inimigos, a fim de extinguir, antes de morrer, todo motivo de dissensões, toda causa legítima para ulterior animosidade; por esse meio, de um inimigo encarniado neste mundo, tem-se como produzir um amigo no outro; ao menos, a gente se coloca ao lado da lei, e Deus não abandona aos azares da vingança a quem tenha perdoado. Quando Jesus recomenda que a

gente se entenda quanto antes com seu adversário, não se trata somente de se apaziguarem as discórdias durante a existência atual, mas de evitar que se perpetuem nas existências futuras. Você não sairá dali, disse ele, sem que haja pago até o último centavo, quer dizer, sem que haja satisfeito completamente a justiça de Deus.

O sacrifício mais agradável a Deus.

7. Logo, quando você estiver fazendo sua oferenda ante o altar, caso se lembre que seu irmão tem algo contra você, — deixe ali sua oferta ao pé do altar, e vá reconciliar-se antes com seu irmão, e depois você voltará para oferecer sua oferta. (São Mateus, v: 23 e 24.)

8. Quando Jesus diz: “Vá reconciliar-se com seu irmão antes de apresentar sua oferenda ao altar”, ele ensina que o sacrifício mais agradável ao Senhor é o de seu próprio ressentimento; ele ensina que, antes de se apresentar a ele para ser perdoado, é preciso que ele mesmo tenha perdoado, e que, caso se tenha praticado um mal contra um de seus irmãos, é preciso havê-lo reparado; somente então a oferenda será agradável, porque provirá de um coração puro de qualquer mau pensamento. Ele materializa esse preceito, porque os judeus ofereciam sacrifícios materiais; ele tinha que conformar suas palavras a seus usos. O cristão não oferece oblações materiais; espiritualizou-se o sacrifício, mas o preceito não perdeu em força; ele oferta sua alma a Deus, e essa alma deve ser purificada; *ao entrar no templo do Senhor, ele tem que deixar do lado de fora todo sentimento de ódio e de animosidade, todo mau pensamento contra seu irmão*; somente então sua prece será levada pelos anjos aos pés do Eterno. Eis o que ensina Jesus através destas palavras: Deixe sua oferenda ao pé do altar, e vá, antes, reconciliar-se com seu irmão, se você deseja ser agradável ao Senhor.

A palha e a trave no olho.

9. *Por que vocês veem uma palha no olho de seu irmão, vocês que não veem uma trave em seu olho?* — Ou como dizem a seu irmão: Deixe-me tirar-lhe uma palha de seu olho, vocês que têm uma trave no seu? — Hipócritas, extraíam primeiramente a trave de seu olho, e então vocês verão como deverão retirar a palha do olho de seu irmão. (São Mateus, VII: 3 a 5.)

10. Uma das obstinações da humanidade é ver o mal de outrem antes do que se acha em nós. Para julgar-se a si mesmo, seria preciso conseguir olhar-se em um espelho, transportar-se de qualquer jeito para fora de si e considerar-se como uma outra pessoa, em se perguntando: Que pensaria eu se visse alguém fazendo o que faço? É, incontestavelmente, o orgulho que leva o homem a disfarçar seus próprios defeitos, quanto à moral como quanto ao físico. Essa obstinação é essencialmente contrária à

caridade, pois a verdadeira caridade é modesta, simples e indulgente; a caridade orgulhosa é um contrassenso, pois esses dois sentimentos se neutralizam um ao outro. Com efeito, como um homem assaz fútil para acreditar na importância de sua personalidade e na supremacia de suas qualidades, é capaz de possuir, ao mesmo tempo, tanta abnegação para fazer ressaltar em outrem o bem que poderia eclipsar a si mesmo, em lugar do mal que poderia valorizá-lo? Se o orgulho é o pai de muitos vícios, é também a negação de muitas virtudes; a gente o encontra no fundo e como móvel de quase todas as ações. Eis porque Jesus se esforçou por combatê-lo como o principal obstáculo ao progresso.

Não julguem a fim de não serem julgados. Quem estiver sem pecado que lhe atire a primeira pedra.

11. Não julguem nunca, a fim de não serem nunca julgados; — pois vocês serão julgados conforme terão julgado os outros; e a gente se servirá em relação a vocês da mesma medida de que se tiverem servido em relação a eles. (São Mateus, VII: 1 e 2.)

12. Então os escribas e os fariseus lhe trouxeram uma mulher que havia sido surpreendida em adultério e a fizeram ficar de pé no meio do povo, — eles disseram a Jesus: Mestre, esta mulher acaba de ser surpreendida em adultério; ora, Moisés nos ordena na lei para lapidar os adúlteros. Então, qual é seu parecer a respeito? — Eles diziam isso para tentá-lo, a fim de terem de que acusá-lo. Mas Jesus, abaixando-se, ficou a escrever com o dedo na terra. — Como eles continuassem a interrogá-lo, ele se ergueu e lhes disse: *Quem dentre vocês estiver sem pecado que lhe atire a primeira pedra.* — Depois, abaixando-se, continuou a escrever na terra. — Mas, quanto a eles, tendo-o ouvido falar daquela maneira, foram retirando-se um após o outro, saindo os velhos primeiro; e assim Jesus ficou só com a mulher, que estava no meio da praça.

Então, Jesus, erguendo-se, lhe disse: Mulher, que resultou de suas acusações? Ninguém a condenou? Ela lhe respondeu: Não, Senhor. Jesus lhe replicou: Eu não vou condená-la tampouco. Vá embora e, no futuro, não peque mais. (São João, VIII: 3 a 11.)

13. “Quem estiver sem pecado que lhe atire a primeira pedra”, disse Jesus. Essa máxima nos faz da indulgência um dever, porque não existe ninguém que não tenha necessidade disso para seu próprio proveito. Ela nos ensina que não podemos julgar os outros mais severamente que nos julgamos a nós mesmos, nem condenar em outrem o que toleramos em nós. Antes de criticar uma falta de alguém, observemos se a mesma recriminação não pode cair sobre nós.

A recriminação lançada sobre a conduta de outrem pode ter dois intuitos: reprimir o mal ou desacreditar a pessoa cujos atos se criticam; este último motivo não tem jamais desculpa, pois provém da maledicência e da maldade. O primeiro pode ser louvável e se torna até mesmo um dever em certos casos, porque dele é capaz de resultar um bem e porque, sem isso, o mal não seria jamais reprimido na sociedade; o homem, de resto, não tem que ajudar o progresso de seu semelhante? Não se pode, assim, tomar em sentido absoluto este princípio: “Não julgue, se você não deseja ser julgado”, pois a letra mata e o espírito vivifica.

Jesus não podia proibir de se recriminar o que está mal, pois ele mesmo nos ofereceu o exemplo disso e o fez em termos enérgicos; mas ele quis dizer que a autoridade da crítica repousa sobre a autoridade moral de quem a pronuncia; tornar-se culpado do que se condena em outrem é abdicar dessa autoridade; é, mais ainda, arrogar-se o direito de repressão. A consciência íntima, aliás, recusa todo respeito e toda submissão da vontade a quem, estando investido de um poder qualquer, viola as leis e os princípios que está encarregado de aplicar. *Não existe autoridade legítima aos olhos de Deus senão a que se apoia no exemplo que ela proporciona do bem*; é o que ressalta igualmente das palavras de Jesus.

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

Perdão das ofensas.

14. Quantas vezes hei de perdoar a meu irmão? Vocês o perdoarão, não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes. Eis aqui uma dessas palavras de Jesus que mais tem de chocar sua inteligência e falar muito alto a seu coração. Comparem essas palavras misericordiosas com a oração tão simples, tão resumida e tão grande em suas aspirações, que Jesus ofereceu a seus discípulos e vocês encontrarão sempre o mesmo pensamento. Jesus, o justo por excelência, responde a Pedro: Você perdoará, mas sem limites; você perdoará cada ofensa tantas vezes quantas ela lhe for feita; você ensinará a seus irmãos esse esquecimento de si mesmo que torna o homem invulnerável à ofensa, às más ações e às injúrias; você será brando e humilde de coração, não medindo jamais sua mansidão; você fará, enfim, o que deseja que o Pai celeste faça por você; não tem ele de perdoá-lo tanto e tem ele contado o número de vezes que seu perdão desce para apagar suas faltas?

Ouçam, portanto, essa resposta de Jesus e, como Pedro, apliquem-na a vocês mesmos; perdoem, usem de indulgência, sejam caridosos, generosos e pródigos mesmo de seu amor. Deem, pois o Senhor lhes devolverá; perdoem, pois o Senhor os perdoará; rebaixem-se, pois o Senhor os soerguerá; humilhem-se, pois o Senhor os fará sentar à sua direita.

Vão, meus bem-amados, estudem e comentem estas palavras que eu lhes endereço, da parte de quem, do alto dos esplendores celestes, olha sempre para vocês e continua, com amor, a tarefa ingrata que começou há dezoito séculos. Perdoem, assim, a seus irmãos, como vocês mesmos têm necessidade de ser perdoados. Se os atos deles lhes foram pessoalmente prejudiciais, é um motivo a mais para serem indulgentes, pois o mérito do perdão é proporcional à gravidade do mal; não existiria mérito algum em deixar passar os erros de seus irmãos, se lhes tivessem causado simples arranhões.

Espíritas, não se esqueçam jamais de que, por palavras tanto quanto por atos, o perdão das injúrias não pode ser um termo oco. Se vocês se dizem espíritas, sejam-no, pois; esqueçam o mal que alcançaram fazer-lhes e só pensem em uma coisa: no bem que

possam repartir. Quem entrou por essa via não pode nunca afastar-se dela, nem sequer através do pensamento, pois vocês são responsáveis por seus pensamentos, os quais Deus conhece. Portanto, façam que eles estejam despojados de todo sentimento de rancor; Deus sabe o que fica no fundo do coração de cada um. *Feliz, pois, quem é capaz, toda noite, de dormir afirmando: Eu não tenho nada contra o meu próximo.* (SIMEÃO. Bordéus, 1862.)

15. Perdoar a seus inimigos é pedir perdão para si mesmo; perdoar a seus amigos é dar-lhes uma prova de amizade; perdoar as ofensas é mostrar que se está melhorando. Perdoem, portanto, meus amigos, a fim de que Deus os perdoe, pois, se vocês forem duros, exigentes, inflexíveis, se vocês forem rigorosos mesmo quanto a uma ofensa leve, como desejam que Deus olvide que todo dia é maior sua necessidade de indulgência? Oh! Infeliz de quem diz: “Eu não perdoo jamais”, pois pronuncia sua própria condenação. Quem sabe, de resto, se, penetrando em si mesmo, não foi você o agressor? Quem sabe se, nessa luta que começa com uma alfinetada e finda com uma ruptura, não foi você a dar o primeiro golpe, se uma palavra ferina não lhe escapou, se usou de toda a moderação necessária? Sem dúvida, seu adversário errou ao mostrar-se tão suscetível, mas essa é uma razão para você ser indulgente e para não merecer a reprovação que você dirige a ele. Admitamos que você tenha sido realmente ofendido em uma circunstância; quem me diz que não envenenou a coisa através de represálias e que não fez degenerar em séria contenda o que poderia facilmente ter caído no esquecimento? Se dependia de você impedir as consequências e se não o fez, você é culpado. Admitamos, enfim, que você não tem absolutamente nenhuma reprimenda a se fazer; você terá maior mérito em se mostrar clemente.

Mas existem duas maneiras bem diferentes de perdoar: o perdão dos lábios e o perdão do coração. Muitas pessoas dizem do adversário: “Eu o perdoo”, ao passo que, interiormente, elas experimentam um secreto prazer pelo mal que sucede a ele, dizendo para si mesmas que estava merecendo isso. Quantos dizem: “Eu perdoo”, e juntam: “mas não me reconciliarei jamais; não quero mais vê-lo na vida.” É esse o perdão de acordo com o Evangelho? Não; o verdadeiro perdão, o perdão cristão, é o que joga um véu sobre o passado; é o único que será levado em conta, pois Deus não se contenta com a aparência: ele sonda o fundo dos corações e os mais secretos pensamentos; ninguém se impõe a ele através de palavras e de vãs simulações. O esquecimento completo e absoluto das ofensas é o normal das grandes almas; o rancor é sempre um sinal de baixa e de inferioridade. Não se esqueçam de que o verdadeiro perdão se reconhece pelos atos bem mais do que pelas palavras. (PAULO, apóstolo. Lião, 1861.)

A indulgência.

16. Espíritas, nós desejamos falar-lhes hoje da indulgência, esse sentimento tão doce, tão fraternal, que todo homem precisa ter para com seus irmãos, mas de que tão poucos fazem uso.

A indulgência não vê nunca os defeitos de outrem e, se os vê, ela evita falar sobre eles e de espalhá-los; ela os esconde, ao contrário, a fim de que sejam conhecidos dela unicamente, e, se a malevolência os descobre, tem sempre uma desculpa preparada para amenizá-los, quer dizer, uma desculpa plausível, séria; nada das que, aparentando atenuar a falta, a ressaltam com pérfida habilidade.

A indulgência não se ocupa jamais dos atos perversos de outrem, a menos que seja para prestar um serviço, ainda tendo o cuidado de atenuá-los tanto quanto possível. Ela não faz nunca qualquer observação escandalosa, nem tem recriminações nos lábios, mas somente conselhos, o mais das vezes velados. Quando vocês lançam a crítica, qual consequência se pode tirar de suas palavras? A de que vocês que censuram não praticaram o que condenam; a de que vocês valem mais que o culpado. Ó homens! Quando julgarão vocês seus próprios corações, seus próprios pensamentos e seus próprios atos, sem se ocuparem do que fazem seus irmãos? Quando abrirão seus olhos severos apenas sobre vocês mesmos?

Portanto, sejam severos para consigo, indulgentes para com os outros. Pensem em quem julga em última instância, em quem vê os pensamentos secretos de cada coração e em quem, por conseguinte, desculpa muitas vezes as faltas que vocês condenam ou condena as que vocês desculpam, porque conhece a motivação de todos os atos, e pensem que vocês, que gritam tão alto: Anátema!, quiçá hajam cometido faltas mais graves.

Sejam indulgentes, meus amigos, pois a indulgência seduz, acalma, endireita, ao passo que o rigor desencoraja, afasta e irrita. (José, Espírito protetor. Bordéus, 1863.)

17. Sejam indulgentes para com as faltas de outrem, quaisquer que sejam; apenas julguem com severidade suas próprias ações e o Senhor usará de indulgência para consigo, como vocês usaram para com os outros.

Resguardem os fortes: encorajem-nos à perseverança; fortifiquem os fracos mostrando-lhes a bondade de Deus, que considera o menor arrependimento; mostrem a todos o anjo do arrependimento estendendo sua asa branca sobre as faltas dos humanos e velando-as assim aos olhos de quem não pode ver o que é impuro. Compreendam todos vocês a misericórdia infinita de seu Pai, e não se esqueçam nunca de lhe dizer por seu pensamento e, sobretudo, por seus atos: “Perdoe nossas ofensas, como nós perdoamos aos que nos têm ofendido.” Compreendam bem o valor dessas sublimes palavras; nem só a forma é admirável, mas também o ensinamento que ela encerra.

Que pedem vocês ao Senhor quando lhe pedem seu próprio perdão? Somente o esquecimento de suas ofensas? Esquecimento que os deixa no nada, pois, se Deus se contenta com esquecer suas faltas, ele não pune, *mas também não recompensa*. A

recompensa não pode ser o prêmio do bem que não se fez, e menos ainda do mal que se fez; esse mal teria sido esquecido? Ao lhe pedirem perdão para suas transgressões, peçam-lhe o favor de suas graças, para não mais caírem; peçam-lhe a força necessária para entrarem em um caminho novo, em um caminho de submissão e de amor, no qual vocês terão como juntar a reparação ao arrependimento.

Quando perdoarem a seus irmãos, não se contentem com estender o véu do esquecimento sobre suas faltas; tal véu geralmente é bem transparente a seus olhos; adicionem o amor ao mesmo tempo que o perdão; façam por eles o que vocês pedem a seu Pai celeste para fazer a vocês. Troquem a cólera que conspurca, pelo amor que purifica. Preguem pelo exemplo essa caridade ativa, infatigável, que Jesus lhes ensinou; preguem-na como o fez ele mesmo todo o tempo em que viveu no mundo, visível aos olhos do corpo, e como a prega ainda, sem cessar, após não ser mais visível senão aos olhos da mente. Sigam esse divino modelo; avancem sobre suas pegadas: elas os conduzirão ao lugar de refúgio onde vocês encontrarão o repouso após a luta. Como ele, peguem todos vocês sua cruz e galguem penosamente, mas corajosamente, seu calvário: no topo se acha a glorificação. (JOÃO, bispo de Bordéus, 1862.)

18. Caros amigos, sejam severos para com vocês mesmos e indulgentes para com as fraquezas dos outros; é essa também uma prática da santa caridade que bem poucas pessoas observam. Todos vocês têm maus pendores para vencer, defeitos para corrigir, hábitos para modificar; todos vocês têm um fardo mais ou menos pesado para depor, a fim de galgar o topo da montanha do progresso. Por que, então, serem tão clarividentes quanto ao próximo e tão cegos quanto a vocês mesmos? Quando cessarão de perceber, no olho de seu irmão, o argueiro de palha que o fere, sem enxergar no seu a trave que os cega e os faz avançar de queda em queda? Creiam em seus irmãos, os Espíritos. Todo homem assaz orgulhoso para se acreditar superior, em virtude e em mérito, a seus irmãos encarnados é insensato e culpado, e Deus o castigará no dia de sua justiça. O verdadeiro caráter da caridade é a modéstia e a humildade, que consistem em se verem tão só superficialmente os defeitos de outrem, para se empenhar em valorizar o que existe nele de bom e de virtuoso; pois, se o coração humano é um abismo de corrupção, existe sempre, em alguns de seus refolhos mais recônditos, o germe de alguns bons sentimentos, centelha vivaz da essência espiritual.

Espiritismo, doutrina consoladora e bendita, felizes os que a conhecem e que aproveitam os salutarens ensinamentos dos Espíritos do Senhor! Para esses, a via está iluminada e, por toda a extensão da estrada, eles podem ler as palavras que lhes indicam o modo de chegar ao destino: caridade prática, caridade do coração, caridade para com o próximo como para consigo mesmo; em suma, caridade para com todos e amor a Deus acima de tudo, porque o amor a Deus resume todos os deveres, e porque é impossível amar realmente a Deus sem praticar a caridade, que ele transformou em lei para todas as suas criaturas. (DUFÊTRE, bispo de Nevers. Bordéus.)

19. *Não havendo ninguém perfeito, segue-se que ninguém tem o direito de repreender seu vizinho?*

Seguramente não, pois cada um de vocês tem de trabalhar para o progresso de todos, e sobretudo daqueles cuja tutela lhes foi confiada; mas essa é uma razão para fazê-

lo com moderação, com um objetivo útil, e não, como se faz a maior parte do tempo, pelo prazer de denegrir. Neste último caso, a crítica é uma perversidade; no primeiro, é um dever que a caridade manda cumprir com todos os cuidados possíveis; além disso, a crítica que se lança a outrem tem que ser endereçada a si mesmo, perguntando-se se não é merecida. (São Luís. Paris, 1860.)

20. É repreensível observar as imperfeições dos outros, quando disso não possa resultar nenhum proveito para eles, ainda que não sejam divulgadas?

Tudo depende da intenção; certamente não é proibido ver o mal, quando o mal existe; haveria mesmo de ser inconveniente só se ver, por toda a parte, o bem: essa ilusão seria nociva ao progresso. O erro está em reverter essa observação em detrimento do próximo, ao desacreditá-lo desnecessariamente ante a opinião alheia. Seria também repreensível fazê-la só para comprazer a si mesmo com um sentimento de malevolência e de alegria, ao surpreender os outros em falta. Sucede totalmente ao contrário, quando, lançando um véu sobre a mal para o público, a gente se limita a observá-lo para seu proveito pessoal, quer dizer, para estudar como evitar o que se critica nos outros. Essa observação, de resto, não é útil ao moralista? Como pintaria ele os excessos humanos, se não estudasse seus modelos? (São Luís. Paris, 1860.)

21. Há casos em que seja útil desvendar o mal de outrem?

Esta questão é muito delicada e é aqui que se precisa fazer um apelo à caridade bem compreendida. Se as imperfeições de uma pessoa prejudicam apenas a ela mesma, não existe nenhuma utilidade em dá-las a conhecer; mas se elas podem prejudicar a outros, é preciso dar preferência ao interesse do maior número ao de um só. No curso das circunstâncias, desmascarar a hipocrisia e a mentira pode ser um dever; pois é preferível que um homem caia a que muitos se tornem seus paspalhos ou suas vítimas. Em tal caso, é preciso sopesar a soma das vantagens e dos inconvenientes. (São Luís. Paris, 1860.)

CAPÍTULO XI

AMAR SEU PRÓXIMO COMO A SI MESMO.

O maior mandamento. Fazer aos outros o que nós desejaríamos que os outros fizessem a nós. Parábola dos credores e dos devedores. — Restituam a César o que é de César. — *Mensagens dos Espíritos*: A lei de amor. — O egoísmo. — A fé e a caridade. — Caridade para com os criminosos. — Deve-se expor sua vida por um malfeitor?

O maior mandamento.

1. Os fariseus, tendo ouvido que ele havia fechado a boca aos saduceus, puseram-se em assembleia; — e um deles, doutor da lei, propôs-lhe esta questão para tentá-lo: — Mestre, qual é o maior mandamento da lei? — Jesus lhes respondeu: Vocês amarão ao Senhor seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu espírito; eis aí o maior e o primeiro mandamento. E eis o segundo, que é semelhante ao outro: *Vocês amarão a seu próximo como a si mesmos*. — Toda a lei e os profetas se acham encerrados nesses dois mandamentos. (São Mateus, xxii: 34 a 40.)

2. *Façam aos homens tudo o que vocês desejam que eles lhes façam*; pois essa é a lei e os profetas. (São Mateus, vii:12.)

Tratem todos os homens do mesmo modo que vocês desejariam que eles os tratassem. (São Lucas, vi: 31.)

3. O reino dos céus é comparável a um rei que desejou fazer prestar contas a seus serviçais; — e, tendo começado, se apresentou a ele um que lhe devia dez mil talentos. — Mas, como não tinha os meios de lhe pagar, seu patrão determinou que o vendessem, a ele, sua mulher e seus filhos, e tudo o que possuía, para encerrar aquela dívida. — O servo, jogando-se a seus pés, o conjurava, dizendo-lhe: Senhor, tenha um pouco de paciência, e eu lhe devolverei tudo. — Então o patrão desse servo, sendo tocado de compaixão, o deixou ir e lhe remiu sua dívida. — Mas nem bem esse servo saiu, quando encontrou um de seus companheiros, que lhe devia cem denários; ele pegou-o pela garganta e quase o asfixiava, dizendo-lhe: Devolva-me o que você me deve. — E seu companheiro, jogando-se a seus pés, o conjurava, dizendo-lhe: Tenha um pouco de paciência, e eu

lhe devolvarei tudo. — Mas ele não quis escutá-lo; e se foi, e fez que o metessem na prisão, até que lhe devolvesse o que lhe devia.

Os outros serviçais, seus companheiros, vendo o que se passava, ficaram extremamente aflitos, e avisaram seu patrão de tudo o que estava acontecendo. — Então, havendo-o feito vir, o patrão lhe disse: Malvado servo, eu o remi de tudo o que você me devia, porque isso você me pediu; — era preciso, portanto, que você também tivesse piedade de seu companheiro, como eu tive piedade de você. E seu patrão, sendo movido pela cólera, entregou-o às mãos dos carrascos, até que tivesse pago tudo o que devia.

É assim que meu Pai que está no céu os tratará, se cada um de vocês não perdoar, do fundo de seu coração, a seu irmão as faltas que ele tenha cometido contra vocês. (São Mateus, xviii: 23 a 35.)

4. “Amar a seu próximo como a si mesmo; fazer aos outros o que nós desejaríamos que os outros fizessem a nós”, é a expressão mais completa da caridade, pois ela resume todos os deveres para com o próximo. Não se consegue ter um guia mais seguro a esse respeito senão tomando como medida do que se tem que fazer aos outros o que se deseja para si. Com que direito a gente exigiria dos semelhantes melhores procedimentos, mais indulgência, mais benevolência e mais devotamento se a gente mesmo não oferece nada disso a eles? A prática dessas máximas visa à destruição do egoísmo; quando os homens as tomarem como regra de sua conduta e como base de suas instituições, compreenderão a verdadeira fraternidade, e farão reinar entre eles a paz e a justiça; não existirão mais nem ódios nem dissensões, mas união, concórdia e benevolência mútua.

Restituam a César o que é de César.

5. Então, os fariseus, após se retirarem, firmaram o desígnio entre si de comprometê-lo em suas palavras. — Eles lhe enviaram, portanto, seus discípulos, com a guarda de Herodes, para lhe dizer: Mestre, nós sabemos que você é verdadeiro, e que você ensina o caminho para Deus em verdade, sem se preocupar com quem quer que seja, porque você não discrimina em absoluto a pessoa dentre os homens; — diga-nos, pois, seu pensamento sobre isto: Nós somos livres para pagar o tributo a César ou para não pagá-lo?

Mas Jesus, conhecendo sua malícia, lhes disse: Hipócritas, por que vocês estão tentando-me? Mostrem-me a peça de prata que se oferece como tributo. E, tendo-lhe eles apresentado um denário, Jesus lhes disse: De quem é esta imagem e esta inscrição? — De César, lhe responderam. Então Jesus lhes replicou: Restituam, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.

Tendo-o ouvido falar daquele jeito, eles admiraram sua resposta, e, deixando-o, se retiraram. (São Mateus, xxii: 15 a 22; São Marcos, xii: 13 a 17.)

6. A questão proposta a Jesus era motivada pelo fato de que, tendo os judeus horror ao tributo que lhes havia sido imposto pelos romanos, fizeram disso uma questão religiosa; um partido numeroso se formou para opor-se ao imposto; o pagamento do tributo era, pois, para eles, uma questão irritante da atualidade, sem o que, a pergunta feita a Jesus: “Nós somos livres de pagar ou de não pagar a César?”, não teria nenhum sentido. Essa questão era uma armadilha; pois, conforme sua resposta, esperavam incitar

contra ele ou a autoridade romana, ou os judeus dissidentes. Mas “Jesus, conhecendo sua malícia”, se esquivou da dificuldade, dando-lhes uma lição de justiça, em dizendo-lhes para darem a cada um o que lhes era devido. (Ver, na *Introdução*, o artigo *Publicanos*.)

7. Esta máxima: “Restituam a César o que é de César” não pode ser entendida de maneira restrita e absoluta. Como todos os ensinamentos de Jesus, é um princípio geral, resumido sob uma forma prática e corriqueira, e deduzido de um fato particular. Esse princípio é uma consequência do que fala para agir em relação aos outros como nós desejaríamos que os outros agissem para conosco; ele condena qualquer prejuízo moral e material causado a outrem, qualquer violação de seus interesses; ele prescreve o respeito aos direitos de cada um, como cada um deseja que se respeitem os seus; ele se estende ao cumprimento dos deveres contraídos em relação à família, à sociedade, à autoridade, tanto quanto em relação aos indivíduos.

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

A lei de amor.

8. O amor resume por completo a doutrina de Jesus, pois é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso efetuado. Em seu ponto de partida, o homem tem apenas instintos; mais adiantado e corrompido, tem apenas sensações; mais instruído e purificado, tem sentimentos; e o ponto sublime do sentimento é o amor, não o amor no sentido vulgar da palavra, mas esse sol interior que condensa e reúne em seu foco ardente todas as aspirações e todas as revelações excelsas. A lei de amor renova a personalidade através da fusão do seres; ela extirpa as misérias sociais. Feliz de quem, ultrapassando sua humanidade, ama com um intenso amor a seus irmãos imersos em dores! Feliz de quem ama, pois não conhece nem o desespero da alma, nem o do corpo; seus pés são leves e ele vive como que transportado para fora de si mesmo. Quando Jesus pronunciou essa palavra divina de amor, essa palavra fez estremecer os povos, e os mártires, ébrios de esperança, morreram no circo.

O espiritismo, por seu turno, vem pronunciar uma segunda palavra do alfabeto divino; prestem atenção, pois esta palavra soergue a lápide dos túmulos vazios, e a *reencarnação*, triunfando da morte, revela ao homem extasiado seu patrimônio intelectual; não é mais aos suplícios que ela o conduz, mas à conquista de seu ser, elevado e transfigurado. O sangue resgatou o Espírito, e o Espírito tem hoje em dia que resgatar o homem da matéria.

Eu disse que, no seu início, o homem possui só instintos; aquele, portanto, em quem os instintos predominam está mais perto do ponto de partida que de chegada. Para avançar para a chegada, é preciso vencer os instintos no interesse dos sentimentos, quer dizer, aperfeiçoar a estes, sufocando as sementes latentes da matéria. Os instintos são a

germinação e os embriões dos sentimentos; eles trazem consigo o progresso, como a bolota esconde o carvalho; e os seres menos adiantados são os que, desvencilhando-se somente a pouco e pouco de sua crisálida, permanecem sujeitos a seus instintos. O Espírito tem que ser cultivado como um campo; toda riqueza futura depende do labor presente, e, mais que os bens terrenos, ele lhes trará gloriosa elevação; é então que, ao compreenderem a lei de amor, que une a todos os seres, vocês nela procurarão os suaves prazeres da alma, que são o prelúdio dos gozos celestes. (LÁZARO. Paris, 1862.)

9. O amor é de essência divina, e desde o primeiro até o último, vocês possuem, no fundo do coração, a centelha desse fogo sagrado. É um fato que vocês têm sido capazes de constatar muitas vezes: o homem mais abjeto, o mais vil, o mais criminoso, tem, por um ser ou por um objeto qualquer, uma afeição viva e ardente, à prova de tudo o que buscase diminuí-la, e atingindo muitas vezes proporções sublimes.

Eu disse por um ser ou por um objeto qualquer, porque existem, entre vocês, indivíduos que despendem tesouros de amor, de que seu coração sobeja, com os animais, com as plantas, e mesmo com os objetos materiais: espécies de misantropos lamentando-se da humanidade em geral, rebelando-se contra o pendor natural de sua alma, que busca em torno por afeição e por simpatia, eles rebaixam a lei de amor ao estágio de instinto. Mas, o que quer que façam, eles não terão como sufocar o germe vivaz que Deus depositou em seu coração ao criá-los; esse germe se desenvolve e cresce com a moralidade e a inteligência, e, conquanto o mais das vezes se veja comprimido pelo egoísmo, é a fonte das santas e doces virtudes que fazem as afeições sinceras e duráveis, e ajudam a franquear a senda escarpada e árida da existência humana.

Existem algumas pessoas para quem a provação através da reencarnação repugna, considerando que outros participam das simpatias afetuosas de que têm ciúme. Pobres irmãos! É sua afeição que os torna egoístas; seu amor se restringe a um círculo íntimo de parentes ou de amigos e todas as outras pessoas lhes são indiferentes. Muito bem: para praticar a lei de amor tal como Deus a entende, é preciso que vocês cheguem gradualmente a amar a todos os seus irmãos, indistintamente. A tarefa é longa e difícil, mas se cumprirá: Deus o quer e a lei de amor é o primeiro e o mais importante preceito de sua nova doutrina, porque cabe a ela um dia matar o egoísmo, sob qualquer forma que se apresente; pois, além do egoísmo pessoal, existe ainda o egoísmo de família, de casta, de nacionalidade. Jesus disse: “Amem a seu próximo como a si mesmos”; ora, qual é o limite do próximo: a família, a seita, a nação? Não, é a humanidade toda inteira. Nos mundos superiores, é o amor mútuo que harmoniza e dirige os Espíritos adiantados que os habitam, e o planeta de vocês, destinado a um progresso próximo, através de sua transformação social, verá praticada por seus habitantes essa sublime lei, reflexo da Divindade.

Os efeitos da lei de amor são a melhoria moral da raça humana e a felicidade durante a vida terrena. Os mais rebeldes e os mais viciosos terão que se reformar, quando virem os benefícios produzidos pela prática disto: “Não façam aos outros o que vocês não desejariam que lhes fosse feito, mas façam, ao contrário, todo o bem que está em seu poder fazer a eles”.

Não creiam na esterilidade e na insensibilidade do coração humano; ele cede, a seu malgrado, ao amor verdadeiro; é um ímã ao qual ele não tem como resistir e o contato

desse amor vivifica e fecunda os germes dessa virtude que está em seus corações em estado latente. A Terra, morada de provação e de exílio, será então purificada por esse fogo sagrado, e verá que se praticarão a caridade, a humildade, a paciência, o devotamento, a abnegação, a resignação, o sacrifício, todas virtudes filhas do amor. Não se cansem, portanto, de ouvir as palavras de João Evangelista; vocês sabem, quando a doença e a velhice suspenderam o curso de suas pregações, ele só repetia estas doces palavras: “Meus filhinhos, amem-se uns aos outros.”

Caros irmãos amados, aproveitem essas lições; sua prática é difícil mas a alma retira daí um bem imenso. Creiam-me, façam o sublime esforço que eu lhes peço: “Amem-se”, vocês logo verão a terra transformada tornar-se em um eliseu, onde as almas dos justos virão desfrutar seu repouso. (FÉNELON. Bordéus, 1861.)

10. Meus caros discípulos, os Espíritos aqui presentes lhes dizem pela minha voz: Amem muito, a fim de serem amados. Este pensamento é tão justo que vocês nele encontrarão tudo o que consola e acalma as penas de cada dia; ou antes, ao praticarem esta sábia máxima, vocês se elevarão de tal jeito acima da matéria que se espiritualizarão antes de seu despojamento terrestre. Havendo os estudos espíritas desenvolvido sua compreensão do futuro, vocês têm uma certeza: o avanço na direção de Deus, com todas as promessas que condiziam com as aspirações de sua alma; por isso, vocês têm que se elevar muito alto, para julgar sem os constrangimentos da matéria e para não condenar seu próximo antes de volver seu pensamento para Deus.

Amar, no sentido profundo da palavra, é ser leal, probo, consciencioso, para fazer aos outros o que se desejaria para si mesmo; é procurar em torno de si o sentido íntimo de todas as dores que acabrunham seus irmãos, para levar-lhes um desafoço; é olhar a grande família humana como a sua, pois essa família vocês reencontrarão em breve, em mundos mais adiantados, pois, os Espíritos que a compõem são, como vocês, filhos de Deus, assinalados na frente para se elevarem para o infinito. É por isso que vocês não podem recusar a seus irmãos o que Deus tão generosamente lhes concedeu, porque vocês mesmos ficariam muito contentes, caso seus irmãos lhes proporcionassem o de que vocês necessitam. Para todos os sofrimentos, propiciem, portanto, uma palavra de esperança e de apoio, a fim de que vocês sejam só amor, só justiça.

Creiam em que esta sábia expressão: “Amem muito, para serem amados” seguirá estrada afora; ela é revolucionária e segue uma rota que é fixa, invariável. Mas vocês já avançaram, vocês que me ouvem: vocês estão infinitamente melhores do que há cem anos; vocês mudaram tão significativamente que aceitam sem contestação uma infinidade de ideias novas a respeito da liberdade e da fraternidade, que teriam rejeitado anteriormente; ora, daqui a cem anos, vocês aceitarão, com a mesma facilidade, as que não alcançaram ainda entrar em seu cérebro.

Hoje, quando o movimento espírita deu um grande passo, vejam com que rapidez as ideias de justiça e de renovação, encerradas nos ditados dos Espíritos, são aceitas pela metade do mundo culto; é que tais ideias condizem com o que existe de divino em vocês; é que vocês estão preparados por uma fecunda sementeira: a do último século, que implantou na sociedade as grandes ideias de progresso; e como tudo se encaixa sob o dedo do Altíssimo, todas as lições recebidas e aceitas serão encerradas nessa mudança universal

do amor ao próximo; através dela, os Espíritos encarnados, julgando melhor, sentindo melhor, se darão a mão desde os confins de seu planeta; a gente se reunirá, para entender-se e para amar-se, para destruir todas as injustiças, todas as causas de desinteligência entre os povos.

Grande pensamento de renovação através do espiritismo, tão bem descrito em *O Livro dos Espíritos*, você produzirá o grande milagre do próximo século, o da reunião de todos os interesses materiais e espirituais dos homens, através da aplicação desta máxima bem compreendida: Amem muito, a fim de serem amados. (SANSÃO, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, 1863.)

O egoísmo.

11. O egoísmo, chaga da humanidade, tem que desaparecer da Terra, da qual ele arreda o progresso moral; é ao espiritismo que está reservada a tarefa de elevá-la na hierarquia dos mundos. Logo, o egoísmo é o alvo para o qual todos os verdadeiros crentes têm que apontar suas armas, suas forças, sua coragem; eu digo coragem, pois é de coragem que se precisa para vencer-se a si mesmo mais do que para vencer os outros. Portanto, que cada um ponha todos os seus cuidados em combatê-lo em si, pois esse monstro devorador de todas as inteligências, esse filho do orgulho é a fonte de todas as misérias do mundo. Ele é a negação da caridade e, por conseguinte, o maior obstáculo à felicidade dos homens.

Jesus lhes deu o exemplo da caridade e Pôncio Pilatos, o do egoísmo; pois, enquanto o Justo vai percorrer as santas estações de seu martírio, Pilatos lava as mãos, dizendo: Que me importa! Ele disse aos judeus: Esse homem é justo, por que vocês desejam crucificá-lo? Entretanto, ele o deixa ser conduzido ao suplício.

É a esse antagonismo entre a caridade e o egoísmo, é à invasão dessa lepra do coração humano que o cristianismo deve o fato de não haver ainda cumprido toda a sua missão. E é a vocês, novos apóstolos da fé, que os Espíritos superiores iluminam, que incumbe a tarefa e o dever de extirpar esse mal, para consignar ao cristianismo toda a sua força e desobstruir a trilha desses espinheiros que entravam seu avanço. Extirpem o egoísmo da Terra, para que ela possa gravitar na escala dos mundos, pois é chegado o tempo de a humanidade vestir sua toga viril e, para isso, é preciso antes extirpá-lo de seu coração. (EMANUEL. Paris, 1861.)

12. Se os homens se amassem com um amor correspondido, a caridade seria melhor praticada; mas precisaria para isso que vocês se esforçassem para se desembaraçar dessa couraça que cobre seus corações, a fim de que sejam mais sensíveis com os que sofrem. A rigidez mata os bons sentimentos; o Cristo não se eximia; quem se dirigisse a ele, fosse quem fosse, não era repudiado: a mulher adúltera e o criminoso eram socorridos por ele; ele não teve medo jamais de que sua própria reputação viesse a sofrer com isso. Portanto, quando vocês o tomarão por modelo de todas as suas ações? *Se a caridade*

reinasse no mundo, o mau não exerceria seu império; ele fugiria envergonhado; ele se ocultaria, pois se sentiria deslocado em todo lugar. É então que o mal irá desaparecer; fiquem bem certos disso.

Comecem por oferecer o exemplo vocês mesmos; sejam caridosos para com todos, indistintamente; esforcem-se para não discriminar os que olham para vocês com desdém e entreguem a Deus o cuidado de toda a justiça, pois, a cada dia, no seu reino, ele separa o trigo do joio.

O egoísmo é a negação da caridade; ora, sem a caridade, nada de repouso na sociedade; eu digo mais, nada de segurança; com o egoísmo e o orgulho, que se dão a mão, existirá sempre uma saída para o mais esperto, uma luta de interesses em que são espezinhadas as mais santas afeições, em que os laços sacrossantos da família não são sequer respeitados. (PASCAL. Sens, 1862.)

A fé e a caridade.

13. Eu lhes tenho dito ultimamente, meus queridos filhos, que a caridade sem a fé não seria suficiente, de modo algum, para manter entre os homens uma ordem social capaz de torná-los felizes. Teria que dizer que a caridade é impossível sem a fé. Vocês conseguirão encontrar, em verdade, gestos generosos mesmo em uma pessoa sem religião, mas a caridade austera, que só se exerce através da abnegação, do sacrifício constante de qualquer interesse egoísta, apenas a fé e nada mais é capaz de inspirar, pois nada mais existe que nos faça carregar com coragem e perseverança a cruz desta vida.

Sim, meus filhos, é em vão que o homem ávido de prazeres deseja criar uma ilusão quanto ao seu destino no mundo, asseverando que lhe é permitido somente ocupar-se de sua felicidade. Certamente, Deus nos criou para sermos felizes na eternidade; todavia, a vida terrena tem que unicamente servir para nosso aperfeiçoamento moral, o qual se adquire mais facilmente com a ajuda de uns recursos e do mundo material. Sem levar em conta as vicissitudes ordinárias da vida, a diversidade de seus gostos, de seus pendores, de suas necessidades, o exercício da caridade é também um meio de se aperfeiçoarem. Pois é tão só por força de concessões e de sacrifícios mútuos que vocês são capazes de manter a harmonia entre elementos tão diversos.

Contudo, vocês têm razão em afirmar que a felicidade se destina ao homem neste mundo, se a procurarem, não nos prazeres materiais, mas no bem. A história da cristandade fala de mártires que iam ao suplício com alegria; hoje, e na sua sociedade, não é preciso, para ser cristão, nem o holocausto do mártir, nem o sacrifício da vida, mas unicamente e simplesmente o sacrifício de seu egoísmo, de seu orgulho e de sua vaidade. Vocês triunfarão, se a caridade os inspirar e se a fé os amparar. (ESPÍRITO PROTETOR. Cracóvia, 1861.)

Caridade para com os criminosos.

14. A verdadeira caridade é um dos mais sublimes ensinamentos que Deus propiciou ao mundo. Tem que existir entre os verdadeiros discípulos de sua doutrina uma fraternidade integral. Vocês têm que amar os infelizes, os criminosos, como criaturas de Deus, às quais o perdão e a misericórdia serão concedidos, desde que se arrependam, como serão concedidos a vocês mesmos, pelas faltas que vivem cometendo contra sua lei. Pensem em que vocês são mais repreensíveis, mais culpáveis do que aqueles aos quais vocês recusam o perdão e a comiseração, pois, o mais das vezes, eles não conhecem a Deus, como vocês o conhecem, e será cobrado menos deles do que de vocês.

Não condenem! Oh! Não condenem, meus queridos amigos, porque a sentença com que condenarem lhes será aplicada mais severamente ainda, e vocês precisam de indulgência para os pecados que cometem sem cessar. Não sabem vocês que existem muitas ações que são crimes aos olhos do Deus de pureza, e que o mundo nem mesmo considera como faltas leves?

A verdadeira caridade não consiste apenas na esmola que vocês dão, nem mesmo nas palavras de consolação com que as acompanham; não, não é somente isso que Deus exige de vocês. A caridade sublime, ensinada por Jesus, consiste também na benevolência condizente sempre e em todas as coisas com seu próximo. Vocês podem também exercer esta sublime virtude para o bem dos seres que não necessitam de esmolas, mas a quem as palavras de amor, de consolação e de encorajamento guiarão para o Senhor.

Estão próximos os tempos, eu lhes digo uma vez mais, em que a grande fraternidade reinará sobre este globo; a lei do Cristo é a que regerá os homens: tão só ela será o freio e a esperança e conduzirá as almas às moradias bem-aventuradas. Amem-se, portanto, como os filhos de um mesmo pai; não estabeleçam diferença nenhuma entre os outros infelizes, pois é Deus quem deseja que todos sejam iguais; não menosprezem, assim, a ninguém; Deus permite que os grandes criminosos estejam entre vocês, a fim de lhes servirem de ensinamento. Em breve, quando os homens se conduzirem pelas verdadeiras leis de Deus, não haverá mais necessidade desses ensinamentos e *todos os Espíritos impuros e revoltosos ficarão dispersos pelos mundos inferiores, em harmonia com seus pendores.*

Vocês devem a esses de quem eu falo o atendimento de suas preces: aí está a verdadeira caridade. Não se deve nunca dizer de um criminoso: “É um miserável; é preciso expungir-lo do mundo; a morte que lhe é infligida é muito suave para um ser dessa espécie.” Não, não é nunca assim que vocês devem falar. Olhem para seu modelo, Jesus; que diria ele se visse esse infeliz ao lado dele? Ele o lastimaria; ele o consideraria como um doente bem miserável; ele lhe daria a mão. Vocês não têm como fazê-lo, na realidade, mas, ao menos, são capazes de rogar por ele, de ajudar seu Espírito durante os poucos instantes que tem ainda que passar em seu mundo. O arrependimento pode tocar seu coração, se vocês rogarem com fé. Ele é seu próximo, tanto quanto o melhor dos homens; sua alma, perdida e revoltada, foi criada, como a sua, para se aperfeiçoar; ajudem-no, portanto, a sair do lodaçal e roguem por ele. (ISABEL DE FRANÇA. Havre, 1862.)

15. *Um homem está correndo perigo de morte; para salvá-lo, é preciso expor sua vida; mas se sabe que esse homem é um malfeitor, e que, caso escape, poderá cometer novos crimes. A gente tem, apesar disso, que se expor para salvá-lo?*

Eis uma questão extremamente grave e que pode apresentar-se naturalmente ao espírito. Eu responderei de acordo com meu adiantamento moral, já que nós somos capazes de saber se a gente precisa expor sua vida até mesmo por um malfeitor. O devotamento é cego: socorre-se um inimigo; é preciso, portanto, socorrer um inimigo da sociedade, um malfeitor, em suma. Creem vocês que é somente da morte que se corre para arrancar esse infeliz? Talvez seja de toda a sua vida passada. Pois, pensem nisso, nesses rápidos instantes que lhe arrebatam os últimos minutos da vida, o homem perdido retorna sobre sua vida passada, ou antes, ela se apruma diante dele. A morte, quiçá, esteja chegando muitíssimo cedo para ele; a reencarnação poderá ser terrível; apressem-se, portanto, homens, vocês que a ciência espírita iluminou! Apressem-se, arranquem-no de sua danação, e, então, talvez, esse homem, que teria morrido a blasfemar contra vocês, se jogue em seus braços. No entanto, não se deve perguntar se ele fará ou não fará isso, mas ir em seu socorro, pois, ao salvá-lo, vocês obedecem a essa voz do coração que lhes diz: “Você é capaz de salvá-lo: salve-o!” (LAMENNAIS. Paris, 1862.)

CAPÍTULO XII

AMEM SEUS INIMIGOS.

Pagar o mal com o bem. — Os inimigos desencarnados. — Se alguém lhes bater na face direita, apresentem-lhe também a outra. — *Mensagens dos Espíritos*: A vingança. — O ódio. — O duelo.

Pagar o mal com o bem.

1. Vocês aprenderam que se disse: Vocês amarão a seu próximo e odiarão a seu inimigo. E, quanto a mim, eu lhes digo: *Amem a seus inimigos; pratiquem o bem aos que os odeiam e roguem pelos que os perseguem e os caluniam*; a fim de que sejam os filhos de seu Pai, que está nos céus, que faz erguer seu sol sobre bons e sobre os maus, e faz chover sobre os justos e os injustos; — pois, se vocês amam apenas aos que os amam, que recompensa terão? Os publicanos não fazem isso também? — E se vocês saudarem apenas a seus irmãos, que fazem nisso a mais que os outros? Os pagãos não fazem isso também? — Eu lhes digo que, se sua justiça não for mais fecunda que a dos escribas e dos fariseus, vocês não entrarão nunca no reino dos céus. (São Mateus, v: 43 a 47 e 20.)

2. Se vocês amam apenas aos que os amam, que gosto farão com isso, porque as pessoas de má vida amam também aos que os amam? — E se vocês praticam o bem somente aos que lhes praticam o bem, que gosto farão com isso, porque as pessoas de má vida fazem a mesma coisa? E se vocês emprestam apenas àqueles de quem esperam receber o mesmo favor, que gosto farão com isso, porque as pessoas de má vida emprestam do mesmo jeito entre si, para receber a mesma vantagem? — Mas, quanto a vocês, *amem a seus inimigos, pratiquem o bem para com todos e emprestem sem nada esperar*, e, então, sua recompensa será muito grande, e vocês serão os filhos do Altíssimo, porque ele é bom para com os ingratos e até mesmo para com os maus. — Estejam, portanto, plenos de misericórdia, como seu Deus está pleno de misericórdia. (São Lucas, vi: 32 a 36.)

3. Se o amor do próximo é o princípio da caridade, amar aos inimigos é sua aplicação sublime, pois essa virtude significa uma das maiores vitórias conseguidas sobre o egoísmo e o orgulho.

Contudo, a gente se confunde geralmente quanto ao sentido da palavra *amar*, em tal circunstância; Jesus não entendia absolutamente, por aquelas palavras, que se deve ter por seu inimigo a ternura que se tem por um irmão ou um amigo; a ternura pressupõe a confiança; ora, não se pode ter confiança em quem sabemos que nos deseja o mal; não se pode ter para com ele as expansões da amizade, porque sabemos ser capaz de abusar disso; entre pessoas que desconfiam umas das outras, não podem existir os arrebatamentos de simpatia que existem entre as que estão em comunhão de pensamentos; não se pode, enfim, ter o mesmo prazer ao se encontrar com um inimigo do que com um amigo.

Esse sentimento resulta mesmo de uma lei física: a da atração e da repulsão dos fluidos; o pensamento malévolos desfere uma corrente fluídica cuja impressão é penosa; o pensamento benévolo nos envolve com um eflúvio agradável; daí a diferença das sensações que se experimentam, à aproximação de um amigo ou de um inimigo. Amar a seus inimigos não pode, portanto, significar que não se tem que fazer nenhuma diferença entre eles e os amigos; este preceito só parece difícil, impossível mesmo de praticar, porque pensamos erroneamente que ele prescreve que se deve oferecer aos inimigos o mesmo lugar no coração. Se a pobreza das línguas humanas obriga ao uso da mesma palavra para exprimir diversas nuances de sentimentos, a razão tem que estabelecer a diferença entre elas, conforme os casos.

Amar a seus inimigos não é, portanto, absolutamente, ter por eles uma afeição que não se acha na natureza, pois o contato de um inimigo faz bater o coração de um modo bem diferente que em relação a um amigo; é não nutrir contra eles nem ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; é perdoar-lhes, sem *segunda intenção* e sem *condição*, o mal que nos fazem; é não colocar nenhum obstáculo à reconciliação; é desejar-lhes o bem em lugar de lhes desejar o mal; é alegrar-se em lugar de se afligir com o bem que lhes ocorre; é dar-lhes u'a mão útil em caso de necessidade; é abster-se, *por palavras* e *por atos*, de tudo o que possa prejudicá-los; é, enfim, pagar-lhes em tudo o mal com o bem, *sem a intenção de humilhá-los*. Qualquer um que assim proceda cumpre as condições do mandamento: Amem a seus inimigos.

4. Amar a seus inimigos é um contra senso para o incrédulo; aquele para quem a vida presente é tudo vê em seu inimigo apenas um ser nocivo perturbando sua paz, de quem ele julga que unicamente a morte é capaz de pôr a salvo; daí o desejo de vingança; não existe nenhum interesse em perdoar, se não for para satisfazer seu orgulho aos olhos do mundo; perdoar mesmo, em certos casos, lhe parece uma fraqueza indigna dele; caso não se vingue, nem por isso conserva menos rancor e um secreto desejo de maldade.

Para o crente, mas para o espírita sobretudo, a maneira de ver é toda outra, porque ele volve seus olhares para o passado e para o futuro, entre os quais a vida presente não passa de um ponto; ele sabe que, pela destinação mesma da Terra, pode esperar encontrar aí homens maus e perversos; que as maldades de que é alvo fazem parte das provações que tem que sofrer, e o ponto de vista elevado em que se coloca lhe torna as vicissitudes

menos amargas, venham dos homens ou das coisas; *se ele não se revolta contra as provações, não tem que se revoltar contra os que são seus instrumentos*; se, em lugar de se lastimar, agradece a Deus por pô-lo à prova, *tem que agradecer a mão que lhe fornece a ocasião de mostrar sua paciência e sua resignação*. Esse pensamento o predispõe naturalmente para o perdão; ele sente, por outro lado, que mais ele é generoso, mais se engrandece a seus próprios olhos e se encontra fora do alcance dos dardos de seu inimigo.

O homem que ocupa uma posição elevada no mundo não se sente ofendido com os insultos de quem ele considera como seu inferior; assim sucede com quem se eleva no mundo moral acima da humanidade material; ele compreende que o ódio e o rancor o aviltariam e rebaixariam; ora, para ser superior a seu adversário, é preciso que ele tenha a alma maior, mais nobre e mais generosa.

Os inimigos desencarnados.

5. O espírita tem ainda outros motivos de indulgência para com seus inimigos. Ele sabe, em primeiro lugar, que a maldade não é o estado permanente dos homens; que ela se atém a uma imperfeição momentânea e que, do mesmo jeito que a criança se corrige de seus defeitos, o homem mau reconhecerá, um dia, seus erros e se tornará bom.

Ele sabe ainda que a morte o livra apenas da presença material de seu inimigo, mas que este é capaz de persegui-lo com seu ódio, mesmo após haver deixado o mundo; que, assim, a vingança perde seu objetivo; que a morte, ao contrário, tem o efeito de produzir uma zanga maior, que pode continuar de uma existência a outra. Cabia ao espiritismo comprovar, através da experiência e da lei que rege as relações entre os mundos visível e invisível, que a expressão: *Eliminar o ódio com sangue* é radicalmente errada, e que a verdade é que o sangue mantém o ódio mesmo no além-túmulo; cabia-lhe oferecer, por consequência, uma razão de ser efetiva e uma utilidade prática para o perdão e para a máxima do Cristo: *Amem a seus inimigos*. Não existe coração tão perverso que não seja tocado pelas boas atitudes, mesmo contra sua vontade; através das boas atitudes, elimina-se, ao menos, todo pretexto para represálias; de um inimigo se pode fazer um amigo, antes e após sua morte. Através das más atitudes, a gente exaspera o inimigo e é então que ele se serve de si mesmo como instrumento para a justiça de Deus, a fim de punir quem não houver perdoado.

6. Portanto, a gente pode ter inimigos entre os encarnados e entre os desencarnados; os inimigos do mundo invisível manifestam sua malevolência através das obsessões e das subjugações, das quais tantas pessoas são alvo, e que constituem uma variedade das provações da vida; tais provações, como as outras, ajudam no adiantamento e precisam ser aceitas com resignação, e como consequência da natureza inferior do globo terrestre: se não existissem homens ruins na Terra, não existiria um único Espírito ruim em torno da Terra. Logo, se a gente precisa ter indulgência e benevolência para com os inimigos encarnados, precisa ter igualmente para com os que estão desencarnados.

Outrora se sacrificavam vítimas sangrentas para apaziguar os deuses infernais, que outros não eram senão os Espíritos ruins. Aos deuses infernais sucederam os demônios, que são a mesma coisa. O espiritismo vem comprovar que esses demônios mais não são que as almas dos homens perversos que ainda não se desvencilharam de seus instintos materiais; *que só se apaziguam através do sacrifício de seu ódio, quer dizer, através da caridade*; que a caridade não tem somente o efeito de impedi-los de praticar o mal, mas de devolvê-los à senda do bem e de contribuir para sua salvação. Eis como a máxima: *Amem a seus inimigos* não fica de fato circunscrita ao círculo estreito da Terra e da vida presente, e como se ajusta à grande lei da solidariedade e da fraternidade universais.

Se alguém lhes bater na face direita, apresentem-lhe também a outra.

7. Vocês aprenderam que se disse: olho por olho e dente por dente. — Quanto a mim, eu lhes digo para nunca revidarem o mal que se deseja fazer-lhes; mas, *se alguém lhes bater na face direita, apresentem-lhe também a outra*; — e se alguém deseja pleitear contra vocês para tomar sua túnica, abandonem-lhe também sua manta; — e se alguém deseja obrigá-los a caminhar mil passos com ele, andem mais dois mil. — Deem a quem lhes pede, e não rejeitem nunca quem deseja tomar-lhes emprestado. (São Mateus, v: 38 a 42.)

8. Os preconceitos do mundo sobre o que se convencionou chamar de ponto de honra causam essa suscetibilidade sombria, nascida do orgulho e da exaltação da personalidade, que leva o homem a revidar injúria por injúria, ferida por ferida, o que parece ser de justiça para aquele cujo senso moral não se eleva acima das paixões terrenas; eis porque a lei mosaica dizia: olho por olho e dente por dente, lei em harmonia com os tempos em que vivia Moisés. Quando o Cristo chegou, disse: Paguem o mal com o bem. Ele disse mais: “Não revidem o mal que lhes desejam fazer, mas, *se lhes baterem em uma face, ofereçam a outra.*” Para o orgulhoso, esta máxima parece uma covardia, pois ele não compreende que há mais coragem em suportar um insulto que em se vingar, e isto acontece sempre porque sua visão não vai além do presente. Precisa-se, contudo, tomar essa máxima à letra? Não, não mais que a que diz para arrancar o olho, se ele é causa de escândalo; incitada em todas as suas consequências, essa máxima haveria de condenar toda repressão, mesmo legal, e deixar o campo livre aos maus, subtraindo-lhes todo o medo; se a gente não opuser um freio a suas agressões, logo todos os bons serão suas vítimas. O próprio instinto de conservação, que é uma lei da natureza, diz que não é preciso esticar de bom grado o pescoço ao assassino. Através dessas palavras, Jesus não proibiu em absoluto a defesa, mas *condenou a vingança*. Dizer para oferecer uma face quando a outra foi golpeada, é dizer, sob outra forma, que não é preciso revidar o mal com o mal; que o homem tem que aceitar com humildade tudo o que tende a rebaixar seu orgulho; que é mais glorioso para ele ser golpeado que golpear, suportar pacientemente uma injustiça que cometer uma ele mesmo; que é preferível ser enganado a enganar, ser arruinado a arruinar os outros. É, ao mesmo tempo, a condenação do duelo, que não é outra coisa senão a manifestação do orgulho. A fé na vida futura e na justiça de Deus, a qual não deixa jamais o

mal impune, é a única capaz de fornecer a força de suportar, pacientemente, os atentados contra nossos interesses e nosso amor-próprio; eis porque nós dizemos sem cessar: volvam seus olhares para a frente; quanto mais vocês se elevarem, através do pensamento, acima da vida material, menos vocês serão melindrados pelas coisas do mundo.

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

A vingança.

9. A vingança é um derradeiro destroço abandonado pelos costumes bárbaros, que tendem a desaparecer do meio dos homens. Ela é, com o duelo, um dos derradeiros vestígios dos costumes selvagens em que se debatia a humanidade, no início da era cristã. Eis porque a vingança é um indício certo do estágio atrasado dos homens que se dão a ela e dos Espíritos que conseguem ainda inspirá-la. Logo, meus amigos, esse sentimento não deve jamais fazer vibrar o coração de quem quer que se diga e se afirme espírita. Vingarse é, vocês bem sabem, tão contrário a esta prescrição do Cristo: “Perdoem a seus inimigos!”, que quem se nega a perdoar não somente não é espírita, mas nem mesmo é cristão. A vingança é uma inspiração tanto mais funesta, quanto a falsidade e a baixeza são suas companheiras assíduas; com efeito, quem se abandona a essa fatal e cega paixão quase não se vinga a céu aberto. Quando é o mais forte, precipita-se como uma besta feroz sobre quem ele chama de seu inimigo, já que a visão dele inflama sua paixão, sua cólera e seu ódio. Mas, o mais das vezes, ele reveste uma aparência hipócrita, disfarçando, no mais profundo de seu coração, os maus sentimentos que o animam; toma caminhos sinuosos, segue na sombra seu inimigo distraído e aguarda o momento propício para feri-lo sem perigo; esconde-se dele, espionando-o sem cessar; arma-lhe ciladas odiosas e despeja, na hora certa, o veneno em seu copo. Quando seu ódio não vai a esses extremos, ataca-o em sua honra e em suas afeições; não recua diante da calúnia e suas insinuações pérfidas, habilmente semeadas por todos os ventos, vão crescendo pelo caminho. Por isso, quando quem ele persegue se apresenta nos ambientes por onde seu sopro envenenado passou, ele se espanta por achar fisionomias indiferentes onde achava outrora fisionomias amigas e bondosas; fica estupefato quando as mãos que procuravam a sua se recusam a apertá-la agora; enfim, abate-se, quando seus amigos mais queridos e seus parentes se esquivam e fogem dele. Ah! O covarde que se vinga assim é cem vezes mais culpável do que quem vai direito a seu inimigo e o insulta com a face descoberta.

Logo, para trás com esses costumes selvagens! Para trás com esses usos de outro tempo! Todo espírita que pretendesse hoje ter ainda o direito de vingarse seria indigno de figurar por mais tempo na falange que tomou por divisa: *Fora da caridade, não existe salvação!* Mas não, eu não poderia fixar-me em uma tal ideia, de que um membro da grande família espírita possa jamais ceder ao impulso da vingança, a não ser para perdoar. (JÚLIO OLIVIER. Paris, 1862.)

O ódio.

10. Amem-se uns aos outros e vocês serão felizes. Assumam sobretudo o compromisso de amar aos que lhes inspiram indiferença, ódio e menosprezo. O Cristo, que vocês têm que transformar em seu modelo, lhes proporcionou o exemplo desse devotamento: missionário do amor, ele amou até oferecer seu sangue e sua vida. O sacrifício que os força a amar aos que os ultrajam e os perseguem é penoso; mas é precisamente isso que os torna superiores a eles; se vocês os odiassem como eles os odeiam, não valeriam mais que eles; eis a hóstia imaculada ofertada a Deus no altar de seus corações, hóstia de agradável odor, cujas fragrâncias ascendem até ele. Conquanto a lei de amor dispõe que se amem indistintamente todos os seus irmãos, ela não protege o coração dos maus procedimentos; é essa, ao contrário, a provação mais penosa, eu o sei, porque, durante minha derradeira existência terrena, eu padeci essa tortura; mas Deus lá está e pune, nesta vida e na outra, os que fracassarem quanto à lei de amor. Não se esqueçam, meus caros filhos, de que o amor aproxima de Deus e de que o ódio distancia. (FÉNELON. Bordéus, 1861.)

O duelo.

11. Grande verdadeiramente só é quem, considerando a vida como uma viagem que tem que conduzi-lo a um objetivo, faz pouco caso das asperezas do caminho; ele não se deixa, nem ao menos por um instante, desviar da estrada certa; a vista sempre dirigida para o fim, ele pouco se importa com que os espinheiros e as urzes da trilha ameacem causar-lhe arranhaduras; eles o roçam sem atingi-lo, e ele não deixa de prosseguir em seu curso. Expor seus dias para se vingar de uma injúria é recuar diante das provações da vida; é sempre um crime aos olhos de Deus; e, se vocês não estivessem tão enganados, como estão, por seus preconceitos, isso seria uma ridícula e suprema loucura aos olhos do homem.

Existe crime no homicídio através do duelo; sua legislação mesma o reconhece; ninguém tem o direito, em nenhum caso, de atentar contra a vida de seu semelhante; crime aos olhos de Deus, que lhes traçou sua linha de conduta; aqui, mais que em qualquer outro lugar, vocês estão julgando em causa própria. Lembrem-se de que lhes será perdoado conforme vocês mesmos tiverem perdoado; através do perdão, vocês se aproximam da Divindade, pois a clemência é irmã do poder. Enquanto uma gota de sangue humano correr na Terra pela mão dos homens, o verdadeiro reino de Deus não haverá ainda chegado, esse reino de paz e de amor, que tem que, para sempre, banir de seu globo a animosidade, a discórdia, a guerra. Então, a palavra duelo não existirá mais na sua língua,

senão como uma longínqua e vaga lembrança de um passado que não existe mais: os homens não conhecerão entre eles outro antagonismo senão a nobre rivalidade do bem. (ADOLFO, Bispo de Argel. Marmande, 1861.)

12. O duelo pode, sem dúvida, em certos casos, ser uma prova de coragem física, de desprezo pela vida, mas é, incontestavelmente, uma prova de covardia moral, como o suicídio. O suicida não tem coragem de afrontar as vicissitudes da vida; o duelista não tem coragem de afrontar as ofensas. O Cristo não lhes disse que existe mais honra e coragem em oferecer a face esquerda a quem lhes bateu na face a direita, do que em se vingar de uma injúria? O Cristo não disse a Pedro, no Jardim das Oliveiras: “Reponha sua espada na bainha, pois quem matar pela espada perecerá pela espada”? Através dessas palavras, Jesus não condena para sempre o duelo? Com efeito, meus filhos, que coragem é essa nascida de um temperamento violento, sanguinário e colérico, rugindo à primeira ofensa? Onde está a grandeza de alma de quem, à menor injúria, deseja lavá-la em sangue? Mas que ele trema, pois, sempre, do fundo de sua consciência, uma voz lhe gritará: Caim! Caim! Que você fez de seu irmão? Eu precisava de sangue para salvar minha honra, dirá ele a essa voz; ela, porém, responderá: Você desejou salvá-la diante dos homens por alguns instantes que lhe restavam para viver na Terra, e você não pensou em salvá-la diante de Deus! Pobre louco! Quanto sangue não lhes pediria o Cristo por todos os ultrajes que ele recebeu?! Não somente vocês o feriram com o espinho e a lança, não somente o pregaram em um madeiro infamante, mas ainda, em meio de sua agonia, ele foi capaz de escutar as zombarias que lhe foram prodigalizadas. Que reparação, após tantos ultrajes, lhes pediu ele? O último grito do cordeiro foi uma prece por seus carrascos. Oh! Como ele, perdoem e roguem pelos que os ofendem.

Amigos, lembrem-se deste preceito: “Amem-se uns aos outros”, e, então, ao golpe desferido pelo ódio, vocês responderão com um sorriso e, ao ultraje, com o perdão. O mundo, sem dúvida, se erguerá furioso e os tratará de covarde: elevem a cabeça e demonstrem, então, que sua fronte não temeria, ela também, de ser carregada de espinhos, a exemplo do Cristo, mas que sua mão não deseja em absoluto ser cúmplice em um assassinato que, em defesa própria, autoriza uma falsa aparência de honra, que não passa de orgulho e de amor-próprio. Ao criá-los, Deus lhes deu direito de vida e morte uns sobre os outros? Não, ele deu esse direito tão somente à natureza, para se reformar e se reconstituir; mas a vocês, nem mesmo permitiu dispor-se de si mesmos. Como o suicida, o duelista estará marcado de sangue quando chegar a Deus, e a um e a outro o Supremo Juiz está preparando rudes e longos castigos. Se ele ameaçou com sua justiça a quem diz a seu irmão *Raca*, quanto a pena não há de ser mais severa para quem aparecer diante dele com as mãos rubras do sangue de seu irmão! (SANTO AGOSTINHO. Paris, 1862.)

13. O duelo é, como o que outrora chamavam de julgamento de Deus, uma dessas instituições bárbaras que reinam ainda na sociedade. Que diriam vocês, no entanto, se vissem mergulhados os dois antagonistas na água fervente ou submetidos ao contato de um ferro em brasa, para acabar com a briga e dar razão a quem suportasse melhor a prova? Vocês tratariam esses costumes de insensatos. O duelo é ainda pior que tudo isso. Para o duelista emérito, é um assassinato cometido a sangue-frio, com total premeditação, pois ele está seguro do golpe que dará; para o adversário, quase certo de sucumbir, em

razão de sua fraqueza e de sua inabilidade, é um suicídio, cometido com a mais fria reflexão. Eu sei que geralmente se procura evitar essa situação igualmente criminosa, entregando-se ao acaso; mas, então, não se trata, sob outra forma, de retornar ao julgamento de Deus da Idade Média? E ainda, naquela época, a gente era infinitamente menos culpável; o próprio nome de *juízo de Deus* indica uma fé, ingênua é verdade, mas, enfim, uma fé na justiça de Deus, que não podia deixar sucumbir um inocente, enquanto, no duelo, a gente se entrega à força bruta, de sorte que, frequentemente, é o ofendido quem sucumbe.

Ó amor-próprio estúpido, tola vaidade e louco orgulho, quando serão vocês substituídos pela caridade cristã, o amor do próximo e a humildade, de que o Cristo ofereceu o exemplo e o preceito? Só aí desaparecerão esses preconceitos monstruosos que governam ainda os homens e que as leis são impotentes para reprimir, porque não basta interditar o mal e prescrever o bem: é preciso que o princípio do bem e o horror ao mal se achem no coração do homem. (UM ESPÍRITO PROTETOR. Bordéus, 1861.)

14. Que opinião farão de mim, perguntam vocês amiúde, se eu me recusar à reparação que me é pedida ou se eu não pedir uma a quem me ofendeu? Os loucos, como vocês, os homens atrasados os criticarão; mas os que são esclarecidos pelo archote do progresso intelectual e moral dirão que vocês estão agindo conforme a verdadeira sabedoria. Reflitam um pouco: por causa de uma palavra, geralmente dita no ar ou muito inofensiva da parte de um de seus irmãos, seu orgulho se sente agredido, vocês respondem de maneira mordaz e daí surge uma provocação. Antes de chegar ao momento decisivo, perguntam-se vocês se estão agindo como cristãos? Que conta terão que prestar à sociedade, se a privarem de um de seus membros? Pensam no remorso de haver roubado a u'a mulher seu marido, a u'a mãe, seu filho, aos filhos, seu pai e seu amparo? Certamente, quem ofendeu deve uma reparação; mas não é muito mais honroso para ele oferecê-la espontaneamente, reconhecendo seus erros, que expor a vida de quem tem o direito de queixar-se? Quanto ao ofendido, eu convenho que, às vezes, pode sentir-se gravemente atingido, seja em sua pessoa, seja em relação aos que nos são próximos; o amor-próprio não é o único que está em jogo; o coração está ferido, ele sofre; mas, além de ser estúpido arriscar sua vida contra um miserável capaz de uma infâmia, será que, estando aquele morto, a afronta, qualquer que seja, não exista mais? O sangue derramado não dará mais repercussão a um fato que, se for falso, tem de cair por si mesmo e que, se for verdadeiro, tem que se esconder no silêncio? Logo, não resta senão a satisfação da vingança saciada; ai, triste satisfação que, amiúde, deixa, a partir desta vida, causticantes aflições. E se é o ofendido quem sucumbe, onde fica a reparação?

Quando a caridade for a regra de conduta dos homens, eles conformarão seus atos e suas palavras a esta máxima: "*Não façam nunca aos outros o que vocês não desejariam que lhes fosse feito*"; então, desaparecerão todas as causas de dissensões e, com elas, os duelos, e as guerras, que são os duelos de povo com povo. (FRANCISCO XAVIER. Bordéus, 1861.)

15. O homem do mundo, o homem feliz, que, por uma palavra ferina, uma causa ligeira, arrisca sua vida, que obteve de Deus, e arrisca a vida de seu semelhante, que pertence a Deus somente, esse é mais culpável cem vezes que o miserável que, impelido

pela cupidez, e pela necessidade, às vezes, se introduz em uma residência para roubar o que lhe convém, e mata os que se opõem a seus desígnios. Este último é quase sempre um homem sem educação, não possuindo senão noções imperfeitas do bem e do mal, ao passo que o duelista pertence quase sempre à classe mais esclarecida; um mata brutalmente; o outro, com método e polidez, o que faz que a sociedade o desculpe. Eu acrescento mesmo que o duelista é infinitamente mais culpável que o infeliz que, cedendo a um sentimento de vingança, mata em um momento de exasperação. O duelista não tem em absoluto por desculpa o arrastamento da paixão, pois, entre o insulto e a reparação, sempre existe tempo para refletir; ele age, portanto, friamente e com desígnio premeditado; tudo é calculado e estudado, para matar mais seguramente seu adversário. É verdade que ele expõe também sua vida e é isso que reabilita o duelo aos olhos do mundo, porque nele vê um ato de coragem e um desprezo por sua própria vida; mas existe verdadeira coragem, quando se está seguro de si? O duelo, resquício dos tempos de barbárie, quando o direito do mais forte era a lei, desaparecerá com uma apreciação mais sadia do verdadeiro ponto de honra, e à medida que o homem for estabelecendo uma fé mais viva na vida futura. (AGOSTINHO. Bordéus, 1861.)

16. *Observação.* — Os duelos vão ficando mais e mais raros e, se ainda se veem, de tempos em tempos, dolorosos exemplos, o número deles não tem como ser comparável ao de outrora. Antigamente, um homem não saía de casa sem se prevenir para um recontro, por isso, tomava sempre suas precauções. Um sinal característico dos costumes do tempo e dos povos está no uso do porte habitual, ostensivo ou escondido, de armas ofensivas e defensivas; a abolição desse uso testemunha a suavização dos costumes e é curioso seguir-lhe a gradação, desde a época em que os cavaleiros não montavam jamais sem se cobrirem de ferro e sem se armarem de lança, até o porte de uma simples espada, transformada em um ornamento, em um acessório do vestuário, não mais sendo uma arma agressiva. Outra característica dos costumes é que, outrora, os combates singulares ocorriam em plena rua, diante da multidão, que se afastava para deixar o campo livre, enquanto hoje a gente se esconde; hoje em dia, a morte de um homem é um evento que emociona: outrora, não chamava a atenção. O Espiritismo apagará esses derradeiros vestígios da barbárie, ao inculcar nos homens o espírito de caridade e de fraternidade.

CAPÍTULO XIII

QUE SUA MÃO ESQUERDA NÃO SAIBA O QUE DÁ SUA MÃO DIREITA.

Praticar o bem sem ostentação. — Os infortúnios escondidos. — A oferenda da viúva. — Convidar os pobres e os estropiados. Dar sem esperar retribuição. — *Mensagens dos Espíritos*: A caridade material e a caridade moral. — A beneficência. — A piedade. — Os órfãos. — Benefícios pagos com a ingratidão. — Beneficência exclusiva.

Praticar o bem sem ostentação.

1. Tomem cuidado para não realizar suas boas obras diante dos homens, para serem vistos, caso contrário, vocês não receberão nunca a recompensa de seu Pai, que está nos céus. — Portanto, quando vocês ofertarem sua esmola, não façam jamais soar a trombeta diante de vocês, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem honrados pelos homens. Eu lhes digo, em verdade, que eles receberam sua recompensa. — Mas, *quando vocês derem a esmola, que sua mão esquerda não saiba o que faz sua mão direita*; — a fim de que sua esmola fique em segredo; e seu Pai, que vê o que se passa em segredo, lhes dará a recompensa. (São Mateus, vi: 1 a 4.)

2. Tendo Jesus descido da montanha, uma grande quantidade de povo o seguiu; — e, naquela hora, veio um leproso até ele e o adorou, dizendo-lhe: Mestre, se o senhor quiser, o senhor é capaz de me curar. — Jesus, estendendo a mão, tocou-o e lhe disse: Eu o quero; esteja curado; e na hora a lepra foi curada. — Então Jesus lhe disse: *Tome muito cuidado para não falar disto a ninguém*; mas vá mostrar-se aos sacerdotes, e oferte a dádiva prescrita por Moisés, a fim de que isto lhes sirva de testemunho. (São Mateus, viii: 1 a 4.)

3. Fazer o bem sem ostentação é de grande mérito; esconder a mão que doa é ainda mais meritório; é o sinal incontestável de uma grande superioridade moral: pois, para ver as coisas de mais alto que o ordinário, é preciso abstrair-se da vida presente e identificar-se com a vida futura; é preciso, em suma, colocar-se acima da humanidade, para

renunciar à satisfação que busca o testemunho dos homens e esperar a aprovação de Deus. Quem preza o sufrágio dos homens mais que o de Deus comprova que possui mais fé nos homens que em Deus, e que a vida presente significa mais para ele que a vida futura, ou mesmo que não crê na vida futura; se diz o contrário, está agindo como se não acreditasse no que diz.

Quantos existem que beneficiam apenas com a esperança de que o beneficiado irá proclamar o benefício sobre os telhados; que, em plena luz do dia, doarão uma grande soma e, na sombra, não doariam u'a moeda! Eis porque Jesus disse: "Os que praticam o bem com ostentação já receberam sua recompensa"; com efeito, quem procura sua glorificação no mundo pelo bem que faz, já se pagou a si mesmo; Deus não lhe deve mais nada; não lhe resta senão receber a punição de seu orgulho.

Que a mão esquerda não saiba o que dá a mão direita é uma figura que caracteriza admiravelmente a beneficência modesta; mas, se existe a modéstia real, existe também a modéstia representada, o simulacro da modéstia; existem pessoas que ocultam a mão que dá, tendo o cuidado de deixar transparecer o ato, observando se alguém não a viu esconder-se. Indigna paródia das máximas do Cristo! Se os benfeitores orgulhosos são depreciados entre os homens, como será isso junto a Deus? Eles também receberam sua recompensa no mundo. A gente os viu; eles estão satisfeitos por terem sido vistos; é tudo o que terão.

Qual será, então, a recompensa de quem faz pesar seus benefícios sobre o obsequiado, que lhe impõe, de algum modo, testemunhos de reconhecimento, que lhe dá a perceber sua posição, exaltando o valor dos sacrifícios que se impôs por ele? Oh! Para esse, não existe sequer a recompensa terrena, pois está privado da suave satisfação de ouvir bendizer seu nome, o que constitui um primeiro castigo de seu orgulho; as lágrimas que ele enxugou para satisfazer sua vaidade, em lugar de subirem ao céu, escorreram sobre o coração do aflito e o ulceraram. O bem que pratica não tem proveito para ele, porque ele o lastima, pois todo benefício lastimado é moeda adulterada e sem valor.

A dádiva sem ostentação possui um duplo mérito: além da caridade material, existe a caridade moral; ela respeita a suscetibilidade do obsequiado; ela o faz aceitar o benefício, sem que seu amor-próprio padeça, salvaguardando sua dignidade de homem, pois existe aquele que aceitará um serviço e não receberia a esmola; ora, converter o serviço em esmola, como habitualmente se faz, é humilhar quem a recebe e existe sempre orgulho e maldade em humilhar a qualquer um. A verdadeira caridade, ao contrário, é delicada e engenhosa para dissimular o benefício, para evitar até as menores aparências agressivas, pois todo impacto moral aumenta o sofrimento que nasce da necessidade; ela sabe encontrar palavras amenas e afáveis, que põem o beneficiado à vontade perante o benfeitor, ao passo que a caridade orgulhosa o espezinha. O sublime da verdadeira generosidade se dá quando o benfeitor, trocando de papel, encontra um meio de parecer ele mesmo favorecido face a face a quem presta serviço. Eis aí o que significam estas palavras: *Que a mão esquerda não saiba o que dá a direita*.

Os infortúnios escondidos.

4. Nas grandes calamidades, a caridade se mobiliza e se veem generosos entusiasmos para reparar os desastres; mas, ao lado desses desastres gerais, existem milhares de desastres particulares que passam despercebidos, de pessoas que jazem sobre um catre sem se queixar. São esses infortúnios discretos e escondidos que a verdadeira generosidade pode procurar descobrir, sem esperar que as pessoas venham pedir assistência.

Quem é aquela senhora de ar distinto, de roupa simples conquanto limpa, seguida de uma juvenzinha vestida também modestamente? Entra em uma casa de sórdida aparência, onde é conhecida sem dúvida, pois à porta a gente a saúda com respeito. Aonde vai ela? Ela sobe até a mansarda: lá jaz u'a mãe de família, rodeada pelos filhinhos; à sua chegada, a alegria brilha naqueles rostos definhados; é que ela vem acalmar todas as suas dores; ela traz o necessário temperado com suaves e consoladoras palavras que fazem aceitar a dádiva sem enrubescer, pois esses infortunados não são absolutamente mendigos de profissão; o pai se acha no hospital e, durante esse tempo, a mãe não tem como suprir as necessidades. Graças àquela senhora, essas pobres crianças não sofrerão nem frio nem fome; elas irão à escola com agasalhos quentinhos e o seio da mãe não secará para os menores. Se existe alguém doente entre eles, nenhum cuidado material lhe causará repugnância. De lá, ela vai ao hospital para levar ao pai algumas palavras afetuosas e para tranquilizá-lo a respeito da sorte de sua família. Na esquina, uma viatura espera por ela, verdadeiro bazar de tudo o que ela está levando a seus protegidos, que ela visita sucessivamente; ela não lhes pergunta nem por sua crença nem por sua opinião, pois, para ela, todos os homens são irmãos e filhos de Deus. Finda sua excursão, ela diz consigo mesma: Eu comecei bem minha jornada. Qual é seu nome? Onde mora? Ninguém o sabe; para os infelizes, é um nome que não revela nada; mas é um anjo de consolação; e, à noite, um concerto de bênçãos se eleva por ela ao Criador: católicos, judeus, protestantes, todos a abençoam.

Por que essa roupa tão simples? É que ela não deseja insultar a miséria com seu luxo. Por que se faz acompanhar de sua jovem filha? É para lhe ensinar como se deve praticar a beneficência. Sua filha também deseja praticar a caridade, mas sua mãe lhe diz: "Que pode dar você, minha filha, uma vez que não possui nada de seu? Se eu lhe dou algo para você entregar aos outros, qual é seu mérito? Na realidade, eu praticarei a caridade e você terá o mérito; isso não está certo. Quando formos visitar os doentes, você me ajudará a tratar deles; ora, oferecer cuidados é oferecer alguma coisa. Isso não lhe parece suficiente? Nada é mais simples; aprenda a fazer trabalhos úteis, e você confeccionará roupas para essas criancinhas; desse modo, você oferecerá alguma coisa vinda de você." É assim que essa mãe verdadeiramente cristã induz sua filha à prática das virtudes ensinadas pelo Cristo. É ela espírita? Que importa?!

No recesso do lar, é a mulher da sociedade, porque sua posição o exige; mas a gente ignora o que ela faz, porque ela não deseja senão a aprovação de Deus e de sua consciência e nenhuma outra. Contudo, um dia, uma circunstância imprevista traz à sua casa uma de suas protegidas, para lhe oferecer seus trabalhos; esta a reconhece e deseja abençoar sua benfeitora. “Xi!, lhe diz ela; *não diga nada a ninguém.*” Assim falava Jesus.

A oferenda da viúva.

5. Estando Jesus sentado de frente para a caixa das oferendas, considerava de que maneira o povo jogava ali o dinheiro e como numerosos ricos depositavam muito. — Veio também uma pobre viúva que depositou somente duas moedinhas de alguns centavos. — Então, tendo Jesus chamado seus discípulos, lhes afirmou: Eu lhes digo, em verdade: essa pobre viúva doou mais que todos os que depositaram na caixa; — pois todos os outros doaram de sua abundância; ela, porém, doou de sua indigência, até mesmo tudo o que possuía e tudo o que lhe restava para viver. (São Marcos, xii: 41 a 44; São Lucas, xxi: 1 a 4.)

6. Muitos lastimam por não conseguirem realizar todo o bem que gostariam, faltos de recursos suficientes e, se desejam a fortuna, é, dizem eles, para empregá-la bem. A intenção é louvável, sem dúvida, e pode ser muito sincera quanto a alguns; mas tem-se a certeza de que seja para todos completamente desinteressada? Não existirão os que, empenhando-se totalmente em praticar o bem aos outros, estariam muito contentes de começar a praticá-lo a si mesmos, de se propiciar alguns prazeres a mais, de se dar um pouco do supérfluo que lhes esteja faltando, exceto quanto a dar o resto aos pobres? Esta segunda intenção, que talvez disfarcem, mas que achariam no fundo de seu coração, se desejassem vasculhar aí, anula o mérito da intenção, pois a verdadeira caridade pensa nos outros antes de pensar em si. O sublime da caridade, nesse caso, seria procurar em seu próprio trabalho, através do emprego de suas forças, de sua inteligência, de seus talentos, os recursos que faltam para realizar suas intenções generosas; aí estaria o sacrifício mais agradável ao Senhor. Infelizmente, a maioria sonha com meios fáceis de se enriquecer, de repente e sem sacrifício, correndo atrás de quimeras, como as descobertas de tesouros, uma oportunidade aleatória favorável, o recebimento de heranças inesperadas etc. Que dizer dos que esperam encontrar, para os secundarem nas buscas dessa natureza, coadjuvantes entre os Espíritos? Seguramente, eles não conhecem nem compreendem o objetivo sagrado do espiritismo e ainda menos a missão dos Espíritos aos quais Deus permite comunicarem-se com os homens; por isso, eles são punidos através das decepções. (*O Livro dos Médiuns*, n.ºs 294 e 295.)

Aqueles cuja intenção é pura quanto a toda aspiração pessoal, podem consolar-se de sua impotência para praticarem o quanto de bem gostariam, através do pensamento de que a esportula do pobre, que, ao dar, se priva, pesa mais na balança de Deus que o ouro do rico, que dá sem se privar de nada. A satisfação seria grande, sem dúvida, de conseguir largamente socorrer a indigência; mas, se ela está interdita, é preciso submeter-se e limitar-se a realizar o que se pode. De resto, não é somente com ouro que se consegue

enxugar as lágrimas, e se tem que ficar inativo por não possuí-lo? Quem deseja sinceramente tornar-se útil a seus irmãos, encontra mil ocasiões para isso; que ele as procure e as encontrará; se não for de um jeito, será de outro, pois não existe ninguém, exercendo o livre gozo de suas faculdades, que não consiga prestar um serviço qualquer, oferecer uma consolação, suavizar um sofrimento físico ou moral, realizar uma atividade útil; na falta de dinheiro, cada qual não conta com seu esforço, seu tempo, seu repouso, de que pode oferecer uma parte aos outros? Está aí também o óbolo do pobre, a oferenda da viúva.

Convidar os pobres e os estropiados.

7. Ele disse também a quem o havia convidado: Quando você receber para jantar ou para ceiar, não convide nem seus amigos, nem seus irmãos, nem seus parentes, nem seus vizinhos ricos, no receio de que eles o convidem em seguida, por seu turno, e assim lhe compensem o que haviam recebido de você. — Mas, quando você oferecer uma festa, convide os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos; — e você ficará feliz, porque eles não terão condição de lhe compensar; pois isso lhe será compensado na ressurreição dos justos.

Um dos que estavam à mesa, tendo ouvido essas palavras, disse-lhe: Feliz quem comer do pão no reino de Deus! (São Lucas, XIV: 12 a 15.)

8. “Quando você oferecer uma festa, disse Jesus, não convide seus amigos, mas os pobres e os estropiados.” Essas palavras, absurdas, caso sejam tomadas à letra, são sublimes, caso se lhes busque o espírito. Jesus não pode ter desejado afirmar que, em lugar de seus amigos, é preciso reunir à sua mesa os mendigos da rua; sua linguagem era quase sempre figurada, e, para homens incapazes de compreender as nuances delicadas do pensamento, ele precisava de imagens fortes, que produzissem o efeito das cores estridentes. O fundo de seu pensamento se revela por estas palavras: “E você ficará feliz, porque eles não terão condição de lhe compensar”; quer dizer que não se pode praticar o bem tendo em vista a retribuição, mas pelo único prazer de praticá-lo. Para proporcionar uma comparação emocionante, ele diz: convide para suas festas os pobres, pois você sabe que eles não têm como compensá-lo; e por *festas* é preciso entender, não as refeições propriamente ditas, mas a participação na abundância de que se goze.

Essa parábola pode, todavia, ainda admitir sua aplicação em um sentido mais literal. Quanta gente convida para sua mesa apenas os que são capazes, como eles dizem, de honrá-los ou de convidá-los por seu turno. Outros, ao contrário, acham sua satisfação em receber aqueles de seus parentes ou amigos menos felizes; ora, quem é que não possui alguém assim entre os seus? Isso, às vezes, é prestar-lhes um grande favor sem dar demonstração. Esses, sem ir recrutar os cegos e os estropiados, praticam a máxima de Jesus, se o fazem por benevolência, sem ostentação, e se sabem dissimular o benefício através de uma sincera cordialidade.

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

A caridade material e a caridade moral.

9. “Amemo-nos uns aos outros e façamos aos outros o que nós gostaríamos que nos fosse feito.” Toda a religião, toda a moral se acham encerradas nesses dois preceitos; se eles fossem seguidos no mundo, vocês seriam todos perfeitos; não mais ódios, não mais ressentimentos; eu direi mais ainda: não mais pobreza, pois, do supérfluo da mesa de cada rico, muitos pobres se alimentariam, e vocês não veriam mais, nos sombrios bairros em que morei, na minha última encarnação, pobres mulheres arrastando atrás delas miseráveis crianças faltas de tudo.

Ricos! Pensem um pouco nisto; ajudem com o que têm de melhor aos infelizes; doem, para que Deus lhes devolva um dia o bem que vocês tiverem feito; para que vocês encontrem, ao sair de seu invólucro terrestre, um cortejo de Espíritos reconhecidos, que os receberão no limiar de um mundo mais feliz.

Se vocês tivessem como saber a alegria que experimentei ao encontrar lá em cima os que eu consegui beneficiar, em minha última vida!...

Amem, portanto, a seu próximo; amem-no como a vocês mesmos, pois sabem vocês agora que o infeliz que rejeitam talvez seja um irmão, um pai, um amigo que vocês mandam para longe de si; e, então, qual não há de ser seu desespero, em reconhecendo-o no mundo dos Espíritos!

Eu gostaria que vocês bem compreendessem o que pode ser a *caridade moral*, aquela que cada um tem como praticar, aquela que *não custa nada* de material e, no entanto, a mais difícil de se colocar em prática.

A caridade moral consiste em se suportarem uns aos outros, o que vocês menos fazem nesse mundo inferior, em que estão encarnados no momento. Existe um grande mérito, creiam-me, em saber calar para deixar falar um mais tolo que vocês: existe também aí um tipo de caridade. Saber ser surdo, quando uma palavra debochada escapa de uma boca habituada a zombar; não ver o sorriso desdenhoso que acolhe sua chegada nas casas das pessoas que, o mais das vezes erroneamente, se creem superiores a vocês, ao passo que, na vida espírita, *a única de fato*, estão, às vezes, bem longe: eis aí um mérito, não de humildade, mas de caridade; pois não observar os erros de outrem é caridade moral.

Todavia, essa caridade não pode impedir a outra; mas pensem sobretudo em não menosprezar seu semelhante: recordem-se de tudo o que eu já lhes disse; é preciso lembrar-se, sem cessar, de que, no pobre repudiado, vocês talvez estejam repelindo um Espírito que lhes foi caro e que se acha, momentaneamente, em uma posição inferior à sua. Eu revi um dos pobres de sua Terra a quem fui capaz, por felicidade, de beneficiar algumas vezes e a quem chegou *agora* minha vez de *implorar*.

Recordem-se de que Jesus disse que nós somos irmãos e pensem sempre nisso, antes de repelir o leproso ou o mendigo. Adeus; pensem naqueles que sofrem, e rezem. (IRMÃ ROSÁLIA. Paris, 1860.)

10. Meus amigos, eu ouvi muitos de vocês dizerem: Como posso praticar a caridade? Geralmente eu não tenho sequer o necessário!

A caridade, meus amigos, se pratica de muitas maneiras. Vocês podem praticá-la em pensamentos, em palavras e em ações. Em pensamentos: rogando pelos pobres abandonados que morreram sem ter mesmo visto a luz; uma prece de coração os anima. Em palavras: endereçando a seus companheiros de todos os dias uns bons conselhos; digam aos homens aborrecidos pela desesperança, pelas privações, e que blasfemam o nome do Altíssimo: “Eu era como vocês; sofria, estava infeliz, mas acreditei no Espiritismo e, vejam, eu sou feliz agora.” Aos velhos que lhes disserem: “É inútil; eu estou no fim de minha carreira; morrerei como vivi”, digam-lhes: “Deus tem para nós toda uma justiça igualitária; lembrem-se dos trabalhadores da décima hora.” Às criancinhas que, já viciadas pela companhia, vão vagar pelos caminhos, prontas para sucumbir às suas tentações, digam-lhes: “Deus os vê, meus queridinhos”, e não temam repetir-lhes constantemente essa suave expressão; ela acabará por germinar em sua jovem inteligência, e, em lugar de vagabundinhos, vocês os transformarão em homens. Essa é também uma caridade.

Muitos de vocês dizem também: “Ora! Nós somos tão numerosos na Terra; Deus não tem como ver-nos a todos.” Escutem bem isto, meus amigos: Quando vocês estão no cimo de uma montanha, não ocorre que seu olhar abrange os bilhões de grãos de areia que cobrem essa montanha? Muito bem! Deus os vê desse mesmo jeito; e ele lhes deixa seu livre-arbítrio, como vocês deixam esses grãos de areia à vontade do vento que os dispersa; entretanto, Deus, em sua misericórdia infinita, colocou no fundo de seu coração uma sentinela vigilante, que se chama *consciência*. Ouçam-na, ela lhes dará apenas bons conselhos. Às vezes, vocês a entorpecem, opondo-lhe o espírito do mal; ela se cala, então; mas estejam certos de que a pobre abandonada se dará a ouvir, logo que a deixarem perceber a sombra do remorso. Ouçam-na, interroguem-na e o mais das vezes serão consolados pelo conselho que terão recebido dela.

Meus amigos, a cada regimento novo o general entrega uma bandeira; quanto a mim, eu lhes ofereço esta máxima do Cristo: “Amem-se uns aos outros.” Pratiquem essa máxima; reúnam-se todos em torno desse estandarte, e vocês receberão dele a felicidade e a consolação. (UM ESPÍRITO PROTETOR. Lião, 1860.)

A beneficência.

11. A beneficência, meus amigos, lhes propiciará nesse mundo os mais puros e mais doces prazeres, as alegrias do coração que não são perturbadas nem pelos remorsos, nem pela indiferença. Oh! Pudessem vocês compreender tudo o que encerra de grande e de suave a generosidade das belas almas, esse sentimento que faz que se olhe a outrem com os mesmos olhos com que se olha para si mesmo, que se despoje com alegria para cobrir seu irmão. Pudessem vocês, meus amigos, não ter mais suave ocupação do que fazer as pessoas felizes! Quais são as festas do mundo que vocês são capazes de comparar àquelas

festas alegres, quando, representantes da Divindade, vocês levam a alegria a essas pobres famílias, que não conhecem da vida senão as vicissitudes e os amargores; quando vocês veem, de repente, aqueles rostos enrugados raiarem de esperança, pois, eles não tinham pão, esses desgraçados, e seus filhinhos, ignorando que viver não é sofrer, gritavam, choravam e repetiam estas palavras que penetravam, como um punhal aguçado, no coração da mãe: Eu tenho fome!... Oh! Compreendam quanto são deliciosas as impressões de quem vê renascer a alegria onde, um momento antes, não via senão desespero! Compreendam quais são suas obrigações para com seus irmãos! Vão, vão ao encontro do infortúnio; vão em socorro das misérias escondidas, sobretudo, pois são as mais dolorosas. Vão, meus bem-amados, e lembrem-se destas palavras do Salvador: “Quando vocês vestirem a um destes pequenos, pensem que é a mim que vocês o fazem!”

Caridade! Palavra sublime que resume todas as virtudes, é você que tem de conduzir os povos à felicidade; ao praticá-la, eles criarão para si alegrias celestes para o futuro e, durante seu exílio na Terra, você será sua consolação, o antegozo das alegrias que eles usufruirão mais tarde, quando eles se abraçarem todos juntos, no seio do Deus de amor. Foi você, virtude divina, quem me propiciou os únicos momentos de felicidade que desfrutei na Terra. Possam meus irmãos encarnados acreditar na voz do amigo que lhes fala e lhes diz: É na caridade que vocês têm que buscar a paz do coração, o contentamento da alma, o remédio contra as aflições da vida. Oh! Quando estiverem a pique de acusar a Deus, lancem um olhar para baixo de vocês; verão quantas misérias a desafogar; quantas crianças pobres sem família; quantos velhos que não têm uma só mão amiga para os socorrer e lhes fechar os olhos quando a morte os reclamar! Quanto bem a praticar! Oh! Não se lastimem; mas, ao contrário, agradeçam a Deus e prodigalizem a mancheias sua simpatia, seu amor, seu dinheiro, a todos os que, deserdados dos bens desse mundo, se consomem no sofrimento e na solidão. Vocês recolherão neste mundo alegrias bem suaves, e mais tarde... Só Deus o sabe!... (ADOLFO, Bispo de Argel. Bordéus, 1861.)

12. Sejam bons e caridosos: essa é a chave dos céus que vocês têm em suas mãos; toda a felicidade eterna está contida nesta máxima: Amem-se uns aos outros. A alma só é capaz de elevar-se, nas regiões espirituais, através do devotamento ao próximo; ela só encontra felicidade e consolação nos entusiasmos da caridade; sejam bons, amparem seus irmãos, deixem de lado a horrenda chaga do egoísmo; cumprido esse dever, deve abrir-se para vocês a rota da felicidade eterna. De resto, quem dentre vocês não sentiu o coração bater, sua alegria interna expandir-se, ao relato de um belo sacrifício, de uma obra caridosa? Se vocês só procurassem o prazer que proporciona uma boa ação, vocês permaneceriam para sempre no caminho do progresso espiritual. Exemplos não lhes faltam; mas os bons propósitos é que são raros. Observem a grande quantidade dos homens de bem, cujas piedosas recordações sua história evoca.

O Cristo não lhes disse tudo o que concerne a essas virtudes de caridade e de amor? Por que se deixam de lado seus divinos ensinamentos? Por que se fecha o ouvido a suas divinas palavras; o coração, a todas as suas doces máximas? Eu gostaria de que se dedicasse mais interesse, mais fé, às leituras evangélicas; abandona-se esse livro, por causa de uma palavra sem sentido, uma mensagem impenetrável; deixa-se esse código admirável no esquecimento: seus males provêm apenas de seu abandono voluntário desse resumo

das leis divinas. Leiam, portanto, essas páginas brilhantes do devotamento de Jesus, e meditem sobre elas.

Homens fortes, armem-se; homens fracos, transformem em armas sua doçura, sua fé; sejam mais persuasivos, mais constantes na propagação de sua nova doutrina; este é somente um encorajamento que nós viemos oferecer-lhes; é para estimular seu zelo e suas virtudes que Deus nos permite manifestar-nos; mas, caso se quisesse, não haveria necessidade senão da ajuda de Deus e de sua própria vontade: as manifestações espíritas só se transmitem aos olhos fechados e aos corações indóceis.

A caridade é a virtude fundamental que tem de sustentar todo o edifício das virtudes terrenas; sem ela, as outras não existiriam. Sem a caridade, nada de esperança em uma sorte melhor, nada de interesse moral que nos guie; sem a caridade, nada de fé, pois a fé não passa de um puro raio de luz que dá brilho a uma alma caridosa.

A caridade é a âncora eterna da salvação em todos os globos: é a mais pura emanção do Criador, ele mesmo; é sua própria virtude, que ele oferece à criatura. Como se pode desejar desconhecer esta suprema bondade? Qual seria, com essa determinação, o coração assaz perverso para coibir e rechaçar esse sentimento todo divino? Qual seria o filho assaz malvado para se amotinar contra essa doce carícia: a caridade?

Eu não ousei falar do que fiz, pois os Espíritos também têm o pudor de suas obras; mas creio que comecei uma das que devem contribuir mais para o alívio de seus semelhantes. Eu vejo, muitas vezes, os Espíritos pedirem por missão continuar minha tarefa; eu as vejo, minhas doces e queridas irmãs, em seu piedoso e divino ministério; eu as vejo praticar a virtude que lhes recomendo, com toda a alegria que propicia essa existência de devotamento e de sacrifícios; constitui uma grande felicidade, para mim, observar quanto seu caráter é honrado, quanto sua missão é amada e docemente protegida. Homens de bem, de boa e forte vontade, unam-se para continuar denodadamente a obra de propagação da caridade; vocês acharão a recompensa dessa virtude em seu exercício mesmo; não existe alegria espiritual que ela não ofereça desde a vida presente. Fiquem unidos; amem-se uns aos outros, conforme os preceitos do Cristo. Assim seja. (SÃO VICENTE DE PAULO. Paris, 1858.)

13. Eu me chamo Caridade; eu sou a rota principal que conduz até Deus; sigam-me, pois eu sou o alvo a que vocês todos têm que visar.

Eu realizei, esta manhã, minha volta habitual, e, o coração magoado, venho dizer-lhes: Oh! Meus amigos, quantas misérias, quantas lágrimas e quanto vocês têm de fazer para enxugá-las todas! Eu busquei em vão consolar as pobres mães; eu lhes dizia ao ouvido: Coragem! Existem bons corações que velam por vocês; vocês não serão abandonadas; paciência! Deus aqui está; vocês são suas amadas, vocês são suas eleitas. Elas pareciam escutar-me e volviam para meu lado grandes olhos desvairados; eu lia em sua pobre fisionomia que seu corpo, esse tirano do Espírito, tinha fome e que, se minhas palavras serenavam um pouco seu coração, elas não enchiam seu estômago. Eu repetia ainda: Coragem! Coragem! Então, uma pobre mãe, muito jovem, que amamentava um filhinho, o tomou nos braços e o levantou no espaço vazio, como para me rogar por proteção para aquele pobre entezinho que sugava em um seio estéril somente um alimento insuficiente.

Em outro lugar, meus amigos, eu vi uns pobres velhos, sem trabalho e sem abrigo, vítimas de todos os sofrimentos da necessidade e envergonhados de sua miséria, não ousando, eles que jamais mendigaram, implorar a piedade dos passantes. Com o coração movido de compaixão, eu, que não tenho nada, me transformei em mendiga para eles e estou indo a todos os lados estimular a beneficência, inspirar bons pensamentos aos corações generosos e compassivos. Eis porque eu venho até vocês, meus amigos, e lhes digo: Neste mundo, existem infelizes cuja cesta está sem pão, a lareira, sem fogo, o leito, sem cobertura. Eu não lhes digo o que vocês têm que fazer; eu deixo a iniciativa para seus bons corações; se eu lhes ditasse sua linha de conduta, vocês não teriam maior mérito por sua boa ação; eu lhes digo somente: Eu sou a caridade e lhes estendo a mão por seus irmãos sofredores.

Mas, se eu peço, eu dou também, e dou muito; eu os convido para um grande banquete, e forneço a árvore em que todos vocês se saciarão. Vejam como é bela, como está carregada de flores e de frutos! Vão, vão, colham, apanhem todos os frutos dessa bela árvore que se chama beneficência. No lugar dos ramos que lhe retirarem, eu prenderei todas as boas ações que vocês tiverem praticado e levarei essa árvore a Deus, para que ele a carregue de novo, pois a beneficência é inesgotável. Portanto, sigam-me, meus amigos, a fim de que eu os conte entre os que se inscrevem sob minha bandeira; sejam destemidos: eu os conduzirei pela senda da salvação, porque eu sou *a Caridade!* (*CÁRITAS, martirizada em Roma*. Lião, 1861.)

14. Existem muitas maneiras de praticar a caridade, que muitos de vocês confundem com a esmola; no entanto, existe uma grande diferença. A esmola, meus amigos, às vezes, é útil, pois desafoga os pobres; mas é quase sempre humilhante, para quem dá e para quem recebe. A caridade, ao contrário, une o benfeitor e o favorecido e, depois, se disfarça de tantas maneiras! Pode-se ser caridoso mesmo com seus parentes, com seus amigos, sendo indulgentes uns com os outros, perdoando-se as fraquezas, tendo cuidado para não magoar o amor-próprio de ninguém; para vocês, espíritas, em sua maneira de agir com os que não pensam como vocês; levando os menos esclarecidos a crer, e isso sem os chocar, sem ultrajar suas convicções, mas levando-os muito afetuosamente às reuniões onde eles poderão ouvir-nos e onde poderemos achar a brecha do coração por onde deveremos penetrar. Eis aqui um aspecto da caridade.

Ouçam agora sobre a caridade aos pobres, esses deserdados do mundo, mas esses premiados de Deus, caso saibam aceitar suas misérias sem se queixarem, e isso depende de vocês. Vou fazer-me compreender através de um exemplo.

Eu observo, muitas vezes na semana, uma reunião de senhoras: existem ali de todas as idades; para nós, como vocês sabem, elas são todas irmãs. Que fazem elas? Elas trabalham depressa, depressa; os dedos são ágeis; por isso, vejam como suas fisionomias estão radiantes, e como seus corações batem em uníssono! Mas qual é seu alvo? É que elas veem aproximar-se o inverno, que será rude para os pobres assistidos; as formigas não conseguiram juntar, durante o verão, os grãos necessários para a provisão, e a maior parte de seus trastes está no penhor; as pobres mães se inquietam e choram, pensando nos filhinhos que, neste inverno, terão frio e fome! Mas paciência, pobres mulheres! Deus inspirou as mais afortunadas que vocês; elas se reuniram e lhes confeccionam umas

roupinhas; em um desses dias em que a neve houver coberto a terra e em que vocês se queixarem, dizendo: “Deus não é justo”, pois é essa a proposição costumeira de quando vocês sofrem, então verão aparecer um dos filhos dessas boas trabalhadoras, que se constituíram em operárias dos pobres; sim, era para vocês que elas trabalhavam assim, e sua queixa se converterá em bênçãos, pois, no coração dos infelizes, o amor segue bem de perto o ódio.

Como precisam todas essas trabalhadoras de um encorajamento, eu noto as comunicações dos bons Espíritos que lhes chegam de todas as partes; os homens que fazem parte dessa sociedade dão também seu concurso, realizando essas leituras que tanto agradam; e quanto a nós, para recompensar o zelo de todos e de cada um em particular, nós prometemos a essas operárias laboriosas uma boa clientela, que as pagará à vista, em bênçãos, única moeda que circula no céu, assegurando-lhes, além do mais, e sem medo de ir demasiado longe, que ela não lhes faltará. (CÁRITAS. Lião, 1861.)

15. Meus caros amigos, cada dia, eu ouço entre vocês quem diga: “Eu sou pobre; eu não posso praticar a caridade”; e, cada dia, eu vejo que vocês faltam com a indulgência para seus semelhantes; vocês não lhes perdoam nada e se erigem em juízes quase sempre severos, sem se interrogar se ficariam satisfeitos que se fizesse outro tanto a seu respeito. A indulgência, não é ela também caridade? Vocês que não têm como realizar senão uma caridade indulgente pratiquem ao menos essa, mas pratiquem-na intensamente. No que tange à caridade material, eu desejo contar-lhes uma história do outro mundo.

Dois homens acabavam de morrer; Deus tinha dito: Durante a vida desses dois homens, serão colocadas, em um saco para cada um, suas boas ações, e, quando de sua morte, esses sacos serão pesados. Quando esses dois homens chegaram à sua derradeira hora, Deus mandou que lhe trouxessem os dois sacos; um estava gordo, grande, bem recheado; ressoava o metal que o enchia; o outro estava pequeníssimo e tão magro que se viam através dele os raros vinténs que continha; e cada um dos homens reconheceu o seu: Eis o meu, disse o primeiro; eu o reconheço; eu fui rico e fiz muitas doações. Eis o meu, disse o outro; eu sempre fui pobre. Ai de mim! Eu não tinha quase nada para repartir. Mas, ó surpresa! Colocados os dois sacos na balança, o mais gordo ficou leve e o pequeno ficou pesado, tanto que ele ergueu bastante o outro lado da balança. Então, Deus disse ao rico: Você doou bastante, é verdade, mas você doou por ostentação e para ver seu nome figurar em todos os templos do orgulho, e, mais que isso, ao dar, você não se privou de nada; vá para a esquerda e fique contente de que a esmola lhe seja computada ainda como alguma coisinha. Depois, ele disse ao pobre: Você doou bem pouco, meu amigo, mas cada um dos vinténs que estão nesta balança representa uma privação para você; se não deu esmola, praticou a caridade e, o que há de melhor, você a praticou naturalmente, sem pensar que teriam isso em conta; foi indulgente; não julgou seu semelhante; ao contrário, você desculpou todas as suas ações: passe à direita e vá receber sua recompensa. (UM ESPÍRITO PROTETOR. Lião, 1861.)

16. A mulher rica, feliz, que não precisa empregar seu tempo nos trabalhos domésticos, não consegue consagrar algumas horas para trabalhos úteis a seus semelhantes? Que, com o que exceder seus prazeres, ela compre cobertas para os infelizes que tremem de frio; que ela faça, com suas mãos delicadas, grosseiros mas quentes

agasalhos; que ela ajude a mãe a cobrir o filho que vai nascer; se seu filho, o dela, tiver umas rendas de menos, o do pobre terá mais calor. Trabalhar para os pobres é trabalhar na vinha do Senhor.

E quanto a você, pobre operária, que nada tem de supérfluo, mas que deseja, em seu amor por seus irmãos, doar também do pouco que você possui, doe algumas horas de sua jornada, de seu tempo, seu único tesouro; faça desses trabalhos elegantes que excitam os felizes; venda o trabalho de sua vigília e você poderá também propiciar a seus irmãos sua parte de refrigério; você terá, talvez, umas fitas de menos, mas doará sapatos a quem tem os pés nus.

E vocês, mulheres votadas a Deus, trabalhem também para suas obras, mas que seus trabalhos delicados e custosos não sejam feitos somente para ornamentar suas capelas, para atrair a atenção sobre sua habilidade e sua paciência; trabalhem, minhas filhas, e que a receita de suas obras seja consagrada ao desafogo de seus irmãos em Deus; os pobres são seus filhos bem-amados; trabalhar por eles é glorificá-los. Sejam para eles a Providência que diz: Às aves do céu, Deus fornece a comida. Que o ouro e a prata que se tecem sob seus dedos se convertam em roupas e em alimento para os que carecem disso. Façam essas coisas e seu trabalho será bendito.

E todos vocês que são capazes de criar doem: doem seu gênio, doem suas inspirações, doem seu coração, que Deus abençoará. Poetas, literatos, que só são lidos pelas pessoas da sociedade, satisfaçam seus ócios, mas que o produto de algumas de suas obras seja consagrado ao desafogo dos infelizes; pintores, escultores, artistas em todos os gêneros, que sua inteligência venha também em ajuda de seus irmãos; nem por isso vocês decairão em glória, e haverá uns sofrimentos a menos.

Todos vocês podem doar: em qualquer classe em que se achem, vocês têm algo que podem repartir; o que quer que seja que Deus lhes tenha dado, vocês devem uma parte a quem careça do necessário, porque, no lugar deles, vocês ficariam bem contentes que um outro repartisse consigo. Seus tesouros da Terra ficarão um pouco menores, mas seus tesouros no céu serão mais abundantes; vocês ali colherão o cêntuplo do que houverem semeado em benefícios neste mundo. (JOÃO. Bordéus, 1861.)

A piedade.

17. A piedade é a virtude que mais aproxima dos anjos; é a irmã de caridade que conduz até Deus. Ah! Deixem seu coração condoer-se, com o aspecto das misérias e dos sofrimentos de seus semelhantes; suas lágrimas são um bálsamo que vocês vertem sobre suas feridas, e, quando, através de uma doce simpatia, vocês chegam para lhes renovar a esperança e a resignação, que de encanto vocês experimentam! Esse encanto, é verdade, apresenta uma certa amargura, porque nasce ao lado da desgraça; mas, se não tem a acrimônia dos prazeres mundanos, ele não tem as pungentes decepções do vazio que estes deixam atrás de si; ele apresenta uma suavidade penetrante, que regozija a alma. A piedade, uma piedade bem sentida, provém do amor; o amor provém do devotamento; o

devotamento provém do esquecimento de si mesmo; e esse esquecimento, essa abnegação em favor dos infelizes provém da virtude por excelência, a que praticou, durante toda a sua vida, o divino Messias e a qual ele ensinou em sua doutrina tão santa e tão sublime. Quando essa doutrina estiver de novo com sua pureza primitiva, quando estiver sendo admitida por todos os povos, ela propiciará a felicidade à Terra, fazendo aí reinar, enfim, a concórdia, a paz e o amor.

O sentimento mais adequado para fazê-los progredir, ao sujeitar seu egoísmo e seu orgulho, o que predispõe sua alma à humildade, à beneficência e ao amor a seu próximo, é a piedade! Essa piedade que os emociona até às suas entranhas, perante o sofrimento de seus irmãos, que lhes faz estender a eles u'a mão de socorrista e lhes extrai lágrimas de simpatia. Logo, não sufoquem jamais, em seus corações, essa emoção celestial, nem façam como aqueles egoístas insensíveis que se afastam dos aflitos, porque a vista de sua miséria perturbaria por um instante sua alegre existência; receiem permanecer indiferentes, quando vocês têm como ser úteis. A tranquilidade adquirida ao custo de uma indiferença culpável é a tranquilidade do Mar Morto, que esconde, no fundo de suas águas, o limo fétido e a podridão.

Quão longe está a piedade, todavia, de causar a perturbação e a preocupação com que se assusta o egoísta! Sem dúvida, a alma sente, ao contato da desgraça de outrem, e ao transferi-la para si mesma, um estremecimento natural e profundo, que faz vibrar todo o seu ser e os afeta penosamente; mas a recompensa é grande, quando vocês alcançam devolver a coragem e a esperança a um irmão infeliz, que se comove ao aperto de u'a mão amiga e cujo olhar, úmido ao mesmo tempo de emoção e de reconhecimento, se volta docemente para vocês, antes de se fixar no céu, para agradecer por lhe ter enviado um consolador, um sustentáculo. A piedade é a melancólica mas celestial precursora da caridade, a primeira das virtudes, de que ela é irmã e cujos benefícios promove e enobrece. (MIGUEL. Bordéus, 1862.)

Os órfãos.

18. Meus irmãos, amem os órfãos; se vocês soubessem quanto é triste estar só e abandonado, sobretudo em tenra idade! Deus permite que existam órfãos, para nos compelir a servir-lhes de pais. Que divina caridade a de ajudar uma pobre criaturinha abandonada, de impedi-la de sofrer fome e frio, de guiar sua alma, a fim de que não se perca no vício! Quem estende a mão à criança abandonada é agradável a Deus, pois compreende e pratica sua lei. Pensem também que, muitas vezes, a criança que vocês socorrem lhes foi querida em uma outra encarnação; e, se vocês tivessem como se lembrar, isso não seria mais caridade, mas um dever. Assim, portanto, meus amigos, todo ser sofredor é seu irmão e tem direito à sua caridade, não a essa caridade que machuca o coração, não a essa esmola que queima a mão em que cai, pois seus óbolos são quase sempre bem amargos! Quantas vezes eles seriam recusados, se, na choça, a doença e a indigência não esperassem por eles! Doem delicadamente, juntem à dádiva mais preciosa

de todas, uma boa palavra, uma carícia, um sorriso de amigo; Evitem esse tom de proteção, que revolve o aço no coração que sangra, e pensem que, em praticando o bem, vocês trabalham para vocês e os seus. (UM ESPÍRITO FAMILIAR. Paris, 1860.)

19. *Como devemos encarar as pessoas que, tendo sido pagas por seus benefícios com a ingratidão, não praticam mais o bem, por receio de se depararem com ingratos?*

Essas pessoas possuem mais egoísmo que caridade; pois só praticar o bem para receber testemunhos de reconhecimento é não praticá-lo com desinteresse, e o benefício desinteressado é único agradável a Deus. Trata-se também de orgulho, pois elas se comprazem com a humildade do beneficiado que vem depor seu reconhecimento a seus pés. Quem procura na Terra a recompensa do bem que pratica não a receberá no céu; Deus, porém, terá em consideração a quem não a procura na Terra.

É preciso sempre ajudar os fracos, sabendo, embora, antecipadamente, que aqueles a quem se pratica o bem não agradecerão. Saibam que, se aquele a quem vocês prestam serviço se esquece do benefício, Deus lhes terá em maior consideração que se fossem recompensados por seu reconhecimento. *Deus permite que vocês sejam, às vezes, pagos com a ingratidão, para pôr à prova sua perseverança em praticar o bem.*

Como sabem vocês, de resto, se esse benefício, esquecido por um momento, não trará mais tarde bons frutos? Estejam certos, ao contrário, de que se trata de uma semente que germinará com o tempo. Infelizmente, nem sempre vocês enxergam além do presente; vocês trabalham para vocês, sem ter em vista os outros. Os benefícios acabam por enternecer os corações mais insensíveis; eles podem quedar desprezados no mundo, mas, assim que se desembaraçar de seu véu carnal, o Espírito se recordará e essa lembrança será seu castigo; então, deplorará sua ingratidão; desejará reparar sua falta, pagar sua dívida em uma outra existência, amiúde mesmo aceitando uma vida de devotamento para com seu benfeitor. Eis como, sem que vocês percebam, terão contribuído para seu adiantamento moral, e reconhecerão mais tarde toda a verdade desta máxima: Um benefício jamais se perde. Mas terão trabalhado também para vocês, pois terão o mérito de haver praticado o bem com desinteresse, e sem se deixar desencorajar pelas decepções.

Ah! Meus amigos, se vocês conhecessem todos os liames que, na vida presente, os prendem às suas existências anteriores; se pudessem abranger a infinidade das relações que aproximam os seres uns dos outros, para seu progresso mútuo, vocês admirariam bem melhor ainda a sabedoria e a bondade do Criador, que lhes permite reviver para chegarem a ele. (GUIA PROTETOR. Sens, 1862.)

20. *A beneficência é bem distribuída, quando se dá exclusivamente entre pessoas de mesma opinião, de mesma crença ou de mesmo partido?*

Não; é sobretudo o espírito de seita e de partido que se tem que abolir, pois todos os homens são irmãos. O verdadeiro cristão apenas vê irmãos em seus semelhantes e, antes de socorrer quem esteja necessitado, não consulta nem sua crença, nem sua opinião, seja para o que for. Seguiria o preceito de Jesus Cristo, que diz para amar mesmo seus inimigos, se rejeitasse um infeliz, por possuir outra fé que não a sua? Que o ampare, portanto, sem lhe pedir nenhuma conta de sua consciência, pois, se for um inimigo da religião, eis o meio de fazer que a ame; rejeitando-o, faria que a odiasse. (SÃO LUÍS. Paris, 1860.)

CAPÍTULO XIV

HONREM SEU PAI E SUA MÃE.

Piedade filial. — Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? — O parentesco corpóreo e o parentesco espiritual. — *Mensagens dos Espíritos: A ingratidão dos filhos e os laços de família.*

1. Vocês conhecem os mandamentos: vocês nunca cometerão adultério; vocês nunca matarão; vocês nunca roubarão; vocês nunca levantarão falso testemunho; vocês nunca prejudicarão a ninguém; *honrem seu pai e sua mãe.* (São Marcos, x: 19; São Lucas, xviii: 20; São Mateus, xix: 18 e 19.)

2. Honrem seu pai e sua mãe, a fim de que vivam por muito tempo na terra que o Senhor seu Deus lhes dará. (*Decálogo; Êxodo, xx: 12.*)

Piedade filial.

3. O mandamento: “Honrem seu pai e sua mãe” é uma consequência da lei geral de caridade e de amor ao próximo, pois não se tem como amar seu próximo sem amar seu pai e sua mãe; mas a palavra *honrem* contém um dever a mais quanto a eles: o da piedade filial. Deus desejou demonstrar, através disso, que ao amor é preciso juntar o respeito, os cuidados, a obediência e a condescendência, o que implica a obrigação de cumprir para com eles, de modo mais rigoroso ainda, tudo o que a caridade estabelece quanto ao próximo. Esse dever se estende naturalmente às pessoas que ocupam o lugar de pai e de

mãe, e que possuem tanto mais mérito quanto seu devotamento é menos obrigatório. Deus pune sempre de forma rigorosa toda violação desse mandamento.

Honrar seu pai e sua mãe não consiste somente em respeitá-los, mas ainda em assisti-los em sua necessidade; em dar-lhes o repouso em seus dias de velhos; em cercá-los de solicitude, como fizeram por nós em nossa infância.

É sobretudo em relação aos pais sem recursos que se revela a verdadeira piedade filial. Satisfazem a esse mandamento os que creem fazer um enorme esforço em lhes proporcionar o mínimo para não morrerem de fome, quando eles mesmos não se privam de nada? Em relegá-los aos mais ínfimos cômodos da casa, para não largá-los na rua, quando eles reservam para si o que há de melhor e mais confortável? Felizes os pais quando os filhos não fazem tudo isso de má vontade, e não os obrigam a comprar o tempo que lhes resta para viver, descarregando sobre eles os trabalhos domésticos! Cabe aos pais velhos e fracos ser os serviçais dos filhos jovens e fortes? Sua mãe vendeu seu leite, quando eles estavam no berço? Teria ela contado suas vigílias, quando eles ficavam doentes; seus passos, para procurar-lhes aquilo de que tinham necessidade? Não, não é somente o estrito necessário que os filhos devem a seus pais pobres; devem também, se tiverem como ressarcir-los, as pequenas doçuras do supérfluo, os mimos, os cuidados delicados, que são tão só o juro do que receberam, o pagamento de uma dívida sagrada. Somente aí se acha a piedade filial aceita por Deus.

Infeliz, pois, quem se esquece do que deve aos que o ampararam em sua debilidade, aos que, com a vida material, lhe deram a vida moral, aos que tantas vezes se impuseram duras privações para assegurar seu bem-estar. Infeliz o ingrato, pois será castigado através da ingratidão e do abandono; ele será atingido em suas mais caras afeições, *às vezes desde a vida presente*, mas, com certeza, em uma outra existência, quando passará por aquilo que fez passar os outros.

Certos pais, é verdade, desleixam seus deveres e não são para seus filhos o que deveriam ser. Mas cabe a Deus castigá-los e não a seus filhos; não compete a estes criticá-los, porque, talvez, eles mesmos hajam merecido que fosse assim. Se a caridade transforma em lei pagar o mal com o bem, ser indulgente para com as imperfeições de outrem, nunca falar mal do próximo, esquecer e perdoar as injustiças, amar mesmo a seus inimigos, quanto não é maior essa obrigação em relação aos pais! Logo, os filhos têm que tomar como regra de sua conduta para com eles todos os preceitos de Jesus concernentes ao próximo, e dizerem para si que todo procedimento censurável em relação aos estranhos, é ainda mais em relação aos parentes; e o que seria somente uma falta, no primeiro caso, pode tornar-se crime, no segundo, porque à ausência de caridade se junta a ingratidão.

4. Deus disse: “Honrem seu pai e sua mãe, a fim de que vivam por muito tempo na terra que o Senhor seu Deus lhes dará”; por que, pois, promete ele como recompensa a vida na Terra e não a vida celeste? A explicação se acha nestas palavras: “que Deus lhes dará”, suprimidas na fórmula moderna do decálogo, o que lhe deturpa o sentido. Para compreender essa expressão, é preciso reportar-se à situação e às ideias dos hebreus, à época em que foi enunciada; eles não compreendiam ainda a vida futura; sua vista não se estendia para além da vida corpórea; portanto, eles tinham que ser chocados mais fortemente com o que viam do que com o que não viam; eis porque Deus lhes fala uma

linguagem ao seu alcance, e, como às crianças, lhes fornece como perspectiva o que seja capaz de satisfazê-los. Eles estavam, então, no deserto; a terra que Deus lhes *dará* é a Terra Prometida, alvo de suas aspirações; eles não desejavam nada mais, e Deus lhes diz que viverão aí por muito tempo, quer dizer que eles a possuirão por muito tempo, caso observem seus mandamentos.

Mas, ao advento de Jesus, as ideias deles estavam mais desenvolvidas; havendo chegado o momento de lhes fornecer um alimento menos grosseiro, Jesus os inicia na vida espiritual, dizendo-lhes: “Meu reino não é deste mundo; é lá, e não nesta terra, que vocês receberão a recompensa por suas boas obras.” Sob essas palavras, a Terra Prometida material se transforma em uma pátria celeste; por isso, quando ele lhes lembra a observância do mandamento: “Honrem seu pai e sua mãe”, não é mais a terra que ele lhes promete, mas o céu. (Cap.^s II e III.)

Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?

5. E, tendo entrado na casa, juntou-se uma tão grande quantidade de povo que eles não tinham como sequer tomar sua refeição. — Assim que seus parentes souberam, vieram para se apoderar dele, pois diziam que *ele havia perdido o juízo*.

Entrementes, tendo vindo sua mãe e seus irmãos e mantendo-se do lado de fora, mandaram chamá-lo. — Todavia o povo estava sentado em torno dele, e lhe disseram: Sua mãe e seus irmãos estão lá fora e o estão chamando. — Mas ele lhes respondeu: *Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?* — E, olhando os que estavam sentados em torno dele: Eis aqui, disse ele, minha mãe e meus irmãos; pois quem faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe. (São Marcos, III: 20, 21 e 31 a 35; São Mateus, XII: 46 a 50.)

6. Certas palavras parecem estranhas na boca de Jesus, e contrastam com sua bondade e sua inalterável benevolência para todos. Os incrédulos não perderam a oportunidade de fazer disso uma arma, dizendo que ele mesmo se contradizia. Um fato incontestável é que sua doutrina tem por base essencial, por pedra angular, a lei de amor e de caridade; portanto, ele não podia destruir de um lado o que edificava de outro; donde é preciso inferir esta consequência rigorosa, que, se certas máximas estão em contradição com o princípio, é que as palavras que lhe atribuem foram mal transcritas, mal compreendidas, ou que não são dele.

7. A gente se espanta com razão ao ver, nesta circunstância, Jesus demonstrar tanta indiferença por seus parentes e, de certa forma, renegar sua mãe.

Quanto a seus irmãos, sabe-se que eles não tiveram jamais simpatia por ele; Espíritos pouco adiantados, não haviam compreendido em absoluto sua missão; sua conduta, a seus olhos, era bizarra e seus ensinamentos não os haviam tocado realmente, pois não existiu nenhum discípulo entre eles; parece mesmo que compartilhavam, até um certo ponto, as prevenções de seus inimigos; o que é certo, de resto, é que o acolhiam mais como um estranho do que como irmão quando ele se apresentava em família, e São João diz taxativamente (VII: 5) “*que eles não criam nele.*”

Quanto à sua mãe, ninguém poderia contestar sua ternura com seu filho; mas é preciso convir também que ela não parece ter concebido uma ideia mais justa de sua missão, pois não foi vista jamais seguindo seus ensinamentos, nem lhe rendendo testemunho, como o fez João Batista, sendo nela a solicitude maternal o sentimento predominante. Em relação a Jesus, supor que ele tenha renegado sua mãe, seria não conhecer seu caráter; tal pensamento não tinha como alentá-lo quem disse: *Honrem seu pai e sua mãe*. Portanto, é preciso procurar outro sentido para suas palavras, quase sempre veladas sob a forma alegórica.

Jesus não negligenciava nenhuma ocasião de propiciar um ensinamento; ele se aproveitou, assim, da que lhe oferecia a chegada de sua família para estabelecer a diferença que existe entre o parentesco corporal e o parentesco espiritual.

O parentesco corpóreo e o parentesco espiritual.

8. Os laços de sangue não estabelecem necessariamente os laços entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porque o Espírito existia antes da formação do corpo; não é o pai quem cria o Espírito de seu filho; ele apenas lhe fornece o invólucro corpóreo; mas tem que ajudá-lo em seu desenvolvimento intelectual e moral, para fazê-lo progredir.

Os Espíritos que se encarnam em u'a mesma família, sobretudo entre parentes próximos, são, o mais das vezes, Espíritos simpáticos, unidos por relações anteriores, que se traduzem através da afeição durante a vida terrena; mas pode ocorrer ainda que esses Espíritos sejam completamente estranhos uns aos outros, divididos por antipatias igualmente anteriores, que se traduzem de mesmo modo através de seu antagonismo na Terra, para lhes servir de provação. Os verdadeiros liames de família não são, pois, os da consanguinidade, mas os da simpatia e da comunhão de pensamentos, que unem os Espíritos, *antes, durante e após* sua encarnação. Onde se segue que dois seres provindos de pais diferentes podem ser mais irmãos quanto ao Espírito que se o fossem quanto ao sangue; eles podem atrair-se, procurar-se, divertir-se juntos, ao passo que dois irmãos consanguíneos podem rejeitar-se, como se vê todos os dias; problema moral, que só o espiritismo era capaz de resolver, através da pluralidade das existências. (Cap. IV, n.º 13.)

Existem, pois, duas espécies de famílias: *as famílias por liames espirituais e as famílias por liames corpóreos*. As primeiras, duráveis, se fortificam através da purificação, e se perpetuam no mundo dos Espíritos, através das várias migrações da alma; as segundas, frágeis como a matéria, se extinguem com o tempo e muitas vezes se diluem moralmente, a partir da vida atual. Isso é que desejou Jesus dar a compreender, dizendo a seus discípulos: Eis aqui minha mãe e meus irmãos, quer dizer, minha família pelos laços do Espírito, pois quem faz a vontade de meu Pai, que está nos céus, é meu irmão, minha irmã e minha mãe.

A hostilidade de seus irmãos está claramente expressa no relato de São Marcos, já que, diz ele, eles se propunham a apoderar-se dele, sob o pretexto de que havia *perdido o*

juízo. Ao anúncio de sua chegada, conhecendo o sentimento deles a seu respeito, era natural que dissesse, referindo-se a seus discípulos do ponto de vista espiritual: “Eis aqui meus verdadeiros irmãos”; achando-se sua mãe com eles, generaliza o ensinamento, o que não implica de modo nenhum que ele tenha pretendido que sua mãe quanto ao corpo não fosse nada para ele como Espírito, e que apenas nutrisse por ela indiferença; sua conduta, em outras circunstâncias, provou suficientemente o contrário.

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

A ingratidão dos filhos e os laços de família.

9. A ingratidão é dos frutos mais imediatos do egoísmo; ela revolta sempre os corações honrados; mas a dos filhos em relação aos pais apresenta um caráter ainda mais odioso; é desse ponto de vista mais especificamente que nós vamos encarar-la, para lhe analisar as causas e os efeitos. Aqui, como em todo lugar, o espiritismo vem lançar luz sobre um dos problemas do coração humano.

Quando o Espírito deixa a terra, ele leva consigo as paixões ou as virtudes inerentes à sua natureza, e segue, no espaço, aperfeiçoando-se ou permanecendo estacionado até que deseje ver a luz. Portanto, alguns partiram levando consigo ódios tremendos e desejos de vingança insaciáveis; mas a alguns deles, mais adiantados que os outros, se permite entrever uma parte da verdade; eles reconhecem os funestos efeitos de suas paixões, e é então que tomam boas resoluções; eles compreendem que, para ir a Deus, existe uma única senha: *caridade*; todavia, não existe caridade sem o esquecimento dos ultrajes e das injustiças; não existe caridade com ódio no coração e sem perdão.

Então, por um esforço inaudito, eles veem os que detestaram na terra, mas, a essa visão, sua animosidade desperta; eles se revoltam contra a ideia de perdoar ainda mais do que contra a de desistir de seu próprio intento, e, sobretudo, contra a de amar os que talvez lhes tenham destruído sua fortuna, sua honra, sua família. Entretanto, o coração desses infortunados se abalou; eles hesitam, eles balançam, agitados por esses sentimentos contraditórios; se a boa resolução prevalece, rogam a Deus, imploram aos bons Espíritos para lhes darem força no momento mais decisivo da provação.

Enfim, após alguns anos de meditação e de preces, o Espírito se vale de um corpo que se prepara na família de quem detestou, e pede aos Espíritos encarregados de transmitir as ordens supremas, para ir realizar no mundo os fados desse corpo que acaba de se formar. Qual será, assim, sua conduta nessa família? Ela dependerá da maior ou menor persistência de suas boas resoluções. O contato incessante dos seres que ele odiou é uma provação terrível, sob a qual ele sucumbe às vezes, caso sua vontade não seja assaz forte. Assim, conforme prevaleça a boa ou a má resolução, ele será o amigo ou o inimigo daqueles em cujo meio foi chamado a viver. Dessa maneira se explicam esses ódios, essas repulsas instintivas que se observam em certas crianças e que nenhum ato anterior parece

justificar; nada, com efeito, nessa existência, poderia provocar tal antipatia; para entender isso, é preciso conduzir seu olhar sobre o passado.

Ó espíritas! Compreendam hoje o grande papel da humanidade; compreendam que, quando vocês concebem um corpo, a alma que se encarna provém do espaço para progredir; compenetrem-se de seus deveres e ponham todo o seu amor em aproximar essa alma de Deus: eis a missão que lhes está sendo confiada e cuja recompensa receberão, caso a cumpram fielmente. Seus cuidados e a educação que lhe proporcionarem ajudarão em seu aperfeiçoamento e em seu bem-estar futuro. Reflitam que a cada pai e a cada mãe Deus perguntará: Que fez você da criança confiada à sua guarda? Se ela continuou atrasada por sua culpa, seu castigo será o de vê-la entre os Espíritos sofredores, enquanto dependia de vocês que fosse feliz. Então vocês mesmos, ralados de remorsos, pedirão para reparar sua falta; solicitarão uma nova encarnação, para vocês e para ela, na qual a cercarão de cuidados mais perspicazes, e ela, plena de reconhecimento, os envolverá com seu amor.

Jamais repudiem, pois, o filho de berço que rejeita sua mãe, nem quem lhes paga com ingratidão; não foi o acaso quem o fez assim e quem o ofereceu a vocês. Uma intuição imperfeita do passado se revela, e por aí vocês concluem que um ou outro já odiou bastante ou foi bastante ofendido; que um ou outro veio para perdoar ou para expiar. Mães, abracem, assim, o filho que lhes causa desgosto, e digam para si: Um de nós dois foi culpado. Façam por merecer as alegrias divinas que Deus vinculou à maternidade, ensinando a essa criança que ela está no mundo para se aperfeiçoar, amar e render graças. Mas, coitadas, muitas dentre vocês, em lugar de expurgar, através da educação, os maus princípios inatos das existências anteriores, mantêm, desenvolvem esses mesmos princípios, através de uma debilidade culposa ou por desleixo, e, mais tarde, seu coração, ulcerado pela ingratidão de seus filhos, será para vocês, a partir desta vida, o começo de sua expiação.

A tarefa não é tão difícil quanto vocês possam crer; ela não exige em absoluto o saber do mundo; o ignorante como o sábio são capazes de realizá-la, e o espiritismo vem facilitá-la, dando a conhecer a causa das imperfeições do coração humano.

Desde o berço, a criança manifesta os instintos bons ou ruins que traz de sua existência anterior; é em estudá-los que é preciso aplicar-se; todos os males têm seu princípio no egoísmo e no orgulho; analisem, pois, os menores sinais que revelam os germes desses vícios, e esforcem-se em combatê-los, sem esperar que lancem raízes profundas; façam como o bom jardineiro, que arranca os brotos ruins, à medida que os vê despontando na árvore. Se vocês deixarem desenvolverem-se o egoísmo e o orgulho, não se admirem de serem mais tarde pagos com a ingratidão. Quando os pais fizeram tudo o que deviam para o adiantamento moral de seus filhos, e não conseguiram sucesso, eles não têm que se acusar de nada e sua consciência pode ficar tranquila; mas, quanto ao desgosto naturalíssimo que sentem por causa do fracasso de seus esforços, Deus reserva uma grande, uma imensa consolação, pela *certeza* de que não passa de um retardamento, que lhes será dada a oportunidade de terminar, em uma outra existência, a obra que se iniciou nesta aqui, e que, um dia, o filho ingrato os recompensará com seu amor. (Cap. XIII, n.º 19.)

Deus não fixa a provação acima das forças de quem as pede; ele permite apenas as que se tem como cumprir; se isso não ocorre, não é que falte possibilidade mas vontade, pois quantos existem que, ao invés de resistirem aos maus arrastamentos, neles se

deleitam; é a esses que se reservam os prantos e os gemidos, em suas existências posteriores; mas admire a bondade de Deus, que não fecha jamais a porta ao arrependimento. Chega um dia em que o culpado está cansado de sofrer, ou seu orgulho foi enfim dominado; é então que Deus abre seus braços paternais ao filho pródigo, que se joga a seus pés. *As grandes provações, escute bem, são quase sempre o indício de um fim de sofrimento e de um aperfeiçoamento do Espírito, desde que sejam aceitas por intenção de Deus.* É um momento supremo e é precisamente aí que importa não falir queixando-se, caso não se queira perder o fruto e ter que recomeçar. Em lugar de se lastimar, agradeça a Deus, que lhe oferece a ocasião de vencer, para lhe dar o galardão da vitória. Então, quando, saído do turbilhão do mundo terrestre, você entrar no mundo dos Espíritos, lá será aclamado, como o soldado que sai vitorioso do meio da batalha.

De todas as provações, as mais penosas são as que afetam o coração; quem suporta com coragem a miséria e as privações materiais, sucumbe sob o peso dos desgostos domésticos, magoado pela ingratidão dos seus. Oh! Eis aí uma angústia pungente! Mas, o que pode, nessas circunstâncias, soerguer a coragem moral melhor do que o conhecimento das causas do mal e do que a certeza de que, se existem profundas mortificações, não existem, em absoluto, desesperos eternos, pois Deus não tem como desejar que sua criatura sofra para sempre? O que de mais consolador, de mais encorajador do que esse pensamento de que depende de si, de seus próprios esforços, encurtar o sofrimento, destruindo em si as causas do mal? Mas, para isso, é preciso que o olhar não se detenha na Terra, a ver uma única existência; é preciso que se eleve, que paire no infinito do passado e do futuro; então, a grande justiça de Deus se revela à sua visão e você aguarda com paciência, porque se deu a explicação do que lhe parecia umas monstruosidades no mundo; as feridas que você aí recebeu não lhe parecem mais que arranhões. Nessa rápida visão de conjunto, os laços de família aparecem sob sua verdadeira luz; não são mais os laços frágeis da matéria que reúnem seus membros, mas os laços duráveis do Espírito, que se perpetuam e se consolidam, ao se purificarem, em lugar de se romperem, através da reencarnação.

Os Espíritos levados a se reunir pela semelhança de gostos, identidade do progresso moral e afeição, formam famílias. Esses mesmos Espíritos, em suas migrações terrestres, se procuram para agrupar-se como o fazem no espaço; daí nascem as famílias unidas e homogêneas; e se, em suas peregrinações, acabam momentaneamente separados, eles se reencontram mais tarde, felizes com seus novos progressos. Mas, como não podem trabalhar somente para si, Deus permite que Espíritos menos adiantados venham encarnar-se entre eles, para colherem conselhos e bons exemplos, no interesse de seu adiantamento; eles causam, às vezes, alguma perturbação, mas é aí que está a provação, é aí que está o trabalho. Acolham-nos, portanto, como irmãos; venham em sua ajuda e, mais tarde, no mundo dos Espíritos, a família se felicitará por haver salvo uns náufragos que, a seu turno, conseguirão salvar a outros. (SANTO AGOSTINHO. Paris, 1862.)

CAPÍTULO XV

FORA DA CARIDADE NÃO EXISTE SALVAÇÃO.

O que é preciso para ser salvo. Parábola do bom samaritano. — O maior mandamento. — Necessidade da caridade segundo São Paulo. — Fora da Igreja não existe salvação. Fora da verdade não existe salvação. — *Mensagens dos Espíritos*: Fora da caridade não existe salvação.

O que é preciso para ser salvo. Parábola do bom samaritano.

1. Ora, quando o Filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, ele se sentará no trono de sua glória; — e, estando todas as nações reunidas diante dele, ele separará umas das outras, como um pastor separa as ovelhas dos bodes, — e ele colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda.

Então, o Rei dirá aos que estarão à sua direita: Venham, vocês que foram abençoados por meu Pai, possuam o reino que lhes foi preparado desde o começo do mundo; — pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; eu tive sede, e vocês me deram de beber; eu tive necessidade de abrigo, e vocês me agasalharam; — eu estive nu, e vocês me vestiram; eu estive doente, e vocês me visitaram; eu estive na prisão, e vocês vieram ver-me.

Então, os justos lhe responderão: Senhor, quando é que nós o vimos ter fome, e que nós lhe demos de comer, ou ter sede, e que nós lhe demos de beber? — Quando é que nós o vimos sem abrigo, e que nós o agasalhamos; ou sem roupas, e que nós o vestimos? — E quando é que nós o vimos doente ou na prisão, e que nós fomos visitá-lo? — E o Rei lhes responderá: Eu lhes digo em verdade que, quantas vezes vocês fizeram isso em relação a um dos menores de meus irmãos, é a mim que vocês o fizeram.

Em seguida, ele dirá aos que estarão à sua esquerda: Afastem-se de mim, malditos; vão para o fogo eterno que foi preparado para o diabo e para seus anjos; — pois eu tive fome, e vocês não me deram de comer; eu tive sede, e vocês não me deram de beber; — eu tive necessidade de abrigo, e vocês não me agasalharam; eu estive sem roupas, e vocês não me vestiram; eu estive doente e na prisão, e vocês nunca me foram visitar.

Então, eles lhe responderão também: Senhor, quando é que nós o vimos ter fome, ter sede, ou sem abrigo, ou sem roupas, ou doente, ou na prisão, e que nós deixamos de assisti-lo? — Mas ele lhes responderá: Eu lhes digo em verdade que, quantas vezes vocês deixaram de proporcionar esses cuidados a um daqueles pequeninos, vocês deixaram de me proporcionar essas coisas a mim mesmo.

E, então, estes irão para o suplício eterno e os justos, para a vida eterna. (São Mateus, xxv: 31 a 46.)

2. Então, levantando-se, um doutor da lei lhe perguntou, para tentá-lo: Mestre, o que eu preciso fazer para possuir a vida eterna? — Jesus lhe respondeu: O que está escrito na lei? O que você lê ali? Ele lhe respondeu: Vocês amarão o Senhor seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de toda a sua mente, e ao seu próximo como a vocês mesmos. — Jesus lhe disse: Você respondeu muitíssimo bem; faça isso e viverá.

Mas esse homem, desejando dar a parecer que era correto, disse a Jesus: E quem é meu próximo? — E Jesus, tomando a palavra, lhe disse:

Um homem que descia de Jerusalém a Jericó caiu nas mãos de uns ladrões que o desnudaram, o cobriram de feridas e se foram, deixando-o semimorto. — Aconteceu, em seguida, que um padre descia pelo mesmo caminho, o qual, ao vê-lo, não ligou. — Um levita que vinha pelo mesmo lugar, tendo-o observado, também não ligou. — Mas um samaritano que viajava, tendo vindo ao local onde se achava aquele homem e tendo-o visto, foi tocado de compaixão. — Assim, ele se aproximou dele, derramou óleo e vinho nas feridas e lhes colocou bandagens; e, tendo-o posto sobre seu cavalo, ele o levou a uma hospedaria, e cuidou dele. — No dia seguinte, tirou dois denários, que deu ao hospedeiro, e lhe disse: Tenha bastante cuidado com este homem e, quanto você gastar a mais, eu lhe pagarei na minha volta.

Qual desses três lhe parece ter sido o próximo de quem caiu nas mãos dos ladrões? — O doutor lhe respondeu: Quem usou de misericórdia para com ele. — Vá, pois, lhe disse Jesus, e faça o mesmo. (São Lucas, x: 25 a 37.)

3. Toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, quer dizer, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinamentos, ele mostra essas virtudes como sendo o caminho da eterna felicidade. Bem-aventurados, diz ele, os pobres de espírito, quer dizer, os humildes, porque o reino dos céus é deles; bem-aventurados os que têm o coração puro; bem-aventurados os que são mansos e pacíficos; bem-aventurados os que são misericordiosos; ame seu próximo como a você mesmo; faça aos outros o que gostaria que lhe fizessem; ame seus inimigos; perdoe as ofensas, se deseja ser perdoado; pratique o bem sem ostentação; julgue-se a si mesmo antes de julgar os outros. Humildade e caridade, eis aí o que ele não cessa de recomendar e de que oferece ele mesmo o exemplo; orgulho e egoísmo, eis aí o que ele não cessa de combater; mas ele faz mais do que recomendar a caridade, ele a põe claramente e em termos explícitos como a condição absoluta da felicidade futura.

No quadro que Jesus oferece do juízo final, é preciso, como em muitas outras coisas, distinguir o papel da figura e o da alegoria. Aos homens como aqueles a quem

falava, ainda incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, ele tinha que apresentar imagens materiais, instigantes e capazes de impressionar; para melhor ser aceito, ele tinha mesmo que não se afastar muito das ideias tradicionais, quanto à forma, reservando sempre para o futuro a verdadeira interpretação de suas palavras e dos pontos sobre os quais ele não podia expressar-se claramente. Mas, ao lado da parte acessória e figurada do quadro, existe uma ideia predominante: a da felicidade que espera o justo e da infelicidade reservada ao mau.

Nesse julgamento supremo, quais são os considerandos da sentença? Sobre o que incide o inquérito? Pergunta o juiz se foi preenchida tal ou qual formalidade, observada, mais ou menos, tal ou qual prática exterior? Não; ele não perquire senão sobre uma coisa: a prática da caridade, e ele sentencia dizendo: Vocês que assistiram a seus irmãos, passem à direita; vocês que foram insensíveis com eles, passem à esquerda. Ele se informa a respeito da ortodoxia da fé? Estabelece uma distinção entre quem crê de um jeito e quem crê de outro? Não; pois Jesus coloca o samaritano, visto como herético, mas que tem amor ao próximo, acima do ortodoxo a quem falta caridade. Portanto, Jesus não torna a caridade somente uma das condições da salvação, mas a única condição; se existissem outras para preencher, ele as teria apontado. Se ele coloca a caridade na primeira plana das virtudes, é que ela encerra implicitamente todas as outras: a humildade, a mansidão, a benevolência, a indulgência, a justiça etc.; e porque se constitui na negação absoluta do orgulho e do egoísmo.

O maior mandamento.

4. Mas os fariseus, tendo sabido que ele havia tapado a boca aos saduceus, reuniram-se; — e um deles, que era doutor da lei, veio propor-lhe esta questão para tentá-lo: Mestre, qual é o maior mandamento da lei? Jesus lhe respondeu: Você amará o Senhor seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de toda a sua mente. — Esse é o maior e o primeiro mandamento. — E eis o segundo, que é semelhante àquele: Você amará a seu próximo como a si mesmo. — Toda a lei e os profetas se contêm nesses dois mandamentos. (São Mateus, xxii: 34 a 40.)

5. Caridade e humildade, tal é, portanto, a única via da salvação; egoísmo e orgulho, tal é a da perdição. Esse princípio se acha formulado em termos precisos nestas palavras: “Você amará a Deus de toda a sua alma, e a seu próximo como a si mesmo; *toda a lei e os profetas se contêm nesses dois mandamentos.*” E, para que não houvesse equívoco na interpretação do amor a Deus e ao próximo, ele acrescenta: “E eis o segundo mandamento que é semelhante ao primeiro”; quer dizer que não se consegue verdadeiramente amar a Deus sem amar seu próximo, nem amar seu próximo sem amar a Deus; portanto, tudo quanto se faz contra o próximo é fazê-lo contra Deus. Não se tendo como amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se acham resumidos nesta máxima: FORA DA CARIDADE NÃO EXISTE SALVAÇÃO.

Necessidade da caridade segundo São Paulo.

6. Quando eu falar todas as línguas dos homens e mesmo a língua dos anjos, caso eu não tenha nenhuma caridade, eu não sou senão como um bronze ressonante ou um címbalo que retine; — e quando eu tiver o dom da profecia, quando me compenetrar de todos os mistérios e quando tiver um perfeito conhecimento de todas as coisas; quando tiver ainda toda a fé possível, até para transportar as montanhas, *caso eu não tenha nenhuma caridade, eu não sou nada*. — E quando eu houver distribuído meus bens para alimentar os pobres e quando houver entregado meu corpo para ser queimado, caso eu não tenha nenhuma caridade, tudo isso não me serve de nada.

A caridade é paciente; ela é mansa e benfazeja; a caridade não é invejosa; ela não é em absoluto temerária e precipitada, não se incha de orgulho; — ela não é nunca desdenhosa; ela não procura jamais seus próprios interesses; ela não se vangloria nem se irrita com nada; ela não pensa mal de ninguém; ela não se rejubila com nenhuma injustiça, mas se rejubila com a verdade; ela tudo suporta, ela tudo crê, ela tudo espera, ela tudo sofre.

Agora estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade permanecem: mas dentre elas a mais excelente é *a caridade*. (São Paulo, I Epístola aos Coríntios, XIII: 1 a 7 e 13.)

7. São Paulo compreendeu de tal modo essa grande verdade que diz: “*Quando eu tiver a linguagem dos anjos; quando eu tiver o dom de profecia, quando eu me compenetrar de todos os mistérios; quando eu tiver toda a fé possível, até para transportar as montanhas, caso não tenha nenhuma caridade, eu não sou nada. Entre essas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade, a mais excelente é a caridade.*” Ele coloca assim, sem equívoco, a caridade acima mesmo da fé; é que a caridade está ao alcance de todo o mundo, do ignorante e do sábio, do rico e do pobre, e porque ela não depende de nenhuma crença em particular.

Ele faz mais: ele define a verdadeira caridade; ele a mostra não apenas integrada à beneficência, mas ao corpo de todas as qualidades do coração, à bondade e à benevolência em relação ao próximo.

Fora da Igreja não existe salvação. Fora da verdade não existe salvação.

8. Enquanto a máxima: *Fora da caridade não existe salvação* repousa sobre um princípio universal, e abre a todos os filhos de Deus o acesso à felicidade suprema, o dogma: *Fora da Igreja não existe salvação* repousa, não sobre a fé fundamental em Deus e sobre a imortalidade da alma, fé comum a todas as religiões, mas *sobre a fé especial em dogmas particulares*; ele é exclusivo e absoluto; em lugar de unir os filhos de Deus, ele os divide; em lugar de os excitar ao amor de seus irmãos, ele mantém e sanciona a irritabilidade entre os sectários dos diferentes cultos, que se consideram reciprocamente como malditos na eternidade, sejam eles parentes ou amigos neste mundo; não

reconhecendo a grande lei de igualdade diante do túmulo, ele os separa até no cemitério. A máxima: *Fora da caridade não existe salvação* é a consagração do princípio de igualdade diante de Deus e da liberdade de consciência; com essa máxima por regra, todos os homens são irmãos e qualquer que seja sua maneira de adorar o Criador, eles se dão a mão e oram uns pelos outros. Com o dogma: *Fora da Igreja não existe salvação*, eles se lançam anátema, se perseguem e vivem como inimigos; o pai não ora pelo filho, nem o filho pelo pai, nem o amigo pelo amigo, caso se julguem reciprocamente condenados, sem reversão. Logo, esse dogma é essencialmente contrário aos ensinamentos do Cristo e à lei evangélica.

9. *Fora da verdade não existe salvação* seria o equivalente de: *Fora da Igreja não existe salvação*, um dogma também totalmente exclusivo, pois não há uma só seita que não pretenda ter o privilégio da verdade. Qual é o homem que pode vangloriar-se de possuí-la toda inteira, quando o círculo dos conhecimentos cresce sem cessar e quando as ideias se retificam a cada dia? A verdade absoluta é apanágio apenas dos Espíritos da ordem mais elevada, e a humanidade terrestre não pode ter pretensões a ela, porque não lhe é dado tudo saber; ela não pode aspirar senão a uma verdade relativa e proporcional a seu adiantamento. Se Deus tivesse feito da posse da verdade absoluta a condição expressa da felicidade futura, isso seria um decreto de proscricção geral, ao passo que a caridade, mesmo em sua acepção mais abrangente, tem como ser praticada por todos. O espiritismo, de acordo com o Evangelho, admitindo que a gente pode salvar-se qualquer que seja sua crença, desde que observe a lei de Deus, não afirma em absoluto: *Fora do espiritismo não existe salvação*; e, como não pretende ensinar ainda toda a verdade, não diz também: *Fora da verdade não existe salvação*, máxima que dividiria ao invés de unir, e que perpetuaria a antagonismo.

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

Fora da caridade não existe salvação.

10. Meus filhos, na máxima: *Fora da caridade não existe salvação*, estão contidos os destinos dos homens na Terra e no céu. Na Terra, porque, à sombra desse estandarte, eles viverão em paz; no céu, porque os que a tiverem praticado acharão graça perante o Senhor. Esta divisa é a tocha celeste, a coluna luminosa que guia o homem no deserto da vida, para conduzi-lo à Terra Prometida; ela brilha no céu como a auréola santa sobre a cabeça dos eleitos, e na Terra está gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: Vão para a direita, vocês, os benditos de meu Pai. Vocês os reconhecerão pelo perfume de caridade que espalham em torno deles. Nada exprime melhor o pensamento de Jesus, nada resume melhor os deveres do homem do que essa máxima de ordem divina; o espiritismo não podia comprovar melhor sua origem do que dando-a como regra, pois ela é

o reflexo do mais puro cristianismo; com um tal guia, o homem não se perderá jamais. Apliquem-se, portanto, meus amigos, em compreender-lhe o sentido profundo e as conseqüências, e em buscar-lhe por si mesmos todas as aplicações. Submetam todas as suas ações ao controle da caridade e sua consciência lhes responderá; não somente ela evitará que pratiquem o mal, mas ainda os fará praticar o bem; pois não é suficiente uma virtude negativa; é preciso uma virtude ativa; para praticar o bem, sempre é necessária a ação da vontade; para não praticar o mal, são suficientes, o mais das vezes, a inércia e o desleixo.

Meus amigos, agradeçam a Deus, que permitiu que vocês pudessem usufruir da luz do espiritismo; não porque os que a possuem sejam os únicos capazes de salvar-se, mas porque, ajudando-os a melhor compreenderem os ensinamentos do Cristo, ela faz de vocês melhores cristãos; portanto, façam que, ao serem vistos, se possa dizer que o verdadeiro espírita e o verdadeiro cristão são uma e mesma coisa, pois todos os que praticam a caridade são discípulos de Jesus, seja qual for o culto a que pertençam. (PAULO, apóstolo. Paris, 1860.)

CAPÍTULO XVI

NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMOM.

Salvação dos ricos. — Guardar-se da avareza. — Jesus em casa de Zaqueu. — Parábola do mau rico. — Parábola dos talentos. — Utilidade providencial da fortuna. Provações da riqueza e da miséria. — Desigualdade das riquezas. — *Mensagens dos Espíritos: A verdadeira propriedade.* — Emprego da fortuna. — Desprendimento dos bens terrenos. — Transmissão da fortuna.

Salvação dos ricos.

1. Ninguém pode servir a dois senhores; pois ou odiará a um e amará o outro, ou se afeioará a um e menosprezará o outro. Vocês não têm como servir juntos a Deus e a Mamom. (São Lucas, XVI: 13.)

2. Então, um jovem aproximou-se dele e lhe perguntou: Bom Mestre, qual bem é preciso que eu pratique, para conseguir a vida eterna? — Jesus lhe respondeu: Por que você diz bom para mim? Tão somente Deus é bom. Se você deseja entrar na vida, guarde os mandamentos. — Quais mandamentos?, perguntou-lhe ele. Jesus lhe disse: Você nunca matará; você nunca cometerá adultério; você nunca roubará; você nunca levantará falsos testemunhos. — Honre seu pai e sua mãe, e ame a seu próximo como a si mesmo.

O jovem lhe respondeu: Eu tenho guardado todos esses mandamentos desde minha juventude; que me falta ainda? — Jesus lhe disse: Se você deseja ser perfeito, vá, venda o que tem, dê aos pobres e você terá um tesouro no céu; depois venha e me siga.

Tendo o jovem ouvido essas palavras, foi-se muito triste, porque ele possuía muitos bens. — E Jesus disse a seus discípulos: Eu lhes digo em verdade que é bem difícil que um rico entre no reino dos céus. — Eu lhes digo ainda uma vez: É mais fácil que um camelo passe através do furo de

uma agulha do que um rico entre no reino dos céus⁶. (São Mateus, XIX, 16 a 24; São Lucas, XVIII: 18 a 25; São Marcos, X: 17 a 25.)

Guardar-se da avareza.

3. Então um homem lhe disse do meio da multidão: Mestre, diga a meu irmão que reparta comigo a herança que nos coube. — Mas Jesus lhe disse: Ó homem, quem me designou para julgá-los e para realizar suas partilhas? — Depois ele lhe disse: Tome o cuidado de se guardar de toda avareza; pois, por maior que seja a abundância em que se encontre um homem, sua vida não depende em absoluto dos bens que ele possua.

Ele lhes disse em seguida esta parábola: Era uma vez um homem rico cujas terras tinham produzido extraordinariamente; — e ele se distraía consigo mesmo com estes pensamentos: Que farei, pois não tenho nenhum lugar onde possa guardar tudo o que colhi? — Eis, disse ele, o que farei: eu derrubarei meus celeiros e os construirei maiores, e aí porei toda a minha colheita e todos os meus bens; e direi à minha alma: Minha alma, você tem muitos bens guardados para vários anos; repouse, coma, beba, divirta-se. — Mas Deus, ao mesmo tempo, disse a esse homem: Insensato que você é! Virão retomar sua alma esta mesma noite; e para quem será o que você amealhou?

Eis o que sucede a quem amealha tesouros para si mesmo, e não é nem um pouco rico diante de Deus. (São Lucas, XII: 13 a 21.)

Jesus em casa de Zaqueu.

4. Tendo Jesus entrado em Jericó, passava através da cidade; — e ali havia um homem chamado Zaqueu, chefe dos publicanos e muito rico; — que, tendo o desejo de ver Jesus para conhecê-lo, não conseguia por causa da multidão, porque ele era baixinho; — eis porque ele correu adiante e trepou em um sicômoro para vê-lo, porque ele tinha que passar por ali. — Tendo Jesus vindo àquele lugar, levantou os olhos para o alto; e o tendo visto, disse-lhe: Zaqueu, apresse-se em descer, porque é preciso que eu me aloje hoje em sua casa. — Zaqueu desceu imediatamente, e o recebeu com alegria. — Vendo isso, todos murmuravam, dizendo: Ele está alojando-se na casa de um homem de má vida. (Ver Introdução: *Publicanos*.)

Todavia, Zaqueu, apresentando-se diante do Senhor, disse-lhe: Senhor, eu estou oferecendo a metade de meus haveres aos pobres; e, caso eu tenha prejudicado alguém, seja no que for, eu lhe darei quatro vezes mais. — À vista disso, Jesus lhe disse: Esta casa recebeu hoje a salvação, porque este é também filho de Abraão; — pois o Filho do homem veio para procurar e para salvar quem estava perdido. (São Lucas, XIX: 1 a 10.)

⁶ Esta figura criativa pode parecer um pouco forçada, pois a gente não vê a relação existente entre um camelo e uma agulha. Isto advém do fato de que a mesma palavra se aplicava a um *cabo* e a um *camelo*. Na tradução, lhe deram esta última acepção; é provável que a primeira estivesse no pensamento de Jesus; ao menos, ela é mais natural.

Parábola do mau rico.

5. Era uma vez um homem rico que se vestia de púrpura e de linho, e que se tratava magnificamente todos os dias. — Era uma vez também um pobre, chamado Lázaro, estendido à sua porta, todo coberto de úlceras, — que se satisfaria com as migalhas que caíam da mesa do rico, mas ninguém as oferecia a ele, e os cães vinham lambe-lhe as chagas. — Ora, ocorreu que esse pobre morreu, e foi arrebatado pelos anjos ao seio de Abraão. O rico morreu também, e teve o inferno por sepulcro. — Quando ele se achava nos tormentos, levantou os olhos para cima, e viu de longe Abraão, e Lázaro em seu seio; — e gritando, ele disse estas palavras: Pai Abraão, tenha piedade de mim e envie-me Lázaro, a fim de que ele molhe a ponta de seu dedo na água, para me refrescar a língua, porque estou sofrendo extraordinários tormentos nesta chama.

Mas Abraão lhe respondeu: Meu filho, lembre-se de que você recebeu seus bens em sua vida e de que Lázaro teve apenas males; eis porque ele agora se consola e você se atormenta.

Ademais, existe para sempre um grande abismo entre nós e você; de sorte que os que desejam passar daqui até você não conseguem, como não se tem como passar para cá do lugar onde você está.

O rico lhe disse: Eu lhe suplico, então, Pai Abraão, que o envie à casa de meu pai, — onde eu tenho cinco irmãos, a fim de que ele lhes ateste estas coisas, no receio de que eles mesmos venham também a este lugar de tormentos. — Abraão lhe retorquiu: Eles têm Moisés e os profetas; que eles os escutem. — Não, Pai Abraão, disse ele; mas se algum dos mortos for encontrá-los, eles se penitenciarão. — Abraão lhe respondeu: Se eles não escutam nem Moisés nem os profetas, eles não se convencerão tampouco, mesmo quando algum dos mortos ressuscitar. (São Lucas, XVI: 19 a 31.)

Parábola dos talentos.

6. O Senhor age como um homem que, tendo de realizar uma longa viagem para fora de seu país, chamou seus servos e pôs seus haveres em suas mãos. — E, havendo dado cinco talentos a um, dois a outro e um a outro, segundo a capacidade diferente de cada um, ele partiu em seguida. — Quem havia recebido cinco talentos se foi, negociou com esse dinheiro e ganhou outros cinco. — Quem havia recebido dois, ganhou igualmente outros dois. Mas quem havia recebido só um, foi cavar na terra e aí escondeu o dinheiro de seu senhor. — Muito tempo depois, tendo voltado o senhor desses servos, ele os fez prestar contas. — E quem havia recebido cinco talentos veio apresentar-lhe outros cinco, dizendo-lhe: Mestre, o senhor me havia posto cinco talentos nas mãos; eis aqui, além daqueles, outros cinco que eu ganhei. — Seu senhor lhe respondeu: Ó servo bom e fiel, porque você foi fiel quanto a pouca coisa, eu lhe farei administrar sobre muitas outras; participe da alegria de seu Senhor. — Quem havia recebido dois talentos veio imediatamente apresentar-se a ele e lhe disse: Mestre, o senhor me havia posto dois talentos nas mãos; eis aqui, além daqueles, outros dois que eu ganhei. — Seu senhor lhe respondeu: Ó servo bom e fiel, porque você foi fiel quanto a pouca coisa, eu lhe farei administrar sobre muitas outras; participe da alegria de seu Senhor. — Quem havia recebido só um talento veio em seguida e lhe disse: Mestre, eu sei que o senhor é um homem severo, que o senhor ceifa onde não havia semeado e que colhe onde o

senhor nada havia posto; — eis porque, como eu o temia, eu fui esconder seu talento na terra; ei-lo aqui; eu lhe devolvo o que é seu. — Mas seu senhor lhe respondeu: Servo mau e preguiçoso, você sabia que eu ceifo onde não havia nunca semeado e que eu colho onde nada havia posto, — você tinha que pôr meu dinheiro nas mãos dos banqueiros, a fim de que, no meu regresso, eu auferisse com juro o que era meu. — Que lhe seja tirado, portanto, o talento que ele tem e que seja dado a quem tem dez talentos; — pois se dará a todos os que já têm, e eles serão cumulados de bens; mas, para quem não tem nada, lhe será tirado mesmo o que parece ter; e que se jogue este servo inútil nas trevas exteriores; é lá que ele padecerá com os prantos e com o ranger de dentes. (São Mateus, xxv: 14 a 30.)

Utilidade providencial da fortuna.

7. Se a riqueza tivesse que ser um obstáculo absoluto à salvação dos que a possuem, como se poderia inferir de certas palavras de Jesus interpretadas literalmente e não segundo a ideia, Deus, que a outorga, teria posto nas mãos de alguns um instrumento de perdição sem remédio, pensamento que repugna à razão. A riqueza constitui, sem dúvida, uma provação mais acidentada, mais perigosa que a miséria, por causa de seus encantos e das tentações que proporciona, e da fascinação que exerce; é o supremo excitante do orgulho, do egoísmo e da vida sensual; é o liame mais poderoso que prende o homem ao mundo e desvia seus pensamentos do céu; ela produz uma tal vertigem que frequentemente se vê quem passa da miséria à fortuna esquecer-se depressa da primeira situação, dos que conviveram consigo e dos que o ajudaram, e tornar-se insensível, egoísta e vaidoso. Mas, do fato de que torna a rota mais difícil, não se segue que a torne impossível e que não tenha como vir a ser um meio de salvação nas mãos de quem sabe servir-se dela, como certos venenos conseguem devolver a saúde, se forem empregados oportunamente e com discernimento.

Quando Jesus disse ao jovem que o interrogava sobre os meios de ganhar a vida eterna: “Desfaça-se de todos os seus bens, e siga-me”, ele não tencionava, de modo algum, firmar como princípio absoluto que cada um tem que se despojar do que possui e que a salvação se alcança tão só a esse custo, mas demonstrar que *o apego aos bens terrestres* é um obstáculo à salvação. Aquele jovem, com efeito, se acreditava em dia com os deveres, porque havia observado certos mandamentos, e, por isso, ele recua à ideia de abandonar seus bens; seu desejo de obter a vida eterna não chega a esse sacrifício.

A proposta que lhe fez Jesus era uma provação decisiva, para deixar às claras o fundo de seu pensamento; ele podia, sem dúvida, ser um perfeito homem de bem de acordo com a sociedade, não prejudicar a ninguém, nunca falar mal de seu próximo, não ser vaidoso, nem orgulhoso, honrar seu pai e sua mãe; mas ele não possuía a verdadeira caridade, pois sua virtude não ia até à abnegação. Eis aqui o que Jesus desejou demonstrar; era uma aplicação do princípio: Fora da caridade não existe salvação.

A consequência daquelas palavras, se tomadas em sua acepção rigorosa, seria a abolição da fortuna porque nociva à felicidade futura e porque fonte de inumeráveis males na Terra; seria, ainda mais, a condenação do trabalho capaz de proporcioná-la;

consequência absurda que levaria o homem de volta à vida selvagem e que, por isso mesmo, estaria em contradição com a lei do progresso, que é uma lei de Deus.

Se a riqueza é a fonte de muitos males, se excita tanto as más paixões, se provoca tantos crimes mesmo, é preciso prender-se não à coisa, mas ao homem que dela abusa, como abusa de todos os dons de Deus; através do abuso, ele torna pernicioso o que lhe poderia ser mais útil; eis a consequência do estado de inferioridade do mundo terrestre. Se a riqueza não devesse produzir senão o mal, Deus não na teria posto na Terra; toca ao homem extrair dela o bem. Se ela não se constitui em um elemento direto do progresso moral, constitui-se, sem controvérsia, em um poderoso elemento do progresso intelectual.

Com efeito, o homem tem por missão trabalhar pela melhoria material do globo; ele tem de limpá-lo, saneá-lo, dispô-lo para, um dia, receber toda a população que comporta sua extensão; para alimentar essa população, que cresce sem cessar, ele precisa aumentar a produção; caso a produção de uma região for insuficiente, ele precisa ir procurá-la mais longe. Por isso mesmo, as relações de povo a povo se tornam uma necessidade; para torná-las mais fáceis, ele precisa destruir os obstáculos materiais que os separam, tornar as comunicações mais rápidas. Para os trabalhos que demoram séculos, o homem teve de retirar uns materiais até das entranhas da Terra; ele buscou na ciência os meios de executá-los mais seguramente e mais rapidamente; mas, para realizá-los, precisou de recursos; a necessidade o forçou a criar a riqueza, como o forçou a descobrir o conhecimento. A atividade necessária para esses mesmos trabalhos aumenta e desenvolve sua inteligência; essa inteligência, que ele concentra, inicialmente, na satisfação das necessidades materiais, o ajudará mais tarde a compreender as grandes verdades morais. Sendo a riqueza o primeiro meio de execução, sem ela não haverá mais grandes trabalhos, nem atividade, nem estímulo, nem pesquisas; é, portanto, com razão que ela é considerada como um elemento do progresso.

Desigualdade das riquezas.

8. A desigualdade das riquezas é um desses problemas que se busca em vão resolver, caso se considere somente a vida atual. A primeira questão que se apresenta é esta: Por que todos os homens não são igualmente ricos? Eles não o são por uma razão muito simples: *é que não são igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para granjear, nem sóbrios e providentes para conservar.* Aliás, é um ponto matematicamente demonstrado que a fortuna, igualmente repartida, forneceria a cada qual uma parcela mínima e insuficiente; que, imaginando-se essa repartição realizada, o equilíbrio seria rompido em pouco tempo, por causa da diversidade de caracteres e de aptidões; que, imaginando-a possível e durável, mal tendo cada um do que viver, isso redundaria no aniquilamento de todos os grandes trabalhos que concorrem para o progresso e o bem-estar da humanidade; que, imaginando-se que fornecesse a cada um o necessário, não existiria mais o aguilhão que incita para as grandes descobertas e para as empresas úteis.

Se Deus a concentra em alguns pontos, é para que daí ela se espalhe em quantidade suficiente, conforme as necessidades.

Isto posto, a gente pergunta por que Deus a propicia a pessoas incapazes de fazê-la frutificar para o bem de todos. Essa é mais uma prova da sabedoria e da bondade de Deus. Ao proporcionar ao homem o livre-arbítrio, ele desejou que o homem chegasse, através de sua própria experiência, a distinguir o bem e o mal, e que a prática do bem fosse o resultado de seus esforços e de sua própria vontade. Ele não pode ser conduzido fatalmente nem ao bem, nem ao mal; sem o livre-arbítrio, ele seria apenas um instrumento passivo e irresponsável, como os animais. A fortuna é um meio de testá-lo moralmente; mas, como, ao mesmo tempo, é um poderoso meio de ação para o progresso, não deseja Deus que ela permaneça por muito tempo improdutiva; eis porque *ele a desloca constantemente*. Cada um tem de possuí-la, para tentar servir-se dela e comprovar o uso que dela pode fazer; mas como existe a impossibilidade material para que todos a tenham ao mesmo tempo; porque, de resto, se todo o mundo a possuísse, ninguém trabalharia, e o melhoramento do globo se ressentiria disso, *cada um a possui por seu turno*: um que não a possui hoje, já a possuiu no passado ou a possuirá em uma outra existência, e um que a possui agora poderá não possuí-la mais amanhã. Existem ricos e pobres porque, sendo Deus justo, cada qual deve trabalhar por sua vez; a pobreza é para uns a provação de paciência e da resignação; a riqueza é para os outros a provação da caridade e da abnegação.

A gente deplora com razão ao ver o lastimável uso que certas pessoas fazem de sua fortuna, as ignóbeis paixões que provoca a cobiça e pergunta se Deus é justo ao proporcionar a riqueza a tais pessoas. É certo que, se o homem tivesse apenas uma existência, nada justificaria uma tal distribuição dos bens do mundo; mas, em lugar de limitar a vista à vida presente, caso se considerasse o conjunto das existências, a gente perceberia que tudo se equilibra com justiça. O pobre não tem mais motivo, então, de acusar a Providência, nem de invejar os ricos; e os ricos não mais o têm de se ufanarem do que possuem. Se eles abusam, não será com os decretos nem com as leis suntuárias que se remediará o mal; as leis conseguem por algum tempo transformar o exterior, mas não conseguem transformar o coração; eis porque têm somente um efeito momentâneo e são sempre seguidas de uma reação mais desenfreada. A fonte do mal se acha no egoísmo e no orgulho; os abusos de toda natureza cessarão por si mesmos, quando os homens se regrarem através da lei de caridade.

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

A verdadeira propriedade.

9. O homem só possui de seu o que consegue levar deste mundo. O que ele encontra ao chegar e o que deixa ao partir, usufrui durante sua estada; mas, dado que é

forçado a abandoná-lo, ele só tem do mundo o desfrute e não a posse real. Que possui ele, então? Nada do que é de uso do corpo; tudo o que é de uso da alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais; eis o que traz e o que leva, o que não está no poder de ninguém tirar-lhe, o que lhe servirá mais ainda no outro mundo do que neste; dele depende estar mais rico em sua partida do que em sua chegada, pois do que houver adquirido em relação ao bem depende sua posição futura. Quando um homem vai a um país distante, organiza sua bagagem com objetos em uso no país; mas não se abastece dos que lhe seriam inúteis. Façam, portanto, o mesmo, para a vida futura, e façam provisão de tudo o que lhes poderá servir ali.

Ao viajante que chega a um albergue, dá-se um bom alojamento, caso tenha como pagar; ao que possui pouca coisa, se dá um menos agradável; quem não tem nada deita sobre a palha. Assim sucede com o homem à sua chegada ao mundo dos Espíritos: seu lugar aí corresponde a seus haveres; mas não é com ouro que ele paga por ele. Não lhe perguntarão nunca: Quanto você possuía no mundo? Que posição ocupava? Era príncipe ou artesão? Mas lhe perguntarão: O que você está trazendo? Não lhe computarão jamais o valor de seus bens, nem de seus títulos, mas a soma de suas virtudes; ora, nessa conta, o artesão é capaz de ser mais rico do que o príncipe. Em vão este alegrará que, antes de sua partida, pagou sua entrada em ouro, que lhe responderão: Os lugares daqui não se compram nunca; eles se ganham com o bem que se praticou; com a moeda terrestre, você consegue comprar campos, casas, palácios; aqui tudo se paga com as qualidades do coração. Você é rico dessas qualidades? Seja bem-vindo e vá ao primeiro lugar, onde todas as felicidades aguardam por você. Você é pobre? Vá para o último lugar, onde você será tratado na proporção de seus haveres. (PASCAL. Genebra, 1860.)

10. Os bens da terra pertencem a Deus, que os confere à sua vontade; e o homem é somente o usufrutuário, o administrador mais ou menos íntegro e inteligente. Eles contam tão pouco como propriedade individual do homem, que Deus desmancha muitas vezes todas as suas previsões, tanto que a fortuna escapa de quem acredita possuí-la sob os melhores títulos.

Vocês talvez digam que isso se entende quanto à fortuna hereditária, mas que não acontece o mesmo quanto à que foi adquirida através de seu trabalho. Sem nenhuma dúvida, caso se trate de uma fortuna legítima, o que sucede quando ela se adquiriu honestamente, pois *uma propriedade não é legitimamente adquirida senão quando, para possuí-la, não se prejudicou ninguém*. Será pedida conta até de um vintém mal adquirido, em prejuízo de outrem. Mas, pelo fato de um homem dever sua fortuna a si mesmo, terá ele algum privilégio ao morrer? Os cuidados que ele toma para transmiti-la a seus descendentes não são geralmente inúteis? Pois, se Deus não deseja que ela lhes toque, nada poderá prevalecer contra sua vontade. Poderá o homem usar e abusar dela, impunemente, durante a vida, sem ter conta a prestar? Não; ao lhe permitir conquistá-la, Deus pode ter desejado recompensá-lo, durante esta vida, os esforços, a coragem, a perseverança; mas, se ele fez que ela servisse apenas para a satisfação de seus sentidos ou de seu orgulho; se ela se transformou em uma causa de queda em suas mãos, melhor fora para ele que não a possuísse; ele perde de um lado o que ganhou do outro ao anular o

mérito de seu trabalho, e, quando deixar o mundo, Deus lhe dirá que já recebeu sua recompensa. (M., ESPÍRITO PROTETOR. Bruxelas, 1861.)

Emprego da fortuna.

11. Você não tem como servir a Deus e a Mamom; guarde bem isto, você que o amor do ouro domina, você que venderia sua alma para possuir tesouros, porque eles conseguiriam elevá-lo acima dos outros homens e proporcionar-lhe os prazeres das paixões; não, você não tem como servir a Deus e a Mamom! Se você, pois, sente sua alma dominada pelas cobiças da carne, apresse-se em sacudir o jugo que o escraviza, pois Deus, justo e severo, lhe dirá: Que fez você, ecônomo infiel, dos bens que lhe confiei? Esse poderoso móvel das boas obras, você o fez servir apenas para sua satisfação pessoal.

Qual é, então, o melhor emprego para a fortuna? Procure nestas palavras: “Amem-se uns aos outros” a solução desse problema; aí se acha o segredo para bem empregar suas riquezas. Quem está animado pelo amor do próximo tem sua linha de conduta toda traçada; o emprego que agrada a Deus é a caridade; não essa caridade fria e egoísta que consiste em espalhar em torno de si o supérfluo de uma existência dourada, mas essa caridade plena de amor que procura o infeliz, que o soergue sem humilhar. Rico, doe de seu supérfluo; faça melhor: doe um pouco de seu necessário, pois seu necessário é ainda supérfluo, mas doe com sabedoria. Não rejeite o pranto no receio de ser enganado, mas vá à fonte do mal; desafogue primeiro; informe-se em seguida, e veja se o trabalho, os conselhos, a afeição mesma não serão mais eficazes que sua esmola. Espalhe em torno de si, com o conforto, o amor de Deus, o amor do trabalho, o amor do próximo. Coloque suas riquezas em um fundo que não lhe faltará jamais e lhe trará grossos lucros: as boas obras. A riqueza da inteligência pode servi-lo como a do ouro; espalhe em torno de si os tesouros da instrução; espalhe pelos seus irmãos os tesouros de seu amor, e eles frutificarão. (CHEVERUS. Bordéus, 1861.)

12. Quando eu considero a brevidade da vida, sou dolorosamente afetado pela incessante preocupação causada a vocês pelos bens materiais, ao passo que vocês dão tão pouca importância e consagram tão pouco ou nenhum tempo a seu aperfeiçoamento da moralidade, o qual lhes deve ser computado para a eternidade. A gente julgaria, ao ver a atividade que vocês desenvolvem, que está ela relacionada a uma questão do mais alto interesse para a humanidade, quando só se trata mesmo, quase sempre, de vocês satisfazerem suas necessidades exageradas, sua vaidade ou de se abandonarem aos excessos. A quantas penas, cuidados e tormentos, o homem se entrega, a quantas noites sem dormir, para aumentar uma fortuna geralmente mais que suficiente! Por cúmulo da cegueira, não é raro de se ver que os que têm um amor imoderado pela fortuna e pelos prazeres que ela oferece, submetidos a um trabalho penoso, tiram proveito de uma existência dita de sacrifício e de merecimento, como se eles trabalhassem pelos outros e não para si mesmos. Insensatos! Vocês acreditam, então, que realmente lhes serão

considerados os cuidados e os esforços cujos móveis são o egoísmo, a cupidez ou o orgulho, quando vocês negligenciam o cuidado com seu futuro, como ainda os deveres que a solidariedade fraterna impõe a todos os que desfrutam as vantagens da vida social?! Vocês pensaram tão só em seu corpo; seu bem-estar, seus prazeres foram o único objeto de sua solícitude egoísta; por ele, que morre, vocês negligenciaram seu Espírito, que viverá para sempre. Assim, esse patrão, tão mimado e acariciado, se tornou seu tirano; ele comanda seu Espírito, que se fez seu escravo. Era esse o alvo da existência que Deus lhes propiciou? (UM ESPÍRITO PROTETOR. Cracóvia, 1861.)

13. Sendo o homem o depositário, o gerente dos bens que Deus lhe põe nas mãos, lhe será pedida severa conta do uso que lhes tiver dado, tendo em vista seu livre-arbítrio. O mau uso consiste em servir-se deles apenas para sua satisfação pessoal; ao contrário, o uso é bom todas as vezes que resultar um bem qualquer para outrem. O mérito é proporcional ao sacrifício que a gente se impõe. A beneficência é só um modo de aplicar a fortuna; ela desafoga a miséria atual; acalma a fome, preserva do frio e fornece um refúgio a quem não tem; mas um dever do mesmo modo imperioso, do mesmo modo meritório, consiste em prevenir a miséria; é essa, sobretudo, a missão das grandes fortunas, por causa dos trabalhos de todos os tipos que elas conseguem fazer executar; e, devessem elas produzir um proveito legítimo, o bem não deixaria de existir, pois o trabalho desenvolve a inteligência e realça a dignidade do homem sempre convicto de poder dizer que ganhou o pão que come, ao passo que a esmola humilha e degrada. A fortuna concentrada em uma pessoa tem que ser como uma fonte de água viva que espalha a abundância e o bem-estar em torno de si. Oh! Vocês, ricos que a utilizarem segundo os desígnios do Senhor, seu coração há de ser o primeiro a beber nessa fonte benfazeja; vocês terão nesta vida os inefáveis prazeres da alma, ao invés dos prazeres materiais do egoísmo, que deixam o vazio no coração. Seu nome será bendito na Terra e, quando a deixarem, o Supremo Senhor lhes dirigirá a proposição da parábola dos talentos: “Ó servo bom e fiel, participe da alegria de seu Senhor.” Nessa parábola, o servo que enfiou na terra o dinheiro que lhe havia sido confiado não é a imagem dos avaros, em cujas mãos a fortuna é improdutivo? Se, todavia, Jesus fala principalmente de esmolas, é que, naquele tempo e no país em que vivia, não se conheciam os trabalhos que as artes e as indústrias criariam depois e nos quais a fortuna pode ser empregada de modo útil, para o bem geral. A todos os que podem dar, pouco ou muito, direi, portanto: Deem esmolas quando isso for necessário, mas tanto quanto possível, convertam-na em salário, a fim de que quem a receba não fique envergonhado. (FÉNELON. Argel, 1860.)

Desprendimento dos bens terrenos.

14. Eu venho, meus irmãos, meus amigos, trazer minha ínfima contribuição para ajudá-los a caminhar com denodo pela estrada do aperfeiçoamento em que vocês

penetraram. Nós somos devedores uns dos outros; não é senão através de uma união sincera e fraternal entre os Espíritos e os encarnados que a regeneração é possível.

O amor de vocês aos bens terrestres é um dos mais fortes entraves a seu adiantamento moral e espiritual; através desse apego à posse, vocês destroem suas faculdades amorosas, encaminhando-as todas para as coisas materiais. Sejam sinceros; proporciona a fortuna uma felicidade sem mácula? Quando seus cofres estão repletos, não existe sempre um vazio no coração? No fundo dessa cesta de flores, não existe sempre um réptil escondido? Eu compreendo que o homem que ganhou uma fortuna, através de um trabalho contínuo e honrado, sinta uma satisfação, de resto, justíssima; mas, dessa satisfação, naturalíssima e aprovada por Deus, a um apego que absorve todos os outros sentimentos e paralisa os impulsos do coração, vai uma distância; distância que parte da avareza mesquinha à prodigalidade exagerada, dois vícios entre os quais Deus colocou a caridade, santa e salutar virtude que ensina o rico a dar sem ostentação, para que o pobre receba sem vilipêndio.

Que a fortuna lhes venha de sua família ou que a tenham ganho através de seu trabalho, existe algo que vocês não podem jamais olvidar: é que tudo provém de Deus, tudo volta para Deus. Nada lhes pertence no mundo, nem mesmo seu pobre corpo: a morte os despoja dele, como de todos os bens materiais; vocês são depositários e não proprietários, não se enganem a respeito; Deus lhes emprestou, vocês têm que devolver, e ele lhes empresta sob a condição de que o supérfluo, pelo menos, retorne para os que não possuem o necessário.

Um de seus amigos lhes empresta uma soma; por pouco que sejam honestos, vocês têm o escrúpulo de devolvê-la a ele e lhe são reconhecidos. Muito bem, eis aí a situação de todo homem rico; Deus é o amigo celeste que lhe emprestou a riqueza; ele só pede para si amor e reconhecimento, mas exige que, por sua vez, o rico dê aos pobres, que são seus filhos tanto quanto ele.

O bem que Deus lhes confiou excita em seus corações uma ardente e insensata cobiça; vocês têm refletido, quando estão apegados descomedidamente a uma fortuna tão perecível e tão passageira quanto vocês, que um dia virá em que terão que prestar conta ao Senhor do que dele provém? Esquecem-se vocês de que, através da riqueza, estão investidos do caráter sagrado de ministros da caridade na Terra, para dela serem dispensadores inteligentes? Logo, o que são vocês, quando usam para seu único proveito o que lhes foi confiado, senão depositários infiéis? O que resulta desse esquecimento voluntário de seus deveres? A morte inflexível, inexorável, vem rasgar o véu sob o qual se escondem, e os força a prestar suas contas ao amigo mesmo que os beneficiou e que, nesse momento, se reveste para vocês da toga de juiz.

É em vão que, na Terra, vocês procuram iludir-se a si mesmos, colorindo com o nome de virtude o que geralmente não passa de egoísmo; que vocês chamam de economia e previdência o que não passa de cupidez e de avareza ou chamam de generosidade o que não passa de prodigalidade com vistas a lucro. Um pai de família, por exemplo, se absterá de praticar a caridade, economizará, acumulará ouro sobre ouro, e isto, diz ele, para deixar a seus filhos a maior quantidade possível de bens, e evitar que tombem na miséria; isso é justíssimo e paternalíssimo, eu concordo, e não se tem como criticá-lo; mas reside aí sempre o único móvel que o guia? Não se trata com frequência de um pacto com a

consciência, para justificar, a seus próprios olhos e aos olhos da sociedade, seu apego pessoal aos bens terrestres? Contudo, eu admito que o amor paterno seja seu único móvel: constitui isso um motivo para se esquecer de seus irmãos em Deus? Quando ele mesmo já possui o supérfluo, deixará seus filhos na miséria, porque eles possuirão um pouco menos desse supérfluo? Não é dar-lhes uma lição de egoísmo, e endurecer-lhes o coração? Não é sufocar neles o amor do próximo? Pais e mães, vocês se acham em um grande erro, se creem com isso aumentar a afeição de seus filhos por vocês; ao ensinar-lhes a ser egoístas com os outros, vocês os ensinam a sê-lo com vocês mesmos.

Quando um homem trabalhou muito e, com o suor de sua testa, acumulou bens, vocês o ouvem muitas vezes dizer que, quando o dinheiro está ganho, se conhece melhor o custo; nada é mais verdadeiro. Muito bem, que esse homem, que admite conhecer todo o valor do dinheiro, pratique a caridade, conforme seus meios; ele terá mais mérito que aquele que, tendo nascido na abundância, ignora as rudes fadigas do trabalho. Mas, caso contrário, se esse homem, que lembra suas penas, seus esforços, for egoísta, insensível com os pobres, é bem mais culpável que os outros; pois quanto mais se conhece por si mesmo as dores escondidas da miséria, tanto mais se tem que desafogá-las nos outros.

Infelizmente, existe sempre no homem de posses um sentimento tão forte quanto o apego à fortuna: é o orgulho. Não é raro de se ver o oportunista aturdir o infeliz que implora sua assistência com o relato de seus trabalhos e de sua competência, em lugar de ir em sua ajuda, acabando por lhe dizer: “Faça como eu fiz.” Segundo ele, a bondade de Deus não tem nada que ver com sua fortuna; só a ele pertence todo o mérito; seu orgulho põe uma venda sobre seus olhos e tampa seus ouvidos; ele não compreende que, apesar de toda a sua inteligência e a sua habilidade, Deus pode eliminá-lo com uma só palavra.

Desbaratar sua fortuna não constitui desapego dos bens terrestres, constitui desleixo e indiferença; o homem, depositário desses bens, não tem o direito de dilapidá-los ou de confiscá-los a seu proveito; prodigalidade não constitui generosidade: é o mais das vezes uma forma de egoísmo; o mesmo que joga o ouro a mancheias para satisfazer uma fantasia, não doaria um vintém para prestar um favor. O desapego dos bens terrestres consiste em atribuir à fortuna seu justo valor, em saber servir-se dela para os outros e não só para si, em não sacrificar-lhe nunca os ganhos da vida futura, em perdê-la sem se queixar, caso apraza a Deus retirá-la de vocês. Se, por causa de reveses imprevistos, vocês se tornarem um outro Jó, como ele, digam: “Deus, o senhor me havia dado, o senhor me há tirado; que sua vontade seja feita.” Eis aí o verdadeiro desapego. Sejam submissos acima de tudo; tenham fé em quem, tendo-lhes dado e tirado, pode devolver-lhes; resistam com coragem ao abatimento, ao desespero, que paralisam sua força; não se esqueçam jamais, quando Deus os ferir, que, ao lado da maior provação, ele dispõe sempre uma consolação. Mas pensem, sobretudo, que existem bens infinitamente mais preciosos que os da Terra e esse pensamento os ajudará a se desapegarem destes últimos. O pouco valor que se atribui a uma coisa, faz que se seja menos sensível à sua perda. O homem que se apega aos bens da Terra é como a criança que não percebe senão o momento presente; quem não se prende é como o adulto que percebe as coisas mais importantes, pois compreende estas palavras proféticas do Salvador: Meu reino não é deste mundo.

O Senhor não ordena em absoluto que a gente se despoje do que possui, para se reduzir a uma mendicância voluntária, pois, aí, a gente se torna uma carga para a

sociedade; agir assim seria compreender mal o desprendimento dos bens terrestres; constitui um egoísmo de um outro tipo, pois é uma fuga da responsabilidade que a fortuna faz pesar sobre quem a possui. Deus a fornece a quem lhe parece hábil para gerenciá-la em proveito de todos; portanto, o rico tem u'a missão, missão que ele pode tornar bela e proveitosa para si; rejeitar a fortuna, quando Deus a oferece a vocês, é renunciar ao benefício do bem que se pode fazer, ao administrá-la com sabedoria. Saber passar sem ela, quando não se tem, saber empregá-la utilmente, quando se tem, saber sacrificá-la, quando é necessário, é agir conforme aos desígnios do Senhor. Que aquele a quem chega o que se chama, no mundo, uma boa fortuna clame: Meu Deus, o senhor me envia um novo encargo; dê-me a força de cumpri-lo de acordo com sua sagrada vontade.

Eis aí, meus amigos, o que eu pretendia ensinar-lhes a respeito do desapego dos bens terrestres; eu resumo, dizendo: Saibam contentar-se com pouco. Se vocês são pobres, não invejem os ricos, pois a fortuna não é necessária para a felicidade; se são ricos, não se esqueçam de que esses bens se confiaram a vocês e que terão que justificar seu uso, como em uma conta de tutela. Não sejam depositários infiéis, pondo-os a serviço da satisfação de seu orgulho e de sua sensualidade; não se creiam no direito de dispor para vocês unicamente o que não é mais que um empréstimo e não um presente. Se vocês não sabem dar, não têm mais o direito de pedir, e lembrem-se de que quem dá aos pobres paga a dívida que contraiu com Deus. (LACORDAIRE. Constantina, 1863.)

15. *O princípio em virtude do qual o homem não passa de depositário da fortuna que Deus lhe permite desfrutar durante sua vida tira dele o direito de transmiti-la a seus descendentes?*

O homem pode perfeitamente transmitir, por ocasião de sua morte, o que teve em usufruto durante sua vida, porque a consequência desse direito está sempre subordinada à vontade de Deus, que pode, quando quiser, impedir os descendentes de desfrutá-lo; é assim que se veem desabar fortunas que parecem assentadas muito solidamente. A vontade do homem de manter sua fortuna em sua linhagem, é, pois, impotente, o que não lhe tolhe o direito de transmitir o empréstimo que recebeu, uma vez que Deus o retirará quando julgar oportuno. (SÃO LUÍS. Paris, 1860.)

CAPÍTULO XVII

SEJAM PERFEITOS.

Caracteres da perfeição. — O homem de bem. — Os bons espíritas. — Parábola da semente. — *Mensagens dos Espíritos*: O dever. — A virtude. — Os superiores e os inferiores. — O homem no mundo. — Cuidar do corpo e da mente.

Caracteres da perfeição.

1. Amem a seus inimigos; façam o bem aos que os odeiam, e orem pelos que os perseguem e os caluniam; — pois, se vocês amam apenas os que os amam, qual recompensa terão por isso? Os publicanos não no fazem também? — E se vocês saúdam apenas seus irmãos, que fazem nisso mais que os outros? Os pagãos não no fazem também? — *Logo, sejam vocês perfeitos, como seu Pai celeste é perfeito.* (São Mateus, v: 44 e 46 a 48.)

2. Já que Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas, esta máxima: “Sejam perfeitos como seu Pai celeste é perfeito”, tomada à letra, pressuporia a possibilidade de alcançar a perfeição absoluta. Se fosse concedido à criatura ser tão perfeita quanto o Criador, ela se tornaria igual a ele, o que é inadmissível. Mas os homens a quem se endereçava Jesus não teriam em absoluto compreendido essa nuança; ele se limitou a lhes apresentar um modelo e lhes disse para se esforçarem para atingi-lo.

É preciso, então, entender, através dessas palavras, a perfeição relativa a que a humanidade é suscetível e que mais a aproxima da Divindade. Em que consiste essa perfeição? Jesus o disse: “Amar a seus inimigos; fazer o bem aos que nos odeiam, orar pelos que nos perseguem.” Ele mostra assim que a essência da perfeição é a caridade, em sua mais ampla acepção, porque ela implica a prática de todas as outras virtudes.

Com efeito, caso a gente observe os resultados de todos os vícios e mesmo dos simples defeitos, se reconhecerá que não existe nenhum que não altere mais ou menos o sentimento de caridade, porque todos têm seu início no egoísmo e no orgulho, que são sua negação; pois tudo o que sobreexcita o sentimento da personalidade destrói ou, quando

menos, enfraquece os elementos da verdadeira caridade, que são: a benevolência, a indulgência, a abnegação e o devotamento. O amor do próximo, desdobrado até o amor a seus inimigos, não tendo como aliar-se com nenhum defeito contrário à caridade, é, por isso mesmo, sempre o indício de maior ou menor superioridade moral; donde resulta que o nível de perfeição se mantém na proporção da extensão do amor ao próximo. Eis porque Jesus, após haver fornecido a seus discípulos as regras da caridade, no que apresenta de mais sublime, lhes disse: “Sejam perfeitos, como seu Pai celeste é perfeito.”

O homem de bem.

3. O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade, em sua maior pureza. Se ele interroga sua consciência sobre seus próprios atos, ele se pergunta se não violou em absoluto essa lei; se não praticou o mal; se praticou todo o bem *que pôde*; se não negligenciou de propósito alguma ocasião de ser útil; se ninguém tem de que se queixar dele; enfim, se fez a outrem tudo o que gostaria que fizessem por ele.

Ele tem fé em Deus, em sua bondade, em sua justiça e em sua sabedoria; ele sabe que nada sucede sem sua permissão e se submete, em todas as coisas, à sua vontade.

Ele tem fé no futuro; eis porque situa os bens espirituais acima dos bens temporais.

Ele sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções, são provações ou expiações e as aceita sem queixumes.

O homem tomado pelo sentimento de caridade e de amor ao próximo pratica o bem pelo bem, sem esperar retorno, paga o mal com o bem, assume a defesa do fraco contra o forte e sacrifica sempre seu interesse à justiça.

Ele acha sua satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, nas pessoas que torna felizes, nas lágrimas que estanca, nas consolações que oferece aos aflitos. Seu primeiro movimento é pensar nos outros antes de pensar em si, é buscar o interesse dos outros antes do seu próprio. O egoísta, ao contrário, calcula os lucros e as perdas de toda ação generosa.

Ele é bom, humano e benevolente para todo o mundo, sem predileção *de raças nem de crenças*, porque vê irmãos em todos os homens.

Ele respeita em outrem todas as convicções sinceras, e não condena nunca os que não pensam como ele.

Em todas as circunstâncias, a caridade é seu guia; ele acha que quem prejudica a outrem através de palavras malévolas, quem provoca a suscetibilidade de qualquer um através de seu orgulho e seu desdém, quem não recua diante da ideia de causar um sofrimento, uma contrariedade, mesmo ligeira, quando é capaz de evitá-la, falta ao dever do amor ao próximo, e não merece a clemência do Senhor.

Ele nem odeia, nem se enraivece, nem quer vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas, e só se recorda dos benefícios; pois sabe que lhe será perdoado, como houver perdoado ele mesmo.

Ele é indulgente quanto às fraquezas de outrem, porque sabe que ele mesmo necessita de indulgência, e se lembra desta lição do Cristo: “Que quem esteja sem pecado lhe atire a primeira pedra.”

Ele não se compraz, de modo algum, em procurar os defeitos de outrem, nem em colocá-los em evidência. Se a necessidade a isso o obriga, busca sempre um bem que consiga atenuar o mal.

Ele estuda suas próprias imperfeições, e trabalha sem cessar em combatê-las. Todos os seus esforços visam a alcançar dizer amanhã que existe nele algo melhor que na véspera.

Ele não se empenha em fazer valer nem seu espírito, nem seus talentos, às custas de outrem; ele aproveita, ao contrário, todas as ocasiões para fazer sobressair o que os outros têm de melhor.

Ele não frui nenhuma vaidade nem de sua fortuna, nem de suas qualidades pessoais, porque sabe que tudo o que lhe foi dado pode ser-lhe retirado.

Ele usa mas não abusa, de jeito nenhum, dos bens que a ele se concederam, porque sabe que é um depósito cuja conta terá que prestar e cujo emprego mais prejudicial que pode realizar para si mesmo é fazê-los servir à satisfação de suas paixões.

Se a organização social colocou uns homens sob sua dependência, ele os trata com bondade e benevolência, porque são seus iguais diante de Deus; ele usa de sua autoridade para lhes levantar seu moral, e não para espezinhá-los com seu orgulho; ele evita tudo o que poderia tornar a posição subalterna deles mais penosa.

O subalterno, de seu lado, compreende os encargos de sua posição, e tem o escrúpulo de cumpri-los conscienciosamente. (Cap. xvii, n.º 9.)

O homem de bem, enfim, respeita em seus semelhantes todos os direitos que concedem as leis da natureza, como gostaria que fossem respeitados para consigo.

Não está aqui a enumeração de todas as qualidades que distinguem o homem de bem, mas quem quer que se esforce por possuí-las se acha na estrada que leva a todas as outras.

Os bons espíritas.

4. O espiritismo, bem compreendido e, sobretudo, bem sentido, conduz forçosamente aos resultados acima, que caracterizam tanto o verdadeiro espírita como o verdadeiro cristão, fazendo de um e outro apenas um. O espiritismo não cria nenhuma nova moral; ele facilita aos homens o entendimento e a prática daquela do Cristo, ao propiciar uma fé sólida e esclarecida aos que duvidam ou aos que hesitam.

Contudo, muitos dos que creem nos fenômenos das manifestações não compreendem nem suas consequências nem seu alcance moral, ou, se compreendem, não aplicam nunca a si mesmos. A que se deve isso? É a um defeito de precisão da doutrina? Não, pois ela não apresenta nem alegorias nem figuras que possam dar lugar a falsas interpretações; sua essência mesma é a caridade e é isso que lhe dá poder, porque ela vai

direto à inteligência. A caridade não tem nada de misterioso e seus iniciados não estão de posse de nenhum segredo escondido do homem comum.

Precisa-se, portanto, para compreendê-la, de uma inteligência invulgar? Não, pois a gente vê que homens de uma capacidade notória não a compreendem, ao passo que inteligências comuns, jovens mesmo mal saídos da adolescência, dominam, com admirável precisão, suas nuances mais delicadas. Isso decorre do fato de que a parte, vamos dizer, *material* da ciência só requer os olhos para observar, ao passo que a parte *essencial* demanda um certo nível de sensibilidade que podemos chamar de *maturidade do senso moral*, maturidade independente da idade e do nível de instrução, porque é inerente ao desenvolvimento, em um sentido especial, do Espírito encarnado.

Para alguns, os liames da matéria são ainda por demais resistentes para permitir ao Espírito libertar-se das coisas da Terra; a bruma que os envolve lhes furta a visão do infinito; eis porque eles não rompem facilmente nem com seus gostos, nem com seus hábitos, não tendo a ideia de algo melhor do que o que possuem; a crença nos Espíritos é para eles um fato simples, mas que pouco ou nada modifica suas tendências instintivas; em suma, eles não veem senão um raio de luz, insuficiente para conduzi-los e lhes proporcionar uma aspiração vigorosa, capaz de vencer seus pendores. Eles se prendem aos fenômenos mais que à moral, que lhes parece banal e monótona; pedem aos Espíritos para os iniciar incessantemente em novos mistérios, sem perguntar se se tornaram dignos de ser admitidos aos segredos do Criador. São os espíritas imperfeitos, alguns dos quais ficam pelo caminho ou se afastam de seus irmãos de crença, porque recuam ante a obrigação de se reformarem a si mesmos, ou porque reservam suas simpatias aos que compartilham suas fraquezas ou suas prevenções. Entretanto, a aceitação do princípio da doutrina é um primeiro passo que lhes tornará o segundo mais fácil, em uma outra existência.

Quem se pode qualificar, com razão, de verdadeiro e sincero espírita se acha em um nível superior de adiantamento moral; seu Espírito, que domina mais completamente a matéria, lhe fornece uma percepção mais clara do futuro; os princípios da doutrina fazem vibrar nele as fibras que ficam mudas nos primeiros; em suma, *ele se acha tocado no coração*; por isso, sua fé é inabalável. Um é como o músico que se emociona com certos acordes, ao passo que o outro somente ouve os sons. *A gente reconhece o verdadeiro espírita por sua transformação moral, e pelos esforços que faz para dominar suas más tendências*; enquanto um se compraz com seu horizonte limitado, o outro, que tem a ideia de algo melhor, se esforça para se libertar, chegando sempre a fazê-lo quando possui firme disposição.

Parábola da semente.

5. Naquele mesmo dia, Jesus, tendo saído da casa, se sentou perto do mar; — e se reuniu em torno dele uma grande quantidade de povo; eis porque ele subiu em uma barca, onde se sentou, permanecendo todo o povo na margem; — e ele lhes disse muitas coisas por parábolas, falando-lhes deste jeito:

Quem semeia se foi a semear; — e, enquanto semeava, uma parte da semente caiu ao longo do caminho, e, vindo as aves do céu, a comeram.

Uma outra caiu nos lugares pedregosos, onde ela não conseguiu muita terra; e ela cresceu depressa, porque a terra onde estava não era funda. — Mas, tendo-se levantado o sol em seguida, ela foi queimada; e, como não tinha raiz, ela secou.

Uma outra caiu nos espinhos, e, vindo a crescer os espinhos, a asfixiaram.

Uma outra, enfim, caiu em boa terra, e deu fruto, rendendo alguns grãos cem por um, outros, sessenta, outros, trinta.

Que ouça quem tem ouvidos para ouvir. (São Mateus, XIII: 1 a 9.)

Ouçam, então, vocês a parábola de quem semeia.

Quem escuta a palavra do reino e não presta nenhuma atenção o espírito maligno vem e arrebatou o que se havia semeado em seu coração; eis aí quem recebeu a semente ao longo do caminho.

Quem recebe a semente no meio das pedras é o que escuta a palavra e a recebe naquela mesma hora com alegria; — mas ele não tem em si raiz, e sua alegria é por pouco tempo; e, quando sobrevêm as contrariedades e as perseguições por causa da palavra, ele logo a toma como motivo de escândalo e de queda.

Quem recebe a semente entre os espinhos é o que ouve a palavra; mas, logo após, as solitudes deste século e a ilusão das riquezas asfixiam nele a palavra e a tornam infrutuosa.

Mas quem recebe a semente em uma boa terra é o que escuta a palavra, lhe presta atenção e dá fruto; e dá cem ou sessenta ou trinta por um. (São Mateus, XIII: 18 a 23.)

6. A parábola da semente representa perfeitamente as nuances que existem na maneira de tirar proveito dos ensinamentos do Evangelho. Quantas pessoas existem, de fato, para quem ele não é mais que uma letra morta que, tal como a semente caída na pedra, não produz nenhum fruto!

Ela encontra uma aplicação não menos acertada nas diferentes categorias de espíritas. Não constitui ela o símbolo dos que só se prendem aos fenômenos materiais, e não tiram deles nenhuma consequência, porque os veem somente como um objeto de curiosidade? Dos que buscam somente o brilho nas comunicações espíritas, e se interessam somente quando lhes satisfazem a imaginação, mas que, após tê-las escutado, permanecem tão frios e indiferentes quanto antes? Dos que acham os conselhos muito bons e os admiram, mas cuja aplicação atribuem aos outros e não a si mesmos? Dos que, enfim, para quem tais mensagens são como a semente caída na boa terra, e produzem frutos?

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

O dever.

7. O dever é a obrigação moral, em face de si mesmo, primeiro, e dos outros, depois. O dever é a lei da vida; ele se encontra nas mais ínfimas particularidades, como

também nos atos elevados. Eu só desejo falar aqui do dever moral e não daquele que impõem as profissões.

Na ordem dos sentimentos, o dever é muito difícil de cumprir, porque se acha em antagonismo com as seduções do interesse e do coração; suas vitórias não têm testemunhas, e suas derrotas não têm repressão. O dever íntimo do homem se atribuiu a seu livre-arbítrio; o aguilhão da consciência, essa guardiã da probidade interior, o adverte e o ampara, mas, com frequência, a consciência continua impotente diante dos sofismas da paixão. O dever do coração, fielmente observado, eleva o homem; mas tal dever, como precisá-lo? Onde começa? Onde termina? *O dever começa precisamente no ponto em que vocês ameaçam a felicidade ou a paz de seu próximo; ele termina na fronteira que vocês não gostariam de ver ultrapassada em relação a si mesmos.*

Deus criou todos os homens iguais em relação à dor; pequenos ou grandes, ignorantes ou esclarecidos, sofrem pelas mesmas causas, a fim de que cada um julgue corretamente o mal que pode praticar. O mesmo critério não existe em relação ao bem, infinitamente mais variado em suas manifestações. *A igualdade em face da dor é uma sublime providência de Deus, que deseja que seus filhos, instruídos pela experiência comum, não cometam o mal arguindo através do desconhecimento de seus feitos.*

O dever é o resumo prático de todas as especulações morais; é uma bravura da alma que afronta as angústias da luta; é austero e flexível; pronto a se dobrar às diversas complicações, prossegue inflexível diante de suas tentações. O homem que cumpre seu dever ama a Deus mais que às criaturas, e às criaturas mais que a si mesmo; ele é, de uma vez, juiz e escravo em sua própria causa.

O dever é o mais belo ornato da razão; ele procede dela, como o filho procede de sua mãe. O homem tem de amar o dever, não porque ele o preserve dos males da vida, dos quais a humanidade não tem como se subtrair, mas porque ele proporciona à alma o vigor necessário a seu desenvolvimento.

O dever cresce e irradia sob uma forma mais elevada, em cada uma das etapas superiores da humanidade; a obrigação moral não cessa jamais da criatura em relação a Deus; ela tem que refletir as virtudes do Eterno, que não aceita um esboço imperfeito, porque deseja que a beleza de sua obra resplandeça diante de si. (LÁZARO. Paris, 1863.)

A virtude.

8. A virtude, em seu mais alto grau, comporta o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caridoso, trabalhador, sóbrio, modesto, eis as qualidades do homem virtuoso. Infelizmente, elas são amiúde acompanhadas de pequenas indisposições morais, que as corrompem e debilitam. Quem se gaba de sua virtude não é virtuoso, porque lhe falta a qualidade principal: a modéstia, e porque possui o vício exatamente contrário: o orgulho. A virtude verdadeiramente digna desse nome não gosta de se expor; a gente a pressente, ela, porém, se esconde na obscuridade e foge à admiração das multidões. São Vicente de Paulo era virtuoso; o digno

Cura d’Ars era virtuoso, e muitos outros pouco conhecidos do mundo, mas conhecidos de Deus. Todos esses homens de bem ignoravam, eles mesmos, que fossem virtuosos; eles se deixavam ir na corrente de suas santas inspirações e praticavam o bem com um desinteresse completo e um total olvido de si mesmos.

É para a virtude assim compreendida e praticada que eu os convido, meus filhos; é para essa virtude verdadeiramente cristã e verdadeiramente espírita que eu os conclamo a se consagrarem; mas afastem de seus corações o pensamento do orgulho, da vaidade, do amor-próprio, que corrompem sempre as mais belas qualidades. Não imitem aquele homem que se exhibe como modelo e elogia ele mesmo suas próprias qualidades para todos os ouvidos complacentes. Quando ostentada, essa virtude esconde, o mais das vezes, uma infinidade de pequenas infâmias e odiosas pusilanimidades.

Em princípio, o homem que se exalta a si mesmo, que ergue uma estátua à sua própria virtude, aniquila, só por esse fato, todo o mérito efetivo que pode ter. Mas que direi eu de quem cujo inteiro valor é de parecer o que não é? Agrada-me admitir que o homem que pratica o bem sente por isso, no fundo do coração, uma satisfação íntima, mas, desde que tal satisfação se exterioriza para recolher elogios, degenera em amor-próprio.

Ó vocês todos que a fé espírita aqueceu com seus raios e que sabem o quanto o homem está longe da perfeição, não vão jamais nessa péssima direção! A virtude é uma graça que eu aspiro para todos os espíritas sinceros, mas eu lhes direi: Mais vale menos virtudes com modéstia que muitas com orgulho. Pelo orgulho é que gerações sucessivas se perderam; pela humildade é que elas têm que se remir um dia. (FRANCISCO NICOLAU MADELEINE. Paris, 1863.)

Os superiores e os inferiores.

9. A autoridade, assim como a fortuna, é uma delegação cuja conta se pedirá a quem dela se reveste; não creiam que ela lhes seja proporcionada para lhes dar o vão prazer de comandar, nem, como o julgam erroneamente os poderosos da Terra em sua maioria, como um direito, uma propriedade. Deus, de resto, lhes vem assaz comprovando que não se trata de um direito, nem de uma propriedade, desde que lhes retira a autoridade quando lhe apraz. Se fosse um privilégio restrito à sua pessoa, seria inalienável. Ninguém pode, pois, dizer que uma coisa lhe pertence, quando tem como lhe ser arrebatada sem seu consentimento. Deus concede a autoridade a título de *missão* ou de *provação*, quando isso lhe convém, e a subtrai do mesmo jeito.

Quem quer que seja depositário da autoridade, de qualquer extensão, desde o senhor sobre seu servo, até o soberano sobre seu povo, não pode esconder que tem almas a seu encargo; ele responderá pela boa ou má administração que oferecer a seus subordinados, e as infrações que estes poderão cometer, os vícios a que serão arrastados como resultado dessa administração ou *dos maus exemplos* recairão sobre ele, ao passo que colherá os frutos de sua solicitude, por guiá-los ao bem. Todo homem possui na Terra

u'a missão pequena ou grande; qualquer que seja, ela é sempre dada para o bem; constitui, portanto, um fracasso desvirtuá-la em seu princípio.

Se Deus pergunta ao rico: — Que fez você da fortuna que, em suas mãos, tinha que ser uma fonte a espalhar a abundância por todo o derredor? —, ele perguntará a quem possui uma autoridade qualquer: — Que uso fez você dessa autoridade? Que mal reprimiu? Que progresso patrocinou? Se eu lhe forneci subordinados, não foi para transformá-los em escravos de sua vontade, nem instrumentos dóceis de seus caprichos e de sua cupidez; eu o fiz forte e lhe confiei os fracos para ampará-los e ajudá-los a subir na minha direção.

O superior que se compenetrou das palavras do Cristo não menospreza nenhum dos que se situam abaixo dele, porque sabe que as distinções sociais não existem diante de Deus. O espiritismo lhe ensina que, se eles o obedecem hoje em dia, podem ter mandado nele ou poderão mandar nele mais tarde, e que, então, será tratado como os tiver tratado ele mesmo.

Se o superior possui deveres a cumprir, também o inferior os possui de seu lado, os quais não são menos sagrados. Caso este último seja espírita, sua consciência lhe dirá melhor ainda que não está dispensado deles, mesmo que seu chefe não cumpra os seus, porque ele sabe que não pode pagar o mal com o mal, e que os erros de uns não justificam os erros dos outros. Caso sofra com sua situação, ele diz consigo que, sem dúvida, mereceu isso, porque ele mesmo talvez haja abusado outrora de sua autoridade, e que precisa sentir, por seu turno, os inconvenientes resultantes do que fez sofrer aos outros. Se ele é forçado a aguentar essa situação, por falta de achar outra melhor, o espiritismo lhe ensina a se resignar a ela, como a uma provação para sua humildade, necessária ao seu adiantamento. Sua crença o guia em sua conduta: ele age como gostaria que seus subordinados agissem em relação a ele, se fosse o chefe. Por isso mesmo, é mais escrupuloso no cumprimento de suas obrigações, pois compreende que toda negligência no trabalho que lhe foi confiado constitui um prejuízo para quem o remunera e a quem deve seu tempo e seus cuidados; em suma, ele é impelido pelo sentimento do dever que lhe proporciona sua fé, e a certeza de que todo desvio do reto caminho constitui uma dívida, que ele precisará pagar cedo ou tarde. (FRANCISCO NICOLAU MADELEINE, Cardeal MORLOT. Paris, 1863.)

O homem no mundo.

10. Um sentimento de piedade tem de animar sempre o coração dos que se reúnem sob as vistas do Senhor e imploram a assistência dos bons Espíritos. Purifiquem, pois, seus corações; não deixem instalar-se nele nenhum pensamento mundano ou fútil; elevem sua mente na direção daqueles a quem vocês apelam, a fim de que, encontrando em vocês as disposições necessárias, possam eles lançar em profusão a semente que tem de germinar em seus corações e dar aí os frutos da caridade e da justiça.

Não julguem, no entanto, que, ao exortá-los sem cessar à prece e à evocação mental, nós os incitamos a viver uma vida mística que os mantenha alheios às leis da sociedade em que vocês estão condenados a viver. Não; vivam com os homens de sua época, como têm que viver os homens; sacrifiquem-se às necessidades e às frivolidades mesmo do dia, mas sacrifiquem-se com um sentimento de pureza que seja capaz de santificá-las.

Vocês foram chamados a se porem em contato com mentalidades de diferente natureza, de caracteres opostos: não choquem nenhum daqueles com quem se encontram. Sejam alegres, sejam felizes, mas da alegria que proporciona uma boa consciência, da felicidade do herdeiro do céu contando os dias que o aproximam de sua herança.

A virtude não consiste em tomar um aspecto severo e lúgubre, em repelir os prazeres que suas condições humanas permitem; é suficiente relacionar todos os atos de sua vida ao Criador, que lhes propiciou essa vida; é suficiente, quando se começa ou termina um trabalho, elevar seu pensamento a esse Criador e lhe pedir, em um impulso da alma, quer sua proteção para empreendê-la, quer sua bênção para o trabalho realizado. O que quer que façam, remontem à fonte de todas as coisas; nunca façam nada sem que a lembrança de Deus venha purificar e santificar seus atos.

A perfeição se acha toda inteira, como o disse o Cristo, na prática da caridade absoluta; mas os deveres da caridade se estendem a todas as situações sociais, desde o menor até o maior. O homem que vivesse só não teria que exercer a caridade; é apenas no contato com os semelhantes, nas lutas mais penosas, que ele encontra ocasião para isso. Portanto, quem se isola se priva voluntariamente do mais poderoso meio de perfeição; não tendo que pensar senão em si, sua vida é a de um egoísta. (Cap. v, n.º 26.)

Não imaginem, pois, que, para viver em comunicação constante conosco, para viver sob a vista do Senhor, seja preciso vestir o cilício e cobrir-se de cinzas; não, não, ainda uma vez; sejam felizes conforme as necessidades da humanidade, mas que em sua felicidade não entre jamais nem um pensamento, nem um ato que possa ofendê-la, ou fazer esconder a face dos que os amam e os guiam. Deus é amor e abençoa os que amam santamente. (UM ESPÍRITO PROTETOR. Bordéus, 1863.)

Cuidar do corpo e da mente.

11. Consiste a perfeição espiritual na mortificação do corpo? Para resolver esta questão, eu me apoio nos princípios elementares e começo por demonstrar a necessidade de cuidar do corpo, o qual, conforme as alternâncias de saúde e doença, influencia de maneira muito importante a alma, que precisa ser considerada cativa na carne. Para que essa prisioneira viva, se alegre e conceba mesmo as ilusões da liberdade, o corpo deve estar são, disposto, valente. Realizemos a comparação: Ei-los, então, em perfeito estado, os dois, corpo e alma; que precisam fazer para manter o equilíbrio entre suas aptidões e suas necessidades tão diferentes? Uma luta parece inevitável, e o segredo de seu ponto de equilíbrio bem difícil de encontrar.

Aqui dois sistemas se defrontam: o dos ascetas, que desejam prostrar o corpo, e o dos materialistas, que desejam rebaixar a alma: duas violências que são quase tão insensatas uma quanto a outra. Ao lado desses grandes partidos, formiga a numerosa tribo dos indiferentes que, sem convicção e sem paixão, amam com frieza e gozam com economia. Onde está, pois, a sabedoria? Onde está, pois, a ciência de viver? Em nenhuma parte; e esse grande problema ficaria todo inteiro por resolver, se o espiritismo não viesse em ajuda aos pesquisadores, demonstrando-lhes as relações que existem entre o corpo e a alma e dizendo-lhes que, já que são necessários um ao outro, é preciso cuidar de ambos. Portanto, amem sua alma, mas cuidem também do corpo, instrumento da alma; não conhecer as necessidades que são apontadas pela natureza mesma é não conhecer a lei de Deus. Não o castiguem pelos erros que seu livre-arbítrio o fez cometer e pelos quais ele é tão responsável como o cavalo mal dirigido pelos acidentes que causa. Serão vocês mais perfeitos se, martirizando bastante o corpo, vocês nem sequer deixam de ficar egoístas, orgulhosos e pouco caridosos para com seu próximo? Não, a perfeição não está aí; ela está toda inteira nas reformas por que vocês farão passar seu Espírito; dobrem-no, submetam-no, humilhem-no, mortifiquem-no: eis o meio de torná-lo dócil à vontade de Deus e o único que conduz à perfeição. (JORGE, ESPÍRITO PROTETOR. Paris, 1863.)

CAPÍTULO XVIII

MUITOS CHAMADOS E POUCOS ESCOLHIDOS.

Parábola da festa de núpcias. — A porta estreita. — Dos que dizem: Senhor!, Senhor!, nem todos entrarão no reino dos céus. — Muito se pedirá a quem muito recebeu. — *Mensagens dos Espíritos*: Será dado a quem tem. — Reconhece-se o cristão pelas suas obras.

Parábola da festa de núpcias.

1. Falando Jesus ainda em parábola, disse-lhe:

O reino dos céus é semelhante a um rei que, desejando fazer as núpcias de seu filho, — enviou seus servos para chamar às núpcias os que tinham sido convidados; mas eles se recusaram a vir. — Ele enviou ainda outros servos, com ordem de dizer de sua parte aos convidados: Eu preparei meu jantar; eu mandei matar meus bois e tudo o que eu havia feito cevar; tudo está pronto, venham às núpcias. — Mas eles, não se preocupando de jeito algum com isso, se foram, um para sua casa de campo, outro para seu comércio. — Os outros se apossaram dos servos do rei, e os mataram, após lhes terem feito muitos ultrajes. — Quando o rei foi informado disso, tomou-se de cólera, e, havendo enviado seus exércitos, exterminou os assassinos e queimou sua cidade.

Então, ele disse a seus servos: A festa de núpcias está pronta; mas os que haviam sido chamados não foram dignos dela. Vão, portanto, às encruzilhadas e chamem às núpcias todos os que vocês encontrarem. — Tendo saído seus servos pelas ruas, reuniram todos os que encontraram, maus e bons; e a sala das núpcias ficou cheia de pessoas que se puseram à mesa.

O rei entrou em seguida para ver os que estavam à mesa e, tendo percebido ali um homem que não estava vestido com a roupa nupcial, — ele lhe perguntou: Meu amigo, como é que você entrou aqui sem a roupa nupcial? E aquele homem permaneceu mudo. — Então disse o rei a seus servos: Amarrem-lhe as mãos e os pés e joguem-no nas trevas exteriores: é lá que haverá prantos e rangidos de dentes; — pois *existem muitos chamados e poucos escolhidos*. (São Mateus, xxii: 1 a 14.)

2. O incrédulo sorri dessa parábola, que lhe parece de uma pueril ingenuidade, pois ele não compreende que possa haver tantas dificuldades para se assistir a uma festa, e ainda mais que os convidados incitem a resistência até massacrar os enviados do senhor da casa. “As parábolas, diz ele, constituem, sem dúvida, imagens, mas, mesmo assim, não devem sair dos limites do verossímil.”

Pode-se dizer o mesmo de todas as alegorias, das fábulas mais engenhosas, caso a gente não as despoje de seu invólucro para lhes procurar o sentido oculto. Jesus baseava as suas nos usos mais ordinários da vida e as adaptava aos costumes e ao caráter do povo com quem falava; a maioria tinha por alvo fazer que as massas se compenetrassem da ideia da vida espiritual; o sentido parece ininteligível apenas porque não se parte desse ponto de vista.

Nesta parábola, Jesus compara o reino dos céus, onde tudo é felicidade e alegria, a uma festa. Através dos primeiros convidados, ele faz alusão aos hebreus, os primeiros que Deus havia chamado para o conhecimento de sua lei. Os enviados do mestre são os profetas, que vinham exortá-los a seguir a rota da verdadeira felicidade; mas suas palavras foram pouco ouvidas; suas advertências foram menosprezadas; muitos mesmo foram massacrados, como os servos da parábola. Os convidados que se escusaram nos cuidados que deviam a seus campos e a seu comércio são o símbolo das pessoas da sociedade que, absorvidas pelas coisas terrenas, permanecem indiferentes quanto às coisas celestes.

Era uma crença, entre os judeus de então, que sua nação tinha que alcançar supremacia sobre todas as outras. Com efeito, não tinha Deus prometido a Abraão que sua posteridade cobriria toda a Terra? Mas sempre, tomando a forma pelo fundo, eles acreditavam em uma dominação efetiva e material.

Antes da vinda do Cristo, com exceção dos hebreus, todos os povos eram idólatras e politeístas. Se alguns homens superiores ao vulgo conceberam a ideia da unidade divina, essa ideia permaneceu no estado de sistema pessoal, mas, em nenhuma parte, foi aceita como verdade fundamental, a não ser por alguns iniciados, que escondiam seus conhecimentos sob um véu misterioso, impenetrável para as massas. Os judeus foram os primeiros que praticaram publicamente o monoteísmo; a eles é que Deus transmitiu sua lei, primeiro, através de Moisés, depois, de Jesus; desse pequeno foco é que partiu a luz que devia difundir-se sobre o mundo inteiro, triunfar do paganismo e dar a Abraão uma posteridade *espiritual* “tão numerosa quanto as estrelas do firmamento”. Mas os judeus, rejeitando, embora, a idolatria, tinham negligenciado a lei moral, para se apegar à prática mais fácil das formas exteriores. O mal estava no máximo: a nação escravizada se desmembrou em facções, se dividiu em seitas; a incredulidade mesma havia penetrado até no santuário. Então é que apareceu Jesus, enviado para chamá-los à observância da lei, e para lhes abrir os novos horizontes da vida futura; convidados *primeiros* ao grande banquete da fé universal, eles rejeitaram a palavra do celeste Messias e o mataram; eis como perderam o fruto que podiam ter colhido por sua iniciativa.

Seria injusto, de qualquer modo, acusar o povo inteiro por esse estado de coisas; a responsabilidade disso incumbe, principalmente, aos fariseus e aos saduceus, que arruinaram a nação, pelo orgulho e fanatismo de uns e pela incredulidade dos outros. São esses, sobretudo, que Jesus representa nos convidados que se recusam a ir ao banquete de núpcias. Depois ele acrescenta: “O Senhor, vendo isso, fez convidar a todos os que se

encontraram nas encruzilhadas, bons e maus”; ele dava a entender, desse modo, que a palavra ia ser pregada a todos os outros povos, pagãos e idólatras, e que estes, aceitando-a, seriam admitidos à festa no lugar dos primeiros convidados.

Mas não é suficiente ser convidado; não é suficiente levar o nome de cristão, nem sentar-se à mesa para tomar parte no celeste banquete; é preciso, antes de tudo, e como condição expressa, estar vestido com a roupa nupcial, quer dizer, possuir a pureza do coração e praticar a lei segundo o espírito; ora, essa lei se acha toda inteira nestas palavras: *Fora da caridade não existe salvação*. Mas, entre todos os que ouvem a palavra divina, quão poucos são os que a guardam e lhe tiram proveito! Quão poucos se tornam dignos de entrar no reino dos céus! Eis porque Jesus disse: *Haverá muitos chamados e poucos eleitos*.

A porta estreita.

3. Entrem pela porta estreita, porque a porta da perdição é larga e o caminho que para aí leva é espaçoso, e existem muitos que entram por aí. — Quanto a porta da vida é pequena! Quanto o caminho que leva para lá é estreito! E quão poucos são os que a encontram! (São Mateus, VII: 13 e 14.)

4. Tendo-lhe feito alguém esta pergunta: Senhor, serão poucos os que vão salvar-se?, ele lhes respondeu: — Façam um esforço para entrar pela porta estreita, pois eu lhes asseguro que muitos procurarão entrar por aí e não conseguirão. — E quando o pai de família houver entrado e houver fechado a porta, e vocês, estando fora, vocês começarem a bater, dizendo: Senhor, abre para nós; ele lhes responderá: Eu não sei de onde vocês são. — Então, vocês começarão a dizer: Nós comemos e bebemos em sua presença e o senhor nos ensinou em nossas praças públicas. — E ele lhes responderá: Eu não sei de onde vocês são; afastem-se de mim, vocês todos que procedem com iniquidade.

Será, então, que haverá prantos e rangidos de dentes, quando vocês verão que Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas estarão no reino de Deus e que vocês ficarão rechaçados do lado de fora. E virão do oriente e do ocidente, do setentrião e do meio-dia, os que terão lugar na festa do reino de Deus. — Então, os que são os últimos serão os primeiros, e os que são os primeiros serão os últimos. (São Lucas, XIII: 23 a 30.)

5. A porta da perdição é larga, porque as más paixões são numerosas e a rota do mal é frequentada pelo maior número. A da salvação é estreita, porque o homem que deseja franqueá-la tem que fazer grandes esforços sobre si mesmo, para vencer suas más tendências, e porque poucos se resignam a isso; eis o complemento da máxima: Existem muitos chamados e poucos eleitos.

Tal é o estado atual da humanidade terrestre, porque, sendo a Terra um mundo de expiação, o mal aí predomina; quando ela estiver transformada, a rota do bem será a mais frequentada. Estas palavras, portanto, devem ser entendidas em sentido relativo e não em sentido absoluto. Se esse tivesse que ser o estado normal da humanidade, Deus teria voluntariamente devotado à perdição a imensa maioria de suas criaturas; suposição inadmissível desde que se reconheça que Deus é todo justiça e todo bondade.

Mas de quais malfeitos esta humanidade poderia ser culpada, para merecer uma sorte tão triste, no presente e no futuro, se ela estivesse toda relegada à Terra, e se a alma não houvesse tido outras existências? Por que tantos entraves semeados em sua rota? Por que essa porta tão estreita, que permite somente a um número mínimo franquear, se a sorte da alma está fixada para sempre após a morte? Eis como, com a unicidade da existência, se está incessantemente em contradição consigo mesmo e com a justiça de Deus. Com a anterioridade da alma e a pluralidade dos mundos, o horizonte se amplia; faz-se a luz sobre os pontos mais obscuros da fé; o presente e o futuro ficam solidários com o passado; somente então se tem como compreender toda a verdade e toda a sabedoria das máximas do Cristo.

Dos que dizem: Senhor!, Senhor!, nem todos entrarão no reino dos céus.

6. Dos que me dizem: Senhor!, Senhor!, nem todos entrarão no reino dos céus; mas somente entrará quem faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. — Muitos me dirão, nesse dia: Senhor!, Senhor!, nós não temos profetizado em seu nome? Nós não temos expulsado os demônios em seu nome e não temos realizado muitos milagres em seu nome? — E então eu lhes direi alto e claro: Afastem-se de mim, vocês que realizam as obras da iniquidade. (São Mateus, VII: 21 a 23.)

7. Qualquer um, portanto, que ouve estas palavras que eu digo e as pratica será comparado a um homem sábio que construiu sua casa sobre a rocha; — e, quando a chuva caiu, quando os rios transbordaram, quando os ventos sopraram e se abateram sobre aquela casa, ela não tombou jamais, porque estava fundada sobre a rocha. — Mas qualquer um que ouve estas palavras que eu digo e não as pratica de forma alguma, será semelhante a um homem insensato que construiu sua casa sobre a areia; e, quando a chuva caiu, quando os rios transbordaram, quando os ventos sopraram e se abateram sobre aquela casa, ela desmoronou, e sua ruína foi grande. (São Mateus, VII: 24 a 27 e São Lucas, VI: 47 a 49.)

8. Portanto, quem violar um desses menores mandamentos e quem ensinar os homens a violá-los será visto no reino dos céus como o último; mas quem praticar e ensinar será grande no reino dos céus. (São Mateus, v: 19.)

9. Todos os que admitem a missão de Jesus, dizem: Senhor! Senhor! Mas de que serve chamá-lo Mestre ou Senhor, sem seguir seus preceitos? São cristãos os que o honram através de atos exteriores de devoção e sacrificam, ao mesmo tempo, ao orgulho, ao egoísmo, à cupidez e a todas as suas paixões? São discípulos dele os que passam os dias em preces e nem por isso são melhores, nem mais caridosos, nem mais indulgentes com seus semelhantes? Não, pois, assim como os fariseus, eles têm a prece nos lábios e não no coração. Com sua fórmula, eles conseguem impor-se aos homens, mas não a Deus. Embalde é que dirão a Jesus: “Senhor, nós temos profetizado, quer dizer, ensinado em seu nome; nós temos expulsado os demônios em seu nome; nós temos bebido e comido consigo”; ele lhes responderá: “Eu não sei quem são vocês; afastem-se de mim, vocês que praticam iniquidades, vocês que desmentem suas palavras através de suas ações, que caluniam seu próximo, que espoliam as viúvas e cometem adultério; afastem-se de mim,

vocês cujo coração destila ódio e fel, vocês que derramam o sangue de seus irmãos em meu nome, que fazem correr as lágrimas em lugar de secá-las. Para vocês, haverá prantos e rangidos de dentes, pois o reino de Deus é para os que são mansos, humildes e caridosos. Não esperem vergar a justiça do Senhor pela multiplicidade de suas palavras e de suas genuflexões; a única via que lhes está aberta para alcançarem graça diante dele, é a prática sincera da lei de amor e de caridade.”

As palavras de Jesus são eternas, porque constituem a verdade. Elas não são somente a salvaguarda da vida celeste, mas também a segurança da paz, da tranquilidade e da estabilidade nas coisas da vida terrestre; eis porque todas as instituições humanas, políticas, sociais e religiosas, que se apoiarem nessas palavras serão estáveis como a casa construída sobre a rocha; os homens as conservarão, porque aí encontrarão sua felicidade; mas as que forem a violação delas serão como a casa construída sobre a areia: o vento das revoluções e a correnteza do progresso as arrebatarão.

Muito se pedirá a quem muito recebeu.

10. O servo que tiver conhecido a vontade de seu mestre e que, apesar disso, não se tiver aprestado nem tiver feito o que ele lhe solicitava será espancado rudemente; — mas quem não tiver conhecido a vontade dele e tiver praticado coisas dignas de castigo será espancado menos. Muito se pedirá a quem muito se tiver dado, e se fará prestar maior conta a quem se tiverem confiado mais coisas. (São Lucas, XII: 47 e 48.)

11. Eu vim a este mundo para realizar um julgamento, a fim de que os que nada veem vejam, e os que veem fiquem cegos. — Alguns fariseus que estavam com ele escutaram essas palavras e lhe perguntaram: Nós somos, então, cegos também? — Jesus lhes respondeu: Se vocês fossem cegos, não cometeriam nenhum pecado; mas, agora vocês dizem que veem, e é por isso que seu pecado permanece em vocês. (São João, IX: 39 a 41.)

12. Essas máximas encontram sua aplicação sobretudo no ensinamento dos Espíritos. Qualquer um que conheça os preceitos do Cristo é culpado, com certeza, de não praticá-los; mas, além de o Evangelho que os contém se difundir apenas entre as seitas cristãs, entre estas, quantas pessoas existem que não o leem e, entre as que o leem, quantas existem que não o compreendem! Disso resulta que as palavras mesmas de Jesus se perdem para a grande maioria.

O ensinamento dos Espíritos que reproduz essas máximas sob diferentes formas, que as desenvolve e as comenta para colocá-las ao alcance de todos, tem de particular que não é em absoluto circunscrito, e que cada um, letrado ou iletrado, crente ou descrente, cristão ou não, é capaz de recebê-lo, pois os Espíritos se comunicam por toda a parte; ninguém dentre os que o recebem, diretamente ou por intermediação, tem como pretextar ignorância; ninguém tem como escusar-se nem com sua falta de instrução, nem com a obscuridade do sentido alegórico. Portanto, quem não tira proveito delas para sua melhoria, quem as admira como algo interessante e curioso, sem que seu coração seja tocado por elas, quem não fica nem menos vaidoso, nem menos orgulhoso, nem menos

egoísta, nem menos apegado aos bens materiais, nem melhor para seu próximo, é tanto mais culpado quanto maiores meios possui de conhecer a verdade.

Os médiuns que obtêm boas comunicações são ainda mais repreensíveis por persistirem no mal, porque, muitas vezes, escrevem sua própria condenação e porque, se não estivessem cegos pelo orgulho, reconheceriam que é a eles que os Espíritos se endereçam. Mas, em lugar de tomar para si as lições que escrevem, ou que veem escrever, seu único pensamento é de aplicá-las aos outros, realizando assim esta proposição de Jesus: “Vocês veem uma palha no olho de seu próximo e não veem a trave no seu.” (Cap. x, n.º 9.)

Por esta outra proposição: “Se vocês fossem cegos, não teriam nunca pecado”, Jesus entende que a culpabilidade está na proporção das luzes que se possui; ora, os fariseus, que tinham a pretensão de ser, e que eram, com efeito, a parte mais esclarecida da nação, eram mais repreensíveis aos olhos de Deus que o povo ignorante. É o que acontece hoje em dia.

Aos espíritas muito será pedido, portanto, porque eles têm muito recebido; mas também aos que tiverem tirado proveito será dado de sobejo.

O primeiro pensamento de todo espírita sincero tem de ser o de buscar, nos conselhos oferecidos pelos Espíritos, se não existe alguma coisa que lhe concirna.

O espiritismo vem multiplicar o número dos *chamados*; pela fé que propicia, ele multiplicará também o número dos *eleitos*.

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

Será dado a quem tem.

13. Aproximando-se seus discípulos, lhes perguntaram: Por que você lhes fala por parábolas? — E respondendo-lhes, ele lhes disse: É porque, quanto a vocês, lhes é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas, quanto a eles, não lhes é dado. — Pois, a qualquer um que já tenha, lhe será dado ainda, e ele estará na abundância; mas para quem nada tem, lhe será tirado mesmo o que tem. — Eis porque eu lhes falo por parábolas; porque, ao verem, não veem nada e porque, ao ouvirem, não ouvem nem compreendem nada. — E a profecia de Isaías se cumpre neles, quando diz: Vocês ouvirão com seus ouvidos e não escutarão nada; vocês olharão com seus olhos e não verão nada. (São Mateus, XIII: 10 a 14.)

14. Prestem bastante atenção ao que vão ouvir; pois se servirão para com vocês da mesma medida de que vocês se servirem para com os outros, e lhes será dado ainda a mais; — pois se dará a quem já tem, e, a quem não tem nada, lhe será tirado mesmo o que ele tem. (São Marcos, IV: 24 e 25.)

15. “Dá-se a quem já tem e retira-se a quem não tem”; meditem sobre esses grandes ensinamentos, que lhes tem, muitas vezes, parecido paradoxais. Quem recebeu é quem possui o sentido da palavra divina; ele a recebeu apenas porque tentou tornar-se

digno dela, e porque o Senhor, no seu amor misericordioso, encoraja os esforços que tendem ao bem. Esses esforços sólidos, perseverantes, atraem as graças do Senhor; são como um ímã que invoca para ele a melhoria progressiva, as graças abundantes, que tornam vocês fortes para escalar a montanha sagrada, em cujo cimo se acha o repouso depois do trabalho.

“Tira-se de quem não tem nada, ou de quem tem pouco”; tomem isso como uma figura de oposição. Deus não retira de suas criaturas o bem que se dignou praticar-lhes. Homens cegos e surdos! Abram suas inteligências e seus corações; vejam através de sua mente; ouçam através de sua alma, e não interpretem de maneira tão grosseiramente injusta as palavras de quem fez resplender a seus olhos a justiça do Senhor. Não é Deus quem retira de quem pouco recebeu, mas é o Espírito, ele mesmo, que, pródigo e desleixado, não sabe conservar o que tem, e não sabe multiplicar, fecundando-o, o óbolo caído em seu coração.

Quem não cultiva o campo que o trabalho de seu pai granjeou para ele, e que ele herda, vê esse campo cobrir-se de parasitos. É seu pai quem lhe retoma as colheitas que ele não quis preparar? Se ele deixou os grãos destinados a produzir nesse campo mofarem por falta de cuidado, pode acusar seu pai por eles não produzirem nada? Não, não; em lugar de acusar quem lhe havia preparado tudo de retomar seus presentes, que ele acuse o verdadeiro autor de suas misérias e que, então, arrependido e ativo, que ele ponha mãos à obra com coragem; que ele sulque o solo ingrato, através do esforço de sua vontade; que ele o lavre até as entranhas, com a ajuda do arrependimento e da esperança; que ele lance, com confiança, o grão que tiver escolhido como bom entre as maus; que ele o regue de seu amor e de sua caridade, e Deus, o Deus de amor e de caridade, dará a quem já recebeu. Então, ele verá seus esforços coroados de sucesso, e um grão produzir cem, e um outro, mil. Coragem, trabalhadores; peguem suas grades e suas charruas; lavrem seus corações; arranquem-lhes o joio; semeiem a bom grão que o Senhor lhes confia, e o orvalho do amor os fará dar os frutos da caridade. (UM ESPÍRITO AMIGO. Bordéus, 1862.)

Reconhece-se o cristão pelas suas obras.

16. “Dos que me dizem: Senhor, Senhor, nem todos entrarão no reino dos céus, mas somente quem faz a vontade de meu Pai que está nos céus.”

Escutem essa proposição do Mestre, vocês todos que rechaçam a doutrina espírita como uma obra do demônio. Abram seus ouvidos: o momento de ouvir chegou.

Basta levar a libré do Senhor, para ser um servo fiel? Basta dizer: “Eu sou cristão”, para seguir Cristo? Procurem os verdadeiros cristãos e vocês os reconhecerão pelas suas obras. “Uma árvore boa não tem como dar maus frutos, nem uma árvore má, dar bons frutos.” “Toda árvore que não dá bons frutos é cortada e lançada ao fogo.” Eis aí as palavras do Mestre; discípulos de Cristo, compreendam-nas bem. Quais são os frutos que tem que dar a árvore do cristianismo, árvore pujante, cujos ramos frondosos cobrem com sua sombra uma parte do mundo, mas não abrigaram ainda a todos os que têm que se

alinhar em torno dela? Os frutos da árvore de vida são frutos de vida, de esperança e de fé. O cristianismo, tal como tem feito desde muitos séculos, prega sempre essas divinas virtudes; ele busca difundir seus frutos, mas quão poucos os colhem! A árvore é sempre boa, mas os jardineiros são maus. Eles desejaram amoldá-la à sua ideia; eles desejaram modelá-la conforme suas necessidades; eles a podaram, reduziram, mutilaram; seus ramos estéreis não dão maus frutos, nem nada mais. O viajante sedento que para sob sua sombra, para achar o fruto de esperança que lhe pode dar a força e a coragem, só encontra ramos secos, que fazem pressentir a tempestade. Em vão ele pede o fruto de vida à árvore de vida: as folhas caem ressecadas; a mão do homem tanto as manobrou que as abrasou!

Abram, portanto, seus ouvidos e seus corações, meus bem-amados! Cultivem essa árvore de vida cujos frutos oferecem a vida eterna. Quem a plantou os concita a cuidar dela com amor, e vocês a verão dar ainda com abundância seus frutos divinos. Deixem-na tal como Cristo lha ofereceu: não a mutilem; sua sombra imensa deseja estender-se sobre o universo: não lhe reduzam seus ramos. Seus frutos benéficos pendem em abundância para sustentar o viajante sedento, que deseja atingir seu destino; não os amontoem, esses frutos, para trancá-los e os deixar apodrecer, a fim de que não venham a servir a ninguém. “Existem muitos chamados e poucos eleitos”; é que existem monopolizadores para o pão de vida, como existem muitas vezes para o pão material. Não se alinhem nesse número; a árvore que dá bons frutos tem que distribuí-los para todos. Vão, portanto, procurar os que estão sedentos; tragam-nos para debaixo dos ramos da árvore e compartilhem com eles o abrigo que ela lhes oferece. — “Não se colhem uvas dos espinheiros.” Meus irmãos, afastem-se, assim, dos que os chamam para lhes exhibir os empecilhos do caminho e sigam os que os conduzem à sombra da árvore de vida.

O Divino Salvador, o Justo por excelência, disse e suas palavras não passarão: “Dos que me dizem: Senhor, Senhor, nem todos entrarão no reino dos céus, mas somente os que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus.”

Que o Senhor da graça os abençoe; que o Deus da luz os ilumine; que a árvore de vida penda sobre vocês seus frutos com abundância! Creiam e orem! (SIMEÃO. Bordéus, 1863.)

CAPÍTULO XIX

A FÉ TRANSPORTA AS MONTANHAS.

Poder da fé. — A fé religiosa. Condição da fé inabalável. — Parábola da figueira seca. — *Mensagens dos Espíritos*: A fé, mãe da esperança e da caridade. — A fé divina e a fé humana.

O poder da fé.

1. Quando ele veio na direção do povo, um homem se aproximou dele, jogou-se de joelhos a seus pés, e lhe disse: Senhor, tenha piedade de meu filho, que é lunático e sofre muito, pois ele cai muitas vezes no fogo e muitas vezes na água. Eu o mostrei a seus discípulos, mas eles não conseguiram curá-lo. — E Jesus respondeu, dizendo: Ó raça incrédula e depravada, até quando estarei consigo, até quando irei suportá-la? Tragam-me aqui essa criança. — E, tendo Jesus ameaçado o demônio, ele saiu da criança, que se curou no mesmo instante. — Então os discípulos vieram a Jesus em particular, e lhe perguntaram: Por que nós não conseguimos expulsar esse demônio? — Jesus lhes respondeu: Por causa de sua incredulidade. Pois eu o afirmo a vocês em verdade: *se tivessem a fé como um grão de mostarda, vocês diriam a esta montanha: Transporte-se daqui para lá, e ela se transportaria, e nada lhes seria impossível.* (São Mateus, xvii: 14 a 20.)

2. No sentido próprio, é certo que a confiança em suas próprias forças torna a pessoa capaz de executar coisas materiais que não consegue fazer quando duvida de si; mas aqui é unicamente no sentido moral que é preciso entender essas palavras. As montanhas que a fé soergue são as dificuldades, as resistências, a má vontade, em suma, que se encontra entre os homens, mesmo quando se trata das melhores coisas; os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo, as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que barram o caminho de qualquer um que trabalhe para o progresso da humanidade. A fé robusta proporciona a perseverança, a energia e os recursos que fazem vencer os obstáculos, tanto nas pequenas coisas, quanto nas grandes; a que é vacilante promove a incerteza, a hesitação, de que se aproveitam os

que desejam combatê-la; ela não busca os meios de vencer, porque não crê que consiga vencer.

3. Em uma outra acepção, a fé se refere à confiança que se tem na efetivação de uma coisa, à certeza de atingir um alvo; ela concede uma espécie de lucidez, que faz ver, no pensamento, o termo para o qual se propende e os meios de aí chegar, de sorte que quem a possui caminha, por assim dizer, com toda a certeza. Em um e outro caso, ela é capaz de fazer que se realizem grandes coisas.

A fé sincera e verdadeira é sempre tranquila; ela proporciona a paciência que sabe esperar, porque, tendo seu ponto de apoio na inteligência e na compreensão das coisas, ela está certa de chegar; a fé dúbia sente sua própria fraqueza; quando é estimulada pelo interesse, se torna furibunda, e crê suprir a força através da violência. A calma na luta é sempre um sinal de força e de confiança; a violência, ao contrário, é uma prova de fraqueza e de dúvida de si mesmo.

4. É preciso resguardar-se de confundir a fé com a presunção. A verdadeira fé se alia à humildade; quem a possui põe sua confiança em Deus mais que em si mesmo, porque sabe que, simples instrumento da vontade de Deus, ele não consegue nada sem ele; eis porque os bons Espíritos lhe vêm em ajuda. A presunção é menos fé que orgulho, e o orgulho é sempre castigado, cedo ou tarde, através da decepção e das derrotas que lhe são infligidas.

5. O poder da fé abriga uma aplicação direta e especial na ação magnética; através dela, o homem atua sobre o fluido, agente universal; modifica-lhe as qualidades e imprime-lhe uma impulsão, por assim dizer, irresistível. Eis porque quem, a um grande poder fluídico normal, junta uma fé ardente, é capaz, através somente de sua vontade dirigida para o bem, de realizar esses fenômenos estranhos de curas e outros, que outrora passavam por prodígios, mas que mais não são do que as consequências de uma lei natural. Tal é o motivo pelo qual Jesus disse a seus apóstolos: se vocês não curaram, é porque vocês não tinham fé.

A fé religiosa. Condição da fé inabalável.

6. Do ponto de vista religioso, a fé é a crença nos dogmas particulares que constituem as diferentes religiões; todas as religiões têm seus artigos de fé. Sob esse aspecto, a fé pode ser *raciocinada* ou *cega*. Não examinando nada, a fé cega aceita sem controle tanto o falso quanto o verdadeiro, e se choca, a cada passo, contra a evidência e a razão; instigada ao máximo, ela produz o *fanatismo*. Quando a fé repousa sobre o erro, ela se rompe cedo ou tarde; a que tem por base a verdade é a única segura do futuro, porque não tem nada a temer quanto ao progresso das luzes, tendo em vista que *o que é verdadeiro na sombra o é igualmente debaixo de forte luminosidade*. Cada religião

pretende estar na posse exclusiva da verdade; *preconizar a fé cega sobre um ponto de crença é confessar sua impotência em demonstrar que tem razão.*

7. Diz-se popularmente que *a fé a gente não controla*; por isso, muitas pessoas afirmam que não é por culpa sua que não possuem fé. Sem dúvida, a fé não se controla, e, o que é ainda mais correto: *a fé a gente não impõe*. Não, a fé a gente não controla, mas adquire e não existe ninguém que esteja proibido de possuí-la, mesmo entre as pessoas mais refratárias. Nós falamos das verdades espirituais fundamentais e não de tal ou de qual crença particular. Não cabe à fé ir até elas, mas a elas ir à presença da fé, e, caso a busquem com sinceridade, elas a encontrarão. Tenham como certo que os que dizem: “Nós não quereríamos outra coisa além de crer, mas nós não conseguimos”, o dizem com a boca e não com o coração, pois, ao dizerem isso, tampam as orelhas. As provações, contudo, abundam em torno deles; por que, então, se recusam a ver? Em uns, é a despreocupação; em outros, o receio de serem forçados a mudar seus hábitos; na maioria, é o orgulho que se nega a reconhecer um poder superior, porque precisaria inclinar-se diante dele.

Em certas pessoas, a fé parece de algum modo inata: uma chispa é suficiente para desenvolvê-la. Essa facilidade para absorver as verdades espirituais é um sinal evidente de progresso anterior. Em outras, ao contrário, elas não penetram senão com dificuldade, sinal não menos evidente de uma natureza em atraso. As primeiras já creram e compreenderam; elas trazem, ao *renascer*, a intuição do que conheceram: sua educação já se fez; as segundas têm tudo para aprender: sua educação está por fazer; ela se fará e, se não estiver terminada nesta existência, ela o será em uma outra.

A resistência do incrédulo, é preciso convir, se deve, geralmente, menos a ele que à maneira como as coisas lhe são apresentadas. A fé precisa de uma base e tal base é a percepção perfeita daquilo em que se tem de crer; para crer, não é suficiente *ver*; é preciso, sobretudo, *compreender*. A fé cega não é adequada a este século dezenove; ora, é precisamente o dogma da fé cega que origina, hoje em dia, o maior número de incrédulos, porque ela deseja impor-se, e porque exige a abdicação de duas das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio. É essa a fé à qual, sobretudo, resiste o incrédulo, e que ele está certo em afirmar que não se controla; não se justificando com provas, ela deixa na mente um vazio donde brota a dúvida. A fé raciocinada, a que se apoia nos fatos e na lógica, não deixa atrás de si nenhuma obscuridade: a gente crê porque está certa e está certa apenas quando compreendeu; eis aí porque ela não se verga jamais; pois *só é inabalável a fé que consegue defrontar a razão face a face em todas as épocas da humanidade.*

É a esse resultado que conduz o espiritismo, por isso triunfa da incredulidade todas as vezes que não encontra oposição sistemática e interessada.

Parábola da figueira seca.

8. Assim que eles saíam da Betânia, ele teve fome; — e, vendo de longe uma figueira, ele foi ver se conseguiria achar ali alguma coisa; e, tendo-se aproximado dela, ele só encontrou folhas, pois não era tempo de figos. — Então Jesus disse à figueira: Que ninguém coma nenhum fruto seu; o que seus discípulos ouviram. — De manhã, eles viram, ao passarem pela figueira, que ela ficara seca até à raiz. — E Pedro, lembrando-se da palavra de Jesus, lhe disse: Mestre, veja como a figueira que você amaldiçoou ficou seca. — Tomando a palavra, Jesus lhes disse: Tenham fé em Deus. — Eu lhes digo em verdade que qualquer um que disser a este monte: Saia daí e se jogue no mar, e isso sem hesitar em seu coração, mas crendo firmemente em que tudo o que tiver dito acontecerá, ele o verá, com efeito, acontecer. (São Marcos, xi: 12 a 14 e 20 a 23.)

9. A figueira seca constitui o símbolo das pessoas que só têm as aparências do bem mas, na realidade, não produzem nada de bom; dos oradores que possuem mais brilho do que solidez; suas palavras possuem o verniz da superfície; elas agradam aos ouvidos, mas, quando a gente as perscruta, não encontra nada de substancial para o coração; após tê-las ouvido, a gente pergunta que proveito se tirou delas.

É ainda o símbolo de todas as pessoas que possuem os meios de serem úteis e não o são; de todas as utopias, de todos os sistemas vazios, de todas as doutrinas sem base sólida. O que falta, na maior parte do tempo, é a verdadeira fé, a fé fecunda, a fé que agita as fibras do coração, em suma, a fé que transporta as montanhas. São árvores que possuem folhas, mas nada de frutos; eis porque Jesus as condena à esterilidade, pois um dia virá quando secarão até à raiz; quer dizer que todos os sistemas, todas as doutrinas que não tiverem produzido nenhum bem para a humanidade tombarão no nada; que todos os homens espontaneamente inúteis, por falta de haverem posto em ação os recursos ao seu alcance, serão tratados como a figueira seca.

10. Os médiuns são os intérpretes dos Espíritos; eles suprem os órgãos materiais que faltam a estes para nos transmitirem suas mensagens; eis porque estão dotados de faculdades para tal efeito. Nestes tempos de renovação social, eles têm u'a missão específica; são árvores que têm de fornecer o alimento espiritual a seus irmãos; eles se multiplicam, para que o alimento seja abundante; alimento que se encontra em toda a parte, em todos os países, em todas as camadas da sociedade, entre os ricos e os pobres, entre os grandes e os pequenos, a fim de que não haja em absoluto deserdados, e para comprovar aos homens que *todos são chamados*. Mas, se eles se afastam de seu alvo providencial, a faculdade preciosa que lhes foi concedida, se a põem a serviço das coisas fúteis e nocivas, se a põem a serviço de interesses mundanos, se, em lugar de frutos salutareis, dão maus frutos, se se negam a torná-la proveitosa em função dos outros, se não extraem proveito dela para si mesmos melhorando-se, eles são como a figueira estéril; Deus lhes retirará um dom que acabou inútil em suas mãos: a semente que não sabem fazer frutificar, e os deixará presa dos maus Espíritos.

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

A fé, mãe da esperança e da caridade.

11. A fé, para ser proveitosa, tem que ser ativa; não pode estagnar. Mãe de todas as virtudes que levam a Deus, ela tem de velar atentamente pelo desenvolvimento das filhas que pare.

A esperança e a caridade são uma consequência da fé; essas três virtudes constituem uma trindade inseparável. Não é a fé que dá a esperança de ver cumprirem-se as promessas do Senhor? Pois, se vocês não têm fé, o que estão esperando? Não é a fé que dá o amor? Pois, se vocês não têm fé, que recompensa terão e, em consequência, que amor?

A fé, divina inspiração de Deus, acorda todos os nobres instintos que conduzem o homem ao bem; é a base da regeneração. É preciso, portanto, que essa base seja forte e durável, pois, se a menor dúvida vem abalá-la, em que se transforma o edifício que vocês estão construindo em cima? Elevem, pois, esse edifício sobre fundações inabaláveis; que sua fé seja mais forte que os sofismas e os sarcasmos dos incrédulos, pois a fé que não enfrenta o ridículo dos homens não é a verdadeira fé.

A fé sincera é atraente e contagiosa; ela se comunica aos que não a possuíam ou mesmo não desejavam possuí-la; ela acha palavras persuasivas que vão até a alma, ao passo que a fé de fachada possui tão só palavras sonoras, que causam frio e indiferença. Preguem através do exemplo de sua fé, para oferecê-la aos homens; preguem através do exemplo de suas obras, para fazer que vejam o mérito da fé; preguem através de sua esperança inabalável, para fazer que vejam a confiança que fortalece e incita a enfrentar todas as vicissitudes da vida.

Logo, tenham a fé com tudo o que ela possui de belo e de bom, com sua pureza, com sua racionalidade. Não admitam a fé sem controle, filha cega da cegueira. Amem a Deus, mas saibam por que vocês o amam; creiam em suas promessas, mas saibam por que vocês creem nelas; sigam nossos conselhos, mas tenham em conta o alvo que lhes apontamos e os meios que lhes trazemos para atingi-lo. Creiam e esperem sem jamais fraquejar: os milagres são obra da fé. (JOSÉ, ESPÍRITO PROTETOR. Bordéus, 1862.)

A fé divina e a fé humana.

12. A fé é o sentimento inato no homem, quanto aos seus destinos futuros; é a consciência que possui das faculdades imensas cujo germe se acha depositado nele, em estado latente de início, e que ele pode fazer eclodir e fazer crescer, através da sua vontade atuante.

Até o presente, a fé foi compreendida apenas sob o aspecto religioso, porque o Cristo a preconizou como poderosa alavanca e porque viram nele apenas o chefe de uma religião. Mas o Cristo, que empreendeu milagres materiais, demonstrou, através desses mesmos milagres, o de que é capaz o homem quando tem fé, quer dizer, *a vontade de querer*, e a certeza de que essa vontade tem como alcançar seu desígnio. Os apóstolos,

pelo exemplo dele, não realizaram também milagres? Ora, que eram tais milagres senão os efeitos naturais cuja causa era desconhecida dos homens de então, mas que se explica, em grande parte, hoje em dia, e que se compreenderá completamente através do estudo do espiritismo e do magnetismo?

A fé é humana ou divina, conforme o homem aplique suas faculdades às necessidades terrenas ou às suas aspirações celestes e futuras. O homem de gênio que persegue a realização de alguma grande empresa vence se possui fé, porque sente em si que pode e precisa vencer, e essa certeza lhe fornece uma força imensa. O homem de bem que, acreditando em seu futuro celeste, deseja encher sua vida de nobres e belas ações, extrai de sua fé, da certeza da felicidade que espera por ele, a força necessária, e aí também acontecem os milagres da caridade, do devotamento e da abnegação. Enfim, com a fé, não existem maus pendoros que não se venha a vencer.

O magnetismo é uma das maiores comprovações do poder da fé posta em ação; é através da fé que ele cura e produz os fenômenos estranhos que, outrora, foram qualificados de milagres.

Eu repito: a fé é *humana* e *divina*; se todos os encarnados estivessem bem persuadidos da força que possuem em si e se desejassem colocar sua vontade a serviço dessa força, eles seriam capazes de realizar o que, até hoje, se chamou de prodígios, e que mais não é simplesmente que um desenvolvimento das faculdades humanas. (UM ESPÍRITO PROTETOR. Paris, 1863.)

CAPÍTULO XX

OS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA.

Mensagens dos Espíritos: Os últimos serão os primeiros. — Missão dos espíritas. — Os trabalhadores do Senhor.

1. O reino dos céus é semelhante a um patriarca que saiu bem cedo, a fim de contratar operários para trabalharem em sua vinha; — tendo ajustado com os trabalhadores que eles ganhariam um denário por sua jornada, ele os enviou à vinha. — Ele saiu ainda pela terceira hora do dia e, tendo visto outros que ficavam na praça sem nada fazer, — disse-lhes: Vão vocês também à minha vinha e eu lhes darei o que for razoável; — e eles se foram. Ele saiu ainda pela sexta e pela nona hora do dia, e fez a mesma coisa. — E, tendo saído pela undécima hora, encontrou outros que estavam lá sem nada fazer, aos quais perguntou: Por que permanecem vocês aqui ao longo do dia sem trabalhar? — É porque, responderam-lhe eles, ninguém nos contratou; e ele lhes disse: Vão vocês também à minha vinha.

Havendo chegado a tarde, o dono da vinha disse a quem administrava seus negócios: Chame os operários e os pague, começando dos últimos até os primeiros. — Portanto, os que tinham vindo à vinha só pela undécima hora, tendo-se aproximado, receberam cada um um denário. — Os que tinham sido contratados primeiro, chegando sua vez, julgaram que lhes dariam mais; porém, eles receberam não mais que um denário cada um: — e, ao receberem-no, resmungavam contra o patriarca, — dizendo: Estes últimos só trabalharam uma hora e o senhor os pôs a par conosco, que carregamos o peso do dia e do calor.

Mas, como resposta, ele disse a um deles: Meu amigo, eu não lhe faço nenhuma injustiça; você não combinou comigo um denário por sua jornada? Pegue o que lhe pertence, e se vá; quanto a mim, eu desejo dar a este último o mesmo que a você. — Não me é, então, concedido fazer o que eu desejo? E seu olho é mau, porque eu sou bom?

Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos, porque existem muitos chamados e poucos eleitos. (São Mateus, xx: 1 a 16. Ver também: Parábola da festa de núpcias, cap. XVIII, n.º 1.)

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

Os últimos serão os primeiros.

2. O trabalhador da última hora tem direito ao salário, mas é necessário que sua boa vontade o tenha mantido à disposição do patrão que precisava empregá-lo, e que esse atraso não tenha sido o fruto de sua preguiça ou de sua má vontade. Ele tem direito ao salário, porque, desde a aurora, esperava impacientemente quem, enfim, o chamasse para o serviço; ele era trabalhador; só lhe faltava o trabalho.

Mas, se ele tivesse recusado o trabalho a qualquer hora do dia; se tivesse dito: Tenhamos paciência; o descanso me é tão gostoso; quando a derradeira hora soar, vai ser o momento de pensar no salário da jornada. Que necessidade tenho de me preocupar com um patrão que não conheço e não estimo?! Quanto mais tarde, melhor. Esse aí, meus amigos, não se depararia com o salário do trabalhador, mas com o da preguiça.

Que sucederá, então, a quem, em lugar de permanecer simplesmente inativo, tiver empregado suas horas destinadas ao trabalho do dia para cometer atos indignos; a quem tiver blasfemado contra Deus, vertido o sangue de seus irmãos, causado distúrbio às famílias, arruinado homens ingênuos, abusado da inocência; a quem tiver, enfim,

chafurdado em todas as ignomínias da humanidade? Que sucederá a esse aí? Bastará para ele dizer, à última hora: Senhor, eu empreguei mal meu tempo; contrate-me até o fim do dia, para que eu faça um pouco, bem pouco, de minha tarefa e pague-me o salário do trabalhador de boa vontade? Não, não; o patrão lhe dirá: Eu não tenho nenhum trabalho para você no presente; você malbaratou seu tempo; você esqueceu o que havia aprendido; você não pode mais trabalhar na minha vinha. Recomece, então, a aprender e, quando se sentir mais bem disposto, você virá até mim e eu lhe abrirei meu vasto campo, e você poderá trabalhar a toda hora do dia.

Bons espíritas, meus bem-amados, todos vocês são trabalhadores da última hora. Bem orgulhoso seria quem dissesse: Eu comecei o trabalho na aurora e só terminarei no declínio do dia. Todos vocês vieram quando foram chamados, um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, para a encarnação que os mantém acorrentados; mas desde quantos séculos acumulados o patrão os chamava para sua vinha, sem que vocês tivessem desejado nela entrar?! Vocês se encontram no momento de pegar o salário; empreguem bem esta hora que lhes resta, e não se esqueçam jamais de que sua existência, por mais longa lhes pareça, é tão só um momento bem fugidio na imensidade dos tempos que representam para vocês a eternidade. (CONSTANTINO, ESPÍRITO PROTETOR. Bordéus, 1863.)

3. Jesus estimava a simplicidade dos símbolos, e, em sua linguagem viril, os trabalhadores da primeira hora são os profetas, Moisés e todos os pioneiros que demarcaram as etapas do progresso, prosseguidas, através dos séculos, pelos apóstolos, pelos mártires, pelos Pais da Igreja, pelos sábios, pelos filósofos e, finalmente, pelos espíritas. Estes, vindos por último, foram anunciados e preditos desde a aurora do Messias e receberão a mesma recompensa. Que digo? Uma recompensa maior. Últimos a chegar, os espíritas usufruem os labores intelectuais de seus antecessores, porque o homem deve herdar do homem, e porque seus trabalhos e seus resultados são coletivos: Deus abençoa a solidariedade. Muitos dentre eles revivem, de resto, hoje em dia ou reviverão amanhã, para terminarem a obra que começaram outrora; mais de um patriarca, mais de um profeta, mais de um discípulo do Cristo, mais de um propagador da fé cristã se encontram entre vocês, porém, mais esclarecidos, mais adiantados, trabalhando, não no alicerce, mas na cimalha do edifício; seu salário será, pois, proporcional ao mérito da obra.

A reencarnação, esse belo dogma, eterniza e precisa a filiação espiritual. O Espírito, chamado a prestar conta de seu mandato terrestre, compreende a continuidade da tarefa interrompida, mas sempre retomada; ele vê, ele sente que colheu no ar o pensamento de seus predecessores; ele entra na liça, amadurecido pela experiência, para avançar ainda; e todos, trabalhadores da primeira e da última hora, os olhos bem abertos para a profunda justiça de Deus, não murmuram mais e rendem culto.

É esse um dos verdadeiros sentidos dessa parábola, a qual encerra, como todas as que Jesus endereçou ao povo, a semente do futuro, e também, sob todas as formas, sob todas as imagens, a revelação dessa magnífica unidade que harmoniza todas as coisas no universo, dessa solidariedade que liga todos os seres presentes ao passado e ao futuro. (HENRIQUE HEINE. Paris, 1863.)

Missão dos espíritas.

4. Vocês não estão ouvindo que já cresce a tempestade que deve empolgar o mundo velho e absorver no nada a soma das iniquidades terrenas? Ah! Bendigam o Senhor, vocês que põem sua fé em sua suprema justiça, e que, novos apóstolos da crença revelada pelas vozes proféticas superiores, vão pregar o dogma novo da *reencarnação* e da elevação dos Espíritos, conforme tenham bem ou mal cumprido suas missões, e suportado suas provações terrestres.

Não se amedrontem mais! As línguas de fogo estão sobre suas cabeças. Ó verdadeiros adeptos do Espiritismo, vocês são os eleitos de Deus! Vão e preguem a palavra divina. É chegada a hora em que vocês têm que sacrificar seus hábitos, seus trabalhos, suas ocupações fúteis. Vão e preguem: os Espíritos elevados estão consigo. Com certeza, vocês falarão a pessoas que não desejarão de modo algum escutar a voz de Deus, porque essa voz os exorta sem cessar à abnegação; vocês pregarão o desinteresse aos avaros, a abstinência aos debochados, a mansuetude aos tiranos domésticos tanto quanto aos déspotas: palavras perdidas, eu o sei; mas que importa! É necessário irrigar com seus suores o terreno em que vocês têm que semear, pois ele só frutificará e só produzirá sob os esforços reiterados da pá e da charrua evangélicas. Vão e preguem!

Sim, vocês todos, homens de boa-fé, que acreditam em sua inferioridade, ao olharem os mundos espalhados no infinito, partam em cruzada contra a injustiça e a iniquidade. Vão e acabem com esse culto do bezerro de ouro, cada dia mais e mais alastrado. Vão! Deus os conduz! Homens simples e ignorantes, suas línguas se soltarão e vocês falarão como nenhum orador. Vão e preguem, e as populações atentas recolherão com felicidade suas palavras de consolação, de fraternidade, de esperança e de paz.

Que importam as tocaias que estarão esparsas em seu caminho?! Só os lobos cairão nas armadilhas de lobo, pois o pastor saberá defender suas ovelhas contra os açougueiros sacrificadores.

Vão, grandes homens diante de Deus, que, mais felizes que São Tomé, creem sem pedir para ver, e aceitam os fenômenos da mediunidade, mesmo quando não conseguiram jamais obter algo por vocês mesmos; vão, o Espírito de Deus os conduz.

Caminhe, pois, avante, falange imponente da fé! E os grossos batalhões dos incrédulos se desvanecerão à sua frente, como as brumas da manhã aos primeiros raios do sol nascente.

A fé é a virtude que transportará as montanhas, lhes disse Jesus; mas, mais pesadas que as mais pesadas montanhas, jazem, no coração dos homens, a impureza e todos os vícios da impureza. Partam, pois, com coragem, para transportar essa montanha de iniquidades que as gerações futuras devem conhecer apenas na condição de lendas, como vocês mesmos conhecem só muito imperfeitamente o período dos tempos anteriores à civilização pagã.

Sim, as sublevações morais e filosóficas vão irromper em todos os pontos do globo; aproxima a hora em que a luz divina se expandirá sobre os dois mundos.

Vão, portanto, e levem a palavra divina aos homens importantes, que a menosprezarão, aos cientistas, que pedirão comprovação, aos pequenos e aos simples, que a aceitarão, pois é sobretudo entre os mártires do trabalho, esta expiação terrestre, que vocês encontrarão o fervor e a fé. Vão; estes receberão, com cânticos de ação de graça e cantando louvores a Deus, a santa consolação que vocês lhes levarão, e eles se inclinarão, agradecendo o quinhão de suas misérias terrestres.

Que sua falange se arme de resolução e de coragem! À obra! A charrua está pronta; a terra aguarda; é preciso lavrar.

Vão e agradeçam a Deus a tarefa gloriosa que ele lhes confiou; mas pensem que, entre os chamados para o Espiritismo, muitos se extraviaram; observem, pois, sua rota e sigam a via da verdade.

Pergunta. — Se muitos chamados para o Espiritismo se extraviaram, por que sinal reconhecer os que se acham no bom caminho?

Resposta. — Vocês irão reconhecê-los pelos princípios de verdadeira caridade que eles professarão e praticarão; vocês irão reconhecê-los pelo número de aflitos aos quais eles terão levado consolações; vocês irão reconhecê-los pelo amor deles a seu próximo, por sua abnegação, por seu desinteresse pessoal; vocês irão reconhecê-los, enfim, pelo triunfo de seus princípios, pois Deus deseja o triunfo de sua lei; os que seguem sua lei são seus eleitos, e ele lhes propiciará a vitória; mas ele esmagará os que falseiam o espírito dessa lei, e a transformam em um trampolim para satisfazer sua vaidade e sua ambição. (ERASTO, anjo guardião do médium. Paris, 1863.)

Os trabalhadores do Senhor.

5. Vocês estão raiando o tempo do cumprimento das coisas anunciadas quanto à transformação da humanidade; felizes serão os que tiverem arado o campo do Senhor com desinteresse e sem outro móvel que a caridade! Suas jornadas de trabalho serão pagas ao cêntuplo do que houverem esperado. Felizes os que tiverem dito a seus irmãos: “Irmãos, trabalhemos juntos, e unamos nossos esforços, a fim de que o patrão encontre a obra terminada quando chegar”, pois o patrão lhes dirá: “Venham a mim, vocês que são bons servos, vocês que fizeram calar seus ciúmes e suas discórdias, para não deixar a obra sofrer!” Mas aí dos que, por suas dissensões, tiveram retardado a hora da colheita, pois a tempestade virá e eles serão levados pelo turbilhão! Eles bradarão: “Graça! Graça!” Mas o Senhor lhes dirá: “Por que demandam graça, vocês que não tiveram piedade de seus irmãos, e que se negaram a lhes estender a mão, vocês que espezinharam o fraco em lugar de soerguê-lo? Por que demandam graça, vocês que buscaram sua recompensa nas alegrias do mundo e na satisfação de seu orgulho? Vocês já receberam sua recompensa, tal qual a desejaram; não peçam mais nada: as recompensas celestes são para os que não tiverem pedido as recompensas da Terra.”

Deus faz, neste momento, a contagem de seus servos fiéis, e ele assinalou com seu dedo os que têm apenas a aparência do devotamento, a fim de que não usurpem o salário dos servos corajosos, pois é a esses que não recuarão diante de sua tarefa que ele vai confiar os postos mais difíceis, na grande obra da regeneração, através do espiritismo, e esta proposição se cumprirá: “Os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros no reino dos céus!” (O ESPÍRITO DE VERDADE. Paris, 1862.)

CAPÍTULO XXI

HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS.

Conhece-se a árvore por seu fruto. — Missão dos profetas. — Prodígios dos falsos profetas. — Não creiam nunca em todos os Espíritos. — *Mensagens dos Espíritos*: Os falsos profetas. — Caracteres do verdadeiro profeta. — Os falsos profetas da erraticidade. — Jeremias e os falsos profetas.

Conhece-se a árvore por seu fruto.

1. A árvore que produz maus frutos não é boa, e a árvore que produz bons frutos não é má; — pois cada árvore se conhece por seu próprio fruto. A gente não colhe figos dos espinheiros, nem corta cachos de uva das urzes. — O homem de bem extrai boas coisas do bom tesouro de seu coração, e o mau extrai más coisas do mau tesouro de seu coração; pois a boca fala do que está cheio o coração. (São Lucas, vi: 43 a 45.)

2. *Resguardem-se dos falsos profetas*, que vêm até vocês cobertos por peles de ovelhas e que, por dentro, são lobos rapinantes. — Vocês os conhecerão através de seus frutos. *A gente pode colher uvas dos espinheiros ou figos das urzes?* — Assim, toda árvore que é boa produz bons frutos e toda árvore que é má produz maus frutos. — *Uma boa árvore não produz maus frutos, e uma árvore má não consegue produzir bons.* — Toda árvore que não produz nunca bons frutos será cortada e lançada ao fogo. — Vocês os conhecerão, portanto, por seus frutos. (São Mateus, vii: 15 a 20.)

3. Fiquem atentos para que qualquer um não os seduza; — porque muitos virão com meu nome, dizendo: “Eu sou o Cristo”, e eles seduzirão a muitos.

Muitos profetas falsos se erguerão, os quais seduzirão muitas pessoas; — e, porque a iniquidade irá prosperar, a caridade de muitos irá esfriar. — Mas será salvo quem perseverar até o fim.

Então, se alguém lhes disser: O Cristo está aqui, ou está lá, não creiam em absoluto; — pois *se erguerão falsos cristos e falsos profetas, que farão grandes prodígios e coisas espantosas, até*

seduzir, se isso fosse possível, os eleitos mesmo. (São Mateus, xxiv: 4 e 5; 11 a 13; 23 e 24. — São Marcos, xiii: 5 e 6; 21 e 22.)

Missão dos profetas.

4. Atribui-se comumente aos profetas o dom de revelar o futuro, de sorte que as palavras *profecias* e *predições* se tornaram sinônimas. No sentido evangélico, a palavra *profeta* tem uma significação mais extensa; diz-se de todo enviado de Deus com missão de informar aos homens e de lhes revelar as coisas ocultas e os mistérios da vida espiritual. Um homem pode, pois, ser profeta, sem fazer predições; essa ideia era a dos judeus, ao tempo de Jesus; eis porque, ao ser levado ao sumo sacerdote Caifás, os escribas e os anciãos, estando em assembleia, lhe cuspiram no rosto, o feriram a socos e o esbofetearam, dizendo: “Cristo, profetize para nós e diga quem lhe bateu.” Não obstante, houve profetas que tiveram a presciência do futuro, seja por intuição, seja por revelação providencial, a fim de prevenir os homens; ocorrendo tais eventos, o dom de predizer o futuro foi visto como um dos atributos da qualidade de profeta.

Prodígios dos falsos profetas.

5. “Pois se erguerão falsos cristos e falsos profetas, que farão grandes prodígios e coisas espantosas, até seduzir, se isso fosse possível, os eleitos mesmo.” Essas palavras oferecem o verdadeiro sentido da palavra prodígio. Na acepção teológica, os prodígios e os milagres são fenômenos excepcionais, fora das leis da natureza. Sendo as leis da natureza obra só de Deus, ele pode, sem dúvida, derogá-las, caso isso lhe apraza, mas o simples bom senso afirma que ele não pode ter concedido a seres inferiores e perversos um poder igual ao seu, e ainda menos o direito de desfazer o que ele criou. Jesus não tinha como consagrar um tal princípio. Caso, então, conforme o sentido que se dê a essas palavras, o Espírito do mal tenha o poder de realizar prodígios tais que os eleitos mesmo sejam assim enganados, resultaria disso que, conseguindo ele fazer o que Deus faz, os prodígios e os milagres não são exclusivo privilégio dos enviados de Deus, e não comprovam nada, dado que nada distingue os milagres dos santos dos milagres dos demônios. É preciso, pois, procurar um sentido mais racional para essas palavras.

Aos olhos do vulgo ignorante, todo fenômeno cuja causa não é conhecida passa por sobrenatural, maravilhoso e miraculoso; uma vez conhecida a causa, a gente reconhece que o fenômeno, por mais extraordinário que pareça, nada mais é que a aplicação de uma lei da natureza. Eis como o círculo dos fatos sobrenaturais se vai restringindo, à medida que se vai ampliando o da ciência. Desde sempre, os homens têm explorado, para proveito de sua ambição, de seu interesse e de seu domínio, certos conhecimentos que possuíam, a fim

de proporcionarem a si mesmos o prestígio de um suposto poder sobre-humano ou de uma pretensa missão divina. Eis aí os falsos cristos e os falsos profetas; a difusão das luzes acaba com o crédito deles; eis porque seu número vai diminuindo, à medida que os homens vão esclarecendo-se. O fato de realizarem o que, aos olhos de certas pessoas, passa por prodígios não é, pois, absolutamente, sinal de u'a missão divina, já que pode resultar de conhecimentos que qualquer um tem como adquirir ou de faculdades orgânicas específicas, que o mais indigno pode possuir, tanto quanto o mais digno. O verdadeiro profeta se reconhece por caracteres mais sérios, e exclusivamente morais.

Não creiam nunca em todos os Espíritos.

6. Meus bem-amados, *não creiam jamais em todo Espírito*, mas comprovem se os Espíritos são de Deus, pois muitos falsos profetas se erguem no mundo. (São João, Epístola Primeira, IV: 1.)

7. Os fenômenos espíritas, longe de conferir crédito aos falsos cristos e aos falsos profetas, como a alguns interessa dizer, vêm, ao contrário, trazer-lhes um derradeiro golpe. Não peçam ao espiritismo milagres nem prodígios, pois ele declara formalmente que não os produz de modo algum; como a física, a química, a astronomia e a geologia vieram para revelar as leis do mundo material, ele vem revelar outras leis desconhecidas, que regem as relações do mundo corpóreo e do mundo espiritual, e que são, como as irmãs mais velhas das ciências, igualmente leis da natureza; ao oferecer a explicação de uma certa ordem de fenômenos não compreendidos até este dia, ele destrói o que restava ainda no domínio do maravilhoso. Os que, portanto, fossem tentados a explorar esses fenômenos em seu proveito, fazendo-se passar por messias divinos, não seriam capazes de abusar por muito tempo da credulidade, e seriam logo desmascarados. De resto, como já foi dito, esses fenômenos por si sós não comprovam nada: a missão se comprova através de efeitos morais, o que não é dado ao recém-chegado produzir. Eis aí um dos resultados do desenvolvimento da ciência espírita; perscrutando a causa de certos fenômenos, ela suspende o véu de muitos mistérios. Os que preferem a obscuridade à luz é que, só eles, têm interesse em combatê-la; mas a verdade é como o sol: dissipa as mais espessas brumas.

O espiritismo vem revelar outra categoria bem mais perigosa de falsos cristos e de falsos profetas que se encontram, não entre os homens, mas entre os desencarnados: é a dos Espíritos traiçoeiros, hipócritas, orgulhosos e pseudo-sábios, que, da Terra, passaram para a erraticidade e se enfeitam com nomes venerados, para tentar, com o auxílio da máscara com que se cobrem, dar crédito a suas ideias, com frequência as mais bizarras e as mais absurdas. Antes que os contatos medianímicos fossem conhecidos, eles exerciam sua ação de um modo menos ostensivo, através da inspiração, da mediunidade inconsciente, auditiva ou falante. O número dos que, em diversas épocas, mas nestes últimos tempos sobretudo, se fizeram passar por alguns dos antigos profetas, pelo Cristo, por Maria, mãe do Cristo, e mesmo por Deus, é considerável. São João nos põe em guarda contra eles,

quando diz: “Meus bem-amados, não creiam jamais em todo Espírito, mas comprovem se os Espíritos são de Deus; pois muitos falsos profetas se erguem no mundo.” O espiritismo fornece os meios de avaliá-los, ao indicar os caracteres através dos quais se reconhecem os bons Espíritos, caracteres *sempre morais e jamais materiais*⁷. É quanto ao discernimento dos bons e dos maus Espíritos que se devem aplicar sobretudo estas palavras de Jesus: “A gente reconhece a qualidade da árvore por seu fruto; uma boa árvore não tem como produzir maus frutos e uma árvore má não tem como produzir bons.” Julgam-se os Espíritos pela qualidade de suas obras, como uma árvore, pela qualidade de seus frutos.

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

Os falsos profetas.

8. Se alguém lhes disser: “O Cristo está aqui”, não vão lá, mas, ao contrário, levantem suas guardas, pois os falsos profetas serão numerosos. Mas não veem vocês as folhas da figueira que começam a branquear; não veem vocês seus numerosos brotos aguardando a época da floração; e Cristo não lhes disse: A gente conhece a árvore por seu fruto? Se, então, os frutos são amargos, vocês julgam que a árvore é má; mas, se eles são doces e saudáveis, vocês dizem: Nada puro é capaz de surgir de um tronco mau.

Eis como, meus irmãos, vocês têm de julgar; são as obras que vocês têm de examinar. Se os que se dizem revestidos do poder divino trazem consigo todas as marcas de uma tal missão, quer dizer, se eles possuem, no mais alto nível, as virtudes cristãs e eternas: a caridade, o amor, a indulgência, a bondade que concilia todos os corações; se, em apoio das palavras, eles juntam os atos, então vocês podem dizer: Estes são de verdade os enviados de Deus.

Mas desconfiem das palavras melífluas, desconfiem dos escribas e dos fariseus, que oram nas praças públicas, vestidos de longas túnicas. Desconfiem dos que pretendem possuir o isolado e único monopólio da verdade!

Não, não, Cristo não está absolutamente lá, pois os que ele envia para propagar sua santa doutrina e regenerar seu povo serão, a exemplo do Mestre, mansos e humildes de coração, acima de todas as coisas; os que têm, por seus exemplos e seus conselhos, que salvar a humanidade, que corre para sua perdição e vagueia por vias tortuosas, esses serão, acima de tudo, modestíssimos e humildes. Todo aquele que revela um átomo de orgulho, fuja dele como uma lepra contagiosa, que corrompe tudo o que toca. Lembrem-se de que *cada criatura traz na frente, mas sobretudo nos atos, a chancela de sua grandeza ou de sua decadência*.

Vão, pois, meus filhos bem-amados; avancem sem tergiversações, sem segundas intenções, na rota bendita que vocês empreenderam. Vão, vão sempre, sem medo;

⁷ Ver, para a distinção dos Espíritos, *O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap.^s 24 e seg.^s

afastem corajosamente tudo o que conseguiria dificultar a seu avanço na direção do alvo eterno. Viajores, vocês só estarão um pouquinho de tempo ainda nas trevas e nas dores da provação, se vocês deixarem seus corações levarem-se por essa suave doutrina, que vem revelar-lhes as leis eternas, e satisfazer todas as aspirações de sua alma na direção do desconhecido. Desde esta data, vocês podem atribuir um corpo a esses silfos ligeiros que vocês veem passar em seus sonhos e que, efêmeros, podem tão só encantar seu espírito, mas que não dizem nada a seu coração. Agora, meus amigos, a morte desapareceu para dar lugar ao anjo radiante que vocês conhecem, o anjo do reencontro e da reunião! Agora, vocês que cumpriram bem a tarefa imposta pelo Criador, vocês não têm mais nada que temer de sua justiça, pois ele é pai e perdoa sempre seus filhos perdidos que clamam por misericórdia. Continuem, pois; avancem sem cessar; que sua divisa seja aquela do progresso, do progresso contínuo em todas as coisas, até chegarem, enfim, ao marco feliz onde esperam por vocês todos os que os precederam. (Luís. Bordéus, 1861.)

Caracteres do verdadeiro profeta.

9. *Desconfiem dos falsos profetas.* Essa recomendação é útil em todos os tempos, mas sobretudo nos momentos de transição, quando, como neste aqui, se elabora uma transformação da humanidade, pois, então, uma grande quantidade de ambiciosos e de intrigantes posam de reformadores e de messias. É contra esses impostores que é preciso manter-se em guarda e é do dever de todo homem decente desmascará-los. Vocês perguntarão, sem dúvida, como se consegue reconhecê-los; eis aqui seus sinais:

A gente só confia o comando de um exército a um general hábil e capaz de dirigi-lo; vocês creem, então, que Deus seja menos prudente que os homens? Estejam certos de que ele confia as missões importantes apenas aos que ele sabe capazes de cumpri-las, pois as grandes missões são pesados fardos que esmagariam o homem demasiado fraco para carregá-los. Como em todas as coisas, o professor tem que saber mais que o estudante; para fazer a humanidade adiantar moralmente e intelectualmente, precisa-se de homens superiores em inteligência e em moralidade! Eis porque são sempre Espíritos já muito adiantados, com suas provações concluídas em outras existências, que se encarnam para esse fim; porquanto, caso eles não sejam superiores ao ambiente em que têm de atuar, sua missão será nula.

Isto posto, concluam que o verdadeiro missionário de Deus tem que justificar sua missão através de sua superioridade, de suas virtudes, de sua dignidade, dos resultados e da influência moralizadora de suas obras. Tirem ainda esta consequência, que, se ele se acha, por seu caráter, por suas virtudes, por sua inteligência, abaixo do papel que ele se atribui ou da personagem sob cujo nome se abriga; ele é apenas um histrião de baixa categoria que não sabe nem mesmo imitar seu modelo.

Uma outra consideração, é que os verdadeiros missionários de Deus, em sua maioria, não sabem quem são; eles cumprem a missão para a qual foram chamados pela força de seu gênio secundada pelo poder oculto que os inspira e os governa à sua revelia,

mas sem desígnio premeditado. Em suma, *os verdadeiros profetas se revelam através de seus atos: a gente os pressente; ao passo que os falsos profetas bancam a si mesmos como os enviados de Deus*; o primeiro é humilde e modesto; o segundo é orgulhoso e cheio de si; fala com altivez e, como todos os mentirosos, parece sempre temeroso de que não creiam nele.

A gente viu desses impostores fazendo-se passar por apóstolos do Cristo, outros pelo Cristo mesmo e, o que é a vergonha da humanidade, encontrando pessoas assaz crédulas para pôr fé em tais ignomínias. Uma consideração bem simples, contudo, poderia abrir os olhos ao mais cego; é que, se o Cristo se reencarnasse na Terra, viria com todo o seu poder e todas as suas virtudes, a menos que se admita, o que seria absurdo, que ele tivesse degenerado; ora, do mesmo modo que, se vocês retirarem de Deus um só de seus atributos, não terão mais Deus, se vocês retirarem uma só das virtudes do Cristo, não terão mais o Cristo. Os que se fazem passar pelo Cristo têm todas as virtudes dele? Eis a questão; olhem; perscrutem seus pensamentos e seus atos e vocês verificarão que faltam a eles, acima de tudo, as qualidades distintivas do Cristo: a humildade e a caridade; ao passo que possuem o que ele não tinha: a cupidez e o orgulho. Observem, de resto, que existem, neste momento e em diferentes países, vários pretensos cristos, como existem vários que se pretendem Elias, São João ou São Pedro, os quais, necessariamente, não podem ser todos verdadeiros. Tenham como certo que são pessoas que exploram a credulidade e acham cômodo viver às custas dos que acreditam nelas.

Desconfiem, pois, dos falsos profetas, sobretudo em um tempo de renovação, porque muitos impostores se dirão enviados de Deus; são os que procuram uma vaidosa satisfação no mundo; mas uma terrível justiça aguarda por eles, vocês podem estar certos disso. (ERASTO. Paris, 1862.)

Os falsos profetas da erraticidade.

10. Os falsos profetas não se acham somente entre os encarnados; eles se acham também, e em bem maior número, entre os Espíritos orgulhosos que, sob falsas aparências de amor e de caridade, semeiam a desunião e retardam a obra emancipadora da humanidade, atravancando-a com seus sistemas absurdos, que eles fazem com se aceitem através de seus médiuns; e, para melhor fascinar os que eles desejam ludibriar, para atribuir maior peso às suas teorias, eles se enfeitam, sem escrúpulo, com nomes que os homens não pronunciam senão com respeito.

Esses são os que semeiam os fermentos do antagonismo entre os grupos, que os incitam a se isolarem uns dos outros e a se olharem com má disposição. Só isso seria suficiente para desmascará-los; porquanto, agindo assim, eles proporcionam por si mesmos o mais formal desmentido ao que pretendem ser. Cegos, pois, são os homens que se deixam prender em uma armadilha tão grosseira.

Mas existem muitos outros meios de reconhecê-los. Os Espíritos da ordem à qual eles dizem pertencer têm que ser não somente muito bons, mas, por outra,

eminentemente racionais. Muito bem, passem seus sistemas pelo crivo da razão e do bom senso e vocês verão o que restará deles. Convenham, portanto, comigo em que, todas as vezes que um Espírito indica, como remédio para os males da humanidade, ou como meios de chegar à sua transformação, coisas utópicas e impraticáveis, medidas pueris e ridículas; quando formula um sistema contestado pelas mais vulgares noções da ciência, não pode ser senão um Espírito ignorante e mentiroso.

Por outro lado, saibam que, se a verdade nem sempre é apreciada pelos indivíduos, ela o é sempre pelo bom senso das massas, e há nisso também um critério. Se dois princípios se contradizem, vocês alcançarão a medida do valor intrínseco deles ao procurarem o que encontra mais ecos e simpatias; *seria ilógico, com efeito, admitir que uma doutrina que visse diminuir o número de seus partidários fosse mais verdadeira do que a que vê os seus aumentarem*. Deus, desejando que a verdade chegue para todos, não a confina em um círculo restrito: ele a faz surgir em diferentes pontos, a fim de que, por toda a parte, a luz esteja ao lado das trevas.

Expulsem sem piedade todos esses Espíritos que se oferecem como conselheiros exclusivos, pregando a divisão e o isolamento. São quase sempre Espíritos vaidosos e medíocres, que tentam impor-se aos homens fracos e crédulos, ao lhes prodigalizarem elogios exagerados, a fim de fasciná-los e tê-los sob sua dominação. São, geralmente, Espíritos famintos de poder, que, déspotas públicos ou privados em sua vida, desejam possuir ainda vítimas para tiranizar, após sua morte. Em geral, *desconfiem das comunicações que trazem um caráter de misticismo e de excentricidade, ou que prescrevem cerimônias e atos bizarros*; existe sempre aí um motivo legítimo de suspeição.

Por outro lado, saibam que, quando uma verdade pode ser revelada à humanidade, ela é, por assim dizer, instantaneamente comunicada em todos os grupos sérios que possuem médiuns sérios, e não a tais ou quais, com exclusão dos outros. Ninguém é médium perfeito, se estiver obsedado, e existe obsessão manifesta quando um médium está apto apenas para receber as comunicações de um Espírito específico, por mais elevado que procure colocar-se ele mesmo. Por conseguinte, todo médium, todo grupo que se considerem privilegiados, pelas comunicações que só eles conseguem receber, e que, doutra parte, se submetem a práticas que roçam a superstição, estão, indubitavelmente, sob o jugo de uma obsessão muito bem caracterizada, sobretudo quando o Espírito dominador se gaba de um nome que todos, Espíritos e encarnados, temos de honrar e de respeitar, e não deixar expor-se a cada passo.

É incontestável que, ao se submeterem ao crisol da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, será fácil repelir o absurdo e o erro. Um médium pode ser fascinado e um grupo, ludibriado; mas a fiscalização severa dos outros grupos, mas o conhecimento assimilado e a alta autoridade moral dos chefes de grupos, mas as comunicações dos principais médiuns, que recebem o sinete da lógica e da autenticidade dos melhores Espíritos, caracterizarão rapidamente esses ditados mentirosos e astuciosos, emanados de uma turba de Espíritos traiçoeiros ou maldosos. (ERASTO, discípulo de São Paulo. Paris, 1862.)

(Ver, na *Introdução*, o parágrafo II: *Controle universal do ensinamento dos Espíritos*. — *O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. XXIII, *Da obsessão*.)

Jeremias e os falsos profetas.

11. Eis aqui o que diz o Senhor dos exércitos: Não ouçam as palavras dos profetas que lhes profetizam e que os ludibriam. Eles proclamam as visões de seu coração, e não o que receberam da boca do Senhor. — Eles dizem aos que blasfemam contra mim: O Senhor o disse, vocês terão a paz; e a todos os que seguem na perversão de seu coração: Não lhes ocorrerá nada de mau. — Mas qual dentre eles esteve presente ao conselho do Senhor: quem viu e quem ouviu o que ele disse? — Eu não enviava absolutamente esses profetas e eles corriam por si mesmos; eu não lhes falava absolutamente e eles profetizavam de sua cabeça. — Eu ouvi o que disseram esses profetas que profetizam a mentira em meu nome, dizendo: Eu sonhei, eu sonhei. — Até quando tal imaginação ficará no coração dos profetas que profetizam a mentira, e cujas profecias não são mais que as seduções de seu coração? — Se, portanto, esse povo ou um profeta ou um sacerdote os interrogar e lhes perguntar: Qual é o fardo do Senhor?; vocês lhes dirão: São vocês mesmos que são o fardo, e eu os jogarei para bem longe de mim, diz o Senhor. (JEREMIAS, XXIII: 16 a 18; 21; 25 e 26; 33.)

É sobre esta passagem do profeta Jeremias que eu vou conversar com vocês, meus amigos. Deus, falando por sua boca, diz: “É a visão de seu coração que os faz falar.” Tais palavras indicam claramente que já, naquela época, os charlatães e os exaltados abusavam do dom de profecia e o exploravam. Eles abusavam, por conseguinte, da fé simples e quase cega do povo, predizando *por dinheiro* boas e agradáveis coisas. Essa espécie de burla estava assaz generalizada na nação judia e é fácil compreender que o povo pobre, em sua ignorância, estava na impossibilidade de distinguir os bons dentre os maus, e era sempre mais ou menos enganado pelos que se diziam profetas e que não eram senão impostores e fanáticos. Existe algo mais significativo que estas palavras: “Eu não enviei absolutamente esses profetas e eles correram por si mesmos; eu não lhes falei absolutamente e eles profetizaram”? Mais adiante, ele diz: “Eu ouvi esses profetas que profetizam a mentira em meu nome, dizendo: Eu sonhei, eu sonhei”; ele indicava, assim, um dos meios empregados para explorar a confiança que tinham neles. A multidão, sempre crédula, não pensava nunca em contestar a veracidade de seus sonhos ou de suas visões; ela achava tudo isso natural e convidava sempre esses profetas para falar.

Após as palavras do profeta, ouçam os sábios conselhos do apóstolo São João, quando diz: “Não creiam jamais em todo Espírito, mas comprovem se os Espíritos são de Deus”; pois, entre os invisíveis, existem também os que se comprazem em fazer otários, quando acham ocasião. Os otários são, bem entendido, os médiuns que não tomam muitas precauções. Aí está, sem dúvida, um dos maiores obstáculos, contra o qual muitos vêm arrebrantar-se, sobretudo quando são noviços no espiritismo. É para eles uma provação de que só conseguem triunfar com grande prudência. Aprendam, portanto, antes de qualquer coisa, a distinguir os bons e os maus Espíritos, para não se tornarem vocês mesmos falsos profetas. (LUOZ, *Espírito protetor*. Carlsruhe, 1861.)

CAPÍTULO XXII

NÃO SEPAREM O QUE DEUS JUNTOU.

Indissolubilidade do casamento. — O divórcio.

Indissolubilidade do casamento.

1. Os fariseus vieram também a ele para tentá-lo, e eles lhe perguntaram: É admissível que um homem repudie sua mulher, por qualquer causa que seja? — Ele lhes respondeu: Vocês não leram nunca que quem criou o homem desde o começo, os criou macho e fêmea, e que ele disse: — Por esta razão, o homem deixará seu pai e sua mãe, e se apegará a sua mulher, e eles não formarão ambos senão uma só carne? — Assim eles não serão mais dois, mas uma só carne. Que o homem, portanto, não separe o que Deus juntou.

Mas por que, então, retrucaram-lhe eles, Moisés ordenou que se dê à sua mulher uma carta de separação e que seja repudiada? — Ele lhes retorquiu: Foi por causa da dureza de seu coração que Moisés lhes permitiu repudiar suas mulheres; mas isso não aconteceu desde o começo. — Por isso, eu lhes declaro que qualquer um que repudia sua mulher, se não se trata de um caso de adultério, e casa com outra, comete um adultério; e quem se casa com a que um outro repudiou comete também um adultério. (São Mateus, XIX: 3 a 9.)

2. Só é imutável o que provém de Deus; tudo o que é obra dos homens está sujeito a mudança. As leis da natureza são as mesmas em todos os tempos e em todos os países; as leis humanas mudam conforme os tempos, os lugares e o progresso da inteligência. No casamento, o que é de ordem divina é a união dos sexos, para realizar a substituição dos seres que morrem; mas as condições que regem essa união são de ordem tão humana que não existe, no mundo todo e mesmo na cristandade, dois países onde sejam absolutamente as mesmas, e não existe ao menos um em que não hajam sofrido mudanças

com o tempo; daqui resulta que, aos olhos da lei civil, o que é legítimo em uma região e em uma época, é adultério em uma outra região e em um outro tempo; e isto porque a lei civil tem por alvo regulamentar os interesses das famílias, e porque esses interesses variam conforme os costumes e as necessidades locais; é assim, por exemplo, que, em certos países, o casamento religioso é o único legítimo, em outros se necessita também de um casamento civil, em outros, enfim, só o casamento civil é o bastante.

3. Mas, na união dos sexos, ao lado da lei divina material, comum a todos os seres vivos, existe outra lei divina, imutável como todas as leis de Deus, exclusivamente moral: é a lei de amor. Deus deseja que os seres se unissem não somente através dos liames da carne, mas através dos liames da alma, a fim de que a afeição mútua dos esposos se transferisse para seus filhos, e a fim de que fossem dois, em lugar de um, a amá-los, a cuidar deles e a fazê-los progredir. Nas condições ordinárias do casamento, foi considerada essa lei de amor? De forma alguma; o que se consulta não é a afeição de dois seres que um mútuo sentimento atrai um para o outro, porquanto o mais das vezes se transgride essa afeição; o que se busca não é a satisfação do coração mas a do orgulho, da vaidade, da cupidez, em suma, de todos os interesses materiais; quando tudo concorre para o melhor segundo esses interesses, diz-se que o casamento é conveniente; quando as bolsas estão bem abastecidas, diz-se que os esposos o estão igualmente, e podem ser bem felizes.

Mas nem a lei civil, nem os negócios contratados através dela conseguem substituir a lei de amor, se esta não preside à união; resulta daí que, amiúde, *o que se uniu à força se separa por si mesmo*; que o juramento que se pronuncia ao pé do altar se transforma em perjúrio, caso seja dito como uma fórmula banal; daí as uniões infelizes, que terminam tornando-se criminosas; dupla infelicidade que se evitaria se, nas condições do casamento, não se fizesse abstração da única lei que o sanciona aos olhos de Deus: a lei de amor. Quando Deus disse: “Vocês formarão u’a mesma carne”, e quando Jesus disse: “Não separem vocês o que Deus uniu”, isso tem de ser entendido segundo a lei imutável de Deus e não segundo a lei variável dos homens.

4. A lei civil é supérflua, portanto, e a gente precisa voltar aos casamentos conforme a natureza? Não, certamente; a lei civil tem por alvo regulamentar as relações sociais e os interesses das famílias, de acordo com as exigências da civilização; eis aqui porque ela é útil, necessária mas variável; ela tem que ser previdente, porque o homem civilizado não consegue viver como o selvagem; mas nada, absolutamente nada, se opõe a que ela seja o corolário da lei de Deus; os obstáculos ao cumprimento da lei divina derivam dos preconceitos e não da lei civil. Esses preconceitos, se bem que ainda vívidos, perderam já parte de seu domínio entre os povos esclarecidos; eles desaparecerão com o progresso moral, que abrirá, enfim, os olhos para os males sem conta, as faltas e mesmo os crimes que resultam das uniões contratadas à vista unicamente dos interesses materiais; e a gente perguntará, um dia, se é mais humano, mais caridoso, mais moral, cingir, um ao outro, uns seres que não são capazes de viver juntos do que lhes conceder a liberdade; se a perspectiva de um grilhão indissolúvel não aumenta o número das uniões irregulares.

O divórcio.

5. O divórcio é uma lei humana que tem por alvo separar legalmente o que estava separado de fato; ela não é em absoluto contrária à lei de Deus, porquanto ela não retifica senão o que os homens fizeram, e não é aplicável senão aos casos em que não se levou em conta a lei divina; se fosse contrária a essa lei, a Igreja mesma seria forçada a considerar como prevaricadores os dentre seus chefes que, por sua própria autoridade e em nome da religião, em mais de uma circunstância, impuseram o divórcio; dupla prevaricação, então, porque se deu em vista somente de interesses materiais e não para satisfazer à lei de amor.

Mas mesmo Jesus não consagrou a indissolubilidade absoluta do casamento. Não disse ele: “Foi por causa da dureza de seu coração que Moisés lhes permitiu repudiar suas mulheres”? Isto significa que, desde os tempos de Moisés, não sendo a afeição mútua a única razão do casamento, a separação podia vir a ser necessária. Mas ele acrescenta: “isso não aconteceu desde o começo”; quer dizer que, na origem da humanidade, quando os homens não se achavam ainda pervertidos pelo egoísmo e pelo orgulho, e quando viviam segundo a lei de Deus, as uniões baseadas na simpatia e não na vaidade ou na ambição não davam ensejo ao repúdio.

Ele vai mais longe; ele especifica o caso em que o repúdio pode justificar-se: o de adultério; ora, o adultério não existe onde reina uma afeição recíproca sincera. Ele proíbe, é verdade, a todo homem de desposar a mulher repudiada, mas é preciso ter em conta os costumes e o caráter dos homens de seu tempo. A lei mosaica, nesse caso, prescrevia a lapidação; desejando abolir um uso bárbaro, ele precisava, não obstante, de uma penalidade, e ele a encontra na desonra que podia provocar a interdição de um segundo casamento. Era, de qualquer modo, uma lei civil substituída por uma outra lei civil, mas que, como todas as leis dessa natureza, tinha que sofrer o embate do tempo.

CAPÍTULO XXIII

MORAL ESTRANHA.

Quem não odeia seu pai e sua mãe. — Deixar seu pai, sua mãe e seus filhos. — Deixe aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos. — Eu não vim para trazer a paz, mas a divisão.

Quem não odeia seu pai e sua mãe.

1. Caminhando com Jesus um grande magote de povo, ele se voltou para eles e lhes disse: — Se alguém vem a mim e não *odeia* seu pai e sua mãe, sua mulher e seus filhos, seus irmãos e suas irmãs, e até sua própria vida, ele não tem como ser meu discípulo. — E qualquer um que não leva sua cruz, e não me segue, não tem como ser meu discípulo. — Assim, qualquer um de vocês que não renuncie a tudo o que possui não tem como ser meu discípulo. (São Lucas, XIV: 25 a 27, 33.)

2. Quem ama a seu pai ou a sua mãe mais que a mim não é digno de mim; quem ama a seu filho ou a sua filha mais que a mim não é digno de mim. (São Mateus, x: 37.)

3. Certas palavras, muito raras de resto, formam um contraste tão estranho na boca do Cristo que, instintivamente, a gente lhes rejeita o sentido literal, sem que a sublimidade de sua doutrina sofra nenhum prejuízo com isso. Escritas após sua morte, dado que nenhum evangelho se escreveu enquanto vivo, é lícito de se crer que, nesse caso, o fundo do seu pensamento não tenha sido bem interpretado, ou, o que não é menos provável, que o sentido primitivo deve ter sofrido alguma alteração, ao passar de uma língua para outra. Seria suficiente que um erro fosse cometido uma primeira vez, para que tivesse sido repetido pelos copistas, como se vê tão frequentemente nos fatos históricos.

A palavra *odeia*, nesta frase de São Lucas: “*Se alguém vem a mim e não odeia seu pai e sua mãe*”, está nesse caso; não existe ninguém que tenha tido o pensamento de atribuí-la a Jesus; logo, seria desnecessário discuti-la e ainda menos procurar justificá-la. Seria preciso saber de início se ele a pronunciou e, em caso afirmativo, saber se, na língua

em que ele se exprimia, essa palavra tinha o mesmo valor que na nossa. Nesta passagem de São João: “Quem *odeia* sua vida neste mundo a conserva para a vida eterna”, está claro que ela não exprime a ideia que lhe consignamos.

A língua hebraica não era rica e possuía muitas palavras com várias significações. Tal sucede, por exemplo, com a que, no *Gênesis*, designa as fases da criação, e que servia também para exprimir um período de tempo qualquer e a rotação diurna. Daqui, mais tarde, sua tradução pela palavra *dia* e a crença de que o mundo tivesse sido uma obra de seis vezes vinte e quatro horas. Tal sucede ainda com a palavra com que se designava um *camelo* e um *cabo*, porque os cabos eram feitos de pelos de camelo, e que se traduziu por *camelo*, na alegoria do fundo da agulha. (Cap. xvi, n.º 2.)⁸

É preciso, além disso, levar em conta os costumes e o caráter dos povos que influenciam sobre o feito particular de suas línguas; sem esse conhecimento, o sentido verdadeiro de certas palavras passa despercebido; de uma língua a outra, a mesma palavra possui maior ou menor energia; ela pode ser uma injúria ou uma blasfêmia em uma e ser insignificante na outra, segundo a ideia que se dê a ela; em u’a mesma língua, certas palavras perdem seu valor após alguns séculos; eis porque uma tradução rigorosamente literal nem sempre expressa perfeitamente o pensamento e porque, para ser exata, é preciso, às vezes, empregar, não os vocábulos correspondentes, mas os vocábulos equivalentes ou perífrases.

Estas observações acham uma aplicação específica na interpretação das Santas Escrituras e dos Evangelhos, em particular. Se não se levar em conta o ambiente no qual vivia Jesus, a gente se arrisca a não entender o valor de certas expressões e de certos fatos, como consequência do hábito que se tem de se relacionar os outros a si mesmo. De qualquer modo, é preciso, portanto, afastar da palavra *odiar* a acepção moderna, como contrária ao espírito do ensinamento de Jesus. (Ver também o cap. xiv, n.ºs 5 e seg.⁵)

Deixar seu pai, sua mãe e seus filhos.

4. Quem quer que tiver deixado, em meu nome, sua casa, ou seus irmãos, ou suas irmãs, ou seu pai, ou sua mãe, ou sua mulher, ou seus filhos, ou suas terras, receberá por eles o cêntuplo, e receberá por herança a vida eterna. (São Mateus xix: 29.)

5. Então Pedro lhe disse: Quanto a nós, você vê que nós deixamos tudo e o temos seguido. — Jesus lhe respondeu: Eu lhe digo em verdade: ninguém não deixará, pelo reino de Deus, sua casa, ou seu pai e sua mãe, ou seus irmãos, ou sua mulher, ou seus filhos, — sem que receba, desde este mundo, muito mais e, no século seguinte, a vida eterna. (São Lucas, xviii: 28 a 30.)

⁸ *Non odit* em latim; *Kai ou misei* (Kai. ouv misei’), em grego, não quer dizer *odiar*, mas *amar menos*. O que exprime o verbo grego *misein* (*misei/n*) o verbo hebreu, de que Jesus deve ter-se servido, expressa ainda melhor; ele não significa somente *odiar*, mas *amar menos, não amar tanto quanto, igualmente a um outro*. No dialeto siríaco, segundo dizem, o mais utilizado por Jesus, tal significação é ainda mais acentuada. É nesse sentido que se diz no *Gênesis* (xxix: 30 e 31): “E Jacó amou também a Raquel mais que a Lia, e Jeová, vendo que Lia era *odiada*...” É evidente quer o verdadeiro sentido é *menos amada*; é assim que se deve traduzir. Em várias outras passagens hebraicas, e sobretudo siríacas, o mesmo verbo é empregado no sentido de *não amar tanto quanto a um outro*, e se incidiria em um contra-senso traduzindo-se por *odiar*, que possui uma outra acepção bem determinada. O texto de São Mateus, de resto, elimina toda a dificuldade. (Nota do Sr. Pezzani.)

6. Um outro lhe disse-lhe: Senhor, eu o seguirei: mas permita-me dispor antes o que eu possuo em minha casa. — Jesus lhe respondeu: Qualquer um que, tendo pegado a charrua, olha para trás de si não está preparado para o reino de Deus. (São Lucas, IX: 61 e 62.)

Sem discutir as palavras, é preciso aqui decifrar o pensamento, que era evidentemente este: “Os interesses da vida futura sobrepõem-se a todos os interesses e a todas as considerações humanas”, porque está de acordo com o núcleo da doutrina de Jesus, ao passo que a ideia de uma renúncia à sua família seria a negação da doutrina.

Não temos nós, aliás, sob nossos olhos, a aplicação dessas máximas quando do sacrifício dos interesses e das afeições da família pela pátria? Recrimina-se um filho por deixar seu pai, sua mãe, seus irmãos, sua mulher e seus filhos, para marchar em defesa do seu país? Não lhe atribuímos, ao contrário, um mérito, por apartar-se das doçuras do lar e dos abraços da amizade, para cumprir um dever? Existem, portanto, deveres que se sobrepõem a outros deveres. A lei não estabelece como obrigação que a filha deixe os pais para seguir seu esposo? O mundo formiga de casos em que as separações mais penosas são necessárias; mas as afeições nem por isso se rompem; o afastamento não diminui nem o respeito nem a solicitude que a gente deve aos pais, nem a ternura em relação aos filhos. Vê-se, então, que, mesmo tomadas à letra, com exceção da palavra *odiar*, essas palavras não seriam a negação do mandamento que prescreve honrar seu pai e sua mãe, nem do sentimento de ternura paterna, ainda com mais forte razão se a gente lhe apreende o espírito. Elas tinham por fim demonstrar, através de uma hipérbole, quanto era imperioso o dever de se ocupar da vida futura. Elas deviam, aliás, ser menos chocantes para um povo e em uma época em que, em consequência dos costumes, os laços de família possuíam menos força que em uma civilização de moral mais adiantada; esses laços, mais fracos nos povos primitivos, se fortalecem com o desenvolvimento da sensibilidade e do senso moral. A separação mesma é necessária ao progresso, tanto para as famílias, quanto para as raças, que se abastardam, caso não exista cruzamento, caso não se enxertem umas nas outras; é uma lei da natureza, tanto no interesse do progresso moral quanto do progresso físico.

As coisas não estão encaradas aqui senão do ponto de vista terrestre; o espiritismo nos faz vê-las de mais alto, ao nos demonstrar que os verdadeiros laços de afeição são os do Espírito e não os do corpo; que esses laços não são rompidos nem pela separação, nem mesmo pela morte do corpo; que eles se fortalecem na vida espiritual, pela purificação do Espírito; verdade consoladora, que proporciona uma grande força para suportar as vicissitudes da vida. (Cap. IV, n.º 18; cap. XIV, n.º 8.)

Deixe aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos.

7. Ele disse a um outro: Siga-me; e ele lhe respondeu: Senhor, permita-me ir primeiro enterrar meu pai. — E Jesus lhe retrucou: Deixe aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos; mas quanto a você, vá anunciar o reino de Deus. (São Lucas, IX: 59 e 60.)

8. Que podem significar estas palavras: “Deixe aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos”? As considerações que precedem demonstram, em princípio, na circunstância em que foram pronunciadas, que elas não podiam exprimir uma recriminação contra quem via como um dever de piedade filial ir enterrar seu pai; elas, porém, encerram um sentido profundo, que apenas um conhecimento mais completo da vida espiritual tinha como fazer compreender.

A vida espiritual, com efeito, é a verdadeira vida; é a vida normal do Espírito; sua existência terrestre não é mais que transitória e passageira; é uma espécie de morte, caso seja comparada ao esplendor e à atividade da vida espiritual. O corpo não passa de uma veste grosseira que envolve por alguns momentos o Espírito, verdadeira corrente que o agrilhoa à gleba terrestre e da qual ele fica feliz ao ser libertado. O respeito que se tem pelos mortos não se prende à matéria, mas, pela recordação, ao Espírito ausente; é parecido ao que se tem pelos objetos que lhe pertenceram, que ele tocou e que os que o estimavam guardam como relíquias. Eis o que aquele homem não tinha como compreender por si mesmo; Jesus lhe ensinou isso, dizendo: Não se inquiete por causa do corpo, mas pense antes no Espírito; vá ensinar o reino de Deus: vá dizer aos homens que sua pátria não se acha no mundo, mas no céu, pois lá somente se acha a verdadeira vida.

Eu não vim para trazer a paz, mas a divisão.

9. Não pensem que eu vim trazer a paz ao mundo; eu não vim trazer a paz, mas a espada; — pois eu vim separar o homem de seu pai, a filha de sua mãe e a nora de sua sogra; — e o homem terá como inimigos os de sua casa. (São Mateus, x: 34 a 36.)

10. Eu vim para atear fogo no mundo; e o que desejo eu senão que se acenda? Eu tenho que ser batizado em um batismo, e quanto me sinto pressionado para que ele se cumpra!

Creem vocês que eu vim trazer paz ao mundo? Não, eu lhes asseguro, mas, ao contrário, a divisão; — pois, daqui para a frente, caso se achem cinco pessoas em uma casa, elas serão divididas umas contra as outras: três contra duas e duas contra três. — O pai estará em divisão com o filho, e o filho com o pai; a mãe com a filha, e a filha com a mãe; a sogra com a nora, e a nora com a sogra. (São Lucas, xii: 49 a 53.)

11. Terá sido mesmo Jesus, a personificação da doçura e da bondade, ele que não cessou de pregar o amor do próximo, quem pôde dizer: Eu não vim trazer a paz, mas a espada; eu vim separar o filho do pai, o esposo da esposa; eu vim atear fogo no mundo, e eu me apresso para que se acenda?! Não estão tais palavras em contradição flagrante com seu ensinamento? Não existe blasfêmia em lhe atribuir a linguagem de um conquistador sanguinário e devastador? Não, não existe nem blasfêmia nem contradição nessas palavras, pois foi bem ele quem as pronunciou, e elas testemunham sua alta sabedoria; somente a forma um pouco equívoca não expressa exatamente seu pensamento, o que fez que depreciassem seu sentido verdadeiro; tomadas à letra, elas tenderiam a transformar sua missão toda pacífica em u’a missão de perturbações e de discórdias, consequência absurda, que o bom senso faz descartar, pois Jesus não tinha como desmentir-se. (Cap. xiv, n.º 6.)

12. Toda ideia nova encontra forçosamente oposição e não existe uma só que se haja estabelecido sem lutas; ora, em tal caso, a resistência está sempre na proporção da importância dos resultados *previstos*, porque, quanto maior ela é, tanto mais interesses lesa. Caso seja notoriamente falsa, se for considerada inconsequente, ninguém se comove com ela e a deixam passar, sabendo que não tem vitalidade. Mas, caso seja verdadeira, caso repouse sobre uma base sólida, caso se preveja um futuro para ela, um secreto pressentimento adverte seus antagonistas de que é um perigo para eles e para a ordem de coisas em cuja manutenção estão interessados; eis porque eles investem contra ela e seus adeptos.

A medida da importância e dos resultados de uma ideia nova se acha, assim, na comoção que causa quando de seu aparecimento, na violência da oposição que provoca e no grau e na persistência da cólera de seus adversários.

13. Jesus vinha proclamar uma doutrina que corroía em sua base os abusos em que viviam os fariseus, os escribas e os sacerdotes de seu tempo; por isso, eles o fizeram morrer, crendo matar a ideia ao matar o homem; mas a ideia sobreviveu, porque era verdadeira; ela cresceu, porque estava nos desígnios de Deus, e, saída de um obscuro burgo da Judeia, foi fincar sua bandeira na própria capital do mundo pagão, defronte de seus inimigos mais encarniçados, dos que tinham o maior interesse em combatê-la, porque subvertia as crenças seculares, às quais muitos aderiam mais por interesse que por convicção. Lá as lutas mais terríveis aguardavam seus apóstolos; as vítimas foram inumeráveis, mas a ideia cresceu sempre, e saiu triunfante, porque levava vantagem, como verdade, sobre suas predecessoras.

14. Cabe observar que o cristianismo chegou quando o paganismo estava em seu declínio, e se debatia contra as luzes da razão. Praticavam-no ainda quanto à forma, mas a crença havia desaparecido; somente o interesse pessoal o amparava. Ora, o interesse é tenaz; ele não cede jamais à evidência; ele se irrita tanto mais quanto os raciocínios que se opõem a ele são mais peremptórios e mais lhe demonstram seu erro; ele sabe muito bem que incide em erro, mas não é isso que o toca, pois a verdadeira fé não se acha em sua alma; o que o atemoriza mais é a luz que abre os olhos aos cegos; o erro lhe dá lucro; eis porque se agarra a ele e o defende.

Não tinha também Sócrates enunciado uma doutrina análoga, até certo ponto, à do Cristo? Por que não prevaleceu, naquela época, entre um dos povos mais inteligentes da Terra? Porque o tempo não havia chegado; ele semeou em uma terra não trabalhada: o paganismo não estava ainda *gasto*. Cristo recebeu sua missão providencial em temporada propícia. Nem todos os homens de seu tempo estavam, quanto era preciso, à altura das ideias cristãs, mas existia uma disposição mais geral para absorvê-las, porque se começava sentir o vácuo que as crenças do vulgo deixavam na alma. Sócrates e Platão tinham aberto o caminho e predisposto as mentes. (Ver na Introdução, parágrafo iv: *Sócrates e Platão, precursores da ideia cristã e do espiritismo.*)

15. Infelizmente, os adeptos da nova doutrina não se entenderam sobre a interpretação das palavras do Mestre, o mais das vezes veladas sob a alegoria e a metáfora; daqui nasceram, desde o início, as numerosas seitas que pretendiam, todas, possuir a

verdade exclusiva, e que dezoito séculos não alcançaram colocar de acordo. Esquecendo o mais importante dos divinos preceitos, o que Jesus havia dado como a pedra angular de seu edifício e a condição expressa da salvação: a caridade, a fraternidade e o amor do próximo, essas seitas se lançaram anátema, e caíram umas sobre as outras, as mais fortes esmagando as mais fracas, asfixiando-as em sangue, nas torturas e na chama das fogueiras. Os cristãos, vencedores do paganismo, de perseguidos se fizeram perseguidores; a ferro e fogo é que eles fincaram a cruz do cordeiro sem mancha nos dois mundos. É um fato conhecido que as guerras religiosas têm sido as mais cruéis e têm feito mais vítimas que as guerras políticas e que em nenhuma se cometeram mais atrocidade e barbárie.

A culpa é da doutrina do Cristo? Não, com certeza, pois ela condena formalmente toda violência. Terá dito ele, em alguma parte, a seus discípulos: Vão, matem, massacrem, queimem os que não crerem como vocês? Não, pois, ele lhes disse o contrário: Todos os homens são irmãos, e Deus é soberanamente misericordioso; amem seu próximo; amem seus inimigos; façam o bem aos que os perseguem. Ele lhes disse ainda: Quem matar através da espada perecerá através da espada. A responsabilidade não se deve atribuir, pois, absolutamente, à doutrina de Jesus, mas aos que a interpretaram erroneamente, e a transformaram em um instrumento para servir às suas paixões; aos que desconhecaram esta proposição: Meu reino não é deste mundo.

Jesus, em sua profunda sabedoria, imaginava o que podia suceder; mas tais coisas eram inevitáveis, porque concerniam à inferioridade da natureza humana, que não tinha como se transformar de repente. Precisava que o cristianismo passasse por essa longa e cruel provação de dezoito séculos, para demonstrar toda a sua força: pois, malgrado todo o mal cometido em seu nome, ele saiu dela puro; jamais ele foi posto em causa; a crítica sempre recaiu sobre os que abusaram dele; a cada ato de intolerância, sempre se disse: Se o cristianismo fosse melhor compreendido e melhor praticado, isso não teria ocorrido.

16. Quando Jesus disse: Não creiam que eu tenha vindo trazer a paz, mas a divisão, seu pensamento era este:

“Não creiam que minha doutrina vá estabelecer-se pacificamente; ela trará lutas sangrentas, para as quais meu nome será o pretexto, porque os homens não me haverão compreendido, ou não haverão desejado compreender-me; os irmãos, separados por sua crença, sacarão a espada um contra o outro, e a divisão reinará entre os membros de u’a mesma família que não tiverem a mesma fé. Eu vim lançar o fogo no mundo, para escoimá-lo dos erros e dos preconceitos, como a gente põe fogo em um campo para destruir-lhe as más ervas, e eu tenho pressa em que se acenda, para que a purificação se dê mais pronta, pois desse conflito a verdade sairá vencedora; à guerra sucederá a paz; ao ódio dos partidos, a fraternidade universal; às trevas do fanatismo, a luz da fé esclarecida. Então, quando o campo estiver preparado, eu lhes enviarei *o Consolador, o Espírito de Verdade, que virá restabelecer todas as coisas*; o que significa dizer que, ao fazer conhecer o verdadeiro sentido de minhas palavras, as quais os homens mais esclarecidos conseguirão, enfim, compreender, ele colocará fim à luta fratricida que divide os filhos de um mesmo Deus. Cansados, enfim, de um combate sem saída, que apenas traz como resultado a desolação, e leva a perturbação até o seio das famílias, os homens reconhecerão onde se acham seus verdadeiros interesses, quanto a este mundo e quanto ao outro; eles verão de

que lado estão os amigos e os inimigos de sua paz. Todos, então, virão abrigar-se sob a mesma bandeira: a da caridade, e as coisas serão restabelecidas no mundo conforme a verdade e os princípios que eu lhes tenho ensinado.”

17. O espiritismo vem realizar, no tempo designado, as promessas do Cristo; entretanto, ele não tem como fazê-lo sem destruir os abusos; como Jesus, ele topa em seus passos com o orgulho, o egoísmo, a ambição, a cupidez, o fanatismo cego, que, encurralados em suas últimas trincheiras, tentam barrar-lhe o caminho e lhe suscitam entraves e perseguições; eis porque ele tem que combater; mas o tempo das lutas e das perseguições sanguinolentas passou; as que ele tem de sofrer são todas morais, e seu término está próximo; as primeiras duraram séculos: estas aqui mal durarão alguns anos, porque a luz, em lugar de partir de um só foco, jorra sobre todos os pontos do globo, e abrirá mais cedo os olhos aos cegos.

18. As palavras de Jesus devem, pois, entender-se quanto às cóleras que ele previa que sua doutrina ia provocar, quanto aos conflitos imediatos que iam ocorrer em consequência, quanto às lutas que ia ter de sustentar antes de se estabelecer, como foi com os hebreus, antes de sua entrada na Terra Prometida, e não quanto a um desígnio premeditado, de sua parte, de semear a desordem e a confusão. O mal tinha que provir dos homens e não dele. Ele estava na situação do médico que vem curar, mas cujos remédios provocam uma crise salutar, ao removerem os humores malsãos do doente.

CAPÍTULO XXIV

NÃO PONHAM A VELA SOB O ALQUEIRE.

Vela sob o alqueire. Porque Jesus fala por parábolas. — Não vão nunca aos gentios. — Não são os que têm saúde que precisam de médico. — A coragem da fé. — Carregar sua cruz. Quem quiser salvar sua vida a perderá.

Vela sob o alqueire. Porque Jesus fala por parábolas.

1. Não se acende jamais uma vela para colocá-la sob o alqueire, mas colocam-na no castiçal, a fim de que ilumine a todos os que estão na casa. (São Mateus, v: 15.)

2. Não existe ninguém que, após ter acendido uma vela, a cubra com um vaso ou a coloque sob a cama; mas colocam-na no castiçal, a fim de que os que entrem vejam a luz; — pois não há nada secreto que não possa ser descoberto, nem nada escondido que não possa ser conhecido e aparecer publicamente. (São Lucas, VIII: 16 e 17.)

3. Aproximando-se seus discípulos, lhes perguntaram: Por que você lhes fala por parábolas? — E respondendo-lhes, ele lhes disse: É porque, quanto a vocês, lhes é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas, quanto a eles, não lhes é dado. — Eu lhes falo por parábolas, porque, vendo, eles não veem nada, e, escutando, eles não ouvem nem compreendem nada. — E a profecia de Isaías se cumprirá neles quando diz: Vocês escutarão com suas orelhas, e não ouvirão nada; vocês olharão com seus olhos, e não verão nada. — Pois o coração deste povo ficou pesado, seus ouvidos ficaram surdos, e eles fecharam seus olhos com medo de que seus olhos vejam, de que seus ouvidos ouçam, de que seu coração compreenda, e de que, estando convertidos, eu os cure. (São Mateus, XIII; 10, 11 e 13 a 15.)

4. A gente se espanta ao ouvir Jesus dizer que não se deve colocar a luz sob o alqueire, ao passo que ele mesmo oculta tantas vezes o sentido de suas palavras sob o véu da alegoria, que não tem como ser compreendida por todos. Ele se explica, dizendo a seus apóstolos: Eu lhes falo por parábolas, porque eles não são capazes de compreender certas

coisas; eles veem, olham, escutam e não compreendem; dizer-lhes tudo seria, pois, inútil neste momento; mas a vocês eu lhes digo, porque lhes é dado compreender esses mistérios. Ele agia, pois, em relação ao povo, como se faz em relação às crianças cujas ideias não estão ainda desenvolvidas. Desse modo, ele aponta o verdadeiro significado da máxima: “Não se deve colocar a vela sob o alqueire, mas no castiçal, a fim de que todos os que entram possam vê-la”. Ela não significa em absoluto que é preciso imprudentemente revelar todas as coisas; todo ensinamento tem que ser proporcional à inteligência daquele a quem se dirige, pois existem pessoas que uma luz demasiado viva fascina sem esclarecê-las.

Ocorre com os homens em geral como com os indivíduos; as gerações têm sua infância, sua juventude e sua idade madura. Cada coisa tem que vir em seu tempo, e a semente plantada fora da estação não frutifica. Mas o que a prudência manda calar temporariamente terá, cedo ou tarde, que ser descoberto, porque, chegando a certo grau de desenvolvimento, os homens procuram por si mesmos a luz viva; a obscuridade lhes pesa. Tendo-lhes Deus propiciado a inteligência para compreender e para se guiar nas coisas do mundo e do céu, eles desejam tornar sua fé racional; é quando não se deve colocar a vela sob o alqueire, pois, *sem a luz da razão, a fé se enfraquece*. (Cap. XIX, n.º 7.)

5. Se, portanto, em sua providente sabedoria, a Providência só vai revelando as verdades gradualmente, ela as vai desvendando sempre, à medida que a humanidade vai amadurecendo para recebê-las; ela as mantém reservadas e não sob o alqueire; mas os homens que estão de posse delas as ocultam o mais das vezes do vulgo, tendo em vista dominá-lo; são os que colocam verdadeiramente a luz sob o alqueire. Eis como todas as religiões tiveram seus mistérios, cujo exame proíbem; mas, enquanto tais religiões ficavam para trás, o conhecimento e a inteligência avançaram e dilaceraram o véu misterioso; o vulgo, agora adulto, desejou penetrar até o fundo das coisas, e, aí, expulsou de sua fé o que era contrário à observação.

Não podem existir mistérios absolutos, e Jesus está correto quando diz que não existe nada de secreto, sem que possa ser conhecido. Tudo o que está oculto será descoberto um dia, e o que o homem não consegue ainda compreender na Terra lhe será sucessivamente desvendado nos mundos mais adiantados, e quando ele estiver purificado; neste mundo, ele se acha ainda na bruma.

6. A gente pergunta que proveito o povo era capaz de extrair dessa enorme quantidade de parábolas cujo sentido permanecia desconhecido para ele. Observe-se que Jesus se expressou por parábolas apenas nas partes de algum modo abstratas de sua doutrina; mas, tendo feito da caridade para com o próximo e da humildade a condição expressa da salvação, tudo o que disse a este respeito está perfeitamente claro, explícito e sem ambiguidade. Tinha que ser assim porque isso constituía a regra de conduta, regra que todo o mundo tinha que compreender para poder observar; isso era o essencial para a multidão ignorante, à qual ele se limitava a dizer: Eis aqui o que é preciso fazer para ganhar o reino dos céus. A respeito das outras partes, ele desenvolvia seu pensamento tão somente para seus discípulos; sendo estes mais adiantados moralmente e intelectualmente, Jesus tinha conseguido iniciá-los nas verdades mais abstratas; eis porque ele disse: *Aos que já possuem, lhes será dado ainda mais*. (Cap. XVIII, n.º 15.)

No entanto, mesmo com os apóstolos, ele deixou ficar sem definição muitos pontos, cujo entendimento completo estava reservado a tempos ulteriores. Tais pontos são os que causaram interpretações tão diversas, até que a ciência, de um lado, e o espiritismo, de outro, vieram revelar as novas leis da natureza, as quais possibilitaram compreender seu verdadeiro sentido.

7. O espiritismo vem hoje em dia lançar luz sobre uma quantidade enorme de pontos obscuros; todavia, ele não a lança imprecavidamente. Os Espíritos procedem, em suas mensagens, com uma admirável prudência; não foi senão sucessivamente e gradualmente que eles trataram das diversas partes conhecidas da doutrina, e será assim que as outras partes serão reveladas, à proporção que for chegando o momento de fazê-las sair da sombra. Se eles a houvessem apresentado completa desde o início, a doutrina só teria sido acessível a um pequeno número; ela teria mesmo apavorado os que não estavam prevenidos, o que teria prejudicado sua propagação. Portanto, se os Espíritos não dizem ainda tudo ostensivamente, não é jamais porque existam na doutrina mistérios reservados a uns privilegiados, nem porque eles coloquem a vela sob o alqueire, mas porque cada coisa tem que vir no tempo oportuno; eles concedem a uma ideia o tempo de amadurecer e de se propagar, antes de apresentar uma outra, e *aos acontecimentos o de preparar-lhes a aceitação.*

Não vão jamais aos gentios.

8. Jesus enviou seus doze (os apóstolos), após lhes dar as instruções seguintes: Não vão jamais aos gentios e não entrem jamais nas cidades dos samaritanos; — mas vão de preferência às ovelhas perdidas da casa de Israel; — e nos lugares aonde vocês forem, puguem, dizendo que está próximo o reino dos céus. (São Mateus, x: 5 a 7.)

9. Jesus denota, em muitas circunstâncias, que suas vistas não estão jamais circunscritas ao povo judeu, mas que abarcam toda a humanidade. Se ele disse aos apóstolos para não irem aos pagãos, não foi por desdém à conversão deles, o que teria sido pouco caridoso, mas porque os judeus, que criam na unidade de Deus e esperavam o Messias, estavam preparados, através da lei de Moisés e através dos profetas, para receberem sua palavra. Entre os pagãos, faltando a própria base, tudo estava por fazer, e os apóstolos não estavam em absoluto ainda assaz esclarecidos para uma tão pesada tarefa; eis porque ele lhes disse: Vão às ovelhas perdidas de Israel; quer dizer, vão semear em um terreno já lavrado, sabendo muito bem que a conversão dos gentios viria a seu tempo; mais tarde, com efeito, justamente no centro do paganismo é que os apóstolos foram plantar a cruz.

10. Essas palavras podem aplicar-se aos adeptos e aos propagadores do espiritismo. Os incrédulos sistemáticos, os ralhadores obstinados, os adversários interessados são para eles o que eram os gentios para os apóstolos. A exemplo destes, que eles procurem primeiro prosélitos entre as pessoas de boa vontade, as que desejam a luz, nas quais se

acha uma semente fecunda e cujo número é grande, sem perder seu tempo com os que se negam a ver e a ouvir, e que se obstinam tanto mais, por orgulho, quanto mais a gente parece atribuir importância à sua conversão. Mais vale abrir os olhos a cem cegos que desejam ver claro que a um só que se compraz na obscuridade, porque assim se aumenta o número dos que auxiliam a causa em grande proporção. Deixar os outros tranquilos não significa indiferença, mas apenas boa política; sua vez chegará quando forem cercados pela opinião geral, e quando ouvirem a mesma coisa repetida sem cessar, em torno deles; então, eles presumirão aceitar a ideia espontaneamente e por si mesmos, e não sob a pressão de um indivíduo. Depois, existem ideias como existem sementes: elas não conseguem germinar antes da estação, e somente em um terreno preparado; eis porque é melhor esperar o tempo propício, e cultivar primeiro as que germinam, no receio de fazer abortar as outras, ao instigá-las exageradamente.

No tempo de Jesus e como resultado das ideias restritas e materiais da época, tudo estava circunscrito e localizado; a casa de Israel era um povo diminuto; os gentios eram povos diminutos ao redor; hoje em dia, as ideias se universalizam e se espiritualizam. A luz nova não é privilégio de nenhuma nação; para ela, não existem mais barreiras; ela tem seu foco por toda a parte e todos os homens são irmãos. Mas também os gentios não são mais um povo: trata-se de uma opinião que se acha por toda a parte, e da qual a verdade triunfa a pouco e pouco, como o cristianismo triunfou do paganismo. E não é mais com as armas de guerra que a gente combate contra eles, mas com o poder da ideia.

Não são os que têm saúde que precisam de médico.

11. Estando Jesus à mesa na casa desse homem (Mateus), vieram muitos publicanos e pessoas de má vida que se puseram à mesa com Jesus e seus discípulos; — Tendo os fariseus visto isso, disseram aos discípulos: Por que seu mestre come com os publicanos e as pessoas de má vida? — Mas Jesus, tendo-os ouvido, lhes disse: Não são os que têm saúde, mas são os doentes que precisam de médico. (São Mateus, ix: 10 a 12.)

12. Jesus se endereçava, sobretudo, aos pobres e aos deserdados, porque são eles os que precisam mais de consolações; aos cegos dóceis e de boa-fé, porque eles pedem para ver; e não aos orgulhosos, que julgam possuir toda a luz e não necessitar de nada. (Ver na Introdução: *Publicanos; Peageiros.*)

Esta proposição, como tantas outras, encontra sua aplicação no espiritismo. A gente se espanta, às vezes, que a mediunidade seja proporcionada a pessoas indignas e capazes de fazerem mau uso dela; parece, dizem, que uma faculdade tão preciosa teria que ser exclusivo atributo dos que têm mais méritos.

Digamos, desde logo, que a mediunidade se apoia em uma condição orgânica de que todo homem pode ser dotado, como a de ver, de ouvir, de falar. Não existe nenhuma de que o homem, em virtude de seu livre-arbítrio, não consiga abusar, e, se Deus tivesse concedido a palavra, por exemplo, tão só aos que são incapazes de dizer más coisas,

existiriam mais mudos do que falantes. Deus ofereceu ao homem umas faculdades; ele o deixa livre para usá-las, mas pune sempre quem delas abusa.

Se o poder de se comunicar com os Espíritos fosse dado apenas aos mais dignos, quem é que ousaria pleiteá-lo? Onde se situaria, de resto, o limite da dignidade e da indignidade? A mediunidade é concedida sem distinção, a fim de que os Espíritos tenham como levar a luz a todas as camadas, a todas as classes da sociedade, à casa do pobre como à casa do rico; à casa dos sábios, para fortalecê-los no bem, à casa dos imperfeitos, para corrigi-los. Estes últimos não são os doentes que precisam do médico? Por que Deus, que não deseja a morte do pecador, o privaria do socorro capaz de tirá-lo do lodaçal? Os bons Espíritos lhe vêm, portanto, em ajuda, e seus conselhos, os quais ele recebe diretamente, são de natureza a impressioná-lo mais vivamente do que se ele os recebesse por vias transversas. Deus, em sua bondade, para poupar-lhe o sacrifício de ir buscar a luz ao longe, coloca-a em sua mão; não é ele bem mais culpado por não enxergá-la? Poderá ele desculpar-se com sua ignorância, quando tiver escrito ele mesmo, visto com seus olhos, ouvido com seus ouvidos e pronunciado com sua boca sua própria condenação? Se ele não tira proveito, é então que é punido através da perda ou da deterioração de sua faculdade, da qual os maus Espíritos se apoderam, para obsedá-lo e enganá-lo, sem prejuízo das aflições concretas com que Deus atinge seus servos indignos e os corações insensibilizados pelo orgulho e pelo egoísmo.

A mediunidade não implica necessariamente as relações habituais com os Espíritos superiores; é simplesmente uma *aptidão* para servir de instrumento mais ou menos dúctil para os Espíritos em geral. O bom médium não é, pois, o que se comunica facilmente, mas o que é simpático aos bons Espíritos e é assistido apenas por eles. É nesse sentido somente que a excelência das qualidades morais é de total valia para a mediunidade.

A coragem da fé.

13. Qualquer um que me confessar e me reconhecer diante dos homens, eu o reconhecerei e confessarei também, eu mesmo, diante de meu Pai que está nos céus; — e qualquer um que me renunciar diante dos homens, eu o renunciarei também, eu mesmo, diante de meu Pai que está nos céus. (São Mateus, x: 32 e 33.)

14. Se alguém se envergonhar de mim e de minhas palavras, o Filho do homem se envergonhará também dele, quando vier em sua glória e na de seu Pai e dos santos anjos. (São Lucas, ix: 26.)

15. A coragem da opinião sempre ganhou a estima dos homens, porque existe mérito em desafiar os perigos, as perseguições, as polêmicas e, mesmo, os simples sarcasmos, aos quais sempre se expõe quem não teme anunciar em voz alta as ideias que não são as de todo o mundo. Aqui, como em tudo, o mérito se dá em função das circunstâncias e dos resultados. Existe sempre fraqueza em recuar diante das

consequências de sua opinião e em renegá-la, mas existem casos em que isso constitui uma covardia tão grande quanto a de fugir na hora da batalha.

Jesus avilta essa covardia, do ponto de vista específico de sua doutrina, ao dizer que, se qualquer um se envergonha de suas palavras, ele se envergonhará também dele; que renegará quem o tiver renegado; que quem o confessar, diante dos homens, ele o reconhecerá, diante de seu Pai que está nos céus; em outros termos: *os que houverem temido confessar-se discípulos da verdade não são dignos de ser admitidos no reino da verdade*. Eles perderão os benefícios de sua fé, porque é uma fé egoísta, que eles resguardam para si mesmos, mas que eles escondem com receio de que ela lhes traga prejuízo neste mundo, ao passo que os que põem a verdade acima de seus interesses materiais, proclamando-a abertamente, trabalham, ao mesmo tempo, por seu futuro e o dos outros.

16. O mesmo sucederá aos adeptos do espiritismo, porquanto sua doutrina não é mais que o desenvolvimento e a aplicação daquela do Evangelho; é a eles também que se endereçam as palavras do Cristo. Eles semeiam no mundo o que irão colher na vida espiritual; lá eles colherão os frutos de sua coragem ou de sua fraqueza.

Carregar sua cruz. Quem quiser salvar sua vida a perderá.

17. Vocês serão bem venturosos, quando os homens os odiarem, quando os separarem, quando os tratarem injuriosamente, quando rejeitarem seu nome como mau, por causa do Filho do homem. — Regozijem-se nesse dia, e se encham de alegria, porque uma grande recompensa lhes está reservada no céu, pois foi assim que os pais deles tratavam os profetas. (São Lucas, vi: 22 e 23.)

18. Chamando a si o povo com seus discípulos, ele lhes disse: Se alguém deseja acompanhar-me, que renuncie a si mesmo, que pegue sua cruz e que me siga; — pois quem desejar salvar-se se perderá; e quem se perder por amor a mim e ao Evangelho se salvará. — Com efeito, de que servirá a um homem ganhar todo o mundo e perder-se a si mesmo? (São Marcos, viii: 34 a 36; São Mateus, x: 38 e 39 e São João, xii: 25.)

19. Regozijem-se, disse Jesus, quando os homens os odiarem e os perseguirem por minha causa, porque vocês serão recompensados no céu. Tais palavras podem traduzir-se assim: Fiquem felizes quando os homens, pela má vontade deles a seu respeito, lhes oferecem a ocasião de comprovar a sinceridade de sua fé, pois o mal que eles praticam contra vocês se converte para seu proveito. Lamentem, portanto, a cegueira deles e não os amaldiçoem.

Depois ele junta: “Quem deseja seguir-me que pegue sua cruz”, quer dizer, que ele suporte corajosamente as tribulações que sua fé lhe suscitar; pois quem desejar salvar sua vida e seus bens, renunciando a mim, perderá as vantagens do reino dos céus, ao passo que os que tiverem tudo perdido neste mundo, mesmo a vida, para triunfo da verdade, receberão, na vida futura, o prêmio por sua coragem, por sua perseverança e por sua

abnegação; mas aos que sacrificam os bens celestes pelos gozos terrenos, Deus disse: Você já recebeu sua recompensa.

CAPÍTULO XXV

BUSQUEM E VOCÊS ACHARÃO.

Ajude-se: o céu o ajudará. — Considerem as aves do céu. — Não se sacrifiquem jamais para possuírem o ouro.

Ajude-se: o céu o ajudará.

1. Peçam e lhes será dado; *procurem e vocês acharão*; batam à porta e lhes será aberta; pois qualquer que peça recebe; e quem procura acha, e se abrirá a quem bate à porta.

Por isso, quem é o homem dentre vocês que oferece uma pedra a seu filho quando ele lhe pede pão; — ou, se ele lhe pede um peixe, lhe dará uma serpente? — Logo, se, maus como vocês são, vocês sabem dar boas coisas a seus filhos, com quanto mais forte razão seu Pai que está nos céus dará os verdadeiros bens aos que lhe pedirem. (São Mateus, VII: 7 a 11.)

2. Do ponto de vista terrestre, a máxima: *Procurem e vocês acharão*, é análoga a esta: *Ajude-se: o céu o ajudará*. É o princípio da *lei do trabalho* e, por consequência, da *lei do progresso*, pois o progresso é filho do trabalho, porque o trabalho põe em ação as forças da inteligência.

Na infância da humanidade, o homem aplica sua inteligência apenas na procura de sua alimentação, dos meios de se preservar das intempéries e de se defender contra seus inimigos; mas Deus lhe forneceu, a mais que ao animal, *o desejo incessante pelas melhores coisas*; é esse desejo pelas melhores coisas que o impulsiona à pesquisa dos meios de melhorar sua situação, que o conduz às descobertas, às invenções, ao aperfeiçoamento da ciência, pois é a ciência que lhe propicia o que lhe falta. Através de suas pesquisas, sua inteligência cresce, sua moral se depura; às necessidades do corpo sucedem as necessidades da mente; após a alimentação material, ele precisa da alimentação espiritual; eis como o homem passa da selvageria à civilização.

Mas o progresso que cada homem perfaz individualmente, durante a vida, é bem pouca coisa, imperceptível mesmo para um grande número; como, então, a humanidade conseguiria progredir, sem a preexistência e a *reexistência* da alma? Indo embora as almas cada dia para não mais voltar, a humanidade se renovaria sem cessar com os elementos primitivos, tendo tudo para fazer, tudo para aprender; não existiria razão, pois, para que o homem fosse mais adiantado hoje em dia do que nas primeiras eras do mundo, porquanto, a cada nascimento, todo o trabalho intelectual ficaria para recomeçar. Ao contrário, retornando a alma com seu progresso efetuado, e adquirindo, a cada vez, algo a mais, é assim que ela passa gradualmente da barbárie à *civilização material* e desta à *civilização moral*. (Ver cap. IV, n.º 17.)

3. Se Deus houvesse liberado o homem do trabalho do corpo, seus membros ficariam atrofiados; se ele o houvesse liberado do trabalho da inteligência, sua mente teria ficado na infância, no estado do instinto animal; eis porque ele fez do trabalho uma necessidade para ele; ele lhe disse: *Procure e você encontrará; trabalhe e você produzirá*; dessa maneira, você será o filho de suas obras, você terá o mérito delas e será recompensado conforme o que houver feito.

4. Por aplicarem esse princípio é que os Espíritos não vêm poupar ao homem o trabalho das pesquisas, trazendo-lhe descobertas e invenções totalmente acabadas e prestes a funcionar, de modo a não ter senão que pegar o que lhe seria posto na mão, sem o esforço de se abaixar para colher, nem mesmo o de pensar. Se fosse assim, o mais preguiçoso conseguiria enriquecer-se e o mais ignorante tornar-se sábio sem grande custo, e um e outro dar-se o mérito daquilo que não teriam feito em absoluto. Não, *os Espíritos não vêm jamais liberar o homem da lei do trabalho, mas mostrar-lhe o alvo que tem que atingir e a rota que conduz a ele, dizendo-lhe: Avance e você chegará. Você achará pedras sob seus passos; observe e afaste-as por si mesmo; nós lhe fornecemos a força necessária, caso você deseje empregá-la.* (*O Livro dos Médiuns*, 2.ª parte, cap. XXVI, n.ºs 291 e seg.ºs)

5. Do ponto de vista moral, tais palavras de Jesus significam: Peçam a luz que pode iluminar seu caminho e ela lhes será fornecida; peçam a força para resistir ao mal e vocês a terão; peçam a assistência dos bons Espíritos e eles virão acompanhá-los e, como o anjo de Tobias, eles lhes servirão de guias; peçam bons conselhos e eles não lhes serão jamais recusados; batam à nossa porta e ela lhes será aberta; mas peçam sinceramente, com fé, fervor e confiança; apresentem-se com humildade e não com arrogância, sem o que vocês serão abandonados às suas próprias forças, e as quedas que vocês tiverem serão a punição de seu orgulho.

Tal é o sentido destas palavras: Procurem e vocês encontrarão; batam e lhes será aberto.

Considerem as aves do céu.

6. Não depositem jamais tesouros para vocês na terra, onde a ferrugem e os vermes os comem e onde os ladrões os desenterram e os roubam; — mas depositem tesouros para vocês no céu, onde nem a ferrugem nem os vermes os comem jamais; — pois onde está seu tesouro, lá também está seu coração.

Eis porque eu lhes digo: Não se inquietem jamais quanto a encontrar o que comer para o sustento de sua vida, nem quanto a obter as roupas para cobrir seu corpo; a vida não é mais que a alimentação, e o corpo mais que a roupa?

Considerem as aves do céu: elas não semeiam nunca, elas não ceifam nunca, elas não juntam nada nos celeiros, mas seu Pai celeste as alimenta; não são vocês muito mais que elas? — E quem é dentre vocês que consegue, com todas as suas diligências, juntar à sua estatura a altura de um côvado?

Por que também vocês se inquietam pela roupa? Considerem como crescem os lírios dos campos: eles não trabalham nunca, eles não fiam nunca; — entretanto, eu lhes declaro que Salomão mesmo, em toda a sua glória, não se vestiu jamais como um deles. — Portanto, se Deus tem o cuidado de vestir dessa forma uma erva dos campos, que surge hoje e que amanhã é jogada no forno, quanto terá ele maior cuidado de vesti-los, ó homens de pouca fé!

Não se inquietem, portanto, jamais, dizendo: Que comeremos nós, ou que beberemos nós, ou com que nos vestiremos nós? — como fazem os pagãos que se requintam em todas essas coisas; pois seu Pai sabe o de que vocês têm necessidade.

Busquem, pois, primeiro, o reino de Deus e sua justiça e todas essas coisas lhes serão oferecidas em acréscimo. — Eis porque não fiquem jamais em desassossego pelo amanhã, pois o amanhã irá cuidar de si mesmo. *A cada dia basta seu mal.* (São Mateus, vi: 19 a 21; 25 a 34.)

7. Tomadas essas palavras à letra, seriam a negação de toda providência e de todo trabalho e, por conseguinte, de todo progresso. Com um tal princípio, o homem se reduziria a uma passividade esperançosa; suas forças físicas e intelectuais ficariam sem atividade; se tal tivesse sido sua condição normal no mundo, ele não teria jamais saído do estado primitivo, e, se ele fizesse disso sua lei atual, ele poderia apenas viver, sem nada fazer. Tal não pode ter sido o pensamento de Jesus, pois estaria em contradição com o que ele havia dito alhures e com as leis mesmas da natureza. Deus criou o homem sem roupas e sem abrigo, mas ele lhe forneceu a inteligência para fabricá-los. (Cap. xiv, n.º 6; cap. xxv, n.º 2.)

É preciso, então, ver nessas palavras tão só uma alegoria poética da Providência, que não abandona jamais os que depositam nela sua confiança, mas que deseja que eles trabalhem de seu lado. Se nem sempre ela vem em ajuda através de um socorro material, ela inspira as ideias com as quais se encontram os meios de sair por si mesmo do embaraço. (Cap. xxvii, n.º 8.)

Deus conhece nossas carências e ele as provê, segundo o necessário; mas o homem, insaciável em seus desejos, nem sempre consegue contentar-se com o que tem; o necessário não lhe basta; ele precisa também do supérfluo; é então que a Providência o larga a si mesmo; constantemente ele fica infeliz por sua culpa e por haver ignorado a voz que advertia através de sua consciência; e Deus o deixa sofrer as consequências, a fim de que isso lhe sirva de lição no futuro. (Cap. v, n.º 4.)

8. A terra produz o bastante para alimentar todos os seus habitantes, isto quando os homens souberem administrar os bens que ela proporciona, segundo as leis de justiça, de caridade e de amor do próximo; quando a fraternidade reinar entre os diversos povos,

como entre as províncias de um mesmo império, o supérfluo temporário de um suprirá a insuficiência temporária de outro, e cada um terá o necessário. O rico, então, se considerará como um homem que tem uma grande quantidade de sementes; caso ele as distribua, elas produzirão ao cêntuplo, para ele e para os outros; mas, caso ele coma essas sementes sozinho, caso as desperdice e deixe perder o excedente do que comeu, elas não produzirão nada e não haverá para todo o mundo; caso ele as tranque em seu celeiro, os vermes as comerão; eis porque Jesus disse: Não depositem jamais tesouros para vocês na terra, os quais são perecíveis; mas depositem tesouros para vocês no céu, porque são eternos. Em outros termos, não atribuam aos bens materiais mais importância que aos bens espirituais, e saibam sacrificar os primeiros em favor dos últimos. (Cap. xvi, n.^{os} 7 e seg.^s)

Não é com umas leis que a gente decreta a caridade e a fraternidade; se elas não estiverem no coração, o egoísmo as sufocará sempre; fazer que aí penetrem é a função do espiritismo.

Não se sacrifiquem jamais para possuírem o ouro.

9. Não se sacrifiquem jamais para possuírem o ouro ou a prata, ou outra moeda em sua bolsa. — Não preparem nem u'a mochila para o caminho, nem duas túnicas, nem calçados, nem bastões, pois quem trabalha merece ser alimentado.

10. Em qualquer cidade ou em qualquer povoado em que vocês entrarem, informem-se sobre quem é digno de os alojar, e fiquem na casa dele até que vocês se vão. — Ao entrarem na casa, saúdem-na, dizendo: Que a paz esteja nesta casa. — Caso essa residência seja digna, sua paz virá sobre ela; e, caso não seja digna, sua paz retornará a vocês.

Quando alguém não desejar em absoluto recebê-los nem ouvir suas palavras, sacudam, ao sair dessa casa ou dessa cidade, o pó de seus pés. — Eu lhes digo em verdade que, no dia do julgamento, Sodoma e Gomorra serão tratadas menos rigorosamente do que essa cidade. (São Mateus, x: 9 a 15.)

11. Essas palavras, que Jesus endereçava a seus apóstolos, quando os enviou pela primeira vez para anunciar a boa nova, não tinham nada de estranho naquela época; elas estavam de acordo com os costumes patriarcais do oriente, onde o viajante era sempre recebido sob a tenda. Mas, então, os viajantes eram raros; junto aos povos modernos, o crescimento da circulação teria de criar novos costumes; apenas se encontram os costumes dos tempos antigos nas regiões retiradas, onde o grande movimento não penetrou ainda; caso Jesus voltasse hoje, não poderia mais dizer a seus apóstolos: Ponham-se a caminho sem provisões.

Ao lado do sentido próprio, essas palavras possuem um sentido moral muito profundo. Jesus ensinava, assim, a seus discípulos a se confiarem à Providência; depois, nada possuindo eles, não tinham como tentar a cupidez dos que os recebiam; era o meio de distinguir os caridosos dos egoístas; eis porque ele lhes disse: "Informem-se sobre quem é digno de alojá-los"; quer dizer, sobre quem é assaz humano para albergar o viajante que

não tem como pagar, pois esses são dignos de ouvir suas palavras; é por sua caridade que vocês os reconhecerão.

Quanto aos que não desejarem nem recebê-los, nem ouvi-los, disse ele a seus apóstolos para amaldiçoarem-nos, para se imporem a eles, para usarem de violência e para constrangê-los, a fim de os converterem? Não; mas para irem embora pura e simplesmente, e procurarem pessoas de boa vontade.

Assim diz hoje em dia o espiritismo a seus adeptos: Não forcem nenhuma consciência; não constranjam ninguém a deixar sua crença para adotar a de vocês; não lancem anátema sobre os que não pensam como vocês; acolham os que vêm a vocês e deixem tranquilos os que os rejeitam. Lembrem-se das palavras do Cristo; outrora o céu era conquistado através da violência, hoje é através da brandura. (Cap. IV, n.^{os} 10 e 11.)

CAPÍTULO XXVI

DEEM GRATUITAMENTE O QUE VOCÊS RECEBERAM GRATUITAMENTE.

Dom de curar. — Preces pagas. — Vendilhões expulsos do templo. — Mediunidade gratuita.

Dom de curar.

1. Deem saúde aos enfermos, ressuscitem os mortos, curem os leprosos, expulsem os demônios. Deem gratuitamente o que vocês receberam gratuitamente. (São Mateus, x: 8.)

2. “Deem gratuitamente o que vocês receberam gratuitamente”, disse Jesus a seus discípulos; através desse preceito, ele prescreve que a gente absolutamente não cobre o que a gente mesmo não pagou; ora, o que eles haviam recebido gratuitamente era a faculdade de curar os doentes e de expulsar os demônios, quer dizer, os maus Espíritos; esse dom lhes havia sido oferecido gratuitamente por Deus, para alívio dos que sofrem, e para ajudar a propagação da fé, e ele lhes disse para não fazerem absolutamente disso um comércio, nem um objeto de especulação, nem um meio de viver.

Preces pagas.

3. Ele disse em seguida a seus discípulos na presença de todo o povo que o escutava: — Resguardem-se dos escribas, que estimam passear com longas túnicas e gostam de ser saudados nas praças públicas, de ocupar as primeiras cadeiras nas sinagogas e os primeiros lugares nas festas; — que, *sob o pretexto de longas preces, devoram as casas das viúvas*. Essas pessoas receberão por

isso uma condenação mais rigorosa. (São Lucas, xx: 45 a 47; São Marcos, xii: 38 a 40 e São Mateus, xxiii: 14.)

4. Jesus disse assim: Não façam nunca que paguem suas preces; não façam nunca como os escribas, que, “sob o pretexto de longas preces, *devoram as casas das viúvas*”; quer dizer, açambarcam as fortunas. A prece é um ato de caridade, um elã do coração; fazer pagar a que se endereça a Deus por outrem é transformar-se em intermediário assalariado; a prece, então, constitui uma fórmula cuja extensão corresponde à quantia que ela rende. Ora, de duas, uma: ou Deus mede ou não mede suas graças pela quantidade das palavras; caso se precise de muitas, por que dizer poucas ou nenhuma por quem não pode pagar? É uma falta de caridade. Se uma só basta, o excesso é inútil; por que, então, fazer que paguem? É uma prevaricação.

Deus não vende os benefícios que concede; por que, então, quem não é sequer o distribuidor, quem não tem como garantir o atendimento faria pagar um pedido que pode ficar sem resultado? Deus não tem como subordinar um ato de clemência, de bondade ou de justiça que se solicita de sua misericórdia a uma soma de dinheiro; caso contrário, ocorreria que, caso a soma não fosse paga ou fosse insuficiente, a justiça, a bondade e a clemência de Deus seriam suspensas. A razão, o bom senso, a lógica afirmam que Deus, a perfeição absoluta, não tem como delegar às criaturas imperfeitas o direito de fixar preço para sua justiça. A justiça de Deus é como o sol; ela é para todo o mundo, para o pobre como para o rico. Se se considera imoral negociar os favores de um soberano do mundo, é mais lícito vender os do soberano do universo?

As preces pagas têm um outro inconveniente; sucede que quem as compra se crê, o mais das vezes, dispensado de orar ele mesmo, porque se sente quite por haver doado seu dinheiro. Sabe-se que os Espíritos são tocados pelo fervor do pensamento de quem se interessa por eles; qual pode ser o fervor de quem encarrega um terceiro de orar por ele sob pagamento? Qual é o fervor desse terceiro, quando delega seu mandato a um outro, este a um outro e assim em sequência? Não é reduzir a eficácia da prece ao valor de u’á moeda corrente?

Vendilhões expulsos do templo.

5. Eles vieram em seguida a Jerusalém e, tendo Jesus entrado no templo, começou a expulsar os que ali vendiam e os que ali compravam; ele derrubou as mesas dos cambistas e os engradados dos que vendiam pombas; — e não permitia que ninguém transportasse nenhum utensílio através do templo. — Ele os instruíu também ao dizer-lhes: Não está escrito: Minha casa será chamada a casa de preces para todas as nações? Entretanto, vocês a transformaram em um antro de ladrões. — Tendo ouvido isso, os príncipes dos sacerdotes procuravam um meio de perdê-lo; pois eles o temiam, porque todo o povo estava cheio de admiração por sua doutrina. (São Marcos, xi: 15 a 18; São Mateus, xxi: 12 e 13.)

6. Jesus expulsou os vendilhões do templo; através disso, ele condena o negócio das coisas santas *sob qualquer forma que seja*. Deus não vende nem sua bênção, nem seu

perdão, nem a entrada do reino dos céus; o homem não tem, pois, o direito de fazer que isso se pague.

Mediunidade gratuita.

7. Os médiuns modernos — pois os apóstolos também possuíam mediunidade — igualmente receberam de Deus um dom gratuito, o de serem os intérpretes dos Espíritos para a instrução dos homens, para lhes mostrar a rota do bem e para os trazer à fé, e não para lhes vender as palavras que não lhes pertencem, porque não são o produto de sua *concepção, nem de suas pesquisas, nem de seu trabalho pessoal*. Deus deseja que a luz chegue a todo o mundo; ele não deseja que o mais pobre seja deserdado dela e possa dizer: Eu não tenho fé, porque não pude pagar; eu não tive a consolação de receber os encorajamentos e os testemunhos de afeição dos que eu pranteio, porque sou pobre. Eis porque a mediunidade não é nunca um privilégio e se acha por toda a parte; fazê-la paga, seria, pois, afastá-la de seu alvo providencial.

8. Qualquer um que conheça as condições nas quais os bons Espíritos se comunicam, sua repulsa por tudo o que representa um interesse egoísta, e que saiba quão pouca coisa precisa para afastá-los, não será capaz jamais de admitir que Espíritos superiores estejam à disposição do primeiro que os chamar a tanto por sessão; o simples bom senso rejeita um tal pensamento. Não seria também uma profanação evocar, às custas de dinheiro, os seres que nós respeitamos ou que nos são caros? Sem dúvida, a gente consegue obter assim algumas manifestações, mas quem poderia garantir-lhes a sinceridade? Os Espíritos levianos, mentirosos, finórios e toda a barafunda dos Espíritos inferiores, muitíssimo pouco escrupulosos, vêm sempre e estão prontos a responder ao que a gente lhes pergunta, sem se preocupar com a verdade. Quem deseja, pois, comunicações sérias tem de, primeiro, solicitá-las seriamente, depois de se informar quanto à natureza das simpatias do médium com os seres do mundo espiritual; ora, a primeira condição para se alcançar a boa vontade dos bons Espíritos é a humildade, o devotamento, a abnegação, o desinteresse *moral e material* mais absoluto.

9. Ao lado da questão moral se apresenta uma consideração efetiva não menos importante, relativa à natureza mesma da faculdade. A mediunidade séria não tem como ser e não será jamais uma profissão, não somente porque seria desacreditada moralmente, e cedo comparada aos ledores da boa sorte, mas porque um obstáculo material se opõe a isso; essa é uma faculdade essencialmente inconstante, fugidia e variável, com cuja permanência ninguém é capaz de contar. Esse seria, então, para o explorador, um recurso absolutamente incerto, que lhe pode faltar no momento em que lhe seria mais necessário. Outra coisa é um talento conquistado através do estudo e do trabalho e que, por isso mesmo, constitui uma propriedade de que é justo naturalmente aproveitar-se. Mas a mediunidade não é nem uma arte nem um talento; eis porque não pode tornar-se uma profissão; ela não existe senão com o concurso dos Espíritos; caso esses Espíritos se

ausentem, não existe mais mediunidade; a aptidão consegue subsistir, mas o exercício dela se reduz a nada; por isso, não existe um só médium no mundo que seja capaz de garantir a obtenção de um fenômeno espírita, em um dado momento. Explorar a mediunidade é, portanto, dispor de uma coisa de que não se é realmente dono; afirmar o contrário é enganar quem paga; além disso, não é de *si mesmo* que se dispõe; trata-se dos Espíritos, das almas dos mortos, em cujo concurso é posto preço; tal pensamento repugna instintivamente. Esse negócio, degenerado em abuso, explorado pelo charlatanismo, pela ignorância, pela credulidade e pela superstição, é que motivou a proibição de Moisés. O espiritismo moderno, compreendendo o lado sério da coisa, através do descrédito que lançou sobre essa exploração, elevou a mediunidade à categoria de missão. (Ver *O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. xxviii; *O Céu e o Inferno*, 1.^a parte, cap. xi.)

10. A mediunidade é uma coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Caso exista um tipo de mediunidade que requeira tal condição de um modo ainda mais absoluto, é a mediunidade de cura. O médico doa o fruto de seus estudos, os quais ele perfez à custa de sacrifícios com frequência penosos; o magnetizador doa seu próprio fluido; muitas vezes sua própria saúde; eles podem pôr um preço nisso; o médium de cura transmite o fluido salutar dos bons Espíritos; ele não tem o direito de vendê-lo. Jesus e os apóstolos, apesar de pobres, não faziam que se pagassem as curas que realizavam.

Que, portanto, quem não tem do que viver procure recursos outros que não na mediunidade; que lhe consagre, se precisar dela, apenas o tempo de que possa dispor materialmente. Os Espíritos lhe levarão em conta seu devotamento e seus sacrifícios, ao passo que se afastam dos que esperam fazer dela um trampolim.

CAPÍTULO XXVII

PEÇAM E VOCÊS OBTERÃO.

Qualidades da prece. — Eficácia da prece. — Ação da prece. Transmissão do pensamento. — Preces inteligíveis. — Da prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores. — *Mensagens dos Espíritos*: Maneira de orar. — Felicidade da prece.

Qualidades da prece.

1. Quando vocês rezarem, não se pareçam com os hipócritas, que estimam rezar mantendo-se de pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Eu lhes digo em verdade: eles receberam sua recompensa. — Mas quando vocês desejarem rezar, entrem em seu quarto e, com a porta fechada, orem a seu Pai em segredo; e seu Pai, que vê o que se passa em segredo, lhes dará a recompensa.

Não estimem nunca rezar muito em suas preces, como fazem os pagãos, que imaginam que é pela grande quantidade de palavras que são atendidos. — Não se assemelhem a eles, porque seu Pai sabe de que vocês estão necessitados, antes que vocês lho peçam. (São Mateus, vi: 5 a 8.)

2. Quando vocês se apresentarem para orar, caso tenham algo contra alguém, perdoem-no, a fim de que seu Pai, que está nos céus, lhes perdoe também seus pecados. — Se vocês não perdoarem, seu Pai, que está nos céus, nem ele lhes perdoará em absoluto seus pecados. (São Marcos, xi: 25 e 26.)

3. Ele disse também esta parábola a alguns que depositavam confiança em si mesmos, como sendo justos, e menosprezavam os outros:

Dois homens subiram ao templo para rezar; um era fariseu e o outro, publicano. — O fariseu, mantendo-se de pé, rezava assim consigo mesmo: Meu Deus, eu lhe rendo graças por não ser como o restante dos homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem mesmo como este publicano. Eu jejuo duas vezes na semana; eu doo o dízimo de tudo o que possuo.

O publicano, ao contrário, mantendo-se afastado, não ousava mesmo erguer os olhos ao céu; mas ele batia em seu peito, dizendo: Meu Deus, tenha piedade de mim, que sou um pecador.

Eu lhes declaro que este retornou para casa justificado, e não o outro; pois quem quer que se exalta será humilhado, e quem quer que se humilha será exaltado. (São Lucas, XVIII: 9 a 14.)

4. As qualidades da prece estão claramente definidas por Jesus; quando vocês rezarem, diz ele, não se coloquem em evidência, mas orem em segredo; não estimem nunca rezar muito, pois não é através da multiplicidade das palavras que vocês serão atendidos, mas através de sua sinceridade; antes de orar, caso vocês tenham algo contra qualquer um, perdoem-no, pois a prece não poderia ser agradável a Deus, caso não parta de um coração purificado de todo sentimento contrário à caridade; orem, enfim, com humildade, como o publicano, e não com orgulho, como o fariseu; examinem seus defeitos e não suas qualidades e, se vocês se compararem aos outros, procurem o que existe de mau em vocês. (Cap. x, n.^{os} 7 e 8.)

Eficácia da prece.

5. O que quer que seja que vocês pedirem na prece creiam que vocês irão obter, e lhes será concedido. (São Marcos, xi: 24.)

6. Existem pessoas que contestam a eficácia da prece, e eles se fundamentam no princípio de que, conhecendo Deus nossas necessidades, é inútil expô-las a ele. Eles juntam ainda que, tudo se encadeando no universo através de leis eternas, nossos desejos não têm como modificar os decretos de Deus.

Sem nenhuma dúvida, existem leis naturais e imutáveis, que Deus não pode revogar conforme os caprichos de cada um; mas daí a crer em que todas as circunstâncias da vida estejam submetidas à fatalidade, a distância é grande. Se fosse assim, o homem não passaria de um instrumento passivo, sem livre-arbítrio e sem iniciativa. Nessa hipótese, ele não teria senão que curvar a cabeça ao golpe de todos os acontecimentos, sem buscar evitá-los; ele não poderia procurar desviar o raio. Deus não lhe forneceu o juízo e a inteligência para não se servir deles, a vontade para não desejar, a atividade para permanecer na inação. Estando o homem livre para agir em um sentido ou noutro, seus atos têm, para si mesmo e para outrem, consequências subordinadas ao que ele faz ou não faz; por sua iniciativa, existem, assim, eventos que escapam forçosamente à fatalidade e que não destroem a harmonia das leis universais, não mais do que o adiantamento ou o retardo da agulha de um pêndulo não destrói a lei do movimento, na qual repousa o mecanismo. Deus pode, assim, aceder a certos pedidos sem derogar a imutabilidade das leis que regem o conjunto, ficando sempre sua concessão subordinada à sua vontade.

7. Seria, portanto, ilógico concluir desta máxima: “O que quer que vocês pedirem através da prece lhes será concedido”, que basta pedir para obter, e seria injusto acusar a Providência, caso não aceda a todo pedido que lhe é feito, pois sabe ela melhor que nós o que é para nosso bem. Assim ocorre com um pai sábio que nega a seu filho as coisas

contrárias ao interesse deste. O homem, em geral, não vê senão o presente; ora, se o sofrimento é útil à sua felicidade futura, Deus o deixará sofrer, como o cirurgião deixa o doente sofrer com uma operação que pode trazer-lhe a cura.

O que Deus lhe concederá, caso se enderece a ele com confiança, é a coragem, a paciência e a resignação. O que ele lhe concederá ainda são os meios de se livrar dos problemas, com a ajuda das ideias que lhe sugere através dos bons Espíritos, deixando-lhe assim o mérito; ele assiste aos que se ajudam a si mesmos, conforme esta máxima: “Ajude-se: o céu o ajudará”, e não aos que esperam tudo de um socorro alheio, sem ter feito uso de suas próprias faculdades; mas, na maior parte do tempo, a gente preferiria ser socorrida por um milagre, sem ter nada para fazer. (Cap. xxv, n.ºs 1 e seg.ºs)

8. Tomemos um exemplo. Um homem está perdido em um deserto; ele sofre horrivelmente de sede; sente-se desfalecer, deixa-se cair por terra; ele ora a Deus para assisti-lo, e espera; mas nenhum anjo vem trazer-lhe de beber. Todavia, um bom Espírito lhe *sugere* o pensamento de se levantar e de seguir uma das trilhas que se apresentam diante dele; então, por um movimento maquinal, reunindo suas forças, ele se levanta e caminha ao acaso. Chegando ao alto, descobre ao longe um regato; essa visão lhe devolve a coragem. Caso tenha fé, clamará: “Obrigado, meu Deus, pelo pensamento que me inspirou e pela força que me deu.” Caso não tenha fé, dirá: “Que belo pensamento *eu tive!* Que *sorte* a minha de tomar a trilha da direita de preferência à da esquerda; o acaso nos atende bem às vezes! Quanto eu me felicito pela *minha* coragem e por não me haver deixado abater!”

Mas por que o bom Espírito, perguntarão, não lhe disse claramente: “Siga esta trilha, que lá no fim você encontrará aquilo de que precisa”? Por que não se mostrou a ele, para guiá-lo e ampará-lo em seu desfalecimento? Dessa maneira, ele o teria convencido a respeito da intervenção da Providência. Trata-se, primeiro, de lhe ensinar que é preciso ajudar-se a si mesmo e fazer uso de suas próprias forças. Depois, através da incerteza, Deus coloca à prova a confiança nele e a submissão à sua vontade. Esse homem estava na situação de uma criança que cai e que, caso perceba alguém, grita e espera que venham levantá-la; caso não veja ninguém, ela faz uns esforços e se levanta sozinha.

Se o anjo que acompanhou Tobias lhe tivesse dito: “Eu fui enviado por Deus para guiá-lo em sua viagem e preservá-lo de todo perigo”, Tobias não teria tido nenhum mérito; confiando em seu companheiro, ele não teria mesmo precisão de pensar; eis porque o anjo se deu a conhecer apenas no regresso.

Ação da prece. Transmissão do pensamento.

9. A prece é uma invocação: através dela, a gente se põe em contato de pensamento com o ser a que se endereça. Ela pode ter por objetivo um pedido, um agradecimento ou uma exaltação. Pode-se rogar por si mesmo ou por outrem, pelos vivos ou pelos mortos. As preces endereçadas a Deus são ouvidas pelos Espíritos encarregados

da execução dos desígnios dele; as que são endereçadas aos bons Espíritos são reportadas a Deus. Quando se roga a outros seres que não Deus, não é senão a título de intermediários, de intercessores, pois nada se pode fazer sem a vontade de Deus.

10. O Espiritismo permite compreender a ação da prece, ao explicar a maneira de transmissão do pensamento, quer o ser invocado venha a nosso apelo, quer nosso pensamento chegue até ele. Para se dar conta do que se passa nessa circunstância, é preciso representar todos os seres encarnados e desencarnados mergulhados no fluido universal que ocupa o espaço, como na Terra nós estamos dentro da atmosfera. Esse fluido recebe uma impulsão da vontade; é ele o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som, com esta diferença: as vibrações do ar estão circunscritas, ao passo que as do fluido universal se estendem ao infinito. Portanto, assim que o pensamento é dirigido para um ser qualquer, na Terra ou no espaço, de encarnado a desencarnado ou de desencarnado a encarnado, uma corrente fluídica se estabelece de um a outro, transmitindo o pensamento, como o ar transmite o som.

A energia da corrente corresponde à do pensamento e da vontade. Eis como a prece é ouvida pelos Espíritos, em qualquer lugar em que se achem, como os Espíritos se comunicam entre si, como nos transmitem suas inspirações e como os contatos se estabelecem a distância entre os encarnados.

Esta explicação serve sobretudo aos que não compreendem a utilidade da prece puramente mística; ela não tem por alvo materializar a prece, mas tornar seu efeito inteligível, ao mostrar que é capaz de exercer uma ação direta e efetiva; ela não fica por causa disso menos subordinada à vontade de Deus, juiz supremo em todas as coisas, e único que pode tornar sua ação eficaz.

11. Através da prece, o homem atrai para si o concurso dos bons Espíritos, que vêm ampará-lo em suas boas resoluções e inspirar-lhe bons pensamentos; ele adquire, assim, a força moral necessária para vencer as dificuldades e retornar ao caminho reto, caso se tenha afastado dele; desse modo também, ele é capaz de arredar de si os males que atrairia por sua própria culpa. Um homem, por exemplo, vê sua saúde arruinada pelos excessos que cometeu e aguenta, até o fim dos seus dias, uma vida de sofrimento; tem ele o direito de se lastimar, caso não obtenha sua cura? Não, pois ele teria conseguido encontrar na prece a força para resistir às tentações.

12. Caso sejam separados em duas partes os males da vida, uma dos que o homem não tem como evitar, outra das tribulações cuja causa primeira é ele mesmo, por sua incúria e por seus excessos (cap. v, n.º 4), a gente verá que esta ultrapassa de muito em quantidade a primeira. Fica, então, evidente que o homem é o autor da maior parte de suas aflições e que as evitaria, caso agisse sempre com sabedoria e prudência.

Não é menos certo que essas misérias são a consequência de nossas infrações às leis de Deus, e que, se nós observássemos pontualmente essas leis, nós iríamos ser perfeitamente felizes. Se nós não excedêssemos o limite do necessário, na satisfação de nossas carências, não iríamos portar as doenças que resultam dos excessos, nem as vicissitudes que essas doenças causam; se nós estabelecêssemos divisas para nossa ambição, não iríamos temer a ruína; se nós não desejássemos subir mais alto do que

podemos, não iríamos temer cair; se nós fôssemos humildes, não iríamos sofrer as decepções do orgulho rebaixado; se nós praticássemos a lei de caridade, não iríamos ser nem maldizentes, nem invejosos, nem ciumentos, e iríamos evitar as querelas e as dissensões; se nós não fizéssemos mal a ninguém, não iríamos temer as vinganças etc.

Admitamos que o homem não conseguisse nada contra os outros males; que toda prece fosse inútil para ele se resguardar; não seria já muito estar liberto de todos os males que provêm de seu proceder? Contudo, aqui, a ação da prece se concebe facilmente, porque tem ela o efeito de apelar pela inspiração salutar dos bons Espíritos, de lhes demandar força para resistir aos maus pensamentos, cuja execução nos pode ser funesta. Neste caso, *não é o mal que eles afastam; é a nós mesmos que eles afastam do pensamento capaz de causar o mal; eles não entram em nada os decretos de Deus, eles não suspendem em absoluto o curso das leis da natureza; é a nós que eles impedem de infringir essas leis, direcionando nosso livre-arbítrio*; mas eles o fazem sem nosso conhecimento, de um modo escondido, para não constranger nossa vontade. O homem se acha, então, na situação de quem solicita bons conselhos e os põe em prática, mas de quem é livre sempre de segui-los ou não; Deus quer que seja assim, para que o homem tenha a responsabilidade de seus atos, deixando-lhe o mérito da escolha entre o bem e o mal. Eis o que o homem está sempre certo de obter, caso peça com fervor; e a que se podem, sobretudo, aplicar estas palavras: “Peçam e vocês obterão.”

A eficácia da prece, mesmo reduzida a essa proporção, não teria um resultado imenso? Estava reservado ao Espiritismo comprovar-nos sua ação, através da revelação das relações que existem entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual. Mas não se limitam somente a isso seus efeitos.

A prece é recomendada por todos os Espíritos; renunciar à prece é deixar de reconhecer a bondade de Deus; é renunciar, para si mesmo, à assistência dele, e, para os outros, ao bem que se poderia fazer-lhes.

13. Ao aceder ao pedido que lhe é endereçado, Deus, amiúde, tem em vista recompensar a intenção, o devotamento e a fé de quem ora; eis aqui porque a prece do homem de bem tem mais mérito aos olhos de Deus, e sempre mais eficácia, pois o homem degenerado e mau não tem como orar com o fervor e a confiança que unicamente o sentimento da verdadeira piedade proporciona. Do coração do egoísta, de quem ora com os lábios, não poderiam sair mais do que *umas palavras*, mas não os elãs de caridade que dão à prece todo o seu poder. Compreende-se isso a tal ponto que, através de um processo instintivo, a gente se recomenda de preferência às preces daqueles cuja conduta se sente que pode ser agradável a Deus, porque são melhor ouvidos por ele.

14. Como a prece exerce uma espécie de ação magnética, a gente poderia acreditar em que seu efeito decorra do poder do fluido; todavia, não é assim absolutamente. Uma vez que os Espíritos exercem essa ação sobre os homens, suprem eles, quando isso é necessário, a insuficiência de quem ora, seja atuando diretamente *em seu nome*, seja fornecendo-lhe temporariamente uma força excepcional, quando é julgado digno desse favor, ou quando a coisa pode ser útil.

O homem que não se julga assaz bom para exercer uma influência salutar não pode abster-se de orar por outrem, por pensar-se indigno de ser ouvido. A consciência de sua

inferioridade é uma prova de humildade sempre agradável a Deus, que leva em conta a intenção caridosa que o anima. Seu fervor e sua confiança em Deus são um primeiro passo para o retorno ao bem, o que os bons Espíritos ficam felizes em estimular. A prece que é rejeitada é a do orgulhoso, que possui fé em seu poderio e em seus méritos, e acredita ser capaz de substituir-se à vontade do Eterno.

15. O poder da prece está no pensamento; ela não se prende nem às palavras, nem ao lugar, nem ao momento em que é realizada. Pode-se, portanto, orar em toda a parte e a toda hora, sozinho ou em comum. A influência do lugar ou da hora se prende às circunstâncias capazes de favorecer o recolhimento. *A prece em comum tem uma ação mais poderosa, quando todos os que oram se associam de coração em um mesmo pensamento e possuem um mesmo objetivo*, pois sucede como quando muitos gritam juntos e em uníssono; mas que importa estar reunidos em grande número, se cada um age isoladamente e para seu interesse pessoal?! Cem pessoas reunidas podem orar como egoístas, ao passo que duas ou três, unidas por uma aspiração comum, orarão como verdadeiros irmãos em Deus, e sua prece terá maior poder do que a dos outros cem. (Cap. xxviii, n.ºs 4 e 5.)

Preces inteligíveis.

16. Caso eu não entenda o que significam as palavras, eu serei estranho para aquele a quem falo; e quem me fala me será estranho. — *Se eu rezo em uma língua que eu não entenda*, meu coração ora, mas minha inteligência fica sem fruto. — *Se vocês louvarem a Deus apenas com o coração, como um homem do número dos que não entendem senão sua própria língua responderá amém ao final de sua ação de graças, já que ele não entende o que vocês dizem?* — Não é que sua ação não seja boa, mas *os outros não ficam edificadas*. (São Paulo, I Coríntios, xiv: 11,14, 16 e 17.)

17. A prece não tem valor senão pelo pensamento que a ela se vincula; ora, é impossível vincular um pensamento ao que não se compreende, pois o que não se compreende não tem como tocar o coração. Para a imensa maioria, as preces em uma língua desconhecida não são mais que amontoados de palavras que não dizem nada à mente. Para que a prece emocione, é preciso que cada palavra revele uma ideia e, caso a gente não a compreenda, ela não consegue revelar ideia alguma. A gente a repete como uma simples fórmula, que possui maior ou menor virtude conforme o número de vezes que é repetida; muitos rezam por dever, alguns mesmo para se ajustar ao uso; eis porque eles se creem quites, quando recitaram uma prece um número de vezes determinado e nesta ou naquela ordem. Deus lê no fundo dos corações; ele vê o pensamento e a sinceridade; e é rebaixá-lo acreditar em que ele seja mais sensível à forma do que ao fundo. (Cap. xxviii, n.º 2.)

Da prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores.

18. A prece é reivindicada pelos Espíritos sofredores; ela lhes é útil, porque, ao perceberem que se pensa neles, eles se sentem menos abandonados, eles ficam menos infelizes. Mas a prece tem sobre eles uma ação mais direta: ela soergue sua coragem, excita neles o desejo de se elevarem através do arrependimento e da reparação, e é capaz de afastá-los do pensamento do mal; é nesse sentido que ela consegue não somente aliviar mas também abreviar seus sofrimentos. (Ver *O Céu e o Inferno*, 2.^a parte: *Exemplos*.)

19. Certas pessoas não admitem a prece pelos mortos, porque, em sua crença, só existem para a alma duas opções: ser salva ou ser condenada às penas eternas, e porque, em um e outro caso, a prece é inútil. Sem discutir o valor dessa crença, admitamos por um instante a realidade das penas eternas e irremissíveis, e que nossas preces sejam impotentes para colocar-lhes um termo. Nós perguntamos se, nessa hipótese, é lógico, é caridoso, é cristão rejeitar a prece para os condenados? Tais preces, por menos poderosas que seriam para libertá-los, não são para eles um sinal de piedade, capaz de abrandar seu sofrimento? Na Terra, quando um homem é condenado à prisão perpétua, mesmo quando não houver nenhuma esperança de obter seu perdão, proíbe-se a uma pessoa caridosa de ir carregar seus grilhões para lhe abrandar o peso? Quando qualquer um é atingido por um mal incurável, deve-se, uma vez que ele não ofereça nenhuma esperança de cura, abandoná-lo sem nenhum tratamento? Pensem que, entre os condenados, pode achar-se uma pessoa que lhes seja cara, um amigo, talvez um pai, u'a mãe ou um filho, e porque, segundo vocês, ela não teria como obter seu perdão, vocês lhe negariam um copo d'água para estancar sua sede, um bálsamo para secar suas chagas? Vocês não fariam por ela o que fariam por um galé? Vocês não lhe dariam um testemunho de amor, uma consolação? Não, isso não seria cristão. Uma crença que insensibiliza o coração não tem como aliar-se com a de um Deus que põe no primeiro escalão dos deveres o amor do próximo.

O fato de as penas não serem eternas não implica em absoluto a negação de uma condenação temporária, pois Deus, em sua justiça, não tem como confundir o bem e o mal; ora, negar, nesse caso, a eficácia da prece seria negar a eficácia da consolação, dos encorajamentos e dos bons conselhos; isso seria negar a força que a gente haure da assistência moral dos que nos desejam o bem.

20. Outros se fundam em uma razão mais especiosa: a imutabilidade dos decretos divinos. Deus, dizem eles, não tem como modificar suas decisões a pedido de suas criaturas; sem isso, nada seria estável no mundo. O homem não tem, pois, nada que pedir a Deus; ele só tem de submeter-se e adorá-lo.

Existe nessa ideia uma interpretação errônea da imutabilidade da lei divina, ou melhor, uma ignorância da lei no que concerne à penalidade futura. Essa lei está sendo revelada pelos Espíritos do Senhor, hoje quando o homem está maduro para compreender o que, na lei, concorda ou contraria os atributos divinos.

Segundo o dogma da eternidade absoluta das penas, não se leva em nenhuma conta ao culpado nem seus remorsos nem seu arrependimento; para ele, todo desejo de se melhorar é inútil: ele está condenado a permanecer no mal pela eternidade. Caso seja

condenado por um tempo fixo, a pena cessará quando o tempo expirar; mas quem diz que, então, ele se converterá para melhores sentimentos? Quem diz que, a exemplo de muitos condenados da Terra, à sua saída da prisão, ele não será tão ruim quanto antes? No primeiro caso, seria manter sob a dor do castigo um homem que se converteu ao bem; no segundo, seria agraciar quem permanece culpado. A lei de Deus é mais previdente que isso: sempre justa, equitativa e misericordiosa, não fixa nenhuma extensão para a pena, qualquer que seja; ela se resume assim:

21. O homem sofre sempre a consequência das suas faltas; não existe uma só infração à lei de Deus que não tenha sua punição.

A severidade do castigo é proporcional à gravidade da falta.

A extensão do castigo, para qualquer falta, é *indeterminada*; ela está subordinada ao arrependimento do culpado e a seu regresso ao bem; assim, a pena dura tanto quanto a obstinação no mal; ela seria perpétua, se a obstinação fosse perpétua; ela é de curta extensão, se o arrependimento for rápido.

Desde que o culpado grite: Misericórdia!, Deus o ouve e lhe envia a esperança. Mas o simples remorso do mal não basta: é necessária a reparação; eis porque o culpado se submete a novas provações, nas quais ele pode, sempre através de sua vontade, praticar o bem em reparação do mal.

O homem é assim constantemente o árbitro de sua própria sorte; ele pode abreviar seu suplício ou prolongá-lo indefinidamente; sua felicidade ou sua infelicidade dependem de sua vontade de praticar o bem.

Tal é a lei; lei *imutável* e conforme à bondade e à justiça de Deus.

O Espírito culpado e infeliz é sempre capaz, assim, de salvar a si mesmo: a lei de Deus lhe diz sob qual condição ele consegue fazê-lo. O que lhe falta muitas vezes é a vontade, a força, a coragem. Se, pelas nossas preces, lhe inspiramos essa vontade, se o amparamos e encorajamos; se, através de nossos conselhos, nós lhe fornecemos as luzes que lhe faltam, *em lugar de solicitar a Deus para derogar sua lei, nós nos tornamos os instrumentos para a execução de sua lei de amor e caridade*, da qual ele nos permite assim participar, em oferecendo nós mesmos uma prova de caridade. (Ver *O Céu e o Inferno*, 1.^a parte, cap.^s IV, VII e VIII.)

MENSAGENS DOS ESPÍRITOS.

Maneira de orar.

22. O primeiro dever de toda criatura humana, o primeiro ato que deve assinalar-lhe o retorno à vida ativa de cada dia é a prece. Vocês oram, quase todos, mas quão poucos sabem orar! Que importam ao Senhor as frases que vocês ligam umas às outras

maquinalmente, porque vocês adquiriram esse hábito, porque é um dever que vocês cumprem, e que, como todo dever, lhes pesa.

A prece do cristão, do *Espírita* de qualquer culto que seja, tem que ser feita desde que o Espírito retomou o jugo da carne; ela tem que se elevar aos pés da majestade divina com humildade, com profundidade, em um elã de reconhecimento por todos os benefícios concedidos até esse dia: pela noite anterior, durante a qual lhe foi permitido, apesar de ter sido sem seu conhecimento, retornar para perto de seus amigos, de seus guias, para haurir, ao seu contato, mais força e perseverança. Ela tem que se elevar humilde aos pés do Senhor, para lhe confiar sua fraqueza, para lhe pedir seu apoio, sua indulgência, sua misericórdia. Ela tem que ser profunda, pois é sua alma que tem que se elevar ao Criador, que tem que se transfigurar como Jesus no Tabor e se tornar branca e radiante de esperança e de amor.

Sua prece tem que conter a solicitação das graças de que vocês têm precisão, mas uma precisão real. Inútil, pois, solicitar ao Senhor que encurte suas provações, que lhes favoreça com alegrias e riqueza; solicitem-lhe que lhes conceda os bens mais preciosos da paciência, da resignação e da fé. Não digam jamais, como acontece a muitos de vocês: “Não vale a pena rezar, porque Deus não me atende.” Que solicitam vocês a Deus, na maior parte do tempo? Têm vocês frequentemente pensado em lhe solicitar sua melhoria moral? Oh! Não, muito pouco; mas vocês pensam antes de tudo em lhe solicitar *o êxito de suas empresas terrenas*, e vocês protestam: “Deus não se ocupa conosco; se ele se ocupasse, não existiriam tantas injustiças.” Insensatos! Ingratos! Se vocês descessem ao fundo de sua consciência, vocês encontrariam quase sempre em si mesmos o ponto de partida dos males de que se lastimam; solicitem, pois, antes de todas as coisas, sua melhoria, e vocês verão que torrente de graças e de consolações se derramará sobre vocês. (Cap. v, n.º 4.)

Vocês têm que orar sem cessar, sem para isso se recolherem a seu oratório ou se jogarem de joelhos nas praças públicas. A prece do dia é o cumprimento de seus deveres, de seus deveres sem exceção, seja qual for sua natureza. Não se trata de um ato de amor para com o Senhor assistir a seus irmãos em uma precisão qualquer, moral ou física? Não se trata de tornar um ato de reconhecimento elevar seu pensamento a ele, quando uma felicidade lhes ocorre, quando um acidente é evitado, quando uma contrariedade mesma mal lhes aflora, e vocês dizem através do pensamento: “*Seja bendito, meu Pai!*”? Não se trata de um ato de contrição vocês se humilharem diante do juiz supremo, quando sentem que fracassaram, ainda que através de um pensamento fugidio, e lhe dizerem: *Perdoe-me, meu Deus, pois eu pequei (por orgulho, por egoísmo ou por falta de caridade); conceda-me a força de não mais falir e a coragem para reparar?*

Isso é independente das preces regulares da manhã e da noite e dos dias consagrados; mas, como vocês veem, a prece pode ser de todos os instantes, sem provocar nenhuma interrupção em seus trabalhos; assim dita, ela os santifica, ao contrário. E acreditem que um só desses pensamentos que partam do coração é mais ouvido por seu Pai celeste que as longas preces ditas por hábito, geralmente sem uma causa determinante, e às quais a hora marcada os chama maquinalmente. (Rev. MONOD. Bordéus, 1862.)

Felicidade da prece.

23. Venham, vocês que desejam crer: os Espíritos celestes acorrem e vêm anunciar-lhes grandes coisas; Deus, meus filhos, abre seus tesouros, para lhes oferecer todos os benefícios. Homens incrédulos! Se vocês soubessem quanto a fé faz bem ao coração e leva a alma ao arrependimento e à prece! A prece! Ah! Quão tocantes são as palavras que saem da boca na hora em que se reza! A prece é o orvalho divino que destrói o enorme calor das paixões; filha mais velha da fé, ela nos traz à senda que conduz a Deus. No recolhimento e na solidão, vocês estão com Deus; para vocês, não existe mais mistério: ele se desvenda para vocês. Apóstolos do pensamento, para vocês é a vida; sua alma se desprende da matéria e rola por esses mundos infinitos e etéreos que os pobres humanos não conhecem.

Avancem, avancem, nas sendas da prece e vocês ouvirão as vozes dos anjos. Que harmonia! Não é mais o ruído confuso nem são mais os sons estridentes da Terra; são as liras dos arcanjos; são as vozes doces e suaves dos serafins, mais leves que as brisas da manhã, quando se divertem na folhagem de seus grandes bosques. Em quais delícias não avançam vocês! Seus idiomas não conseguem definir essa felicidade, tanto ela adentrará por todos os poros, tanto a fonte em que se bebe ao orar é viva e refrescante! Doces vozes, inebriantes perfumes que a alma ouve e sorve, quando se arremete a essas esferas desconhecidas e habitadas, através da prece! Sem mescla de desejos carnis, todas as aspirações são divinas. E vocês também, orem como Cristo levando sua cruz ao Gólgota, ao Calvário; levem sua cruz e vocês sentirão as doces emoções que passavam por sua alma, apesar de carregado com um madeiro infamante; ele ia morrer, mas para viver a vida celeste, na morada de seu Pai. (SANTO AGOSTINHO. Paris, 1861.)

CAPÍTULO XXVIII

COLETÂNEA DE PRECES ESPÍRITAS.

Preâmbulo.

1. Os Espíritos sempre disseram: “A forma não é nada, o pensamento é tudo. Orem vocês, cada um segundo suas convicções e segundo o modo que os toque mais; um bom pensamento vale mais que numerosas palavras das quais o coração não participa.”

Os Espíritos não prescrevem nenhuma fórmula absoluta de preces; quando fornecem alguma, é para fixar as ideias e, sobretudo, para chamar a atenção sobre certos princípios da doutrina espírita. É também com o fito de virem em ajuda das pessoas que se embaraçam ao expressar suas ideias, pois ocorre que elas não creem ter realmente orado, se seus pensamentos não estavam dispostos em fórmulas.

A coletânea de preces contidas neste capítulo é uma seleção realizada entre as que foram ditadas pelos Espíritos em diferentes circunstâncias. É possível que eles tenham ditado outras e em outros termos, adequadas a certas ideias ou a casos especiais, mas pouco importa a forma, se o pensamento fundamental é o mesmo. O alvo da prece é elevar nossa alma a Deus; a diversidade das fórmulas não pode estabelecer nenhuma diferença entre os que creem nele e, ainda menos, entre os adeptos do Espiritismo, pois Deus aceita a todas as preces, desde que sejam sinceras.

Não se pode, pois, em absoluto, considerar esta coletânea como um formulário completo, mas como uma variedade entre as mensagens que oferecem os Espíritos. Trata-se de uma aplicação dos princípios da moral evangélica desenvolvidos neste livro, um complemento em relação a seus ditados sobre os deveres para com Deus e o próximo, onde são lembrados todos os princípios da doutrina.

O Espiritismo reconhece como boas as preces de todos os cultos, quando são ditas através do coração e não dos lábios; ele não impõe nenhuma nem clama contra nenhuma; Deus é muito grande, segundo ele, para rejeitar a voz que implora ou que canta seus louvores, porque o faça de um modo de preferência a outro. *Qualquer um que lançasse anátema contra as preces que não se encontrem em seu formulário, comprovaria que não conhece a grandeza de Deus.* Acreditar que Deus se atenha a uma fórmula, é emprestar-lhe a pequenez e as paixões da humanidade.

Uma condição essencial da prece, segundo São Paulo (cap. xxvii, n.º 16) é de ser inteligível, a fim de que possa falar à nossa mente; para isso, não basta que ela seja dita em um idioma da compreensão de quem ora; existem preces em linguagem coloquial que não dizem mais ao pensamento do que as que estão em idioma estrangeiro e que, por isso mesmo, não chegam ao coração; as raras ideias que elas encerram são, no mais das vezes, afogadas sob a superabundância das palavras e o misticismo da linguagem.

A principal qualidade da prece é a de ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil nem luxo de epítetos, que não são mais que ornatos de lantejoulas; cada palavra tem que possuir sua importância, revelar uma ideia, vibrar uma fibra; em suma, *ela tem de fazer refletir*; por essa única condição, a prece é capaz de atingir seu alvo, caso contrário, *isso não passa de barulheira*. Por isso é que vocês veem com que ar de distração e com que volubilidade elas são ditas, na maior parte do tempo; a gente vê os lábios que se movimentam, mas, pela expressão da fisionomia e pelo som mesmo da voz, a gente reconhece um ato maquinal, puramente exterior, ao qual a alma permanece indiferente.

As preces reunidas nesta coletânea estão divididas em cinco categorias: 1.ª) Preces gerais; 2.ª) Preces por si mesmo; 3.ª) Preces para os vivos; 4.ª) Preces para os mortos; 5.ª) Preces especiais para os doentes e os obsessados.

Com o fito de chamar mais particularmente a atenção para o objetivo de cada prece e de melhor fazer compreender seu alcance, elas são todas precedidas de uma instrução preliminar, espécie de exposição de motivos, sob o título de *prefácio*.

I. PRECES GERAIS

Oração dominical.

2. PREFÁCIO. — Os Espíritos recomendaram colocar a *oração dominical* na abertura desta coletânea, não somente como prece, mas como símbolo. De todas as preces, é a que eles põem em primeiro lugar, seja porque vem de Jesus, ele mesmo (São Mateus, VI: 9 a 13), seja porque ela é capaz de substituir todas as outras, segundo o pensamento que se vincule a ela; trata-se do mais perfeito modelo de concisão, verdadeira obra-prima de sublimidade em sua simplicidade. Com efeito, sob a mais restrita forma, ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo, e encerra uma profissão de fé, um ato de oração e de submissão, o pedido das coisas necessárias à vida e o princípio da caridade. Dizê-la na intenção de qualquer um é pedir para ele o que se pediria para si.

Todavia, em razão mesmo de sua brevidade, o sentido profundo contido em algumas palavras de que ela se compõe escapa à maioria; eis porque é recitada geralmente sem que se dirija o pensamento sobre as aplicações de cada uma de suas partes; a gente a profere como a uma fórmula, cuja eficácia é proporcional ao número de vezes que se repete; ora, esse é quase sempre um dos números cabalísticos, *três*, *sete* ou *nove*, extraídos da antiga crença supersticiosa na virtude dos números, e em uso nos exercícios da magia.

Para ocupar o vazio que a concisão desta prece deixa no pensamento, seguindo o conselho e com a assistência dos bons Espíritos, se juntou a cada proposição um comentário que lhe desenvolve o sentido e demonstra as aplicações. Segundo as circunstâncias e o tempo disponível, pode-se, assim, dizer a oração dominical em sua forma *simples* ou *desenvolvida*.

3. PRECE. — I. *Pai nosso que está nos céus, santificado seja o seu nome!*

Nós cremos no Senhor, Pai, porque tudo revela seu poder e sua bondade. A harmonia do universo testemunha uma sabedoria, uma prudência e uma providência que ultrapassam todas as faculdades humanas; o nome de um ser soberanamente grande e sábio está inscrito em todas as obras da criação, desde o broto da grama e o menor inseto até os astros que se movem no espaço; por toda a parte, nós percebemos a prova de uma solicitude paternal; eis porque cego é quem não o reconhece em suas obras, orgulhoso quem não o glorifica, e ingrato quem não lhe rende ações de graça.

II. *Venha a nós o seu reino!*

Pai, o Senhor forneceu aos homens leis plenas de sabedoria, e que fariam a felicidade deles, caso eles as observassem. Com essas leis, eles fariam reinar, entre si, a paz e a justiça; eles se ajudariam mutuamente, em lugar de se prejudicarem, como eles fazem; o forte ampararia o fraco, em lugar de espezinhá-lo; eles evitariam os males que os abusos e os excessos de todos os tipos engendram. Todas as misérias deste mundo provêm da violação de suas leis, pois não existe uma só infração que não tenha suas consequências fatais.

O Senhor deu ao bruto o instinto, que lhe traça o limite do necessário, e ele se acomoda a isso maquinalmente; mas ao homem, além desse instinto, o Senhor forneceu a inteligência e a razão; o Senhor lhe propiciou também a liberdade de observar ou infringir aquelas de suas leis que lhe concernem pessoalmente, quer dizer, de escolher entre o bem e o mal, a fim de que ele tenha o mérito e a responsabilidade de suas ações.

Ninguém pode pretextar ignorância de suas leis, pois, em sua providência paternal, o Senhor desejou que elas fossem gravadas na consciência de cada um, sem distinção de culto nem de nações; os que as transgridem é porque não o conhecem.

Um dia virá quando, conforme sua promessa, todos as praticarão; então, a incredulidade terá desaparecido; todos o reconhecerão como o supremo Senhor de todas as coisas, e o reino de suas leis constituirá seu reino na Terra.

Digne-se, Senhor, apressar o advento dele, propiciando aos homens a luz necessária para os conduzir pelo caminho da verdade.

III. *Seja feita sua vontade assim na terra como no céu!*

Se a submissão é um dever do filho em relação ao pai, do inferior para com seu superior, quão maior não tem que ser a da criatura em relação a seu Criador! Fazer sua vontade, Pai, é observar suas leis e submeter-se, sem murmúrio, a seus decretos sublimes; o homem se submeterá a eles, quando compreender que o Senhor é a fonte de toda a sabedoria e que, sem o Senhor, ele nada pode; então, ele fará sua vontade na terra, como os eleitos, no céu.

IV. *O pão nosso de cada dia nos dê hoje.*

Conceda-nos o alimento para a manutenção das forças do corpo; conceda-nos também o alimento espiritual, para o desenvolvimento de nosso Espírito.

O bruto encontra sua comida, mas o homem deve a sua à sua própria atividade e aos recursos da sua inteligência, porque o Senhor o criou livre.

O Senhor lhe disse: “Você tirará seu alimento da terra com o suor de seu rosto”; com isso o Senhor fez do trabalho uma obrigação, a fim de que ele exercesse sua inteligência através da busca dos meios de atender às suas necessidades e a seu bem-estar, uns através do trabalho material, os outros, do trabalho intelectual; sem o trabalho, ele ficaria estacionário e não teria como aspirar à felicidade dos Espíritos superiores.

O Senhor auxilia o homem de boa vontade, que confia no Senhor para o necessário, mas não quem se compraz na ociosidade e desejaria tudo obter sem esforço, nem quem busca o supérfluo. (Cap. xxv.)

Quantos existem que sucumbem por sua própria culpa, por sua incúria, sua imprevidência ou sua ambição, e por não terem desejado contentar-se com que o Senhor lhes havia dado! São esses os artífices de seu próprio infortúnio, os quais não têm o direito de se lastimar, pois eles são punidos através daquilo em que pecaram. Mas a esses mesmos o Senhor não os abandona, porque é infinitamente misericordioso; e lhes estende u’a mão condolente, desde que, como o filho pródigo, eles regressem sinceramente para o Senhor. (Cap. v, n.º 4.)

Antes de nos lastimarmos com nossa sorte, perguntemos se ela não é obra nossa; a cada infelicidade que nos ocorra, perguntemos se não dependia de nós evitá-la; mas afirmemos também que Deus nos forneceu a inteligência para nos tirar do lodaçal, e que depende de nós fazer uso dela.

Como a lei do trabalho constitui a condição do homem no mundo, forneça-nos, Pai, a coragem e a força de cumpri-la; forneça-nos também a prudência, a previdência e a moderação, a fim de não lhe perdermos o fruto.

Conceda-nos, pois, Senhor, nosso pão de cada dia, quer dizer, os meios de adquirir através do trabalho as coisas necessárias à vida, pois ninguém tem o direito de reclamar o supérfluo.

Caso o trabalho nos seja impossível, nós confiamos em sua divina providência.

Caso esteja em seus desígnios experimentar-nos através das mais duras privações, malgrado nossos esforços, nós as aceitamos como uma justa expiação das faltas que possivelmente cometemos nesta vida ou em uma vida precedente, pois o Senhor é justo; nós sabemos que não existem em absoluto penas imerecidas, e que o Senhor não castiga jamais sem motivo.

Preserve-nos, ó meu Deus, de sentir inveja dos que possuem o que não temos, nem dos que dispõem do supérfluo, quando nós carecemos do necessário. Perdoe-lhes, se eles esquecem a lei de caridade e de amor ao próximo, que o Senhor lhes havia ensinado. (Cap. xvi, n.º 8.)

Afaste também de nossa mente o pensamento de negar sua justiça, ao vermos a prosperidade do mau e a infelicidade que abate, às vezes, o homem de bem. Nós sabemos agora, graças às novas luzes que ao Senhor aprouve fornecer-nos, que sua justiça alcança sempre seu cumprimento, e sem exceção de ninguém; que a prosperidade material do

mau é efêmera tanto quanto sua existência corpórea, e que sofrerá terríveis reviravoltas, ao passo que a alegria reservada a quem sofre com resignação será eterna. (Cap. v, n.º 7, 9, 12 e 18.)

V. *Perdoe-nos nossas dívidas como nós perdoamos àqueles que nos devem. — Perdoe-nos nossas ofensas como nós perdoamos àqueles que nos ofenderam.*

Cada uma de nossas infrações às suas leis, Senhor, é uma ofensa para consigo e uma dívida contraída que nos caberá quitar, cedo ou tarde. Nós solicitamos a remissão delas à sua infinita misericórdia, sob a promessa de nos esforçarmos para não contrair novas.

O Senhor fez para nós da caridade uma lei expressa; mas a caridade não consiste somente em assistir a seu semelhante na necessidade; ela se acha também no esquecimento e no perdão das ofensas. Com que direito reclamaríamos nós sua indulgência, se faltamos nós mesmos com ela em relação àqueles de quem nós temos do que nos queixar?

Conceda-nos, ó meu Deus, a força de sufocar em nossa alma todo ressentimento, todo ódio e todo rancor; *faça que a morte não nos surpreenda com um desejo de vingança no coração.* Se lhe aprouver retirar-nos hoje mesmo deste mundo, faça que nós possamos apresentar-nos ao Senhor puros de toda animosidade, a exemplo do Cristo, cujas derradeiras palavras foram para seus carrascos. (Cap. x.)

As perseguições que nos fazem sofrer os maus fazem parte de nossas provações terrenas; nós temos de aceitá-las sem murmúrio, como todas as outras provações, e não maldizer os que, por suas maldades, nos franqueiam o caminho da felicidade eterna, pois o Senhor nos disse, pela boca de Jesus: “Bem-aventurados os que sofrem pela justiça!” Bendigamos, pois, a mão que nos fere e nos humilha, pois as mortificações do corpo fortificam nossa alma e nós seremos exaltados por nossa humildade. (Cap. xii, n.º 4.)

Bendito seja seu nome, Senhor, por nos haver ensinado que nossa sorte não está em absoluto irrevogavelmente fixada após a morte; que nós encontraremos, em outras existências, os meios de resgatar e de redimir nossas faltas passadas, de completar, em uma nova vida, o que não podemos fazer nesta aqui para nosso adiantamento. (Cap. iv; cap. v, n.º 5.)

Eis que aí se explicam, enfim, todas as anomalias aparentes da vida; é a luz lançada sobre nosso passado e nosso futuro, o sinal refulgente de sua suprema justiça e de sua bondade infinita.

VI. *Não nos deixe cair em tentação, mas livre-nos do mal*⁹.

Conceda-nos, Senhor, a força para resistir às sugestões dos maus Espíritos que tentassem afastar-nos da trilha do bem, ao nos inspirarem maus pensamentos.

Mas nós somos, nós mesmos, Espíritos imperfeitos, encarnados neste mundo para expiar e para melhorar-nos. A causa primeira do mal está em nós e os maus Espíritos mais

⁹ Certas traduções consignam: *Não nos induza em tentação* (et ne nos inducas in tentationem); esta expressão daria a entender que a tentação vem de Deus, que ele incite voluntariamente os homens ao mal, pensamento blasfematório que nivelaria Deus a Satã, e que não podia ter sido o de Jesus. Ele concorda, de resto, com a doutrina vulgar sobre o papel dos demônios. (Ver *O Céu e o Inferno*, 1.ª parte, cap. x: *Os demônios*.)

não fazem do que se aproveitarem de nossos pendores viciosos, nos quais eles nos entretêm, para nos tentar.

Cada imperfeição é uma porta aberta a sua influência, ao passo que eles são impotentes e renunciam a toda tentativa contra os seres perfeitos. Tudo o que nós poderíamos fazer para afastá-los se torna inútil, caso não lhes opusermos uma vontade inquebrantável no bem, e uma renúncia absoluta do mal. Portanto, é contra nós mesmos que é preciso direcionar nossos esforços e, então, os maus Espíritos se afastarão naturalmente, pois é o mal que os atrai, ao passo que o bem os expulsa. (Ver, adiante: *Preces pelos obsedados.*)

Senhor, ampare-nos em nossa fraqueza; inspire-nos, através da voz de nossos anjos guardiães e dos bons Espíritos, a vontade de nos corrigirmos de nossas imperfeições, a fim de fechar aos Espíritos impuros o acesso à nossa alma. (Ver, adiante: n.º 11.)

O mal não é em absoluto obra sua, Senhor, pois a fonte de todo o bem não tem como engendrar o mal; nós mesmos o criamos, ao infringir suas leis, e através do mau uso que fazemos da liberdade que o Senhor nos deu. Quando os homens observarem suas leis, o mal desaparecerá da Terra, como já desapareceu dos mundos mais adiantados.

O mal não é uma necessidade intrínseca para ninguém, e parece irresistível apenas aos que se abandonam a ele com complacência. Se temos a vontade de praticá-lo, nós podemos ter também a de praticar o bem; eis porque, ó meu Deus, nós pedimos sua assistência e a dos bons Espíritos para resistir à tentação.

VII. *Assim seja!*

Apraza ao Senhor, Pai, que nossos desejos se cumpram! Mas nós nos inclinamos diante de sua sabedoria infinita. Quanto a tudo que não nos seja dado compreender, que se faça conforme sua santa vontade e não a nossa, pois o Senhor deseja tão só nosso bem e sabe melhor que nós o que nos é útil.

Nós lhe endereçamos esta prece, ó meu Deus, por nós mesmos; nós lhe endereçamos também por todas as almas sofredoras, encarnadas ou desencarnadas, por nossos amigos e nossos inimigos, por todos os que reclamam nossa assistência, e em particular por...

Nós suplicamos para todos sua misericórdia e sua bênção.

Nota. — Pode-se formular aqui o que se tem a agradecer a Deus e o que se pede para si mesmo ou para outrem. (Ver, adiante, as preces de n.ºs 26 e 27.)

Reuniões espíritas.

4. *Em qualquer lugar em que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, eu aí me encontro no meio delas. (São Mateus, XVIII: 20.)*

5. PREFÁCIO. — Estar reunidos em nome de Jesus não significa que seja o bastante fazê-lo materialmente, mas espiritualmente, pela comunhão de intenção e de pensamentos para o bem;

assim, Jesus se encontra no meio da assembleia, ele ou os puros Espíritos que o representam. O Espiritismo nos faz compreender como os Espíritos podem estar entre nós. Eles aqui estão com seu corpo fluídico ou espiritual, e com a aparência que os faria reconhecidos, se eles se tornassem visíveis. Mais eles são elevados na hierarquia, maior é seu poder de irradiação; eis como eles possuem o dom da ubiquidade, e como eles podem achar-se em muitos pontos simultaneamente: basta para isso um raio de seu pensamento.

Através dessas palavras, Jesus desejou demonstrar o efeito da união e da fraternidade; não é o maior ou menor número que atrai os Espíritos, porque, em lugar de duas ou três pessoas, possivelmente ele diria dez ou vinte, mas o sentimento de caridade que as anima em relação umas às outras; ora, para isso, basta que haja duas. Mas, se essas duas orarem cada uma de seu lado, embora elas se enderecem a Jesus, não existe entre elas comunhão de pensamentos, sobretudo se não estão movidas por um sentimento de benevolência mútua; até mesmo, se elas se virem com um olhar ruim, com ódio, inveja ou ciúme, as correntes fluídicas de seus pensamentos se repelem, em lugar de se unir através de um comum elã de simpatia; sendo assim *elas não estão reunidas em nome de Jesus*; Jesus não é senão o *pretexto* da reunião e não o verdadeiro móvel. (Cap. XXVII, n.º 9.)

Isso não implica que ele seja surdo à voz de uma pessoa sozinha. Se ele não disse nunca: “Eu virei a qualquer um que me chame”, é que exige, acima de tudo, o amor do próximo, do qual se conseguem dar mais provas quando se trata de várias pessoas do que estando no isolamento; é que todo sentimento pessoal o põe de lado; daqui se segue que, caso, em uma reunião numerosa, duas ou três pessoas somente se unam de coração por meio do sentimento de uma verdadeira caridade, ao passo que as outras se isolam e se concentram em pensamentos egoístas ou mundanos, ele estará com as primeiras e não com as outras. Portanto, não é a simultaneidade das palavras, dos cantos ou dos atos exteriores, que constitui a reunião em nome de Jesus, mas a comunhão de pensamentos conformados ao espírito da caridade personificado em Jesus. (Cap. X: 7 e 8; cap. XXVII: 2 a 4.)

Tal deve ser o caráter das reuniões espíritas sérias, daquelas onde se deseja sinceramente a afluência dos bons Espíritos.

6. PRECE. (Para o começo da reunião.) — Nós rogamos ao Senhor Deus todo-poderoso que nos mande bons Espíritos para nos assistir, que afaste os que são capazes de nos induzir ao erro e que nos forneça a luz necessária para distinguir a verdade da impostura.

Afaste também os Espíritos malévolos, encarnados ou desencarnados, que poderiam tentar produzir a desunião entre nós e afastar-nos da caridade e do amor do próximo. Caso alguns consigam introduzir-se aqui, faça que não encontrem acesso no coração de nenhum de nós.

Bons Espíritos que se dignam vir instruir-nos, façam que sejamos dóceis a seus conselhos; afastem-nos de todo pensamento de egoísmo, de orgulho, de inveja e de ciúme; inspirem-nos a indulgência e a benevolência para com nossos semelhantes presentes ou ausentes, amigos ou inimigos; façam, enfim, que, pelos sentimentos de que seremos animados, nós reconheçamos sua salutar influência.

Deem aos médiuns que encarregarem de nos transmitir seus ensinamentos a consciência da santidade do mandato que lhes está sendo confiado e da gravidade do ato que irão cumprir, a fim de que tenham consigo o fervor e o recolhimento necessários.

Se, na reunião, se achem pessoas que para aqui tenham sido atraídas por outros sentimentos que não o do bem, abram seus olhos para a luz e perdoem-nas, como nós as perdoamos, caso tenham vindo com intenções malévolas.

Nós rogamos notadamente ao Espírito de..., nosso guia espiritual, para nos assistir e velar sobre nós.

7. PRECE. (Para o fim da reunião.) — Nós agradecemos aos bons Espíritos que se dispuseram a vir comunicar-se conosco; nós lhes rogamos que nos ajudem a colocar em prática as mensagens que nos ofereceram, e que façam que, ao sair daqui, cada um de nós se sinta fortalecido para a prática do bem e do amor do próximo.

Nós desejamos igualmente que estas mensagens sejam de proveito para os Espíritos sofredores, ignorantes ou viciosos que puderam assistir a esta reunião, e para os quais nós imploramos a misericórdia de Deus.

Para os médiuns.

8. Nos últimos tempos, diz o Senhor, eu espalharei de meu Espírito sobre *toda* a carne; seus filhos e suas filhas profetizarão; seus jovens terão visões e seus velhos, sonhos. — Naqueles dias, eu espalharei de meu Espírito sobre meus servos e sobre minhas servas e eles profetizarão. (Atos, II: 17 e 18.)

9. PREFÁCIO. — O Senhor desejou que a luz se desse para todos os homens e penetrasse por toda a parte a voz dos Espíritos, a fim de que cada um pudesse adquirir a prova da imortalidade; é com esse fito que os Espíritos se manifestam hoje em dia em todos os pontos da Terra e que a mediunidade, que se evidencia junto a pessoas de todas as idades e de todas as condições, junto aos homens e às mulheres, junto às crianças e aos velhos, é um dos sinais da chegada dos tempos preditos.

Para conhecer as coisas do mundo visível e descobrir os segredos da natureza material, Deus forneceu ao homem a vista do corpo, os sentidos e os instrumentos especiais; com o telescópio, ele mergulha suas vistas nas profundezas do espaço, e, com o microscópio, ele descobriu o mundo dos infinitamente pequenos. Para penetrar no mundo invisível, ele lhe concedeu a mediunidade.

Os médiuns são os intérpretes encarregados de transmitir aos homens os ensinamentos dos Espíritos; ou melhor, *são os órgãos materiais através dos quais se expressam os Espíritos, para serem entendidos pelos homens*. Sua missão é santa, pois tem por alvo abrir os horizontes da vida eterna.

Os Espíritos vêm instruir o homem a respeito de suas destinações futuras, a fim de trazê-lo à estrada do bem e não para lhe poupar o trabalho material que ele tem que realizar neste mundo para seu adiantamento, nem para favorecer sua ambição e sua cupidez. Eis de que os médiuns têm que bem se compenetrar, para não abusarem de sua faculdade. Quem compreende a gravidade do mandato de que está investido, cumpre-o religiosamente; sua consciência o reprovava, como um ato sacrílego, por transformar em uma diversão e em uma distração, *para si ou para os outros*, uma faculdade concedida com objetivo tão sério, faculdade que o coloca em contato com os seres de além-túmulo.

Como intérpretes do ensinamento dos Espíritos, os médiuns têm que representar um papel importante na transformação moral que se realiza; os serviços que eles são capazes de prestar se acham em função do bom direcionamento que imprimem à sua faculdade, pois os que se

encontram em um mau caminho são mais nocivos que úteis à causa do Espiritismo; através das más impressões que produzem, eles atrasam mais de uma conversão. Eis porque lhes será pedida conta do uso que terão dado a uma faculdade que lhes foi concedida para o bem de seus semelhantes.

O médium que deseja conservar a assistência dos bons Espíritos, tem que trabalhar por sua própria melhoria; o que deseja ver crescer e se desenvolver sua faculdade tem, ele mesmo, que crescer moralmente, e que se abster de tudo o que tenderia a afastá-la de seu alvo providencial.

Se os bons Espíritos se servem, às vezes, de instrumentos imperfeitos, é para dar-lhes bons conselhos e buscar trazê-los para o bem; mas, se encontram corações insensíveis e se seus avisos não são ouvidos, eles se retiram e os maus têm, então, o campo livre. (Cap. xxiv, n.ºs 11 e 12.)

A experiência comprova que, para os que não tiram proveito dos conselhos que recebem dos bons Espíritos, as comunicações, após terem irradiado alguma luz durante um certo tempo, degeneram a pouco e pouco, e terminam por cair no erro, na verbiagem ou no ridículo, sinal incontestável do afastamento dos bons Espíritos.

Obter a assistência dos bons Espíritos, afastar os Espíritos levianos e mentirosos, tal deve ser o objetivo dos esforços constantes de todos os médiuns sérios; sem isso, a mediunidade é uma faculdade estéril, que pode mesmo tornar-se prejudicial a quem a possui, pois ela pode degenerar em perigosa obsessão.

O médium que compreende seu dever, em lugar de se orgulhar de uma faculdade que não lhe pertence, uma vez que pode ser-lhe retirada, confere a Deus as boas coisas que obtém. Se suas comunicações merecem elogios, não fica vaidoso por causa disso, porque sabe que elas são independentes de seu mérito pessoal, e agradece a Deus por ter permitido que os bons Espíritos viessem manifestar-se através dele. Se elas promovem a crítica, não se ofende com isso, porque não são uma obra de seu próprio Espírito; ele confessa a si mesmo que não foi um bom instrumento e que não possui todas as qualidades necessárias para se opor à ingerência dos maus Espíritos; eis porque busca adquirir essas qualidades, e solicita, através da prece, a força que lhe falta.

10. PRECE. — Deus todo-poderoso, permita aos bons Espíritos assistirem-me na comunicação que eu solicito. Preserve-me da presunção de me crer ao abrigo dos maus Espíritos; do orgulho que seria capaz de me iludir sobre o valor do que eu obtenho; de todo sentimento contrário à caridade em relação aos outros médiuns. Caso eu seja induzido a erro, inspire a alguém o pensamento de me advertir e, a mim, a humildade que me fará aceitar a crítica com reconhecimento, e considerar para mim, e não para os outros, os conselhos que bem desejarem ditar-me os bons Espíritos.

Se eu estiver tentado a abusar do que quer que seja, ou a ficar envaidecido da faculdade que lhe aprouve conceder-me, eu lhe rogo para retirá-la de mim, de preferência a permitir que ela seja desviada de seu alvo providencial, que é o bem de todos e meu próprio adiantamento moral.

II. PRECES PESSOAIS

Aos Anjos guardiães e aos Espíritos protetores.

11. PREFÁCIO. — Nós todos temos um bom Espírito que está ligado a nós desde nosso nascimento e que nos tomou sob sua proteção. Ele cumpre junto a nós a missão de um pai junto a seu filho: a de nos conduzir pela estrada do bem e do progresso, através das provações da vida. Ele fica feliz quando nós correspondemos à sua solicitude; ele lamenta quando nos vê sucumbir.

Seu nome nos importa pouco, pois é possível que não possua nenhum nome conhecido no mundo; nós o invocamos, então, como nosso anjo guardião, nosso bom gênio; nós podemos mesmo invocá-lo sob o nome de um Espírito superior qualquer, pelo qual mais particularmente sentimos simpatia.

Além de nosso anjo guardião, que é sempre um Espírito superior, nós possuímos os Espíritos protetores que, com serem menos elevados, nem por isso são menos bons e benevolentes; são parentes ou amigos ou, às vezes, pessoas que nós não conhecemos em nossa existência atual. Eles nos assistem através de seus conselhos e, amiúde, de sua intervenção nos atos de nossa vida.

Os Espíritos simpáticos são os que se prendem a nós por uma certa similitude de gostos e de pendores; eles podem ser bons ou maus, conforme a natureza das tendências que os atraem para nós.

Os Espíritos sedutores se esforçam para nos apartar da estrada do bem, ao nos sugerirem maus pensamentos. Eles se aproveitam de todas as nossas fraquezas, como de tantas portas abertas que lhes dão acesso à nossa alma. Existem os que se agarram a nós como a uma presa, mas eles *se afastam assim que reconhecem sua impotência para lutar contra a nossa vontade*.

Deus nos forneceu um guia principal e superior em nosso anjo guardião e guias secundários, em nossos Espíritos protetores e familiares. Mas é errôneo crer em que nós temos, *forçosamente*, um mau gênio perto de nós para contrabalançar as boas influências. Os maus Espíritos vêm *espontaneamente*, conforme encontrem em nós uma vítima, por causa de nossa fraqueza ou de nossa negligência em seguir as inspirações dos bons Espíritos; eis que somos nós, pois, que os atraímos. O resultado disso é que ninguém jamais fica privado da assistência dos bons Espíritos, e que depende de nós afastar os maus. Por suas imperfeições, sendo o homem a causa das misérias que suporta, é ele o mais das vezes seu próprio mau gênio. (Cap. v, n.º 4.)

A prece aos anjos guardiães e aos Espíritos protetores deve ter por alvo solicitar sua intervenção junto a Deus, solicitar-lhes a força para resistir às más sugestões, e sua assistência nas precisões da vida.

12. PRECE. — Espíritos sábios e benévolos, mensageiros de Deus, cuja missão consiste em assistir aos homens e em conduzi-los no bom caminho, amparem-me nas provações desta vida; deem-me a força de suportá-las sem murmúrio; afastem de mim os maus pensamentos e façam que eu não dê acesso a nenhum dos maus Espíritos que tentariam induzir-me ao mal. Iluminem minha consciência quanto a meus defeitos e tirem-me de sobre os olhos o véu do orgulho que alcançaria impedir-me de percebê-los e de confessá-los a mim mesmo.

Você, sobretudo,..., meu anjo guardião, que vela mais particularmente sobre mim, e vocês todos, Espíritos protetores que se interessam por mim, façam que eu me torne digno de sua benevolência. Vocês conhecem minhas necessidades; que elas sejam atendidas conforme a vontade de Deus.

13. *Outra*. — Meu Deus, permita, aos bons Espíritos que me cercam, vir em minha ajuda, quando estiver em dificuldade, e soerguer-me, caso eu titubeie. Faça, Senhor, que

eles me inspirem a fé, a esperança e a caridade; que eles sejam para mim um apoio, um alento e uma comprovação de sua misericórdia; faça, enfim, que eu ache neles a força que me falta nas provações da vida, e, a fim de resistir às sugestões do mal, a fé que salva e o amor que consola.

14. *Outra.* — Espíritos amados, anjos guardiães, vocês a quem Deus, em sua infinita misericórdia, permite velar sobre os homens, sejam nossos protetores nas provações de nossa vida terrestre. Forneçam-nos a força, a coragem e a resignação; inspirem-nos tudo o que é bom, detenham-nos ante o abismo do mal; que sua doce influência penetre em nossa alma; façam que nós sintamos que um amigo devotado está aqui, perto de nós, que perceba nossos sofrimentos e compartilhe nossas alegrias.

E você, meu bom anjo, não me abandone; eu preciso de toda a sua proteção, para suportar com fé e amor as provações que aprouverem a Deus enviar-me.

Para afastar os maus Espíritos.

15. Infelizes de vocês, escribas e fariseus hipócritas, porque vocês limpam por fora o copo e o prato, e porque vocês estão por dentro cheios de rapinas e de impurezas. — Fariseus cegos, limpem primeiro por dentro do copo e do prato, a fim de que por fora fiquem limpos também. — Infelizes de vocês, escribas e fariseus hipócritas, porque vocês são semelhantes a sepulcros alvejados, que por fora parecem belos aos olhos dos homens, mas que, por dentro, estão plenos de toda sorte de podridão. — Assim, por fora vocês parecem justos aos olhos dos homens, mas por dentro vocês estão plenos de hipocrisia e de iniquidades. (São Mateus, xxiii: 25 a 28.)

16. *PREFÁCIO.* — Os maus Espíritos vão apenas aonde achem como satisfazer sua perversidade; para afastá-los, não é suficiente pedir-lhes, nem mesmo mandar; precisa retirar de si o que os atrai. Os maus Espíritos farejam as feridas da alma, como as moscas farejam as feridas do corpo; da mesma forma que vocês limpam o corpo para evitar o verme, limpem também a alma de suas impurezas, para evitar os maus Espíritos. Como nós vivemos em um mundo onde pululam os maus Espíritos, as boas qualidades do coração nem sempre nos colocam ao abrigo de suas tentativas, mas nos dão a força para resistir a eles.

17. *PRECE.* — Em nome de Deus todo-poderoso, que os maus Espíritos se afastem de mim e que os bons me sirvam de muralha contra eles!

Espíritos malfazejos, que inspiram aos homens maus pensamentos, Espíritos trapaceiros e mentirosos, que os enganam, Espíritos trocistas, que se divertem com a credulidade deles, eu os expulso com todas as forças de minha alma e fecho meus ouvidos às suas sugestões; mas eu clamo para vocês pela misericórdia de Deus.

Bons Espíritos que se dignam assistir-me, forneçam-me a força para resistir à influência dos maus Espíritos e as luzes necessárias para não ser vítima de suas armadilhas. Preservem-me do orgulho e da presunção; afastem de meu coração o ciúme, o ódio, a

maleficência e todo sentimento contrário à caridade, que são outras portas abertas ao Espírito do mal.

Para pedir a correção de um defeito.

18. PREFÁCIO. — Nossos maus instintos são o resultado da imperfeição de nosso próprio Espírito, e não de nosso organismo, caso contrário, o homem se isentaria de toda sorte de responsabilidade. Nossa melhoria depende de nós, pois todo homem que está no gozo de suas faculdades possui, quanto a todas as coisas, a liberdade de fazer ou de não fazer; não lhe falta, para praticar o bem, senão a vontade. (Cap. xv, n.º 10; cap. xix, n.º 12.)

19. PRECE. — O Senhor me ofertou, meu Deus, a inteligência necessária para distinguir o que constitui o bem do que constitui o mal; ora, no momento em que eu reconheça que uma coisa é má, sou culpado por não me esforçar em resistir a ela.

Preserve-me do orgulho, que poderia impedir-me de me aperceber de meus defeitos, e dos maus Espíritos, que poderiam estimular-me a perseverar neles.

Entre minhas imperfeições, eu reconheço que sou particularmente inclinado a..., e, caso eu não resista a esse arrastamento, é pelo hábito que contraí de ceder a ele.

O Senhor não me criou culpado, porque é justo, mas com uma vocação igual para o bem e para o mal; se eu segui a estrada ruim, foi por causa de meu livre-arbítrio. Mas, por igual razão que me deu a liberdade de praticar o mal, tenho a de realizar o bem, e, por consequência, tenho a de mudar de rota.

Meus defeitos atuais são um resto de imperfeições que eu guardei de minhas precedentes existências; eis meu pecado original, de que posso desembaraçar-me por minha vontade e com a assistência dos bons Espíritos.

Bons Espíritos que me protegem, e você, sobretudo, meu anjo guardião, concedam-me a força para resistir às más sugestões e para sair vitorioso da luta.

Os defeitos são as barreiras que nos separam de Deus, e cada defeito vencido é um passo na senda do adiantamento que nos deve aproximar dele.

O Senhor, em sua infinita misericórdia, dignou-se conceder-me a existência atual, para que sirva ao meu adiantamento; bons Espíritos, ajudem-me a tirar proveito dela, a fim de que não acabe perdida para mim, e que, quando aprouver a Deus retirar-me daqui, eu saia melhor do que entrei. (Cap. v, n.º 5; cap. xvii, n.º 3.)

Para pedir resistência a uma tentação.

20. PREFÁCIO. — Todo mau pensamento pode possuir duas fontes: a própria imperfeição de nossa alma, ou uma funesta influência que atua sobre ela; neste último caso, trata-se sempre de um indício de uma fraqueza que nos torna inclinados a receber tal influência e, por consequência,

trata-se de uma alma imperfeita; de sorte que quem falir não poderá invocar como desculpa a influência de um Espírito estranho, visto que *esse Espírito não no teria em absoluto induzido ao mal, se o tivesse julgado inacessível à sedução.*

Quando um mau pensamento surge em nós, podemos imaginar que um Espírito malévolos nos esteja impelindo para o mal, a que nós somos inteiramente livres de ceder ou de resistir, tal como se se tratasse das solicitações de uma pessoa viva. Nós temos, ao mesmo tempo, de representar nosso anjo guardião ou Espírito protetor, que, por seu lado, combate em nós a influência má, e aguarda com ansiedade *a decisão que nós vamos tomar.* Nossa hesitação em praticar o mal é a voz do bom Espírito, que se faz ouvir através de nossa consciência.

Reconhece-se que um pensamento é mau quando ele se aparta da caridade, que é a base de toda verdadeira moral; quando ele tem por princípio o orgulho, a vaidade ou o egoísmo; quando sua realização pode causar um prejuízo qualquer a outrem; quando, enfim, ele nos solicita para fazer aos outros o que nós não gostaríamos que nos fosse feito. (Cap. xxviii, n.º 15; cap. xv, n.º 10.)

21. PRECE. — Deus todo-poderoso, não me deixe sucumbir à tentação em que forçosamente falharei. Espíritos benévolos que me protegem, afastem de mim este mau pensamento e forneçam-me a força para resistir à sugestão do mal. Caso eu sucumba, terei feito por merecer a expiação da minha falta nesta vida e na outra, porque agora eu estou livre para escolher.

Ação de graças por uma vitória sobre uma tentação.

22. PREFÁCIO. — Quem resistiu a uma tentação deve isso à assistência dos bons Espíritos, cuja voz ouviu. Ele tem de agradecê-lo a Deus e a seu anjo guardião.

23. PRECE. — Meu Deus, eu lhe agradeço por me haver permitido sair vitorioso da luta que acabo de sustentar contra o mal; faça que esta vitória me forneça a força para resistir a novas tentações.

E a você, meu anjo guardião, eu lhe agradeço pela assistência que me proporcionou. Possa minha obediência a seus conselhos tornar-me merecedor novamente de sua proteção.

Para pedir um conselho.

24. PREFÁCIO. — Quando nós estamos indecisos quanto a fazer ou não fazer uma coisa, temos, antes de tudo, de colocar para nós mesmos as questões seguintes:

- 1.ª) O que eu hesito fazer pode trazer um prejuízo qualquer a outrem?
- 2.ª) Pode ser útil a alguém?
- 3.ª) Caso alguém fizesse isso em relação a mim, eu ficaria satisfeito?

Se a coisa não interessa senão à pessoa, faculta-se colocar na balança o cômputo das vantagens e dos inconvenientes pessoais que podem resultar disso.

Se ela interessa a outrem e quando, ao praticar o bem a um, pode redundar em um mal a um outro, precisa-se igualmente pesar o cômputo do bem e do mal, para se omitir ou agir.

Enfim, mesmo para as melhores coisas, precisa-se ainda considerar a oportunidade e as circunstâncias secundárias, pois uma coisa boa em si mesma pode ter maus resultados em mãos inábeis, e se não for conduzida com prudência e circunspeção. Antes de empreendê-la, é conveniente consultar suas forças e seus meios de execução.

Em todos os casos, pode-se sempre reclamar a assistência de seus Espíritos protetores, lembrando-se desta sábia máxima: *Na dúvida, abstenha-se.* (Cap. XXVIII, n.º 38.)

25. PRECE. — Em nome de Deus todo-poderoso, bons Espíritos que me protegem, inspirem-me a melhor resolução a tomar, na indecisão em que estou. Conduzam meu pensamento para o bem, e afastem a influência dos que tentariam ludibriar-me.

Nas aflições da vida.

26. PREFÁCIO. — Nós podemos pedir a Deus favores terrenos, e ele pode conceder-nos, desde que tenham um objetivo útil e sério; mas, como nós julgamos a utilidade das coisas pelo nosso ponto de vista, e como nossa vista se limita ao presente, nem sempre percebemos o lado mau do que desejamos. Deus, que vê melhor que nós e não deseja senão nosso bem, pode, portanto, não atender, como um pai não atende a seu filho no que poderia prejudicá-lo. Se o que nós pedimos não nos é concedido, não devemos derivar disso nenhum desalento; precisamos pensar, ao contrário, que a privação do que nós desejamos nos é imposta como provação ou como expiação, e que nossa recompensa será proporcional à resignação com que a teremos suportado. (Cap. XXVII, n.º 6; cap. II, n.ºs 5 a 7.)

27. PRECE. — Deus todo-poderoso, que vê nossas misérias, digne-se ouvir com simpatia os votos que lhe endereço neste momento. Se meu pedido não for importante, perdoe-me; se for justo e útil a seus olhos, que os bons Espíritos que executam sua vontade venham em meu auxílio para a efetivação dele.

Qualquer coisa que advier disso, meu Deus, que sua vontade seja feita. Caso meus desejos não sejam deferidos, é que se incluem em seus desígnios de me experimentar, e eu me submeto sem murmúrio. Faça que eu não derive disso nenhum desalento, e que nem minha fé nem minha resignação sejam abaladas.

(Formular seu pedido.)

Ação de graças por um favor obtido.

28. PREFÁCIO. — Não se deve, em absoluto, somente considerar como eventos felizes as coisas de grande importância; os menores em aparência são geralmente os que mais influenciam sobre nosso destino. O homem esquece facilmente o bem, e se recorda com primazia daquilo que o aflige. Caso registrássemos dia a dia os benefícios de que somos alvo, sem tê-los pedido, nós quedaríamos frequentemente espantados por termos recebido tantas coisas que se esvaíram de nossa memória, e humilhados por nossa ingratidão.

Cada noite, ao elevarmos nossa alma a Deus, nós devemos lembrar com nós mesmos os favores que ele nos concedeu durante a jornada, e agradecer-lhos. É sobretudo no momento mesmo quando nós sentimos o efeito de sua bondade e de sua proteção que, através de um movimento espontâneo, temos de lhe testemunhar nossa gratidão; é suficiente, para isso, um pensamento que lhe confira o benefício, sem que seja preciso largar o trabalho.

Os benefícios divinos não consistem somente em coisas materiais; é preciso, igualmente, agradecer-lhe as boas ideias, as inspirações felizes que nos são sugeridas. Enquanto o orgulhoso se dá o mérito delas, enquanto o incrédulo as atribui ao acaso, quem possui a fé rende graças a Deus e aos bons Espíritos. Por isso, longas frases são inúteis: *“Obrigado, meu Deus, pelo bom pensamento que me inspirou”* diz mais que muitas palavras. O eã espontâneo que nos faz conferir a Deus o bem que nos sucede testemunha um hábito de reconhecimento e de humildade, que nos granjeia a simpatia dos bons Espíritos. (Cap. XXVII, n.^{os} 7 e 8.)

29. PRECE. — Deus infinitamente bom, que seu nome seja abençoado pelos benefícios que o Senhor me concedeu; eu seria indigno, se os atribuísse ao acaso ou a meu próprio mérito.

Bons Espíritos que foram os executores das vontades de Deus, e você sobretudo, meu anjo guardião, eu lhes agradeço. Afastem de mim o pensamento de derivar daí o orgulho, e de utilizar-me disso de um modo que não seria para o bem.

Eu lhes agradeço notadamente por...

Ato de submissão e de resignação.

30. PREFÁCIO. — Quando um fato aflitivo nos acontece, caso lhe busquemos a causa, nós verificaremos geralmente que ele é a consequência de nossa imprudência, de nossa imprevidência ou de uma ação anterior; nesse caso, nós temos que vinculá-la apenas a nós mesmos. Se a causa de uma infelicidade é independente de toda participação que seja de nossa responsabilidade, trata-se ou de uma provação para esta vida ou da expiação de uma existência passada, e, neste último caso, a natureza da expiação tem como fazer reconhecer a natureza da falta, pois somos sempre punidos através daquilo em que pecamos. (Cap. V, n.^{os} 4, 6 e seg.⁵)

No que nos aflige, nós não vemos, em geral, senão o mal presente, e não as consequências ulteriores favoráveis que isso possa ter. O bem é amiúde a decorrência de um mal passageiro, como a cura de um doente é o resultado dos meios dolorosos que se empregam para obtê-la. Em todos os casos, nós temos que nos submeter à vontade de Deus, suportar com coragem as tribulações da vida, caso desejemos que nos favoreçam e que esta expressão do Cristo seja aplicada a nós: Bem-aventurados os que sofrem. (Cap. V, n.^o 18.)

31. *PRECE.* — Meu Deus, o Senhor é soberanamente justo; todo sofrimento neste mundo tem, pois, de possuir sua causa e sua utilidade. Eu aceito o fato aflitivo que acabo de sofrer como uma expiação de minhas faltas passadas e uma provação para o futuro.

Bons Espíritos que me protegem, forneçam-me a força de suportá-lo sem murmúrio; façam que seja para mim um aviso salutar; que ele aumente minha experiência; que ele combata em mim o orgulho, a ambição, a tola vaidade e o egoísmo, e que contribua, assim, para meu adiantamento.

32. *Outra.* — Eu sinto, ó meu Deus, a necessidade de lhe rogar para que me forneça a força de suportar as provações que lhe aprouve enviar-me. Permita que a luz se faça assaz viva em minha mente, para que eu aprecie toda a extensão de um amor que me aflige por desejar salvar-me. Eu me submeto com resignação, ó meu Deus; mas, pobre de mim, a criatura é tão frágil que, se o Senhor não me amparar, eu temo sucumbir. Não me abandone, Senhor, pois sem o Senhor eu nada posso.

33. *Outra.* — Eu alteei meu olhar para o Senhor, ó Eterno, e me senti fortificado. O Senhor é minha força, não me abandone; ó Deus, eu estou esmagado sob o peso de minhas iniquidades! Ajude-me; o Senhor conhece a fraqueza de minha carne, e não afasta seu olhar de sobre mim!

Eu estou sendo devorado por uma sede ardente; faça jorrar a fonte de água viva, e eu estarei saciado. Que minha boca se abra somente para cantar seus louvores e não para murmurar nas aflições de minha vida. Eu sou fraco, Senhor, mas seu amor me sustentará.

Ó Eterno! Só o Senhor é grande, só o Senhor é a causa e o fim de minha vida! Seja bendito seu nome, caso o Senhor me fira, pois o Senhor é o amo e eu, o servo infiel; eu curvarei minha cabeça sem me lastimar, pois só o Senhor é grande, só o Senhor é o fim.

Diante de um perigo iminente.

34. *PREFÁCIO.* — Através dos perigos que nós corremos, Deus nos lembra nossa fraqueza e a fragilidade de nossa existência. Ele nos demonstra que nossa vida está em suas mãos, e que está presa por um fio que pode quebrar-se no momento em que nós menos esperamos. Sob esse aspecto, não existe privilégio para ninguém, pois o grande e o pequeno estão submetidos às mesmas alternativas.

Caso se examinem a natureza e as consequências do perigo, a gente verá que o mais das vezes essas consequências, se elas se houvessem realizado, teriam sido a punição de uma falta cometida ou de *um dever negligenciado*.

35. *PRECE.* — Deus todo-poderoso e você, meu anjo guardião, socorram-me! Se eu devo sucumbir, que a vontade de Deus seja feita. Se eu for salvo, que o restante de minha vida redima o mal que eu fui capaz de praticar e do qual me arrependo.

Ação de graças após escapar a um perigo.

36. PREFÁCIO. — Através do perigo que nós corremos, Deus nos demonstra que nós podemos, de um momento para outro, ser chamados a prestar conta do emprego que demos à vida; ele nos avisa, assim, para voltarmos a nós mesmos e para nos corrigirmos.

37. PRECE. — Meu Deus e você, meu anjo guardião, eu lhes agradeço o socorro que me enviaram no perigo que me ameaçou. Que esse perigo seja para mim um aviso e que me ilumine sobre as faltas que foram capazes de me atrair. Eu compreendo, Pai, que minha vida está em suas mãos e que o Senhor pode retirá-la de mim quando Lhe aprouver. Inspire-me, através dos bons Espíritos que me assistem, o pensamento de empregar de forma útil o tempo que o Senhor me concede ainda neste mundo.

Meu anjo guardião, ampare-me na resolução que estou tomando de corrigir meus defeitos e de praticar todo o bem que estiver sob meu poder, a fim de chegar carregado de menos imperfeições ao mundo dos Espíritos, quando aprouver a Deus chamar-me.

No momento de dormir.

38. PREFÁCIO. — O sono é o repouso do corpo, mas o Espírito não precisa de repouso. Enquanto os sentidos permanecem entorpecidos, a alma se desprende em parte da matéria e desfruta suas faculdades de Espírito. O sono foi concedido ao homem para a reparação das forças orgânicas e das forças morais. Enquanto o corpo recupera os elementos que perdeu através da atividade da vigília, o Espírito vai revigorar-se em meio aos outros Espíritos; ele recolhe do que vê, do que ouve e dos conselhos que Lhe dão, as ideias que reencontra ao despertar, em estado de intuição; é o regresso temporário do exilado à sua verdadeira pátria; é o prisioneiro provisoriamente devolvido à liberdade.

Mas ocorre, como para o prisioneiro perverso, que o Espírito nem sempre tira proveito desse momento de liberdade para seu adiantamento; caso possua maus instintos, em lugar de buscar a companhia dos bons Espíritos, ele busca a de seus pares, e vai visitar os lugares onde tem como dar livre curso a seus pendores.

Que eleve seu pensamento quem se tenha compenetrado desta verdade, no momento em que sentir os achegos do sono; que ele peça pelos conselhos dos bons Espíritos e daqueles cuja memória Lhe é cara, a fim de que eles venham reunir-se a ele, no curto intervalo que Lhe é concedido, e, ao despertar, sentirá um poder maior contra o mal, e uma coragem maior contra a adversidade.

39. PRECE. — Minha alma vai encontrar-se um instante com os outros Espíritos. Que os que são bons venham ajudar-me com seus conselhos. Meu anjo guardião, faça que, em meu despertar, eu conserve disso uma sensação durável e salutar.

Na previsão de sua morte próxima.

40. PREFÁCIO. — A fé no porvir, a elevação do pensamento, durante a vida, rumo às destinações futuras, ajudam no pronto desprendimento do Espírito, por enfraquecerem os liames que o retêm ao corpo, e, com frequência, a vida corpórea não está ainda extinta, quando a alma, impaciente, já levantou seu voo para a imensidão. Junto ao homem, ao contrário, que concentra todos os seus pensamentos sobre as coisas materiais, esses liames são mais tenazes, *a separação é penosa e dolorosa*, e o despertar de além-túmulo está pleno de perturbação e de ansiedade.

41. PRECE. — Meu Deus, eu creio no Senhor e em sua bondade infinita; eis porque eu não posso acreditar em que tenha fornecido ao homem a inteligência para conhecê-lo e a aspiração do porvir, para mergulhá-lo no nada.

Eu creio que meu corpo não é senão o invólucro perecível de minha alma e que, assim que ele tenha cessado de viver, eu despertarei no mundo dos Espíritos.

Deus todo-poderoso, eu sinto que se quebram os liames que ligam minha alma a meu corpo, e que logo eu vou ter de prestar conta do uso da vida que estou deixando.

Eu vou sofrer as consequências do bem e do mal que pratiquei; ali, não existe mais ilusão nem mais subterfúgio possível; todo o meu passado vai desenrolar-se diante de mim, e eu serei julgado segundo minhas obras.

Eu não levarei nada dos bens da Terra; honras, riquezas, satisfações da vaidade e do orgulho, tudo o que se atém ao corpo, enfim, vai ficar neste mundo; nem a menor parcela seguirá comigo, e nada de tudo isso me dará a menor ajuda no mundo dos Espíritos. Eu levarei comigo apenas o que se atém à alma, quer dizer, as boas e as más qualidades, que serão pesadas na balança de uma rigorosa justiça, e eu serei julgado com tanto maior severidade, quanto minha posição na Terra me haja oferecido maiores oportunidades de praticar o bem que eu não pratiquei. (Cap. xvi, n.º 9.)

Deus de misericórdia, que meu arrependimento chegue até o Senhor! Digne-se derramar sobre mim sua indulgência!

Se lhe aprover prolongar minha existência, que o restante dela seja empregado em resgatar, quanto está em mim, o mal que fui capaz de praticar. Se minha hora soou implacável, eu levo o pensamento consolador de que me será facultado redimir-me através de novas provações, a fim de merecer um dia a felicidade dos eleitos.

Se não me for dado desfrutar imediatamente essa felicidade sem mescla, que é patrimônio apenas do justo por excelência, eu sei que a esperança não me está interdita para sempre, e que, com o trabalho, eu atingirei o alvo, mais cedo ou mais tarde, conforme meus esforços.

Eu sei que bons Espíritos e meu anjo guardião estão aqui, perto de mim, para me receber; dentro em pouco, eu os verei como eles me veem. Eu sei que reencontrarei os que amei na Terra, *se fiz por merecê-lo*, e que os que estou deixando aqui virão reunir-se comigo, para estarmos um dia todos reunidos para sempre, e que, enquanto aguardo esse momento, eu poderei vir visitá-los.

Eu sei também que vou reencontrar os que eu ofendi; possam eles perdoar-me o que têm para recriminar em mim: meu orgulho, minha insensibilidade, minhas injustiças, e não me cobrirem de vergonha com sua presença!

Eu perdoo aos que me fizeram ou me desejaram o mal na Terra; eu não levo nenhum ódio contra eles, e rogo a Deus que os perdoe.

Senhor, conceda-me a força de deixar sem pesares as alegrias grosseiras deste mundo, que não são nada perto das alegrias puras do mundo em que vou entrar. Lá, para o justo, não existem mais tormentos, nem mais sofrimentos, nem mais misérias; só o culpado sofre, mas lhe resta uma esperança.

Bons Espíritos e você, meu anjo guardião, não me deixem falar neste momento supremo; façam irradiar para meus olhos a divina luz, a fim de reanimar minha fé, caso ela venha a se abalar.

Nota: Ver, adiante, a seção v: *Preces para os doentes e obsedados*.

III. PRECES POR OUTREM

Por alguém que esteja em aflição.

42. PREFÁCIO. — Se é do interesse do sofredor que sua provação siga seu curso, ela não será abreviada a rogo nosso; mas seria realizar um ato de impiedade, caso a gente o desanimasse, só porque o rogo não é atendido; de resto, na falta do encerramento da provação, podemos esperar obter alguma outra consolação que lhe abrande o amargor. O que é verdadeiramente útil para quem está sofrendo é a coragem e a resignação, sem as quais o que ele padece fica sem proveito, pois será obrigado a recomeçar a provação. Portanto, é para esse alvo que se precisa, sobretudo, dirigir os esforços, quer apelando aos bons Espíritos por sua ajuda, quer levantando por si mesmo o moral do sofredor, através de conselhos e de encorajamentos, quer, enfim, assistindo-o materialmente, caso isso seja possível. A prece, nesse caso, pode, além disso, ter um efeito direto, irradiando sobre a pessoa uma corrente fluídica, tendo em vista fortificar seu moral. (Cap. v, 5 e 27; xxvii, n.^{os} 6 e 10.)

43. PRECE. — Meu Deus, cuja bondade é infinita, digne-se suavizar o amargor da situação de..., caso possa ser essa sua vontade.

Bons Espíritos, em nome de Deus todo-poderoso, eu lhes suplico para assistirem-no em suas aflições. Caso, no interesse dele, elas tenham como ser-lhe aliviadas, façam-no compreender que são necessárias para seu adiantamento. Concedam-lhe a confiança em Deus e no porvir, o que as tornará menos amargas para ele. Concedam-lhe também a força para não sucumbir ao desespero, o que lhe faria perder o fruto das aflições e tornaria sua situação futura ainda mais penosa. Conduzam meu pensamento até ele, para ajudá-lo a sustentar sua coragem.

Ação de graças por um benefício concedido a outrem.

44. PREFÁCIO. — Quem não é dominado pelo egoísmo se rejubila com o bem que sucede a seu próximo, mesmo quando ele não o teria solicitado através da prece.

45. PRECE. — Meu Deus, bendito seja pela felicidade que adveio a...

Bons Espíritos, façam que ele veja aí um efeito da bondade de Deus. Se o bem que lhe adveio é para uma provação, inspirem-lhe o pensamento de dar-lhe um bom uso e de não se vangloriar com ele, a fim de que esse bem não reverta em seu prejuízo para o porvir.

Você, meu bom gênio, que me protege e deseja minha felicidade, aparte de meu pensamento todo sentimento de inveja e de ciúme.

Por nossos inimigos e os que nos desejam o mal.

46. Prefácio. — Jesus disse: *Amem até seus inimigos*. Esta máxima é o que existe de mais sublime na caridade cristã; mas, através dela, Jesus não entende em absoluto que nós temos que sentir por nossos inimigos a mesma ternura que nós temos por nossos amigos; ele nos diz, através dessas palavras, para esquecer as ofensas deles, para lhes perdoar o mal que praticaram contra nós, para lhes pagar o mal com o bem. Além do mérito que disso resulta aos olhos de Deus, vai demonstrar aos olhos dos homens a verdadeira superioridade. (Cap. XII, n.ºs 3 e 4.)

47. PRECE. — Meu Deus, eu perdoou a... o mal que contra mim praticou e o que desejou praticar, como também desejo que o Senhor me perdoe, e que me perdoe ele mesmo minhas possíveis injustiças. Se o Senhor o colocou em meu caminho como uma provação, que sua vontade seja feita.

Aparte de mim, ó meu Deus, a ideia de amaldiçoá-lo e todo desejo malévolos contra ele. Faça que eu não sinta nenhuma alegria pelos males que possam acontecer-lhe, nem nenhum mal-estar pelos bens que lhe possam ser concedidos, a fim de nunca macular minha alma por meio de pensamentos indignos de um cristão.

Possa sua bondade, Senhor, estendendo-se sobre ele, dispô-lo com melhores sentimentos para comigo!

Bons Espíritos, inspirem-me o olvido do mal e a recordação do bem. Que nem o ódio, nem o rancor, nem o desejo de lhe revidar o mal com o mal, invadam meu coração, pois o ódio e a vingança concernem apenas aos maus Espíritos, encarnados e desencarnados! Que eu esteja pronto, ao contrário, a lhe estender u'a mão fraternal, a lhe pagar o mal com o bem e a dar-lhe ajuda, caso esteja em meu poder.

Eu desejo, para pôr à prova a sinceridade de minhas palavras, que a oportunidade me seja ofertada de lhe ser útil; mas, sobretudo, ó meu Deus, preserve-me de fazê-lo por

orgulho ou ostentação, prostrando-o por meio de uma generosidade humilhante, o que me faria perder o fruto de minha ação, pois, então, eu mereceria que esta expressão do Cristo me fosse aplicada: Você já recebeu sua recompensa. (Cap. XIII, n.^{os} 1 e seg.^s)

Ação de graças pelo bem concedido a nossos inimigos.

48. PREFÁCIO. — Nunca desejar o mal a seus inimigos não é ser caridoso senão pela metade; a verdadeira caridade requer que nós lhes desejemos o bem e que nós nos sintamos felizes com aquele que lhes ocorra. (Cap. XII, n.^{os} 7 e 8.)

49. PRECE. — Meu Deus, em sua justiça, o Senhor acreditou dever alegrar o coração de... Eu lhe agradeço por ele, malgrado o mal que me praticou ou que procurou praticar-me. Caso ele se aproveite disso para me humilhar, eu o aceitarei como uma prova para minha caridade.

Bons Espíritos que me protegem, não permitam que eu sinta, por causa disso, nenhum pesar; apartem de mim a inveja e o ciúme, que aviltam; inspirem-me, ao contrário, a generosidade que eleva. A humilhação se acha no mal e não no bem, e nós sabemos que, cedo ou tarde, será feita justiça a cada um segundo suas obras.

Pelos inimigos do Espiritismo.

50. Bem-aventurados os que estão com fome de justiça, porque serão saciados.

Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque o reino dos céus é para eles.

Vocês ficarão felizes quando os homens os carregarem de maldições, e quando eles os perseguirem, e quando, perfidamente, disserem todas as espécies de maldade contra vocês, por minha causa. — Rejubilem-se, então, porque uma grande recompensa lhes está reservada nos céus, pois foi assim que eles perseguiram os profetas, que existiram antes de vocês. (São Mateus, v: 6 e 10 a 12.)

Não temam jamais os que matam o corpo e não têm como matar a alma; mas temam especialmente quem tem como perder a alma e o corpo no inferno. (São Mateus, x: 28.)

51. PREFÁCIO. — De todas as liberdades, a mais inviolável é a de pensar, que compreende também a liberdade de consciência. Anatematizar os que não pensam como nós, é reclamar essa liberdade para nós e negá-la aos outros; é transgredir o primeiro mandamento de Jesus: a caridade e o amor do próximo. Persegui-los por sua crença é atentar contra o direito mais sagrado, que todo homem possui, de crer naquilo que lhe convém e de se aproximar de Deus pelo modo que entender. Constrangê-los aos atos exteriores semelhantes aos nossos é demonstrar que nos prendemos mais à forma que ao fundo, às aparências mais que à convicção. A abjuração forçada

não originou jamais a fé: ela é capaz apenas de produzir hipócritas; trata-se de um abuso do poder material que não comprova a verdade; *a verdade é segura de si mesma: ela convence e não persegue, porque não precisa disso.*

O Espiritismo é uma opinião, uma crença; fosse mesmo uma religião, por que a gente não teria a liberdade de se dizer espírita, como tem a de se dizer católico, judeu ou protestante, partidário de tal ou qual doutrina filosófica, de tal ou qual sistema econômico? Esta crença ou é falsa ou é verdadeira: se é falsa, cairá por si mesma, porque o erro não consegue prevalecer contra a verdade, desde que a luz se faça para as inteligências; se é verdadeira, a perseguição não há de torná-la falsa.

A perseguição é o batismo de toda ideia nova, grande e justa; ela cresce com a grandeza e a importância da ideia. O fúria e a cólera dos inimigos da ideia são proporcionais ao temor que ela lhes incute. Eis por qual razão o Cristianismo foi perseguido outrora e o Espiritismo está sendo hoje em dia, com esta diferença, às vezes, de que o Cristianismo o foi pelos pagãos, ao passo que Espiritismo está sendo pelos cristãos. O tempo das perseguições sangrentas passou, é verdade, mas se não se mata mais o corpo, tortura-se a alma; a gente a ataca até em seus sentimentos mais íntimos, em suas afeições mais caras; dividem-se as famílias, excita-se a mãe contra a filha, a mulher contra o marido; ataca-se mesmo o corpo quanto às suas necessidades materiais, ao lhe suprirem seu ganha-pão, para prendê-lo através da fome. (Cap. XXIII, n.ºs 9 e seg.º)

Espíritas, não se aflijam nunca com os golpes que lhes derem, pois eles comprovam que vocês estão com a verdade, sem o que os deixariam em paz e não os agrediriam. É uma provação para sua fé, pois é através de sua coragem, de sua resignação, de sua perseverança, que Deus os reconhecerá entre seus servos fiéis, cujo cômputo ele está realizando hoje, para dar a cada um a parte que lhe cabe conforme suas obras.

A exemplo dos primeiros cristãos, fiquem, pois, ufanos por carregar sua cruz. Creiam na palavra do Cristo, quando disse: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque o reino dos céus é para eles. Não temam jamais os que matam o corpo e não têm como matar a alma.” Ele disse também: “Amem a seus inimigos, façam o bem aos que lhes fazem o mal e orem pelos que os perseguem.” Demonstrem que vocês são seus verdadeiros discípulos, e que sua doutrina é boa, ao fazerem o que ele disse e o que realizou ele mesmo.

A perseguição é por pouco tempo; esperem, portanto, pacientemente, o nascer da aurora, pois a estrela matutina já se mostra no horizonte. (Cap. XXIV, n.ºs 13 e seg.º)

52. PRECE. — Pai, o Senhor fez que se dissesse para nós pela voz de Jesus, seu Messias: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça; perdoem a seus inimigos; orem pelos que os perseguem”; e ele mesmo nos indicou o caminho, ao orar por seus algozes.

Por seu exemplo, meu Deus, nós apelamos para sua misericórdia pelos que menosprezam seus sublimes preceitos, os únicos que podem assegurar a paz, neste mundo e no outro. Como o Cristo, nós lhe dizemos: “Perdoe-lhes, meu Pai, pois eles não sabem o que fazem.”

Conceda-nos a força para suportar com paciência e resignação, como provações para nossa fé e nossa humildade, seus escárnios, suas injúrias, suas calúnias e suas perseguições; afaste-nos de todo pensamento de represálias, pois a hora de sua justiça soará para todos, e nós aguardamos por ela, submetendo-nos à sua santa vontade.

Prece por uma criança recém-nascida.

53. PREFÁCIO. — Os Espíritos chegam à perfeição somente após terem passado pelas provações da vida corpórea; os que são errantes esperam que Deus lhes permita retomar uma existência que possa oferecer-lhes um meio de adiantamento, seja através da expiação de suas faltas passadas, por intermédio de vicissitudes a que são submetidos, seja cumprindo u'a missão útil para a humanidade. Seu adiantamento e sua felicidade futura serão proporcionais à maneira pela qual eles terão empregado o tempo que têm de passar na Terra. O encargo de guiar seus primeiros passos e de dirigi-los para o bem é confiado a seus pais, que responderão perante Deus tendo em vista o modo pelo qual terão realizado seu mandato. É para facilitar a execução dele que Deus fez do amor paternal e do amor filial uma lei da natureza, lei que não é jamais transgredida impunemente.

54. PRECE. (Para os pais.) — Espírito que se encarnou no corpo de nosso filho, seja bem-vindo entre nós. Deus todo-poderoso, que o enviou, seja bendito.

É um depósito que nos está sendo confiado e do qual nós deveremos dar conta um dia. Se ele pertence à nova geração de bons Espíritos que devem povoar a terra, obrigado, ó meu Deus, por esse favor! Se é uma alma imperfeita, nosso dever é de ajudá-la a progredir, no caminho do bem, através de nossos conselhos e de nossos bons exemplos; se ele cair no mal por nossa culpa, nós responderemos por isso diante do Senhor, pois não teremos cumprido nossa missão em relação a ele.

Senhor, favoreça-nos em nossa tarefa e conceda-nos a força e a vontade de cumpri-la. Se esta criança tem de ser uma causa de provações para nós, que sua vontade seja feita!

Bons Espíritos que vieram presidir a seu nascimento e que têm de acompanhá-la durante a vida, não a abandonem. Afastem dela os maus Espíritos que tentariam induzi-la ao mal; concedam-lhe força para resistir às sugestões deles e coragem para sofrer, com paciência e resignação, as provações que esperam por ela na Terra. (Cap. XIV, n.º 9.)

55. *Outra.* — Meu Deus, o Senhor me confiou a sorte de um de seus Espíritos; faça, Senhor, que eu seja digno da tarefa que me está sendo imposta; conceda-me sua proteção; ilumine minha inteligência, a fim de que eu possa discernir em boa hora as tendências de quem eu tenho que preparar para adentrar em sua paz.

56. *Outra.* — Deus boníssimo, dado que lhe aprouve permitir ao Espírito desta criança voltar a sofrer as provações terrestres destinadas a fazê-la progredir, conceda-lhe luz a fim de que ele aprenda a conhecê-lo, amá-lo e adorá-lo. Faça, através de sua onipotência, que este Espírito se regenere pela fonte de suas divinas instruções, que, sob a égide de seu anjo guardião, sua inteligência cresça, se desenvolva e o faça aspirar a se aproximar mais e mais do Senhor; que a ciência do Espiritismo seja a brilhante luz que o clareie, através dos escolhos da vida; que ele saiba, enfim, avaliar toda a extensão de seu amor, que nos põe à prova para nos purificar.

Pai, lance um olhar paternal sobre a família a quem o Senhor confiou esta alma; possa esta família compreender a importância de sua missão e fazer germinar nesta criança as boas sementes, até o dia em que ela puder, através de suas próprias aspirações, elevar-se sozinha para o Senhor.

Digne-se, ó meu Deus, atender a esta humilde prece, em nome e através dos méritos daquele que disse: “Deixem vir a mim as criancinhas, pois o reino dos céus é para os que se parecem com elas.”

Por um agonizante.

57. PREFÁCIO. — A agonia é o prelúdio da separação da alma e do corpo; pode-se dizer que, nesse momento, o homem não tem senão um pé neste mundo, e que ele já tem um no outro. Essa passagem, às vezes, é penosa, para os que se aferram à matéria e viveram mais para os bens deste mundo do que para os do outro, ou cuja consciência está sendo agitada por desgostos e remorsos; para aqueles, ao contrário, cujos pensamentos se elevaram para o infinito e se desligaram da matéria, os liames são menos difíceis de romper, e os derradeiros momentos não têm nada de dolorosos; a alma, então, não se prende ao corpo senão por um fio, ao passo que, na outra situação, ela se prende a ele através de profundas raízes; em todos os casos, a prece exerce uma ação poderosa sobre o trabalho da separação. (Ver, adiante, *Preces para os doentes*. — *O Céu e o Inferno*, 2.^a parte, cap. I: *A passagem*.)

58. PRECE. — Deus poderoso e misericordioso, eis aqui uma alma que deixa seu invólucro terrestre, para retornar ao mundo dos Espíritos, sua verdadeira pátria; possa ela ali reentrar em paz, e sua misericórdia estender-se sobre ela.

Bons Espíritos que a acompanharam na Terra, não a abandonem neste momento supremo; concedam-lhe a força de suportar os derradeiros sofrimentos que ela tem que suportar neste mundo, para seu adiantamento futuro; inspirem-na, para que ela consagre ao arrependimento de suas faltas os últimos lampejos de inteligência que lhe restam, ou que poderiam temporariamente voltar-lhe.

Dirijam meu pensamento a fim de que sua ação torne menos aflitivo o trabalho da separação, e que ela leve em sua alma, no momento de deixar a terra, as consolações da esperança.

IV. PRECES PELOS QUE NÃO ESTÃO MAIS NA TERRA

Por alguém que acaba de morrer.

59. PREFÁCIO. — As preces pelos Espíritos que acabam de deixar a Terra têm por alvo não apenas oferecer-lhes um testemunho de simpatia, mas têm ainda como efeito o de ajudar em seu desligamento e, daí, o de abreviar a perturbação que se segue sempre à separação do corpo, e o de fazer o despertar mais calmo. Mas aí também, como em qualquer outra circunstância, a eficácia

reside na sinceridade do pensamento e não na abundância de palavras, ditas com mais ou menos pompa, e das quais, o mais das vezes, o coração não compartilha.

As preces que partem do coração ressoam em torno do Espírito cujas ideias estão ainda confusas, como as vozes amigas que nos vêm acordar. (Cap. XXVII, n.º 10.)

60. PRECE. — Deus todo-poderoso, que sua misericórdia se estenda sobre a alma de..., que o Senhor acaba de chamar. Possam as provações que ele (ou ela) sofreu na Terra lhe serem consideradas e nossas preces suavizar e abreviar as penas que ele deve ainda suportar como Espírito!

Bons Espíritos que vieram recebê-lo e você, sobretudo, seu anjo guardião, assistam-no com o fito de ajudá-lo a se despojar da matéria; concedam-lhe a luz e a consciência de si mesmo, a fim de tirá-lo da turvação que acompanha a passagem da vida corpórea para a vida espiritual. Inspirem-lhe o arrependimento das faltas que possivelmente tenha cometido e o desejo que lhe seja permitido repará-las, para acelerar seu adiantamento rumo à vida da eterna bem-aventurança.

..., você acaba de reentrar no mundo dos Espíritos e, no entanto, você está aqui presente entre nós; você nos vê e nos ouve, pois só existe, desde há pouco, entre você e nós, o corpo perecível que você acaba de deixar e que logo será reduzido a pó.

Você deixou o grosseiro invólucro sujeito às vicissitudes e à morte, e só conservou o invólucro etéreo, imperecível e inacessível às dores. Se você não vive mais através do corpo, você vive a vida dos Espíritos, e esta vida está isenta das misérias que afligem a humanidade.

Você não possui mais o véu que oculta de nossos olhos os esplendores da vida futura; você poderá, doravante, contemplar novas maravilhas, ao passo que nós nos achamos ainda mergulhados nas trevas.

Você vai percorrer o espaço e visitar os mundos, em total liberdade, ao passo que nós nos arrastamos penosamente sobre a Terra, onde nos retém nosso corpo material, semelhante, para nós, a um pesado fardo.

O horizonte do infinito vai desdobrar-se à sua frente e, na presença de tanta grandeza, você compreenderá a fatuidade de nossos desejos terrestres, de nossas ambições mundanas e das alegrias fúteis com que os homens se deliciam.

A morte não passa, entre os homens, de uma separação material de alguns instantes. Deste local de exílio em que nos retém ainda a vontade de Deus, como também os deveres que temos que cumprir neste mundo, nós o seguiremos através do pensamento até o momento em que nos vier a ser permitido reencontrá-lo, como você está reencontrando os que o precederam.

Se nós não podemos ir para junto de você, você pode vir para junto de nós. Venha, pois, entre os que o amam e que você amou; ampare-os nas provações da vida; vele sobre os que lhe são caros; proteja-os conforme sua força e suavize suas mágoas, através do pensamento de que você está mais feliz agora e da consoladora certeza de estarem um dia reunidos a você em um mundo melhor.

No mundo onde você está, todos os ressentimentos terrestres têm que acabar. Possa você, para sua felicidade futura, estar doravante inacessível a eles! Perdoe, portanto, aos que alcançaram causar-lhe prejuízos, como eles lhe perdoam os que você lhes causou.

Nota. — A gente pode acrescentar a esta prece, que se aplica a todos, algumas palavras especiais conforme as circunstâncias particulares de família ou de relações, e conforme a condição social do defunto.

Quando se trata de uma criança, o Espiritismo nos ensina que não é absolutamente um Espírito de criação recente, mas que ele já viveu e que pode ser muito adiantado já. Se sua derradeira existência foi curta, é que ela não passou de um complemento de provação, ou podia ser uma provação para os pais. (Cap. v, n.º 21.)

61. *Outra*¹⁰. — Senhor todo-poderoso, que sua misericórdia se estenda sobre nossos irmãos que acabam de deixar a Terra! Que sua luz fulgure a seus olhos! Retire-os das trevas; abra seus olhos e seus ouvidos! Que seus bons Espíritos os rodeiem e lhes façam ouvir palavras de paz e de esperança!

Senhor, indignos que sejamos, nós ousamos implorar sua misericordiosa indulgência em favor deste de nossos irmãos que acaba de ser chamado do exílio; faça que seu regresso seja o do filho pródigo. Esqueça, ó meu Deus, as faltas que possivelmente tenha cometido, para se lembrar do bem que tenha praticado. Sua justiça é imutável, nós o sabemos, mas seu amor é imenso; nós lhe suplicamos que mitigue a sede de sua justiça nessa fonte de bondade que verte do Senhor.

Que a luz se faça para você, meu irmão que acaba de deixar a Terra! Que os bons Espíritos do Senhor desçam até você, o cerquem e o ajudem a desfazer suas correntes terrestres! Compreenda e veja a grandeza de nosso Mestre; submeta-se sem murmúrio à sua justiça, mas não se desespere jamais de sua misericórdia. Irmão, que uma séria revisão de seu passado lhe abra as portas do futuro, e lhe faça compreender as faltas que você deixou para trás, e o trabalho que lhe resta fazer para repará-las! Que Deus o perdoe e que seus bons Espíritos o soergam e o encorajem! Seus irmãos da Terra rogarão por você e lhe pedem para rogar por eles.

Pelas pessoas de quem se gostou.

62. PREFÁCIO. — Quão horrenda é a ideia do nada! Quanto são de lamentar os que acreditam em que a voz do amigo que chora seu amigo se perde no vazio, e não encontra eco algum que lhe responda! Eles não conheceram jamais as puras e santas afeições, os que pensam que tudo morre com o corpo; que o gênio que iluminou o mundo com sua vasta inteligência é um folgado da matéria, que se extingue para sempre como um sopro; que, do ser mais querido, de um pai, de u'a mãe, de um filho adorador, resta apenas um pouco de pó, que o vento dissipa inexoravelmente.

Como um homem de coração pode permanecer frio a esse pensamento? Como a ideia de um aniquilamento absoluto não o regela de horror, e não o faz, ao menos, desejar que isso não seja assim? Se até este dia a razão não bastou para desfazer suas dúvidas, eis que o Espiritismo vem dissipar toda incerteza sobre o futuro, através das comprovações materiais que ele proporciona sobre a sobrevivência da alma e da existência dos seres de além-túmulo. Por isso, por toda a parte, essas comprovações são acolhidas com alegria; a confiança renasce, pois o homem sabe doravante

¹⁰ Esta prece foi ditada a um médium de Bordéus, no momento em que passava diante de suas janelas o féretro de um desconhecido.

que a vida terrestre é tão só uma curta passagem que conduz a uma vida melhor; que seus trabalhos neste mundo não são perdidos para ele, e que as mais santas afeições não se destroem sem esperança. (Cap. IV, n.º 18; cap. V, n.º 21.)

63. PRECE. — Digne-se, ó meu Deus, acolher favoravelmente a prece que eu lhe endereço pelo Espírito de...; faça-o entrever suas divinas luzes e aplaine para ele o caminho da felicidade eterna. Permita que os bons Espíritos lhe levem minhas palavras e meu pensamento.

Você, a quem eu prezava neste mundo, ouça minha voz, que o chama para lhe oferecer um novo penhor de minha afeição. Deus permitiu que você se libertasse primeiro: eu não poderia pranteá-lo sem egoísmo, pois isso seria sentir por você as penas e os sofrimentos da vida. Eu espero, portanto, com resignação, o momento de nossa reunião, no mundo mais feliz onde você me precedeu.

Eu sei que nossa separação não é mais que temporária e que, tão longa ela possa parecer-me, sua duração se esvai perante a eternidade de bem-aventurança que Deus promete a seus eleitos. Que sua bondade me preserve quanto a nada fazer que possa retardar esse instante ansiado e que me poupe, assim, a dor de não encontrá-lo, ao sair de meu cativeiro terrestre.

Oh! Quão doce e consoladora é a certeza de que somente existe entre nós um véu material, que o oculta de minha vista; de que você possa estar aqui, junto a mim, ver-me e ouvir-me como outrora, e melhor ainda que outrora; de que você não me esquece tanto quanto eu mesmo não o esqueço; de que nossos pensamentos não cessam de se confundir, e de que o seu me segue e me soergue sempre.

Que a paz do Senhor esteja consigo!

Pelas almas sofredoras que solicitam preces.

64. PREFÁCIO. — Para compreender o refrigério que a prece consegue propiciar aos Espíritos sofredores, é preciso reportar-se a seu modo de ação, que foi explicado acima. (Cap. XXVII, n.ºs 9, 18 e seg.º) Quem se compenetrar dessa verdade reza com mais fervor, na certeza de não rezar em vão.

65. PRECE. — Deus clemente e misericordioso, que sua bondade se estenda sobre todos os Espíritos que se recomendam às nossas preces, especialmente sobre a alma de...

Bons Espíritos, cuja única ocupação é o bem, intercedam comigo para o alívio deles. Façam luzir a seus olhos um raio de esperança, e que a divina luz os ilumine quanto às imperfeições que os apartam da morada dos bem-aventurados. Abram seu coração ao arrependimento e ao desejo de se purificarem, para acelerarem seu adiantamento. Façam que compreendam que, por seus esforços, eles têm como encurtar o tempo de suas provações.

Que Deus, em sua bondade, lhes conceda a força para perseverarem em suas boas resoluções!

Possam estas palavras benevolentes suavizar-lhes as penas, demonstrando-lhes que existem, na Terra, seres que alcançam compadecer-se deles e que lhes desejam a felicidade.

66. *Outra.* — Nós lhe rogamos, Senhor, espargir sobre todos os que sofrem, seja no espaço, como Espíritos errantes, seja entre nós, como Espíritos encarnados, as graças de seu amor e de sua misericórdia. Compreenda, por piedade, nossas fraquezas. O Senhor nos fez falíveis, mas nos concedeu a força para resistir ao mal e para vencê-lo. Que sua misericórdia se estenda sobre todos os que não conseguiram resistir a seus maus pendores, e estão ainda presos a um mau caminho. Que seus bons Espíritos os envolvam; que sua luz brilhe a seus olhos, e que, atraídos por seu calor vivificante, eles venham prosternar-se a seus pés, arrependidos e submissos.

Nós lhe rogamos igualmente, Pai de misericórdia, por aqueles de nossos irmãos que não tiveram força para suportar suas provações terrestres. O Senhor nos fornece um fardo para carregar, Pai, e nós temos que depositá-lo tão só a seus pés; mas nossa fraqueza é enorme e a coragem nos falta, às vezes, no caminho. Tenha piedade daqueles servos indolentes que abandonaram a obra antes da hora; que sua justiça os poupe e permita a seus bons Espíritos levar-lhes o refrigério, as consolações e as esperanças do futuro. À vista do perdão, a alma se fortalece; demonstre-o, Senhor, aos culpados que se desesperam, e, amparados por essa esperança, eles haurirão forças na dimensão mesma de suas culpas e de seus sofrimentos, para redimirem seu passado e se prepararem para conquistar o futuro.

Por um inimigo morto.

67. *PREFÁCIO.* — A caridade para com nossos inimigos pode acompanhá-los no além-túmulo. É preciso pensar que o mal que eles nos causaram foi para nós uma provação que pode ter sido útil a nosso adiantamento, se nós soubemos tirar-lhe proveito. Ela pode ter sido ainda mais proveitosa que as aflições puramente materiais, pelo fato de que, à coragem e à resignação, ela nos permitiu juntar a caridade e o esquecimento das ofensas. (Cap. X, n.º 6; XII, n.ºs 5 e 6.)

68. *PRECE.* — Senhor, aprouve-lhe chamar antes de mim a alma de... Eu perdoo a ele o mal que me causou e as más intenções a meu respeito; possa ele sentir um pesar por isso, agora que não possui mais as ilusões deste mundo.

Que sua misericórdia, meu Deus, se estenda sobre ele, e afaste de mim o pensamento de me rejubilar com sua morte. Se eu lhe causei prejuízos, que ele me perdoe, como eu me esqueço dos que ele me causou.

Por um criminoso.

69. PREFÁCIO. — Se a eficácia das preces fosse proporcional a seu comprimento, as mais longas teriam que ser reservadas para os mais culpados, porque eles têm mais necessidade do que os que viveram de maneira santa. Recusá-las aos criminosos é faltar à caridade e não conhecer a misericórdia de Deus; crê-las inúteis, porque um homem cometeu tal ou qual falta, é preconceber a justiça do Altíssimo. (Cap. XI, n.º 14.)

70. PRECE. — Senhor, Deus de misericórdia, não rejeite esse criminoso que acaba de deixar a Terra; a justiça dos homens pode tê-lo castigado, mas não o isenta de sua justiça, se seu coração não tiver sido tocado pelo remorso.

Tire-lhe a venda que lhe esconde a gravidade de suas faltas; possa seu arrependimento encontrar graça perante o Senhor e tornar mais leves os sofrimentos de sua alma! Possam também nossas preces e a intercessão dos bons Espíritos levar-lhe esperança e consolo; inspire-lhe o desejo de reparar suas más ações em uma nova existência, e propiciar-lhe força para não sucumbir nas novas lutas que empreender!

Senhor, tenha piedade dele!

Por um suicida.

71. PREFÁCIO. — O homem não possui jamais o direito de dispor de sua própria vida, pois a Deus somente cabe retirá-lo do cativeiro terrestre, quando julgar oportuno. Todavia, a justiça divina pode suavizar seus rigores diante das circunstâncias, mas conserva toda a sua severidade para quem tiver desejado subtrair-se às provações da vida. O suicida é como o prisioneiro que foge de sua prisão antes de expirar sua pena e que, quando é preso novamente, é guardado com mais rigor. Assim é que sucede com o suicida, que crê fugir das misérias presentes e mergulha em desgraças maiores. (Cap. V, n.ºs 14 e seg.ºs)

72. PRECE. — Nós sabemos, ó meu Deus, que sorte está reservada aos que transgridem suas leis, abreviando voluntariamente seus dias; mas nós sabemos também que sua misericórdia é infinita: digno-se estendê-la sobre a alma de... Possam nossas preces e sua comiseração suavizar o amargor dos sofrimentos que ele está suportando, por não haver tido a coragem de esperar o término de suas provações!

Bons Espíritos cuja missão é a de assistir aos infelizes, tomem-no sob sua proteção; inspirem-lhe o remorso pela falta cometida e que sua assistência lhe conceda força para enfrentar com mais resignação as novas provações que ele precisará sofrer, para redimi-la. Afastem dele os maus Espíritos que poderiam de novo levá-lo ao mal e prolongar-lhe os sofrimentos, fazendo-o perder o fruto de suas futuras provações.

A você, cuja infelicidade constitui o motivo de nossas preces, seja capaz nossa comiseração de adoçar-lhe o amargor e fazer nascer-lhe a esperança de um futuro melhor!

Esse futuro está em suas mãos: confie na bondade de Deus, cujo seio está aberto a todos os arrependimentos, permanecendo fechado apenas para os corações insensíveis.

Pelos Espíritos arrependidos.

73. PREFÁCIO. — Seria injusto alinhar na categoria dos maus Espíritos os Espíritos sofredores e arrependidos, que solicitam preces; estes podem ter sido maus, mas não são mais, desde o momento em que reconhecem suas culpas e as lastimam: eles são infelizes apenas; alguns mesmo começam a desfrutar uma felicidade relativa.

74. PRECE. — Deus de misericórdia, que aceita o arrependimento sincero do pecador, encarnado ou desencarnado, eis aqui um Espírito que se comprouve no mal, mas que reconhece seus erros e adentra o bom caminho; digne-se, ó meu Deus, recebê-lo como a um filho pródigo e perdoá-lo.

Bons Espíritos cuja voz ele menosprezou, ele deseja ouvi-los doravante; permitam-lhe entrever a felicidade dos eleitos do Senhor, a fim de que persista no desejo de se depurar para alcançá-la; sustentem-no em suas boas resoluções, e concedam-lhe força para resistir a seus maus instintos.

Espírito de..., nós o felicitamos por sua mudança e agradecemos aos bons Espíritos que o ajudaram!

Se você se comprazia outrora em praticar o mal, é que não compreendia quão doce é a alegria de praticar o bem; você se sentia muito inferior para achar que chegaria lá. Mas, desde o instante em que você colocou o pé na estrada do bem, uma luz nova se fez para você; você começou a deleitar-se com uma felicidade desconhecida e a esperança adentrou seu coração. É que Deus ouve sempre a prece do pecador arrependido; ele não repudia nenhum dos que vêm a ele.

Para entrar completamente em sua graça, aplique-se, doravante, não somente em não mais praticar o mal, mas em praticar o bem, e, sobretudo, em reparar o mal que você haja praticado; então você terá satisfeito a justiça de Deus; cada boa ação apagará uma de suas culpas passadas.

O primeiro passo está dado; agora, quanto mais você avançar, tanto mais o caminho lhe parecerá fácil e agradável. Persevere, portanto, e um dia você alcançará a glória de se contar entre os bons Espíritos e os Espíritos bem-aventurados.

Pelos Espíritos enrijecidos.

75. PREFÁCIO. — Os maus Espíritos são os que o arrependimento ainda não comoveu; que se comprazem no mal e não sentem nenhuma pena pelo que fazem; que são insensíveis às censuras, rejeitam a prece e, muitas vezes, blasfemam contra o nome de Deus. Trata-se de almas enrijecidas

que, após a morte, vingam nos homens os sofrimentos que estão suportando e perseguem, com seu ódio, aqueles a quem abominaram durante a vida, seja através de obsessão, seja de uma funesta influência qualquer. (Cap. X, n.º 6; cap. XII, n.ºs 5 e 6.)

Entre os Espíritos perversos, existem duas categorias bem distintas: os que são francamente maus e os que são hipócritas. Os primeiros são infinitamente mais fáceis de levar ao bem que os últimos; aqueles são, o mais das vezes, de naturezas brutas e grosseiras, como se vê entre os homens, e praticam o mal mais por instinto que por cálculo, sem procurarem fazer-se passar por melhores do que são; mas existe neles um germe latente que é preciso fazer eclodir, e a isso se chega, quase sempre, com perseverança, com firmeza junto com benevolência, através de conselhos, de argumentos e de prece. Na mediunidade, a dificuldade que têm para escrever o nome de Deus é o indício de um medo instintivo, de uma voz íntima da consciência que lhes diz que são indignos; quem se acha desse jeito está no limiar da conversão, e tudo se pode esperar dele: basta encontrar-lhe o ponto vulnerável do coração.

Os Espíritos hipócritas são, quase sempre, muito inteligentes, mas não possuem no coração nenhuma fibra sensível; nada os comove; eles simulam todos os bons sentimentos para captar a confiança, e ficam felizes quando topam com uns tontos que os aceitam como santos Espíritos, e que eles conseguem governar à vontade. O nome de Deus, longe de lhes inspirar o menor medo, lhes serve de máscara para cobrir suas torpezas. No mundo invisível, como no mundo visível, os hipócritas são os seres mais perigosos, porque eles atuam na sombra e porque deles não se desconfia. Eles têm apenas as aparências da fé, mas nunca a fé sincera.

76. PRECE. — Senhor, digne-se lançar um olhar de bondade sobre os Espíritos imperfeitos que se acham ainda nas trevas da ignorância e não o conhecem, e especificamente sobre o de...

Bons Espíritos, ajudem-nos a fazê-lo compreender que, ao induzir os homens ao mal, ao obsedá-los e ao atormentá-los, ele prolonga seus próprios sofrimentos; façam que o exemplo da felicidade que vocês usufruem seja um estímulo para ele.

Espírito que se compraz ainda no mal, você acaba de ouvir a prece que fizemos por você; ela pode comprovar-lhe que desejamos praticar-lhe o bem, conquanto você pratique o mal.

Você é infeliz, pois é impossível ser feliz quando se pratica o mal; por que, então, continuar sofrendo, quando depende de você sair dessa? Olhe os bons Espíritos que o rodeiam; veja quão felizes estão, e se não lhe seria mais agradável desfrutar a mesma felicidade!

Você dirá que isso lhe é impossível; mas nada é impossível para quem se empenha, pois Deus lhe concedeu, como a todas as suas criaturas, a liberdade de escolher entre o bem e o mal, quer dizer, entre a felicidade e a infelicidade, e ninguém está condenado a praticar o mal. Se você tem vontade de praticá-lo, você é capaz de ter também a de praticar o bem e ser feliz.

Volte seu olhar para Deus; eleve-se um só instante para ele através do pensamento, e um raio de sua divina luz virá iluminá-lo. Diga conosco estas simples palavras: *Meu Deus, eu me arrependo; perdoe-me*. Experimente arrepender-se e praticar o bem, em lugar de praticar o mal, e você verá que logo sua misericórdia se estenderá sobre você, e um bem-estar desconhecido virá substituir as angústias que você sofre.

Um vez que você houver dado um passo na direção do bem, o resto do caminho lhe parecerá fácil. Você compreenderá, então, quanto tempo perdeu por sua culpa para sua

felicidade; e um futuro radiante e pleno de esperança se abrirá diante de você, e lhe fará esquecer seu miserando passado, pleno de distúrbios e de torturas morais, que se constituíam para você em um inferno, se tivessem que durar eternamente. Chegará um dia em que essas torturas serão tais que, a qualquer custo, você desejará fazê-las cessar; mas, quanto mais você ficar esperando, mais isso lhe será difícil.

Não pense que você permanecerá para sempre no estado em que você se encontra; Não, isso é impossível; você tem diante de si duas perspectivas: uma de sofrer muito mais do que sofre agora; outra de ser feliz como os bons Espíritos que estão em torno de você; a primeira é inevitável, caso você persista em sua obstinação; um simples esforço de sua vontade é suficiente para retirá-lo do mau passo que você deu. Aprese-se, então, pois cada dia de atraso é um dia perdido para sua felicidade.

Bons Espíritos, façam que estas palavras encontrem acesso nessa alma ainda atrasada, a fim de que elas possam ajudá-la a se aproximar de Deus. Nós lhe rogamos em nome de Jesus Cristo, que teve um tão grande poder sobre os maus Espíritos.

V. PRECES PELOS DOENTES E PELOS OBSEDADOS

Pelos doentes.

77. PREFÁCIO. — As moléstias fazem parte das provações e das vicissitudes da vida terrestre; elas são inerentes à rudeza de nossa natureza material e à inferioridade do mundo em que habitamos. As paixões e os excessos de todos os tipos semeiam em nós uns germes malsãos, amiúde hereditários. Nos mundos mais adiantados fisicamente ou moralmente, o organismo humano, mais purificado e menos material, não está sujeito às mesmas enfermidades, e o corpo não é minado surdamente pelo assolamento das paixões (cap. III, n.º 9). É preciso, portanto, resignarmo-nos a sofrer as consequências do meio em que nos coloca nossa inferioridade, até que tenhamos merecido mudar dali. Isso não pode impedir-nos, permanecendo ociosos, de realizar o que depende de nós para melhorar nossa situação atual; mas, se, malgrado nossos esforços, nós não conseguirmos chegar a esse resultado, o Espiritismo nos ensina a suportar com resignação nossos males passageiros.

Se Deus não desejasse que os sofrimentos corpóreos fossem dissipados ou suavizados em certos casos, ele não teria posto os meios de cura à nossa disposição. Sua previdente solicitude, nesse aspecto, de acordo nesse ponto com o instinto de conservação, indica que é de nosso dever pesquisá-los e aplicá-los.

Ao lado da medicação comum, elaborada pela ciência, o magnetismo nos deu a conhecer a força da ação fluídica; depois, o Espiritismo chegou para nos revelar uma outra força na mediunidade de cura e na influência da prece. (Ver, adiante, a informação a respeito da mediunidade de cura.)

78. PRECE. (Para o doente.) — Pai, o Senhor é todo justiça; a doença que lhe aprouve enviar-me, eu devo tê-la merecido, porque o Senhor não aflige jamais sem razão. Eu me coloco, quanto à minha cura, sob sua infinita misericórdia; caso lhe apraza devolver-me a

saúde, que seu santo nome seja bendito; se, ao contrário, eu tenho ainda de sofrer, que ele seja bendito do mesmo jeito; eu me submeto sem murmurar contra seus sublimes decretos, pois tudo o que o Senhor faz não pode ter por alvo senão o bem de suas criaturas.

Faça, ó meu Deus, que esta doença seja para mim um aviso salutar, e me provoque um retorno a mim mesmo; eu a aceito como uma expiação do passado e como uma provação para minha fé e para minha submissão à sua santa vontade. (Ver a prece n.º 40.)

79. Prece. (Pelo doente.) — Meu Deus, seus desígnios são impenetráveis e, em sua sabedoria, o Senhor julgou dever afligir..., através da doença. Lance, eu lhe suplico, um olhar de compaixão sobre seus sofrimentos e digne-se pôr cobro a eles.

Bons Espíritos, ministros do Onipotente, secundem, eu lhes rogo, meu desejo de confortá-lo; guiem meu pensamento, a fim de que vá verter um bálsamo salutar sobre seu corpo, e consolação sobre sua alma.

Inspirem-lhe a paciência e a submissão à vontade de Deus; concedam-lhe força para suportar suas dores com uma resignação cristã, a fim de que não perca o fruto desta provação. (Ver a prece n.º 57.)

80. PRECE. (Para o médium de cura.) — Meu Deus, caso o Senhor se digne servir-se de mim, embora eu seja tão indigno, serei capaz de curar este sofrimento, se tal for sua vontade, porque tenho fé no Senhor; mas, sem o Senhor, eu não posso nada. Permita que bons Espíritos me impregnem com seu fluido salutar, a fim de que o transmita a este doente, e afaste de mim, Senhor, todo pensamento de orgulho e de egoísmo, que poderia alterar a pureza desse fluido.

Pelos obsedados.

81. PREFÁCIO. — A obsessão é a ação persistente que um mau Espírito exerce sobre um indivíduo. Ela apresenta características muito diferentes, desde a simples influência moral, sem sinais exteriores perceptíveis, até o desarranjo completo do organismo e das faculdades mentais. Ela oblitera todas as faculdades medianímicas; na mediunidade através da escrita, ela se traduz na obstinação de um Espírito em se manifestar com exclusão de todos os outros.

Os maus Espíritos pululam em torno da Terra, por causa da inferioridade moral de seus habitantes. Sua ação malfazeja faz parte dos flagelos de que a humanidade é alvo neste mundo. A obsessão, como as moléstias e todas as turbulências da vida, pode, pois, ser considerada como uma provação ou uma expiação, e aceita como tal.

Como as moléstias são o resultado das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às influências perniciosas externas, a obsessão é sempre a consequência de uma imperfeição moral que faculta o ataque a um mau Espírito. A uma causa física se opõe uma força física; a uma causa moral é preciso opor uma força moral. Para se preservar das doenças, a gente fortalece o corpo; para se garantir da obsessão, é preciso fortalecer a alma; daí, para o obsedado, a necessidade de trabalhar por sua própria melhoria, o que é suficiente, o mais das vezes, para se desembaraçar do obsessor, sem o auxílio de pessoas estranhas. Tal socorro se faz necessário, quando a obsessão

degenera em subjugação e em possessão, pois, então, o paciente perde, às vezes, sua vontade e seu livre-arbítrio.

A obsessão é quase sempre a realização de uma vingança exercida por um Espírito, e que, na maior parte das vezes, tem sua origem nas relações que o obsedado manteve com ele em uma existência precedente. (Cap. X, n.º 6; cap. XII, n.ºs 5 e 6.)

Nos casos de obsessão grave, o obsedado fica como que envolvido e impregnado por um fluido pernicioso que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É desse fluido que se precisa desembaraçá-lo; contudo, um mau fluido não tem como ser repelido através de um mau fluido. Por uma ação idêntica à de um médium de cura nos casos de moléstia, é preciso expulsar o fluido ruim com a ajuda de um fluido melhor que produza, de algum modo, o efeito de um reativo. Trata-se de uma ação mecânica, mas que não basta; é preciso também e sobretudo, *atuar sobre o ser inteligente*, com o qual se tem que falar com autoridade, e tal autoridade não é proporcionada senão pela superioridade moral; quanto maior seja esta, tanto maior é a autoridade.

Isto não é tudo ainda; para assegurar a libertação, precisa levar o Espírito perverso a renunciar a seus maus desígnios; precisa fazer nascer nele o arrependimento e o desejo do bem, com a ajuda de instruções habilmente guiadas, nas evocações particulares realizadas com o propósito de sua educação moral; então, a gente pode ter a dupla satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa fica mais fácil quando o obsedado, compreendendo sua situação, contribui com o concurso de sua vontade e de sua prece; não é o que acontece quando, seduzido pelo Espírito impostor, ele se ilude quanto às qualidades de quem o domina e se compraz no erro em que este o mergulha, pois, então, longe de cooperar, ele rejeita toda assistência. Este é o caso da fascinação, sempre infinitamente mais resistente que a subjugação mais violenta. (*O Livro dos Médiuns*, 2.ª parte, cap. XXIII.)

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar para se atuar contra o Espírito obsessivo.

82. PRECE. (Para o obsedado.) — Meu Deus, permita aos bons Espíritos libertarem-me do Espírito maléfico que se ligou a mim. Caso seja uma vingança que esteja exercendo, por causa dos prejuízos que eu lhe teria provocado outrora, o Senhor a está permitindo, meu Deus, para minha punição, e eu sofro a consequência de minha falta. Consiga meu arrependimento pôr-me digno de seu perdão e de minha liberdade! Mas, qualquer que seja o seu motivo, eu imploro, para ele, sua misericórdia; digne-se tornar-lhe fácil a rota do progresso que o desviará do pensamento de praticar o mal. Possa eu, de meu lado, pagando-lhe o mal com o bem, conduzi-lo a melhores sentimentos.

Mas eu sei também, ó meu Deus, que são minhas imperfeições que me fazem acessível às influências dos Espíritos imperfeitos. Conceda-me a luz necessária para reconhecê-las; combata, sobretudo, em mim o orgulho, que me cega quanto a meus defeitos.

Qual não deve ser minha indignidade, porquanto um ser maléfico consegue apossar-se de mim!

Faça, ó meu Deus, que esta derrota infligida à minha vaidade me sirva de lição para o futuro; que ela me fortifique na resolução que estou tomando de me purificar através da prática do bem, da caridade e da humildade, a fim de opor, doravante, uma barreira às más influências.

Senhor, conceda-me força para suportar esta prova com paciência e resignação; eu compreendo que, como todas as outras provações, ela pode ajudar em meu

adiantamento, caso eu não lhe perca o fruto com meus murmúrios, porquanto ela me propicia uma ocasião de demonstrar minha submissão e de exercer minha caridade para com um irmão infeliz, ao lhe perdoar o mal que praticou contra mim. (Cap. XII, n.^{os} 5 e 6; cap. XXVIII, n.^{os} 15 e seg.^s, 46 e 47.)

83. PRECE. (Pelo obsedado.) — Deus todo-poderoso, digne-se conceder-me o poder de livrar... do Espírito que o obsidia; caso se inclua em seus desígnios pôr cobro a esta provação, faculte-me a graça de falar a esse Espírito com autoridade.

Bons Espíritos que me assistem, e você, seu anjo guardião, emprestem-me seu concurso; ajudem-me a desembaraçá-lo do fluido impuro em que se acha envolvido.

Em nome de Deus todo-poderoso, eu conjuro o Espírito malfazejo que o atormenta a se retirar.

84. PRECE. (Pelo Espírito obsessor.) — Deus infinitamente bom, eu imploro sua misericórdia para o Espírito que obsidia...; faça-o entrever as divinas luzes, a fim de que perceba a falsa rota em que se meteu. Bons Espíritos, ajudem-me a fazê-lo compreender que tem tudo a perder praticando o mal, e tudo a ganhar praticando o bem.

Espírito que está comprazendo-se em atormentar..., ouça-me, pois eu lhe falo em nome de Deus.

Se você concordar em refletir, compreenderá que o mal não tem como sobrepô-lo ao bem, e que você não tem como ser mais forte que Deus e os bons Espíritos.

Eles seriam capazes de preservar... de toda investida de sua parte; se não o fizeram, é que ele (ou ela) tinha uma provação que sofrer. Mas, quando essa provação findar, eles lhe frustrarão toda ação sobre ele; o mal que você lhe tenha feito, em lugar de prejudicá-lo, terá servido para seu adiantamento, e, com isso, ele só será mais feliz; assim, a sua maldade resultará em pura perda para você, e se voltará contra você.

Deus, que é todo-poderoso, e os Espíritos superiores, delegados seus, que são mais poderosos que você, poderão, portanto, pôr cobro a esta obsessão quando desejarem, e sua tenacidade se esfacelará diante dessa suprema autoridade. Mas, pelo fato de Deus ser bom, ele prefere deixar-lhe o mérito de fazê-la cessar por sua própria vontade. Trata-se de uma trégua que ele lhe oferece; caso você não tire proveito dela, irá sofrer suas deploráveis consequências; grandes castigos e cruéis sofrimentos aguardam por você; você será forçado a implorar pela piedade e pelas preces de sua vítima, que já lhe está perdendo e orando por você, o que é um grande mérito aos olhos de Deus, e apressará sua libertação.

Refleta, portanto, enquanto ainda está em tempo, pois a justiça de Deus pesará sobre você, como sobre todos os Espíritos rebeldes. Pense que o mal que você está praticando neste momento terá, forçosamente, um termo, ao passo que, caso você persista em seu endurecimento, seus sofrimentos irão aumentando sem cessar.

Quando você estava na Terra, não teria achado estúpido sacrificar um grande bem por uma satisfaçãozinha de um momento? Sucede o mesmo agora que você é um Espírito. O que você ganha com o que está fazendo? O triste prazer de atormentar alguém, o que não o impede de ser infeliz (pode dizer o que quiser), e o tornará mais infeliz ainda.

A par disso, veja o que você está perdendo; observe os bons Espíritos que o rodeiam e diga se a sorte deles não é preferível à sua. A felicidade de que gozam será

repartida com você, quando você desejar. Que é preciso para isso? Implorar a Deus, e praticar o bem em lugar de praticar o mal. Eu sei que você não tem como transformar-se de repente; mas Deus não demanda o impossível; o que ele deseja é boa vontade. Comece já, e nós o ajudaremos. Faça que cedo sejamos capazes de dizer por você a prece pelos Espíritos arrependidos (n.º 73), e não mais alinhá-lo entre os maus Espíritos, no aguardo de que você consiga ser contado entre os bons. (Ver também, acima, n.º 75, a prece pelos Espíritos enrijecidos.)

Observação. — A cura das obsessões graves requer muita paciência, perseverança e devotamento; ela exige também tato e habilidade para trazer ao bem Espíritos amiúde muito perversos, insensíveis e astuciosos, pois existem rebeldes no mais alto grau; na maior parte dos casos, é preciso guiar-se segundo as circunstâncias; mas, qualquer que seja o caráter do Espírito, um fato é certo: que não se obtém nada através do constrangimento ou da ameaça; toda a influência se acha na ascendência moral. Uma outra verdade, igualmente constatada através da experiência, como também através da lógica, é *a completa ineficácia de exorcismos, fórmulas, palavras sacramentais, amuletos, talismãs, práticas exteriores ou quaisquer símbolos materiais.*

A obsessão por muito tempo prolongada pode ocasionar desordens patológicas, e requer, às vezes, um tratamento simultâneo ou consecutivo, seja magnético, seja medicinal, para restabelecer o organismo. Tendo sido destruída a causa, resta combater os efeitos. (Ver *O Livro dos Médiuns*, 2.ª parte, cap. XXIII: *Da obsessão.* — *Revista Espírita*, fevereiro e março de 1864; abril de 1865: exemplos de curas de obsessões.)

FIM

ÍNDICE

PREFÁCIO	
INTRODUÇÃO	
Objetivo desta obra. — Autoridade da doutrina espírita. Controle universal do ensino dos Espíritos. — Notícias históricas. — Sócrates e Platão, precursores do ideal cristão e do Espiritismo.	
CAPÍTULO I — EU NÃO VIM DESTRUIR A LEI	
As três revelações: Moisés, Cristo; o Espiritismo: 1 a 7. — Aliança da ciência e da religião: 8. — <i>Mensagens dos Espíritos</i> : A nova era: 9 a 11.	
CAPÍTULO II — MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO	
A vida futura: 1 a 3. — A realeza de Jesus: 4. — O ponto de vista: 5 a 7. — <i>Mensagens dos Espíritos</i> : Uma realeza terrena: 8.	
CAPÍTULO III — EXISTEM MUITAS MORADAS NA CASA DE MEU PAI	
Diferentes estados da alma na erraticidade: 1 e 2. — Diferentes categorias de mundos habitados: 3 a 5. — Destinação da Terra. Causa das misérias humanas: 6 e 7. — <i>Mensagens dos Espíritos</i> : Mundos superiores e mundos inferiores: 8 a 12. — Mundos de expiações e de provações: 13 a 15. — Mundos regeneradores: 16 a 18. — Progressão dos mundos: 19.	
CAPÍTULO IV — NINGUÉM TEM COMO VER O REINO DE DEUS, SE NÃO NASCER DE NOVO	
Ressurreição e reencarnação: 1 a 17. — Os laços de família fortalecidos por meio da reencarnação e rompidos por meio da unidade de existência: 18 a 23. — <i>Mensagens dos Espíritos</i> : Limites da encarnação: 24. — Necessidade da encarnação: 25.	
CAPÍTULO V — BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS	
Justiça das aflições: 1 a 3. — Causas atuais das aflições: 4 e 5. — Causas anteriores das aflições: 6 a 10. — Esquecimento do passado: 11. — Motivos de resignação: 12 e 13. — O suicídio e a loucura: 14 a 17. — <i>Mensagens dos Espíritos</i> : Bem e mal sofrer: 18. — O mal e o remédio: 19. — A felicidade não é deste mundo: 20. — Perdas de pessoas amadas. Mortes prematuras: 21. — Se fosse um homem de bem, teria morrido: 22. — Os tormentos voluntários: 23. A infelicidade verdadeira: 24. — A melancolia: 25. — Provações voluntárias. O verdadeiro cilício: 26. — Pode-se pôr cobro às provações do próximo?: 27. — É permitido abreviar a vida de um doente que sofre sem esperança de cura?: 28. — Sacrifício da própria vida. 29 e 30. — Proveito dos sofrimentos para outrem: 31.	
CAPÍTULO VI — O CRISTO CONSOLADOR	

O jugo leve: 1 e 2. — Consolador prometido: 3 e 4. — *Mensagens dos Espíritos*: Advento do Espírito de Verdade: 5 a 8.

CAPÍTULO VII — BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO

O que se deve entender por pobres de espírito: 1 e 2 Qualquer que se eleve será rebaixado: 3 a 6. — Mistérios ocultos aos sábios e aos prudentes: 7 a 10. — *Mensagens dos Espíritos*: Orgulho e humildade: 11 e 12. — Missão do homem inteligente no mundo: 13.

CAPÍTULO VIII — BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM O CORAÇÃO PURO

Deixem vir a mim as criancinhas: 1 a 4. — Pecado por pensamentos. Adultério: 5 a 7. — Verdadeira pureza. Mãos não lavadas: 8 a 10. — Escândalos: se sua mão for motivo de escândalo, corte-a: 11 a 17. — *Mensagens dos Espíritos*: Deixem vir a mim as criancinhas: 18 e 19. — Bem-aventurados os que têm os olhos fechados: 20.

CAPÍTULO IX — BEM-AVENTURADOS OS QUE SÃO MANSOS E PACÍFICOS

Injúrias e violências: 1 a 5. — *Mensagens dos Espíritos*: A afabilidade e a doçura: 6. — A paciência: 7. — Obediência e resignação: 8. — A cólera: 9 e 10.

CAPÍTULO X — BEM-AVENTURADOS OS QUE SÃO MISERICORDIOSOS

Perdoem para que Deus os perdoe: 1 a 4. — Reconciliar-se com seus adversários: 5 e 6. — O sacrifício mais agradável a Deus: 7 e 8. — A palha e a trave no olho: 9 e 10. — Não julguem a fim de não serem julgados. Quem estiver sem pecado que lhe atire a primeira pedra: 11 a 13. — *Mensagens dos Espíritos*: Perdão das ofensas: 14 e 15. — A indulgência: 16 a 18. — É permitido repreender os outros; observar as imperfeições alheias; divulgar o mal de outrem?: 19 a 21.

CAPÍTULO XI — AMAR SEU PRÓXIMO COMO A SI MESMO

O maior mandamento. Fazer aos outros o que nós desejaríamos que os outros fizessem a nós. Parábola dos credores e dos devedores: 1 a 4. — Restituam a César o que é de César: 5 a 7. — *Mensagens dos Espíritos*: A lei de amor: 8 a 10. — O egoísmo: 11 e 12. — A fé e a caridade: 13. — Caridade para com os criminosos: 14. — Deve-se expor sua vida por um malfeitor?: 15.

CAPÍTULO XII — AMEM SEUS INIMIGOS

Pagar o mal com o bem: 1 a 4. — Os inimigos desencarnados: 5 e 6. — Se alguém lhes bater na face direita, apresentem-lhe também a outra: 7 e 8. — *Mensagens dos Espíritos*: A vingança: 9. — O ódio: 10. — O duelo: 11 a 16.

CAPÍTULO XIII — QUE SUA MÃO ESQUERDA NÃO SAIBA O QUE DÁ SUA MÃO DIREITA

Praticar o bem sem ostentação: 1 a 3. — Os infortúnios escondidos: 4. — A oferta da viúva: 5 e 6. — Convidar os pobres e os estropiados. Dar sem esperar retribuição: 7 e 8. — *Mensagens dos Espíritos*: A caridade material e a caridade moral: 9 e 10. — A beneficência: 11 a 16. — A piedade: 17. — Os órfãos: 18. — Benefícios pagos com a ingratidão: 19. — Beneficência exclusiva: 20.

CAPÍTULO XIV — HONREM SEU PAI E SUA MÃE

Piedade filial: 1 a 4. — Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?: 5 a 7. — O parentesco corpóreo e o parentesco espiritual: 8. — *Mensagens dos Espíritos*: A ingratidão dos filhos e os laços de família: 9.

CAPÍTULO XV — FORA DA CARIDADE NÃO EXISTE SALVAÇÃO

- O que é preciso para ser salvo. Parábola do bom samaritano: 1 a 3. — O maior mandamento: 4 e 5. — Necessidade da caridade segundo São Paulo: 6 e 7. — Fora da Igreja não existe salvação. Fora da verdade não existe salvação: 8 e 9. — *Mensagens dos Espíritos*: Fora da caridade não existe salvação: 10.
- CAPÍTULO XVI — NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMOM
- Salvação dos ricos: 1 e 2. — Guardar-se da avareza: 3. — Jesus em casa de Zaqueu: 4. — Parábola do mau rico: 5. — Parábola dos talentos: 6. — Utilidade providencial da fortuna. Provações da riqueza e da miséria: 7. — Desigualdade das riquezas: 8. — *Mensagens dos Espíritos*: A verdadeira propriedade: 9 e 10. — Emprego da fortuna: 11 a 13. — Desprendimento dos bens terrenos: 14. — Transmissão da fortuna: 15.
- CAPÍTULO XVII — SEJAM PERFEITOS
- Caracteres da perfeição: 1 e 2. — O homem de bem: 3. — Os bons espíritos: 4. — Parábola da semente: 5 e 6. — *Mensagens dos Espíritos*: O dever: 7. — A virtude: 8. — Os superiores e os inferiores: 9. — O Homem no mundo: 10. — Cuidar do corpo e da mente: 11.
- CAPÍTULO XVIII — MUITOS CHAMADOS E POUCOS ESCOLHIDOS
- Parábola da festa de núpcias: 1 e 2. — A porta estreita: 3 a 5. — Dos que dizem: Senhor!, Senhor!, nem todos entrarão no reino dos céus: 6 a 9. — Muito se pedirá a quem muito recebeu: 10 a 12. — *Mensagens dos Espíritos*: Será dado a quem tem: 13 a 15. — Reconhece-se o cristão pelas suas obras: 16.
- CAPÍTULO XIX — A FÉ TRANSPORTA AS MONTANHAS
- Poder da fé: 1 a 5. — A fé religiosa. Condição da fé inabalável: 6 e 7. — Parábola da figueira seca: 8 a 10. — *Mensagens dos Espíritos*: A fé, mãe da esperança e da caridade: 11. — A fé divina e a fé humana: 12.
- CAPÍTULO XX — OS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA
- Mensagens dos Espíritos*: Os últimos serão os primeiros: 1 a 3. — Missão dos espíritos: 4. — Os trabalhadores do Senhor: 5.
- CAPÍTULO XXI — HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS
- Conhece-se a árvore por seu fruto: 1 a 3. — Missão dos profetas: 4. — Prodígios dos falsos profetas: 4. — Não creiam nunca em todos os Espíritos: 6 e 7. — *Mensagens dos Espíritos*: Os falsos profetas: 8. — Caracteres do verdadeiro profeta: 9. — Os falsos profetas da erraticidade: 10. — Jeremias e os falsos profetas: 11.
- CAPÍTULO XXII — NÃO SEPAREM O QUE DEUS JUNTOU
- Indissolubilidade do casamento: 1 a 4. — O divórcio: 5.
- CAPÍTULO XXIII — MORAL ESTRANHA
- Quem não odeia seu pai e sua mãe: 1 a 3. — Deixar seu pai, sua mãe e seus filhos: 4 a 6. — Deixe aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos: 7 e 8. — Eu não vim para trazer a paz, mas a divisão: 9 a 18.
- CAPÍTULO XXIV — NÃO PONHAM A VELA SOB O ALQUEIRE
- Vela sob o alqueire. Porque fala Jesus por parábolas: 1 a 7. — Não vão nunca aos gentios: 8 a 10. — Não são os que têm saúde que precisam de médico: 11 e 12.

— A coragem da fé: 13 a 16. — Carregar sua cruz. Quem quiser salvar sua vida a perderá: 17 a 19.	
CAPÍTULO XXV — BUSQUEM E VOCÊS ACHARÃO	
Ajude-se: o céu o ajudará: 1 a 5. — Considerem as aves do céu: 6 a 8. — Não se sacrifiquem jamais para possuírem o ouro: 9 a 11.	
CAPÍTULO XXVI — DEEM GRATUITAMENTE O QUE VOCÊS RECEBERAM GRATUITAMENTE	
Dom de curar: 1 e 2. — Preces pagas: 3 e 4. — Vendilhões expulsos do templo: 5 e 6. — Mediunidade gratuita: 7 a 10.	
CAPÍTULO XXVII — PEÇAM E VOCÊS OBTERÃO	
Qualidades da prece: 1 a 4. — Eficácia da prece: 5 a 8. — Ação da prece. Transmissão do pensamento: 9 a 15. — Preces inteligíveis: 16 e 17. — Da prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores: 18 a 21 <i>Mensagens dos Espíritos</i> : Maneira de orar: 22. — Felicidade da prece: 23.	
CAPÍTULO XXVIII — COLETÂNEA DE PRECES ESPÍRITAS	
PREÂMBULO	
I — PRECES GERAIS	
Oração dominical: 2 a 3. — Reuniões espíritas: 4 a 7. — Para os médiuns: 8 a 10.	
II — PRECES PESSOAIS	
Aos anjos guardiães e aos Espíritos protetores: 11 a 14. — Para afastar os maus Espíritos: 15 a 17. — Para pedir a correção de um defeito: 18 e 19. — Para pedir resistência a uma tentação: 20 e 21 Ação de graças por uma vitória sobre uma tentação: 22 e 23. — Para pedir um conselho: 24 e 25. — Nas aflições da vida: 26 e 27. — Ação de graças por um favor obtido: 28 e 29. — Ato de submissão e de resignação: 30 a 33. — Diante de um perigo iminente: 34 e 35. — Ação de graças por haver escapado a um perigo: 36 e 37. — No momento de dormir: 38 e 39. — Na previsão de sua morte próxima: 40 e 41.	
III — PRECES POR OUTREM	
Por alguém que esteja em aflição: 42 e 43. — Ação de graças por um benefício concedido a outrem: 44 e 45. — Pelos nossos inimigos e os que nos desejam o mal: 46 e 47. — Ação de graças pelo bem concedido a nossos inimigos: 48 e 49. — Pelos inimigos do Espiritismo: 50 a 52. — Prece por uma criança recém-nascida: 55 e 56. — Por um agonizante: 57 e 58.	
IV — PRECES PELOS QUE NÃO ESTÃO MAIS NA TERRA	
Por alguém que acaba de morrer: 59 a 61. — Pelas pessoas de quem se gostou: 62 e 63. — Pelas almas sofredoras que solicitam preces: 64 a 66. — Por um inimigo morto: 67 e 68. — Por um criminoso: 69 e 70. — Por um suicida: 71 e 72. — Pelos Espíritos arrependidos: 73 e 74. — Pelos Espíritos enrijecidos: 75 e 76.	
V — PRECES PELOS DOENTES E PELOS OBSEDADOS	
Pelos doentes: 77 a 80. — Pelos obsedados: 81 a 84.	